



Sidney Sheldon

CONTE-ME
SEUS SONHOS

Sidney Sheldon

CONTE-ME SEUS SONHOS

Tradução: Ricardo Silveira

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO SÃO PAULO

Esta é uma obra de ficção baseada em casos reais.

Livro um

Capítulo Um

Ela estava sendo seguida. Já havia lido sobre esse tipo de gente, pessoas que perseguem os outros furtivamente, mas pertenciam a um mundo diferente e violento. Não fazia idéia de quem poderia ser, de quem poderia querer fazer-lhe mal. Tentava desesperadamente evitar o pânico; entretanto, suas últimas noites vinham sendo preenchidas com pesadelos, e todas as manhãs ela despertava com uma sensação de ameaça iminente. Talvez tudo isso seja fruto da minha imaginação, pensou Ashley Paterson. Ando trabalhando demais. Preciso tirar umas férias. Ela se voltou para o espelho do quarto, a fim de observar a si própria. Viu a imagem de uma mulher de vinte e tantos anos, esbelta, bem vestida, de traços aristocráticos e olhos castanhos, inteligentes e ansiosos, provida de uma discreta elegância e atractivos surtis. Os cabelos escuros escorriam-lhe suavemente sobre os ombros. Odeio a minha aparência, pensou Ashley. Sou muito magra. Preciso começar a comer mais. Foi até a cozinha e pôs-se a preparar a refeição matinal, esforçando-se para esquecer aqueles pesadelos apavorantes que estava tendo e concentrando-se no preparo de uma omelete bem fofa. Ligou a cafeteira e colocou uma fatia de pão na torradeira. Dez minutos depois, a refeição estava pronta. Ashley pôs os pratos sobre a mesa e sentou-se. Pegou um garfo, olhou para a comida durante alguns instantes e balançou a cabeça, em desespero. O medo roubara-lhe o apetite.

Isso não pode continuar assim, pensou, nervosa. Seja quem for, não vou deixar que faça isso comigo. Não vou mesmo.

Ashley olhou rapidamente para o relógio. Era hora de sair para o trabalho. Olhou ao redor do apartamento familiar, como se estivesse buscando algum tipo de reafirmação. Situado no terceiro andar de um prédio na vila Via Caminho, o apartamento era decorado com bom gosto, tinha uma sala íntima e outra de estar, com lavabo, quarto de dormir, banheiro e cozinha. Ela morava em Cupertino, Califórnia, fazia três anos. Até há duas semanas atrás, Ashley o considerara tão confortável quanto um ninho, um refúgio. Agora, ele se transformara numa fortaleza, um lugar onde ninguém poderia entrar para prejudicá-la. Ela foi até à porta da frente e examinou a fechadura. Vou mandar botar uma tranca, pensou. Amanhã. Apagou todas as luzes, verificou se a porta estava bem trancada ao sair e pegou o elevador até a garagem do subsolo. Não havia ninguém lá. Seu carro estava a sete metros do elevador. Ela examinou bem as redondezas e correu até ele, entrou e trancou as portas, com o coração palpitando. Rumou para o centro da cidade, sob um céu com a cor da malícia, escuro e agourento. O serviço meteorológico tinha previsto chuva. Mas não vai chover, pensou Ashley, vai fazer sol. Faço um trato com você, Deus. Se não chover quer dizer que está tudo bem, que tenho imaginado coisas.

Dez minutos depois, Ashley Paterson guiava pelo centro de Cupertino. Ainda se maravilhava com o milagre em que se transformara este outrora adormecido cantinho do vale de Santa Clara. Localizado oitenta quilômetros ao sul de São Francisco, era onde a revolução do computador tivera início e foi adequadamente apelidado de Vale do Silício. Ashley trabalhava na Corporação Global de Computação Gráfica, uma empresa nova, de sucesso e crescimento rápido, com duzentos funcionários. Quando dobrou na Silverado Street, teve a incômoda sensação de que ele vinha logo atrás, de que a estava seguindo. Mas quem? E por quê? Olhou pelo espelho retrovisor. Tudo parecia normal. Todos os seus instintos lhe diziam o contrário.

Logo à sua frente, encontrava-se a edificação espraçada e moderna onde se localizava a Global de Computação Gráfica. Ashley entrou no estacionamento, mostrou o cartão de identificação ao guarda e parou em sua vaga. Sentiu-se segura ali. Quando ela saiu do carro, começou a

chover às nove horas da manhã, a Global já pululava de actividade. Havia oitenta cubículos modulares, ocupados por peritos em informática, todos jovens e activamente empenhados em criar sites na Internet e logotipos para novas empresas, fazer artes-finais para editoras e gravadoras e preparar ilustrações para revistas. O conjunto de escritórios ficava num andar corrido, onde se viam várias divisórias: administração, vendas, marketing e suporte técnico. O ambiente era informal. Os funcionários andavam de jeans, camisetas sem mangas ou agasalhos de ginástica.

Quando Ashley se encaminhava para sua mesa, seu supervisor, Shane Miller, a abordou.

- Bom dia, Ashley!

Shane Miller tinha trinta e poucos anos, era um homem forte e sério, de personalidade agradável. No início, tentou persuadi-la a ir para a cama com ele, mas finalmente desistiu, e os dois se tornaram bons amigos.

Ele lhe entregou o último exemplar da revista Time.

- Viu isso?

Ashley olhou para a capa, que trazia a figura de um homem de aparência distinta, com cerca de cinquenta anos e cabelos grisalhos. A manchete dizia: "Dr. Steven Paterson, Pai da Microcirurgia Cardíaca".

- Vi, sim.

- Como você se sente tendo um pai famoso?

Ashley sorriu.

- Maravilhosamente bem.

- Ele é um grande homem.

- Vou dizer isso a ele. Nós vamos almoçar juntos hoje.

- Que bom! A propósito... - Shane Miller lhe mostrou a fotografia de uma estrela do cinema que seria usada como a cliente de um anúncio. - Tem um probleminha aqui. Desiree engordou uns cinco quilos, e dá para perceber. Veja só que olheiras! E, mesmo com a maquiagem, a pele dela está cheia de manchas. Será que você consegue dar um jeito?

Ashley analisou a fotografia.

- Posso melhorar os olhos aplicando um difusor. Também tentar afinar o rosto com o blur, mas... não! Provavelmente acabaria ficando com um

aspecto meio estranho. - Ela voltou a estudar a fotografia. - Vai ficar bom se eu usar uma ferramenta tipo pairbrush ou clone em algumas áreas.

- Obrigado! Está tudo certo para sábado à noite?

- Está.

Shane Miller apontou para a fotografia com um gesto da cabeça.

- Isso aí não tem pressa. Eles querem para o mês passado.

Ashley sorriu.

- E qual é a novidade?

Ela pôs mãos à obra. Ashley era uma especialista em propaganda e design gráfico, na criação de Lay-out com texto e imagens.

Meia hora mais tarde, enquanto trabalhava na fotografia, Ashley sentiu que alguém a estava observando. Levantou o rosto e viu. Era Dennis Tibble.

- Bom dia, doçura!

A voz dele lhe dava nos nervos. Tibble era o génio da informática na empresa. Conhecido no trabalho como "O Consertador", sempre que um computador travava, mandavam chamá-lo. Estava com pouco mais de trinta anos, era magro, calvo e tinha uma atitude desagradável, arrogante. Em suma, era um indivíduo de personalidade obsessiva, que todos diziam ter uma fixação por Ashley.

- Precisa de uma ajudinha?

- Não, obrigada!

- Ei, que tal sairmos para jantar no sábado?

- Obrigada! Já tenho compromisso.

- Vai sair com o chefe de novo?

Ashley se virou e olhou para ele, zangada.

- Escuta aqui, isso não é da sua...

- Seja como for, eu não faço ideia do que você viu nele! O cara é um almofadinha, um quadrão. Você pode se divertir muito mais comigo. - Ele deu uma piscadela. - Você sabe o que eu quero dizer, não sabe?

Ashley estava tentando se controlar

- Eu tenho mais o que fazer, Dennis.

Tibble se inclinou para perto dela e sussurrou:

- Tem uma coisa que você vai aprender a meu respeito, doçura. Eu não desisto. Nunca.

Ela ficou olhando, enquanto ele se afastava, e imaginou: Seria ele?

às 12 e 30, Ashley colocou seu computador em standby e foi para o Margherita Di Roma, encontrar-se com o pai para almoçar.

Ela estava sentada a uma mesa no canto do restaurante lotado, observando o pai vir em sua direção. Teve de admitir que ele era um homem atraente. As pessoas voltavam-se para admirá-lo, enquanto ele se encaminhava para a mesa de Ashley. "Como você se sente tendo um pai famoso?"

Anos antes, o Dr. Steven Paterson fora o pioneiro das cirurgias Cardíacas minimamente invasivas. Era sempre convidado a dar palestras nos principais hospitais do mundo inteiro. Ashley tinha doze anos quando a mãe morreu, de modo que ficou sem ninguém, além do pai.

- Desculpe o atraso, Ashley! - Ele se inclinou sobre ela e deu-lhe um beijo na bochecha.

- Tudo bem. Acabei de chegar

Ele se sentou.

- Você viu a Time?

- Vi. Shane me mostrou.

Ele franziu o cenho.

- Shane? Seu chefe?

- Ele não é meu chefe. Ele é... ele é um dos supervisores.

- Nunca é bom misturar negócios com prazer, Ashley, você está saindo com ele fora do ambiente de trabalho, não está? Isso é um erro.

- Pai, nós somos só bons...

Um garçom se aproximou da mesa.

- Gostariam de ver o menu?

O Dr. Steven Paterson se virou para ele e rosnou:

- Não dá para ver que estamos no meio de uma conversa? Vá embora; e só volte quando for chamado.

- Des... desculpe! - O garçom deu meia-volta e afastou-se ligeiro.

Ashley encolheu-se de constrangimento. Tinha se esquecido de quão feroz era o temperamento do pai. Ele uma vez, durante uma cirurgia, chegou a dar um soco num residente que cometeu um erro de julgamento. Ashley lembrava-se das discussões que o pai e a mãe travavam aos berros quando ela era pequena. Eles a deixavam aterrorizada com aquilo. Sempre brigavam pela mesma coisa;

entretanto, por mais que se esforçasse, ela não conseguia se lembrar sobre o que discutiam. Bloqueara o facto na memória.

O pai continuou, como se não tivesse havido qualquer interrupção.

- Onde estávamos? Ah, sim! Sair com Shane Miller é um erro, um grande erro.

E suas palavras trouxeram à tona outra terrível lembrança.

Ela chegou a ouvir a voz do pai dizendo:

- Sair com Jim Cleary é um erro. um grande erro...

Ashley mal tinha completado 18 anos e estava morando em Bedford, Pensilvânia, onde nasceu. Jim Cleary era o rapaz mais disputado da Escola Secundária da Região Administrativa de Bedford. Jogava no time de futebol americano, era bonitão, engraçado e tinha um sorriso arrasador. Ashley tinha a impressão de que todas as meninas do colégio queriam dormir com ele. E a maioria provavelmente dormiu, pensou na época, com desgosto.

Quando Jim Cleary começou a convidá-la para sair, ela estava determinada a não ir parar na cama com ele. Tinha certeza de que só estava interessado em sexo; no entanto, passado algum tempo, mudou de idéia. Gostava de estar com ele, que parecia apreciar genuinamente sua companhia.

Naquele inverno, a turma de formandos do segundo grau foi passar um fim de semana esquiando nas montanhas. Jim Cleary adorava esquiar.

- Vai ser muito legal - garantiu ele.

- Eu não vou.

Ele olhou espantado para ela.

- Por quê?

- Detesto o frio. Mesmo de luvas, meus dedos ficam enregelados.

- Mas vai ser legal a gente poder...

- Eu não vou.

E ele ficou em Bedford, para passar o fim de semana com ela.

Os dois compartilhavam os mesmos interesses, tinham as mesmas idéias e sempre se divertiam muito juntos.

Quando Jim Cleary lhe perguntou:

- Alguém quis saber hoje de manhã se você é minha namorada. O que devo responder?

Ashley sorriu e disse:

- Responda que sim.

O Dr. Paterson estava preocupado.

- Você anda saindo demais com esse tal de Cleary

- Pai, ele é um sujeito decente, e eu o amo.

- Como é que você pode amar esse sujeito? Ele não passa de um jogador de futebol americano. Eu não vou deixar você se casar com um jogadorzinho qualquer. Ele não serve para você, Ashley.

Ele havia dito a mesma coisa sobre todos os rapazes com quem ela saiu.

O pai continuou fazendo comentários desabonadores sobre Jim Cleary, mas a explosão se deu na noite da formatura. O rapaz a levaria ao baile. Quando chegou para apanhá-la, ela estava aos prantos.

- Mas o que é isso? O que aconteceu?

- Meu pai... meu pai me disse que vai me levar para Londres. Ele me matriculou numa... faculdade de lá.

Jim Cleary olhou para ela, atônito.

- Ele está fazendo isso por causa de nós dois, não é?

Ashley assentiu apenas com um gesto da cabeça, contrariadíssima.

- Quando você vai partir?

- Amanhã.

- Não! Ashley, pelo amor de Deus, não deixe que ele faça isso conosco. Sabe, eu quero me casar com você. O meu tio me ofereceu um emprego muito bom em Chicago, na agência de publicidade dele. Vamos fugir. A gente se encontra na estação ferroviária. Tem um comboio que sai para Chicago às sete da manhã. Você topa?

Ela olhou para ele por um longo momento e disse baixinho:

- Topo.

Repensando o assunto mais tarde, Ashley não conseguia se lembrar de como tinha visto o baile de formatura. Ela e Jim haviam passado a noite inteira discutindo animadamente os seus planos.

- Por que não vamos de avião para Chicago? - perguntou Ashley

- Porque teríamos de informar os nossos nomes à companhia aérea. Se formos de comboio, ninguém vai ficar sabendo para onde fomos.

Quando eles estavam saindo da festa, Jim Cleary perguntou baixinho:

- Você toparia dar uma parada lá na minha casa antes? Meus pais foram passar o fim de semana fora.

Ashley titubeou, dividida.

- Jim... a gente já esperou tanto tempo! Uns dias a mais não vão fazer diferença.

- Você tem razão. - Ele abriu um amplo sorriso. - Acho que vou ser o único homem neste continente a se casar com uma virgem.

Quando Jim Cleary levou Ashley para casa, depois da festa, o Dr. Paterson estava esperando, enfurecido.

- Vocês fazem alguma idéia da hora?

- Sr. Paterson, desculpe! É que a festa...

- Não me venha com essas suas desculpas esfarrapadas, Cleary. A quem você acha que está enganando?

- Eu não estou...

- De agora em diante, mantenha as mãos longe da minha filha, entendeu bem?

- Pai...

- Você, fique fora disto. - Ele agora estava gritando. - Cleary, eu quero que você suma daqui e não me apareça mais.

- Mas, Sr. Paterson, sua filha e eu...

- Jim...

- Suba já para o seu quarto.

- Sr. Paterson...

- Se eu vir você por aqui outra vez, vou quebrar todos os ossos do seu corpo.

Ashley jamais o vira tão furioso. A noite acabou com todos aos berros. Depois de encerrado o assunto, Jim foi embora, e Ashley desatou a chorar.

Não vou deixar papai fazer isso comigo, pensou Ashley, determinada. Ele está tentando arruinar a minha vida. Ela ficou sentada na cama por um longo tempo. O meu futuro é com Jim. Eu quero ficar com ele. Isto aqui não é mais o meu lar. Levantou-se, então, e começou a arrumar uma mala de viagem. Trinta minutos depois, saiu pela porta dos fundos e partiu em direção à casa de Jim Cleary, a dez quarteirões de distância. Vou passar a noite com ele e nós dois vamos pegar o comboio para Chicago de manhã. Mas, à medida que foi se aproximando, pensou:

Não! Dessa forma está errado. Eu não quero estragar tudo. Vou encontrá-lo na estação.

Ela deu meia-volta e tomou o rumo de casa novamente.

Ashley passou o resto da noite acordada, pensando em sua vida com Jim, na maravilha que seria. Às 5 e 30, pegou sua mala e passou silenciosamente diante da porta do quarto do pai. Esgueirou-se para fora de casa e tomou um autocarro para a estação ferroviária. Ao chegar à estação, não encontrou Jim. Ela estava adiantada. O comboio só sairia dentro de mais uma hora. Ashley foi esperar sentada num banco, ansiosa. Pensou no pai acordando e notando que ela havia partido. Ficaria furioso. Mas não posso deixar que ele controle a minha vida. Um dia ele vai chegar a conhecer Jim mais de perto e vai ver a sorte que eu tenho.

6 e 30... 6 e 40... 6 e 45... 6 e 50... Nem sinal de Jim! Ashley estava começando a entrar em pânico. O que teria acontecido? Resolveu telefonar para ele. Ninguém atendeu. 6 e 55... Ele vai chegar a qualquer momento. Ela ouviu o apito do comboio à distância e olhou para o relógio. 6 e 59. O comboio estava entrando na estação. Ela se levantou e olhou ao redor freneticamente. Alguma coisa terrível aconteceu a ele. Sofreu um acidente. Está no hospital. Alguns minutos depois, Ashley estava plantada na plataforma, vendo o comboio partir para Chicago, levando com ele todos os seus sonhos. Esperou mais meia hora e tentou ligar de novo. Quando novamente ninguém atendeu ao seu telefonema, ela voltou para casa, vagarosamente, desolada.

Ao meio-dia, Ashley e seu pai pegaram um avião para Londres...

Ela frequentou uma faculdade em Londres durante dois anos e, quando decidiu que queria trabalhar com computadores, candidatou-se à prestigiada bolsa de estudos para mulheres MEI Wang, no Curso de Engenharia da Universidade da Califórnia, em Santa Cruz. Seu pedido foi aceite e, três anos depois, foi recrutada pela Corporação Global de Computação Gráfica.

No início, Ashley escreveu meia dúzia de cartas para Jim Cleary, mas rasgou-as todas. Os actos e o silêncio dele haviam lhe dito com toda a

clareza como ele se sentia em relação a ela.

A voz do pai arremessou-a de volta ao presente. - Você está a um milhão de quilômetros de distância daqui. Em que está pensando?

Ashley analisou o pai do outro lado da mesa.

- Em nada.

O Dr. Paterson chamou o garçom com um gesto e exibiu um sorriso simpático.

- Agora nós queremos ver o menu - disse.

Só no caminho de volta para o trabalho Ashley se lembrou de que não havia parabenizado o pai por ter saído na capa da Time.

Quando chegou à sua mesa, Dennis Tibble estava à sua espera.

- Fiquei sabendo que você almoçou com seu pai.

Que sujeitinho enxerido! Ele acha que é da sua conta saber de tudo que acontece por aqui.

- Almocei, sim.

- Não deve ter sido muito divertido. - Ele baixou a voz. - Por que você nunca almoça comigo?

- Dennis... eu já lhe disse. Não estou interessada.

Ele sorriu.

- Mas vai ficar. Aguarde.

Havia algo estranho nele, algo assustador. Ashley tornou a se perguntar se não poderia ser ele quem... Ela balançou a cabeça. Não. Precisava esquecer essa coisa, tinha de seguir em frente.

A caminho de casa, Ashley estacionou o carro em frente à Editora Apple Tree. Antes de entrar, olhou para a imagem reflectida no espelho da vitrine da loja, para ver se havia alguém atrás dela que pudesse reconhecer. Ninguém. Entrou na loja.

Um rapaz veio atendê-la.

- Deseja alguma coisa?

- Eu gostaria... Vocês têm algum livro sobre maníacos que perseguem pessoas?

Ele olhava para ela com estranheza.

- Maníacos?

Ashley sentiu-se uma idiota.

- isso mesmo. E também quero um livro sobre... ahn... jardinagem e... e animais da África - disse ela, rapidamente.
- Maníacos e jardinagem e animais da África?
- Isso - falou ela com firmeza.

Quem sabe? Talvez um dia eu venha a ter um jardim e afazer uma viagem para África!

Quando Ashley voltou para o carro, começou a chover outra vez.

Enquanto ela guiava, a chuva batia contra o pára-brisa, fragmentando o espaço e transformando as ruas à sua frente em imagens pontilhastes surreais. Ashley accionou os limpadores. Eles começaram a deslizar sobre o vidro, dizendo em voz sibilante: Ele vai pegar você... vai pegar você... vai pegar você... Mais que depressa, ela os desligou. Não, pensou. Eles estão dizendo: Que nada! que nada! que nada!

Ela tornou a ligar os limpadores de pára-brisa. Ele vai pegar você... vai pegar você... vai pegar você...

Ashley estacionou o carro na garagem e apertou o botão para chamar o elevador. Dois minutos depois, estava chegando ao seu apartamento. Parou diante da entrada social, enfiou a chave na fechadura, abriu a porta e congelou.

Todas as luzes do apartamento estavam acesas.

Capítulo Dois

*"O macaco perseguiu a lontra
Em volta do pé de amora.
O macaco achou divertido.
Mas a lontra - pluft! - foi embora. "*

Toni Prescott sabia exatamente por que gostava de cantar essa musiquinha boba. Sua mãe sempre a odiou. "Pare de cantar essa música idiota. Está me ouvindo? Você nem tem a voz para cantar! " "Está bem, mamãe." E Toni cantava repetidas vezes, na surdina. Isso tinha sido há muito tempo atrás, mas a lembrança de desafiar a mãe ainda lhe trazia uma certa alegria.

Toni Prescott detestava trabalhar na Global. Aos vinte e dois anos de idade, era brincalhona, cheia de vivacidade e ousadia. Era uma pessoa muito expansiva. Seu rosto com ar travesso tinha um aspecto zombeteiro; seus olhos castanhos, um ar matreiro; toda a sua figura, um jeito sedutor de ser. Tinha nascido em Londres e falava com um delicioso sotaque britânico. Era atlética e adorava praticar desporto, especialmente os de inverno: esqui, trenó e patinação no gelo.

Durante o período em que frequentou a faculdade, em Londres, Toni se vestia de forma conservadora durante o dia, mas à noite usava minissaias e adereços estilo disco e se dava a um comportamento permissivo. Passou inúmeras noites, grandes e pequenas, no Electric Ballroom, na Camden High Street, e no Subterania e no Leopard Lounge, enturmada como badalado pessoal de West End. Como tinha uma bela voz, voluptuosa e sensual, dava canjas em algumas boates tocando ao piano e cantando, e o público aplaudia. Foi a época em que se sentiu mais viva.

A rotina nesses lugares seguia sempre o mesmo padrão:

- Sabe que você canta muito bem, Toni?
- Valeu.

- Posso lhe pagar um drinque?

Ela sorria.

- Eu adoraria tomar um Pimm's.

- Com prazer!

E tudo terminava sempre da mesma forma. O candidato acabaria chegando bem pertinho e sussurrando ao seu ouvido:

- Por que a gente não vai para o meu apartamento e fica numa boa?

- Sem essa! - E Toni ia embora. Ficava deitada em sua cama à noite, pensando na estupidez dos homens e em como era espantosamente fácil controlá-los. Os pobres coitados nem sabiam, mas queriam ser controlados. Precisavam ser controlados.

E então veio a mudança de Londres para Cupertino. No início, foi um desastre. Toni detestava a cidade e odiava trabalhar na Global. Era uma chatice ficar ouvindo falar sobre dispositivos de encaixe e definição de imagem, fotogravuras. Ela morria de saudades da agitada vida noturna de Londres. Havia alguns points na área de Cupertino, e Toni os frequentava: San José Live, P J. Mulligan's ou Hollywood Junction. Usava minissaias apertadas e tops com sapatos abertos de salto dez ou solado alto de cortiça.

Caprichava na maquiagem, aplicando cílios postiços, delineador grosso e escuro nos olhos, além de sombra colorida e batom brilhante. Era como se estivesse tentando ocultar sua beleza.

Havia fins de semana em que pegava o carro e ia até São Francisco, onde a agitação era maior! Buscava os restaurantes e boates com música ao vivo. Estava sempre no Harry Denton's, no One Market e no Califórnia Café, e durante a noite, enquanto os músicos davam um intervalo, ela ia para o piano, tocar e cantar. Os fregueses adoravam. Quando Toni pedia a conta do jantar, os donos diziam:

- Não; fica por conta da casa. Você é maravilhosa! Volte sempre, por favor. Você ouviu isso, mamãe? "Você é maravilhosa! Volte sempre, por favor "

Numa noite de sábado, Toni estava jantando no Salão Francês do Cliff Hotel. Os músicos haviam concluído a primeira parte da apresentação e deixado o palco. O maitre olhou para ela e acenou-lhe convidativamente

com um leve gesto de cabeça. Toni se levantou e atravessou a sala, em direcção ao piano.

Sentou-se e começou a tocar e cantar uma antiga canção de Cole Porter. Quando terminou, todos aplaudiram eufóricos. Ela cantou mais duas músicas e voltou para a mesa.

Um homem calvo, de meia-idade, foi falar com ela.

- Com licença! Posso me sentar com você um instantinho só?

Toni já ia dizendo que não, quando ele acrescentou:

- Meu nome é Norman Zimmerman. Estou produzindo uma turnê de O rei e eu. Gostaria de conversar com você sobre isso.

Toni tinha acabado de ler um artigo brilhante a seu respeito.

Ele era um génio do teatro.

O homem se sentou.

- Você é extremamente talentosa, mocinha! Está desperdiçando o seu tempo em lugares como este. Deveria estar na Broadway.

- Broadway. Você ouviu, mamãe?

- Eu gostaria de fazer um teste com você para...

- Desculpe, mas não posso.

Ele olhou surpreso para ela.

- Uma coisa dessas poderia abrir muitas portas para você. Sério. Eu acho que você não sabe direito o talento que tem.

- Eu tenho um emprego.

- Fazendo o quê, posso perguntar?

- Trabalho numa empresa de informática.

- Quer saber de uma coisa? Eu começo pagando o dobro do seu salário lá, seja ele qual for, e...

Toni falou:

- Eu fico muito agradecida, mas... não dá.

Zimmerman se recostou no espaldar da cadeira.

- Você não se interessa pelo mundo da ribalta?

- Eu me interesso, e muito.

- Então, qual é o problema?

Toni hesitou, depois disse com cautela:

- Eu provavelmente teria de abandonar a turnê no meio.

- Por causa do seu marido, ou...?

- Não sou casada.

- Não estou entendendo. Você disse que se interessa pelo palco. Esta é uma oportunidade excelente para você aparecer e...
- Eu sinto muito. Não dá para explicar. Se eu explicasse, ele não entenderia, pensou Toni, arrasada. Ninguém entenderia. a praga maldita com a qual eu tenho de conviver Para sempre.

Poucos meses depois de ter começado a trabalhar na Global, Toni percebeu a importância da Internet, a porta mundial para conhecer homens.

Ela estava jantando num lugar chamado Duque de Edimburgo com Cathy Healy, uma amiga que trabalhava numa empresa concorrente na área de informática. A casa era um pub original da Inglaterra, que fora desmontado, embalado em containeres e enviado para a Califórnia de navio. Toni ia lá por causa do peixe ao estilo Cockney com batatas fritas, das costeletas com pudim de Yorkshire, da linguiça com puré e do bolo ao rum inglês. um pé no chão, diria. Não posso me esquecer das minhas raízes.

Toni olhou para Kathy

- Eu preciso de um favor seu.
- Pode falar
- Quero ajuda com a Internet, minha amiga. Você tem de me ajudar a usar esse negócio.
- Toni, o único computador ao qual eu tenho acesso fica no meu trabalho, e é contra as normas da empresa usar...
- Que se danem as normas da empresa! Você sabe usar a Internet, não sabe?
- Sei.

Toni deu uns tapinhas na mão de Kathy Healy e sorriu.

- ótimo!

Na noite seguinte, Toni foi para o escritório de Kathy Healy, que a apresentou ao mundo da Internet. Kathy deu um clique sobre o ícone da Internet, digitou sua senha e esperou a conexão; em seguida, deu dois cliques em outro ícone e entrou num chat room.

Toni ficou deslumbrada ao ver os caracteres surgindo rapidamente na tela, conversas digitadas entre gente do mundo inteiro.

- Eu preciso ter esse negócio! - falou Toni. - Vou comprar um computador lá para casa. Você faria o grande favor de me colocar na Internet?
- Claro. É fácil. Basta pegar o mouse e dar um clique no ícone do seu programa de Internet...
- Conforme diz a música... não quero que você me diga, quero que você me mostre.

Na noite seguinte, Toni estava na Internet, e daí em diante sua vida mudou. Acabou-se a chateação. A Internet se transformou num tapete mágico que a levava a passear pelo mundo inteiro. Mal chegava do trabalho, Toni ligava o computador e entrava on-line para explorar os vários chat rooms da rede. Era muito simples. Ela acessava a Internet, apertava uma tecla, e abria-se uma janela na tela, dividida ao meio no sentido horizontal. Toni digitava:

- Oi! Tem alguém aí?

Na parte inferior da tela surgia:

- Bob. Estou aqui. Esperando por você. .

Ela estava pronta para se encontrar com o mundo. Veio Hans, da Holanda:

- Fale-me de você, Hans. - Sou DJ numa grande boate de Amsterdã. Gosto de hiphop, rave, World beat. Pode escolher.

Toni digitou a resposta.

- Que legal! Eu adoro dançar. Viro a noite dançando. Moro numa cidadezinha horrível, que não tem nada a oferecer, além de poucas discotecas.

- Que tristeza, hein?

- Nem me fale!

- Quer que eu lhe dê um pouco de alegria? Quais são as chances de um encontro entre nós dois?

- Tchauzinho! - Ela saiu do chat room.

Veio Paul, da África do Sul:

- Eu estava esperando você chegar, Toni.

- Aqui estou. Louca para saber de você, Paul!

- Tenho trinta e dois anos. Sou médico de um hospital em Joanesburgo. Eu... - Toni se desconectou. um médico! Lembranças terríveis a assolaram. Ela fechou os olhos, com o coração palpitando. Respirou

fundo várias vezes. Chega por hoje, pensou, estremeçada. Foi dormir Na noite seguinte, Toni voltou à Internet. Sean, de Dublin, entrou na linha.

- Toni... Que nome bonito!

- Obrigada, Sean!

- Você conhece a Irlanda?

- Não. .

- Iria adorar. É a terra dos duendes. Eu gostaria de saber como você é, Toni. Aposto que é linda.

- Acertou. Sou linda, excitante e solteira. O que você faz, Sean?

- Trabalho num bar. Eu...

Toni encerrou a sessão.

Toda noite era diferente. Houve um jogador de pólo da Argentina, um negociante de automóveis do Japão, um vendedor de uma loja de departamentos de Chicago, um técnico de televisão de Nova York. A Internet era um jogo fascinante, e Toni a desfrutava ao máximo. Podia ir tão longe quanto quisesse e, apesar disso, sabia-se segura, pois ficava no anonimato.

Até que uma noite, num chat room ao vivo, conheceu Jean Claude Parent.

- Bon soir! É um prazer conhecê-la, Toni.

- O prazer é meu, Jean Claude. Onde você está?

- Em Quebeque.

- Nunca fui a Quebeque. Será que eu iria gostar? - Toni achou que veria surgir na tela uma resposta afirmativa.

Mas Jean Claude digitou:

- Não sei. Depende do tipo de pessoa que você é.

Toni ficou intrigada com aquilo.

- É mesmo? E que tipo de pessoa eu precisaria ser para gostar de Quebeque?

- Quebeque assemelha-se às primeiras fronteiras dos Estados Unidos. É muito francesa. O povo daqui é muito independente. Não gostamos de receber ordens de ninguém.

Toni digitou:

- Nem eu. - Então, você iria gostar. A cidade é bonita, cercada de montanhas e lagos adoráveis! É um paraíso para a caça e a pesca.

Olhando para as palavras digitadas na tela, Toni chegou até a sentir o entusiasmo de Jean Claude.

- Está me parecendo legal. Fale-me de você.

- Eu? Não tenho muito a dizer. Estou com trinta e oito anos, solteiro. Acabei de romper um relacionamento e gostaria de arranjar a mulher certa e sossegar. E você? casada?

Toni digitou de volta:

- Não. Também procuro alguém. O que você faz?

- Sou dono de uma lojinha de jóias. Espero que você possa vir conhecer a minha loja um dia.

- Isso é um convite?

- Mais oui... sim.

Toni digitou:

- Estou ficando interessada.

De facto, estava. Talvez eu dê um jeito de ir até lá, pensou. Talvez ele seja a pessoa que pode me salvar. Toni se comunicava com Jean Claude Parent quase todas as noites. Ele passou uma fotografia sua no scanner, e Toni viu-se olhando para um homem muito atraente, com uma fisionomia inteligente.

Quando viu uma fotografia de Toni, que ela também enviou usando o scanner, Jean Claude escreveu:

- Você é bonita, ma chérie. Conforme eu previa. Venha me visitar, por favor

- Vou, sim.

- Em breve.

- Tchauzinho! - Toni se desconectou.

Em seu trabalho, na manhã seguinte, Toni ouviu Shane Miller conversando com Ashley Paterson e pensou, Que diabo ele vê nela? Ela é um bagulho! A seu ver, Ashley era uma solteirona frustrada, a dona Maria Certinha em pessoa. Ela não faz a menor idéia do que seja se divertir, pensou Toni. Não aprovava nada na outra. Ashley era um caso perdido, alguém que gostava de ficar em casa à noite, lendo um livro ou assistindo a documentários sobre História e à CNN. Não se interessava por desportos. uma chata! Nunca tinha entrado num chat room. Encontrar estranhos pelo computador era algo que Ashley jamais faria, a

antipática. Ela nem sabe o que está perdendo, pensou Toni. Sem o chat room, eu jamais teria conhecido Jean Claude!

Toni pensou no quanto sua mãe teria odiado a Internet. Mas sua mãe havia odiado tudo mesmo! Só tinha duas formas de se comunicar: gritando ou se lamuriando. Toni jamais conseguia agradá-la. Você não faz nada certo, hein? Mas que menina idiota! Ora, a mãe tinha gritado demais com ela. Toni pensou no terrível acidente no qual a mãe morreu. Ainda podia ouvir seus gritos de socorro. A lembrança a fez sorrir.

"É um centavo por um novelo de lã, Um centavo por uma agulha, a toda hora! assim que o dinheiro se vai. E a lontra - pluft! - foi embora."

Capítulo Três

Em outro lugar, em outra época, Alette Peters poderia ter sido uma artista de sucesso. Até onde podia se lembrar, seus sentidos viviam ligados às nuances de cor. Ela podia ver as cores, sentir o cheiro das cores, ouvir o som das cores.

*A voz do pai era azul e, às vezes, vermelha.
A voz da mãe era marrom-escura.
A voz da professora era amarela.
A voz do feirante era púrpura.
O barulho do vento nas árvores era verde.
O som da água corrente era cinza.*

Alette Peters tinha vinte anos de idade. Podia ter um aspecto normal, ser atraente, ou estonteantemente linda, dependendo do seu humor, ou de como estivesse se sentindo consigo mesma. Porém, jamais era simplesmente bonita. Parte de seu charme residia no facto de nunca se dar conta de sua aparência. Era tímida, de fala doce e uma gentileza quase anacrónica.

Alette nascera em Roma e tinha um melodioso sotaque italiano. Adorava todos os aspectos de Roma. Esteve no alto dos Degraus Espanhóis e, olhando a vista, sentiu que a cidade lhe pertencia. Ao admirar os templos e o gigantesco Coliseu, soube que pertencia àquela época. Passeou pela Piazza Navona, ouviu a música das águas na fonte dos Quatro Rios, e visitou a Piazza Venezia, com seu monumento em forma de bolo de casamento ao estilo Vítor Emanuel II. Passou infindáveis horas na basílica de São Pedro, no museu do Vaticano e na galeria Borghese, apreciando as obras atemporais de Raphael, Fra Bartolommeo, Andrea del Sarto e Pontormo. Tais talentos tanto a transfixavam quanto a frustravam. Gostaria de ter nascido no século XVI e de tê-los conhecido. Eles eram mais reais para Alette do que os

transeuntes nas ruas. Ela desejava ardentemente ser uma artista. Podia ouvir a voz marrom-escura da mãe: Você está desperdiçando papel e tinta. Não tem talento.

A mudança para a Califórnia foi desestabilizadora a princípio. Alette ficou apreensiva quanto à sua adaptação, mas Cupertino acabou se revelando uma agradável surpresa. Ela apreciava a privacidade que a cidadezinha podia lhe propiciar e gostava de trabalhar na Corporação Global de Computação Gráfica. Não havia grandes galerias de arte em Cupertino, mas, nos finais de semana, Alette pegava o carro e ia visitar as de São Francisco.

- Porquê tanto interesse por essas coisas? - perguntou-lhe Toni Prescott.

- Venha ao J. P Mulligan's comigo e divirta-se um pouco.

- Você não liga para o lado artístico da vida?

Toni riu.

- Claro! Ainda mais quando o artista está ao meu lado!

Só havia uma nuvem pairando sobre a vida de Alette Peters. Ela era maníaco-depressiva. Sofria de anomia, uma sensação de alienação do resto do mundo. Suas alterações de humor sempre a pegavam desprevenida, e, num instante, ela passava de uma alegre euforia para uma tristeza desesperada. Não controlava suas emoções.

Toni era a única pessoa com quem Alette discutia seus problemas. A amiga tinha uma solução para tudo, que em geral era:

- Vamos sair para nos divertir.

O assunto preferido de Toni era Ashley Paterson. Ela estava assistindo à conversa de Ashley com Shane Miller.

- Veja só aquela babacona - falou Toni em tom de desprezo. - É a rainha do gelo.

Alette assentiu.

- séria demais. Alguém bem que poderia ensiná-la a rir.

Toni caçoou:

- Alguém bem que poderia ensiná-la a trepar!

Uma noite por semana, Alette ia à missão para os sem-tecto de São Francisco e ajudava a servir o jantar. Havia uma velhinha em particular, que aguardava ansiosamente as vindas de Alette. Ela andava de cadeira de rodas e Alette sempre a empurrava até uma mesa e levava seu prato de comida quente.

A mulher dizia, agradecida:

- Minha querida, se eu tivesse uma filha, gostaria que ela fosse exatamente igual a você!

Alette apertava-lhe a mão.

- Puxa, mas que elogio! Obrigada! - E sua voz interna dizia:

Se você tivesse uma filha, ela seria uma porcalhona igualzinha como você. E Alette ficava horrorizada com os seus pensamentos. Era como se outra pessoa dentro dela estivesse dizendo aquelas palavras. Isso acontecia sempre.

Alette estava fazendo compras com Betty Hardy, uma mulher que frequentava a mesma igreja que ela. As duas pararam em frente a uma loja de departamentos. Betty estava admirando um vestido na vitrine.

- Que lindo, hein?

- Maravilhoso - falou Alette. É o vestido mais feio que já vi na vida. Perfeito para você.

Certa noite, Alette foi jantar com Ronald, sacristão da igreja.

- Eu adoro estar na sua companhia, Alette. Vamos sair mais vezes.

Ela abriu um sorriso tímido.

- Eu gostaria muito. - E pensou: Nonfaccia, lo stupido. Talvez em outra encarnação seja! E mais uma vez se sentiu horrorizada. O que há-de errado comigo? Mas ela não tinha resposta.

Os menores deslizes, intencionais ou não, deixavam Alette enfurecida. Indo para o trabalho certa manhã, um carro cortou-lhe a dianteira. Ela trincou os dentes e pensou: Vou matar esse canalha. O homem acenou-lhe, desculpando-se, e Alette abriu-lhe um sorriso simpático. Mas a raiva ainda estava presente nela.

Quando baixava a nuvem negra, Alette imaginava as pessoas tendo ataques Cardíacos nas ruas, ou sendo atropeladas, ou sendo assaltadas e assassinadas. Repassava as cenas em sua cabeça com uma vivacidade real. Momentos depois, enchia-se de vergonha.

Nos seus dias bons, Alette era uma pessoa completamente diferente. Gentil de verdade, solidária, que gostava de ajudar a todos. A única coisa que estragava sua felicidade era saber que as trevas retornariam, e que ela se perderia nelas.

Todo domingo de manhã, Alette ia à igreja. Os fiéis organizavam-se em grupos de voluntários para alimentar os pobres, ensinar educação artística após o horário escolar e dar aulas particulares para os alunos mais fracos. Alette se responsabilizava pela catequese dominical e ajudava no berçário. Sempre se oferecia para todas as actividades de caridade e reservava-lhes o máximo de tempo que podia. Ela gostava principalmente de dar aulas de pintura para os jovens.

Um certo domingo, a igreja promoveu uma feira para levantar fundos, e Alette levou alguns de seus próprios quadros para vender em benefício do movimento. O pastor Frank Selvaggio os viu e ficou deslumbrado.

- Mas que... que quadros lindos! Você deveria colocá-los à venda numa galeria.

Alette corou.

- Ah, não! Isso não. Eu só pinto para me distrair.

A feira estava abarrotada de gente se divertindo. Os devotos haviam levado seus amigos e parentes, e havia barracas de jogos e também de artesanato. As atracções variavam desde quitutes, bolos lindamente decorados e geléias caseiras em belíssimos potes, até colchas de retalhos feitas à mão e brinquedos esculpidos em madeira. As pessoas iam de uma barraca para outra, provando os doces, comprando coisas que não teriam uso algum no dia seguinte.

- Mas é tudo em nome da caridade - Alette ouviu uma mulher explicando ao marido.

Alette olhou para os seus quadros, que havia distribuído em torno da barraca, em sua maioria paisagens pintadas com cores tão vivas que pareciam saltar da tela. Estava bastante receosa. Você está gastando um dinheirão com essas tintas, menina!

Um homem se aproximou da barraca.

- Oi! Foi você quem pintou?

Sua voz era de um azul profundo.

- Não, seu idiota! Michelangelo deu um pulinho aqui e pintou.

- Você tem muito talento.

- Obrigada! -E você entende alguma coisa de talento?

Um casal jovem parou na barraca de Alette.

- Mas que cores! Ah, eu vou levar aquele ali. Você pinta muito bem.

Durante toda a tarde as pessoas foram à sua barraca, para comprar seus quadros e falar do seu talento. Alette quis acreditar em toda aquela gente, mas a cada vez a cortina negra descia e ela pensava: Essa gente toda está sendo ludibriada!

E chegou um marchand.

- Esses quadros são adoráveis! Você deveria comercializar o seu talento.

- Eu sou amadora - insistiu Alette. E recusou-se a levar adiante a discussão.

Ao fim do dia, Alette vendera absolutamente todos os seus quadros. Juntou o dinheiro que as pessoas lhe haviam pago, colocou em um envelope e entregou-o ao pastor Frank Selvaggio.

Ele o recebeu e disse:

- Obrigado, Alette! Você tem um grande dom, trazer tanta beleza para as vidas das pessoas.

Você ouviu isso, mamãe?

Quando estava em São Francisco, Alette passava horas visitando o Museu de Arte Moderna e ia sempre ao Museu De Young, a fim de estudar sua coleção de arte norte-americana. Artistas jovens ficavam lá, copiando alguns dos quadros expostos nas paredes do museu. um rapaz, em particular, chamou a atenção de Alette. Aproximava-se dos trinta, era magro e louro, tinha traços fortes e um ar inteligente. Copiava Pecúrias, de Geórgia O'Keeffe, e seu trabalho era notável. O artista percebeu que Alette o estava observando.

-Olá!

Sua voz soou igual a amarelo vivo.

- Olá - respondeu Alette, timidamente.

O artista gesticulou com a cabeça, apontando para o próprio trabalho.

- O que você acha?

- Belíssimo! Acho maravilhoso. - E aguardou que sua voz interna dissesse: "Para um amador idiota. " Mas isso não aconteceu. Ela se surpreendeu. - maravilhoso mesmo.

Ele sorriu.

- Obrigado! Meu nome é Richard; Richard Melton.

- Alette Peters.

- Você vem sempre aqui? - perguntou Richard.

- Sim. Sempre que posso. Não moro em São Francisco.

- Onde você mora?

- Em Cupertino. - Não foi "Isso não é da sua conta" nem "você quer mesmo saber?", mas sim "Em Cupertino". O que está acontecendo comigo?

- É uma cidadezinha muito agradável.

- Eu gosto. - Não foi "Por que diabos você acha que é uma cidadezinha agradável?" nem "E você lá sabe o que é uma cidadezinha agradável?", mas sim "Eu gosto".

Ele terminou o quadro.

- Estou com fome. Posso pagar-lhe o almoço? O Café De Young tem uma comida saborosa.

Alette vacilou um pouco.

- Va bene. Acho uma boa idéia. - Não foi "Você tem cara de idiota" nem "Eu não almoço com desconhecidos", mas sim . Acho uma boa idéia".

Foi uma experiência nova, que a deixou extasiada.

O almoço foi extremamente agradável e sequer uma vez os pensamentos negativos vieram à mente de Alette. Os dois conversaram sobre alguns dos grandes artistas, e ela contou a Richard sobre sua infância em Roma.

- Eu nunca fui a Roma - disse ele. - Talvez um dia.

E Alette pensou: Seria divertido ir a Roma com você.

Quando eles já estavam terminando o almoço, Richard viu seu colega de quarto e o chamou para a mesa.

- Gary, eu não sabia que você ia estar aqui. Esta é Alette Peters. Gary King.

Gary estava com seus vinte e tantos anos, tinha olhos azuis e usava o cabelo na altura dos ombros.

- Prazer em conhecê-lo, Gary

- Gary é o meu melhor amigo desde o segundo grau, Alette.

- Pois é! E conheço muita coisa da vida do Richard. Portanto, se você quiser ficar sabendo de um as boas histórias...

- Gary, vai ver se eu estou na esquina.

- Vou, sim. - Ele se dirigiu a Alette. - Mas não se esqueça da minha oferta. A gente se vê por aí.

Depois que Gary se afastou, Richard falou:

- Alette...

- Diga.

- Será que eu poderia ver você novamente?

- Acho uma boa idéia.

Muito boa.

Segunda-feira de manhã, Alette narrou a experiência a Toni.

- Não vá se envolver com um artista - advertiu Toni. -Você vai ter de sobreviver das frutas que ele pintar. Vai sair com ele?

Alette sorriu.

- Vou. Acho que ele gostou de mim. E eu gostei dele. Gostei mesmo.

Tudo começou como uma pequena discórdia e acabou como uma discussão enfurecida. O pastor Frank estava se aposentando depois de quarenta anos de serviço. Sempre fora um pastor muito bom e consciencioso, e a congregação sentia a sua partida. Fizeram reuniões secretas para decidir o que lhe dariam como presente de despedida. um relógio... dinheiro... um as férias... um quadro... Ele adorava arte.

- Por que a gente não pede a alguém que pinte um retrato dele, com a igreja ao fundo? - Os olhares voltaram-se para Alette.

- Você faria?

- Claro - respondeu ela, satisfeitiíssima.

Walter Manning era um dos frequentadores mais antigos da igreja e um dos maiores colaboradores. Era um empresário muito bem-sucedido, mas parecia ressentir-se do sucesso dos demais. Ele falou:

- Minha filha é uma excelente pintora. Talvez ela devesse pintar o quadro.

Alguém sugeriu:

- Por que as duas não pintam cada uma um quadro para que depois nós votemos qual vai ser dado ao pastor Frank?

Alette pôs mãos à obra. O quadro levou cinco dias para ficar pronto, e o resultado ficou um primor, com o brilho da compaixão e bondade do retratado. No domingo seguinte, o grupo reuniu-se para estudar as duas pinturas. Houve exclamações de aprovação pelo quadro de Alette.

- Está tão real! Parece até que ele vai sair andando da tela...

- Ah, ele vai adorar...

- Alette, esse quadro deveria estar num museu...

Walter Manning desembrulhou a tela pintada por sua filha.

Tratava-se de uma excelente obra, mas faltava-lhe o fulgor do retrato de Alette.

- Está muito bom - disse um dos membros da congregação, com muito tacto -, mas acho que o de Alette é...

- Eu concordo...

- Vai ser o que Alette pintou...

Walter Manning protestou.

- É preciso que a decisão seja unânime. Minha filha é uma pintora profissional - ele olhou para Alette -, não uma diletante. Ela pintou este quadro como um favor. Não podemos recusar sua obra.

- Mas, Walter...

- Não, senhor. É preciso que haja unanimidade. Vamos dar ao pastor o quadro da minha filha ; caso contrário, não vamos lhe dar quadro algum.

Alette falou:

- Eu gostei muito do quadro dela. Vamos dá-lo ao pastor

Walter Manning abriu um sorriso presunçoso e disse:

- Ele vai ficar muito satisfeito com este.

A caminho de casa naquela noite, Walter Manning foi atropelado e morto por um motorista que nem sequer parou para prestar socorro. Quando Alette soube da notícia, ficou chocada.

Capítulo Quatro

Ashley Paterson estava tomando banho às pressas, atrasada para o trabalho, quando ouviu o ruído. uma porta sendo aberta?

Fechada? Ela desligou o chuveiro, à escuta, o coração palpitando.

Silêncio. Ficou parada um instante, as gotas de água reluzindo sobre todo o corpo, depois se enxugou ligeiro e entrou no quarto, cautelosa, Tudo parecia normal. a minha imaginação idiota outra vez! Preciso me vestir logo. Foi até a gaveta de lingerie, abriu-a e ficou olhando, incrédula. Alguém tinha mexido em suas roupas íntimas. Seus sutiãs e calcinhas estavam empilhados, todos juntos. Ela sempre guardava as peças arrumadas em separado. Ashley sentiu um nó no estômago. Teria ele aberto a própria calça, pegado uma calcinha dela e a esfregado contra o corpo? Teria se dado à fantasia de estuprá-la? Ela sentiu dificuldade para respirar. Eu deveria ir à polícia, mas eles ririam de mim. Você quer que nós façamos uma investigação porque está achando que alguém mexeu na sua gaveta de lingerie? Alguém anda me seguindo. Você já viu quem é? Não. Alguém a ameaçou? Não. Você sabe por que alguém iria querer lhe fazer mal? Não.

Não adianta, pensou Ashley, à beira do desespero. Não posso procurar a polícia. Eles me fariam exatamente estas perguntas, e eu iria passar por boba. Ela se vestiu o mais rápido que pôde, tomada por uma ânsia de fugir do apartamento. Vou ter de me mudar. Morar num lugar qualquer onde ele não consiga me encontrar. Mas embora entabulasse esses pensamentos, Ashley tinha a sensação de que seria impossível. Ele sabe onde eu moro, sabe onde eu trabalho. E o que eu sei sobre ele? Nada. Ela se recusava a ter uma arma no apartamento, pois detestava violência. Mas agora eu preciso de protecção, pensou. Foi até à cozinha, pegou a faca de cortar carne e levou-a para o quarto, colocando-a na gaveta da cómoda, ao lado de sua cama. É possível que eu mesma tenha

misturado as calcinhas com os sutiãs. Só pode ter sido isso! Ou seria pensamento ansioso?

Havia um envelope em sua caixa de correspondência na portaria do prédio. O endereço do remetente era: "Escola de Segundo Grau da Região Administrativa de Bedford, Bedford, Pensilvania." Ashley leu o convite duas vezes.

Reunião de Dez Anos da Turma!

Rico, pobre, mendigo, ladrão. Você não vive se perguntando como os seus colegas de turma se saíram nesses últimos dez anos? Eis a chance de descobrir. Vamos fazer uma reunião fantástica no fim de semana de 15 de junho. Comida, bebida, orquestra e baile. Venha se divertir. Basta enviar o cartão de resposta pelo correio para confirmar a sua presença. Todos estão ansiosos para rever você.

A caminho do trabalho, Ashley foi pensando no convite. "Todos estão ansiosos para rever você." Todos, excepto Jim Cleary, pensou ela, com amargura.

"Eu quero me casar com você. O meu tio me ofereceu um emprego muito bom em Chicago, na agência de publicidade dele... Tem um comboio que sai para Chicago às sete da manhã. Você topa?" E ela se recordou da angústia da espera na estação ferroviária, acreditando nele, confiando nele. Jim mudara de idéia e não fora homem o suficiente para ir lhe dizer. Em vez disso, deixara-a sentada numa estação ferroviária, sozinha. É melhor esquecer o convite. Eu não vou.

Ashley almoçou com Shane Miller no TGI Friday's. Eles ficaram num dos compartimentos reservados, comendo em silêncio.

- Você está com um ar preocupado - falou Shane.

- Desculpe. - Ashley hesitou um instante. Ficou tentada a lhe contar sobre a lingerie, mas a história pareceria idiota. Alguém mexeu nas suas gavetas? - Em vez disso, falou: - Recebi um convite para a reunião de dez anos da minha turma do segundo grau.

- Você vai?

- Certamente que não. - A frase saiu com mais entonação do que Ashley pretendia.

Shane Miller olhou para ela, curioso.

- Por que não? Essas reuniões costumam ser divertidas.

Será que Jim Cleary estaria lá? Levaria mulher e filhos? O que me diria? "Desculpe! Eu não consegui ir me encontrar com você na estação ferroviária. Sinto muito por ter mentido para você quando lhe falei sobre casamento"?

- Eu não vou.

Mas Ashley não conseguiu tirar o convite da cabeça. Seria bom rever alguns dos meus colegas de turma, pensava ela. Tinha sido muito íntima de alguns. Em particular, de Florence Schiffer. Eu gostaria de saber como ela anda. E ficou curiosa por saber se a cidade de Bedford havia mudado. Ashley Paterson crescera em Bedford, Pensilvania, uma cidadezinha a duas horas de Pittsburgh, em direcção ao leste, entranhada na serra de Allegheny. Seu pai foi director do Memorial Hospital do condado de Bedford, um dos cem melhores hospitais dopais.

Bedford tinha sido um lugar maravilhoso para passar a infância. Cheia de parques para se fazer piquenique, de rios onde a pesca era boa e de eventos sociais ao longo do ano inteiro. Ashley gostava de visitar o Grande vale, onde havia uma colónia amish. Era comum ver cavalos puxando carruagens com tetos de cores diferentes, que dependiam do grau de ortodoxia dos seus donos.

Havia as festas nocturnas da Vila do Mistério, as apresentações de teatro e o Grande Festival da Abóbora. Ashley sorriu só de pensar nos bons tempos que passou ali. Talvez eu vá, pensou. Jim Cleary não terá o desplante de aparecer

Ashley contou sua decisão a Shane Miller

- Vai ser na sexta-feira seguinte a esta - disse ela. - Vou voltar domingo à noite.

- Que bom! Se você me avisar a hora em que vai chegar, vou buscá-la no aeroporto.

- Obrigada, Shane!

Quando voltou do almoço, Ashley entrou em seu cubículo e ligou o computador. Para sua surpresa, uma súbita chuva de pixels se espalhou pela tela, formando uma imagem. Ela olhou para aquilo, perplexa. Os

pixels estavam formando a imagem dela. Enquanto observava horrorizada, a mão de alguém, segurando uma faca de cortar carne, apareceu no alto da tela. A mão se aproximou rapidamente de sua imagem, disposta a esfaqueá-la no peito. Ashley soltou um berro:

- Não!

Desligou o monitor, assustada, e se pôs de pé num pulo.

Shane Miller correu para perto dela.

- Ashley! O que foi?

Ela estava trémula.

- Na... na minha tela...

Shane ligou o computador. Apareceu a imagem de um gatinho, correndo pela grama atrás de um novelo de lã.

Shane olhou para Ashley, confuso.

- O que...?

- Mas... sumiu - falou ela, com um sussurro de voz.

- O que foi que sumiu?

Ela balançou a cabeça.

- Nada. Eu tenho andado muito estressada ultimamente, Shane. Desculpe!

- Por que você não vai fazer uma consulta com o Dr. Speakman?

Ashley já havia se consultado com o Dr. Speakman antes. Era o psicólogo da empresa, contratado para acompanhar e orientar os funcionários abalados pelo estresse da informática. Não era um médico, mas era inteligente e compreensivo, e conversar com alguém sempre adiantava alguma coisa.

- Vou, sim - disse Ashley

O Dr. Ben Speakman era um cinquentão, um patriarca da fonte da juventude. Seu consultório era um oásis tranquilo, situado na extremidade mais longínqua do prédio, um local confortável e acolhedor

- Eu tive um sonho terrível ontem à noite - disse Ashley E fechou os olhos, revivendo as sensações. - Eu estava correndo. Estava num jardim enorme, cheio de flores... Elas tinham rostos estranhos, feios... Gritavam comigo... Eu não conseguia ouvir o que estavam dizendo. Só continuava

correndo em direcção a alguma coisa... Não sei o quê... - Ela parou de falar e abriu os olhos.

- Será que você não estava correndo de alguma coisa? Não havia nada que a estivesse perseguindo?

- Não sei. Eu... eu acho que estou sendo seguida, Dr. Speakman. Parece maluquice, mas... eu acho que alguém quer me matar. Ele a estudou durante alguns instantes.

- E quem poderia estar querendo matá-la?

- Não... não faço a menor idéia.

- Você já viu alguém seguindo você?

- Não.

- Você mora sozinha, não é?

- Moro.

- Está saindo com alguém? Algum envolvimento romântico?

- Não. Agora, não.

- Então, já faz algum tempo desde que você... quero dizer, às vezes, quando a mulher não tem ninguém em sua vida... bem, é possível que vá se formando um acúmulo de tensão...

O que ele está tentando me dizer é que eu preciso de uma boa...

Ela não conseguiu se persuadir a dizer a palavra. Chegou a ouvir os gritos do pai: "Nunca mais repita essa palavra. As pessoas vão pensar que você é uma vagabundinha. Pessoas de bem não dizem trepar. Onde é que você aprende esse tipo de linguagem?"- Acho que você anda trabalhando demais, Ashley. E acho que não tem com que se preocupar. Talvez seja só a tensão. Leve as coisas com mais tranquilidade durante algum tempo. Descanse bastante.

- Vou tentar

Shane Miller estava esperando por ela.

- O que o Dr. Speakman disse?

Ashley conseguiu dar um sorriso.

- Ele disse que eu estou bem. Só que ando trabalhando demais!

- Se é assim, vamos tomar uma providência quanto a isso - falou Shane. - Para começar, por que você não dá o dia por encerrado? - O seu tom de voz demonstrou preocupação.

- Obrigada! - Ela olhou para ele e sorriu. Era um homem atencioso. um bom amigo.

Não pode ser ele, pensou Ashley. Ele não.

Durante a semana seguinte, Ashley não conseguiu pensar em nada além da reunião. Será que a minha ida é um erro? E se Jim Cleary aparecer por lá? Será que ele faz idéia do quanto me magoou? Será que liga para isso? Ou não vai sequer se lembrar de mim? Na noite anterior à data marcada para a viagem, Ashley não conseguiu dormir. Ficou tentada a cancelar o voo. Mas que besteira!, pensou. O passado é o passado.

Quando pegou a passagem no aeroporto, Ashley a examinou e disse:

- Acho que houve um erro. A minha passagem é para a classe turística. Este bilhete é para a primeira classe.

- É, sim. A senhora mudou.

Ela olhou para o funcionário.

- Eu o quê?

- A senhora telefonou e mandou mudar para a primeira classe. - Ele mostrou uma folha de papel para Ashley - Esse não é o número do seu cartão de crédito?

Ela olhou para o número e disse, bem devagar:

- É, sim...

Não tinha dado aquele telefonema.

Ashley chegou a Bedford cedo e se hospedou no Bedford Springs Resort. As festividades do encontro só teriam início às seis horas da tarde. Ela resolveu, então, explorar a cidade. Parou um táxi em frente ao hotel.

- Para onde, madame?

- Eu só quero dar um passeio.

A cidade natal de uma pessoa costuma parecer ainda menor quando esta volta para visitá-la muitos anos depois, mas, para Ashley, Bedford pareceu maior do que em suas lembranças. O táxi percorreu ruas conhecidas, passou pela sede da Bedford Gazette, pela estação de TV WKYE e por uma dúzia de restaurantes e galerias de arte que lhe eram familiares. O Baker's Loaf de Bedford ainda estava lá, assim como o Clara's Place, o museu do forte de Bedford e a Old Bedford Village. Eles passaram em frente ao Memorial Hospital, um simpático edifício de três andares, com fachada em tijolo aparente e um pórtico na entrada. Seu

pai se tornou famoso ali. Ela voltou a se lembrar das terríveis discussões entabuladas aos berros entre a mãe e o pai. Sempre a respeito da mesma coisa. Mas que coisa? Ela não conseguia se lembrar de cinco da tarde, Ashley voltou para o hotel e foi para o seu quarto. Mudou de roupa três vezes antes de decidir o que usar. Optou por um vestido simples e liso, preto. Ao entrar no ginásio da Escola de Segundo Grau da Região Administrativa de Bedford, todo decorado para as comemorações, ela se viu cercada por 120 estranhos de aspecto remotamente familiar. Alguns de seus antigos colegas de turma estavam absolutamente irreconhecíveis; outros, pouco haviam mudado. Ashley estava procurando uma única pessoa: Jim Cleary. Será que ele mudou muito? Estaria acompanhado da esposa? Muita gente começou a abordá-la.

- Ashley, eu sou Trent Waterson. Você está ótima!

- Obrigada! Você também, Trent.

- Eu gostaria de lhe apresentar minha mulher...

- Ashley! É realmente você, não é?

- Sou eu, sim. Ahn...

- Art. Art Davies. Você se lembra de mim? - Ele estava mal vestido e parecia pouco à vontade.

- Claro. Como vão as coisas, Art?

- Indo. Você sabe que eu queria ser engenheiro, mas não deu.

- Que pena!

- Mas, enfim, virei mecânico.

- Ashley! Eu sou Lenny Holland. Pelo amor de Deus, como você está linda!

- Obrigada, Lenny! - Ele engordara e estava usando um enorme anel de diamante no dedo mínimo.

- Estou trabalhando com imóveis; estou indo muito bem! Você se casou? Ashley hesitou.

- Não.

- Você se lembra de Nicky Brandt? Nós nos casamos. Temos gêmeos.

- Parabéns!

Era impressionante como as pessoas podiam mudar tanto em dez anos! Estavam mais gordas, mais magras... Bem de vida, arrasadas. Casadas, divorciadas... Com filhos, sem filhos...

Conforme a noite foi passando, o jantar foi servido, a música começou, e muita gente dançou. Ashley conversou com muitos dos antigos colegas de classe e se inteirou de suas vidas, mas sua mente estava em Jim Cleary. Ainda não havia sinal algum dele. Ele não vem, concluiu. Ele sabe que eu posso estar aqui e ficou com medo de me encarar.

Uma mulher atraente veio se aproximando.

- Ashley! Eu estava torcendo para encontrar você.

Era Florence Schiffer. Ashley ficou realmente feliz. Florence fora uma de suas amigas mais íntimas. As duas encontraram uma mesa ao canto, onde poderiam conversar.

- Você está ótima, Florence - disse Ashley.

- Você também. Sinto muito por ter chegado tão tarde. Meu bebê não estava passando muito bem. Desde a última vez em que nos vimos, eu me casei e me divorciei. Agora estou namorando um cara espetacular. E você? Desapareceu depois da festa de formatura! Eu tentei encontrá-la, mas você tinha ido embora da cidade.

- Eu fui para Londres - disse Ashley. - Meu pai me matriculou numa faculdade de lá. Nós fomos embora na manhã seguinte à formatura. - Mas eu tentei encontrá-la de todas as maneiras. Os detectives acharam que eu talvez soubesse onde você estava. Estavam à sua procura porque você e Jim Cleary eram namorados.

Ashley falou devagar:

- Os detectives?

- Claro! Que estavam investigando o assassinato.

Ashley sentiu o sangue fugir-lhe do rosto.

- Que... assassinato?

Florence estava olhando bem para ela.

- Meu Deus! Você não sabe?

- Sabe do quê? - perguntou Ashley, tensa. - Do que você está falando?

- No dia seguinte à festa de formatura, os pais de Jim chegaram em casa e encontraram o corpo. Ele foi morto a facadas... e castrado.

O salão começou a girar. Ashley se agarrou à borda da mesa.

Florence segurou-lhe o braço.

- Mas... Ashley, desculpe! Eu achava que você teria lido em algum lugar... Claro que não... Você tinha ido para Londres.

Ashley fechou os olhos, bem apertados. Ela se viu fugindo de casa naquela noite, rumando para a casa de Jim Cleary. Mas tinha voltado, preferindo esperar por ele de manhã. Se ao menos eu tivesse ido até lá, pensou, agoniada, ele ainda estaria vivo. E durante todos esses anos, eu só senti ódio por ele! Ai, meu Deus! Quem o teria matado? Quem...?

Ela chegou a ouvir a voz do pai: Mantenha as mãos longe da minha filha, entendeu bem?... Se eu vir você por aqui outra vez, vou quebrar todos os ossos do seu corpo.

Ela se levantou.

- Você vai me desculpar, Florence. Eu... eu não estou me sentindo muito bem.

E Ashley fugiu.

Os detectives. Devem ter entrado em contato com seu pai. Por que ele não me falou?

Ela pegou o primeiro avião de volta para a Califórnia. Só conseguiu dormir de manhã cedo. Teve um pesadelo. um vulto na escuridão esfaqueava Jim, e gritava com ele. O vulto saiu do escuro.

Era o pai dela.

Capítulo Cinco

Os meses que se seguiram foram de absoluta tristeza para Ashley. A imagem do corpo de Jim Cleary mutilado e ensanguentado repassava a toda hora por sua mente. Ela pensou em se consultar com o Dr. Speakman outra vez, mas sabia que não ousaria discutir esse assunto com mais ninguém. Sentia culpa só de pensar que o pai poderia ter feito uma coisa tão terrível assim. Afastava esse pensamento e tentava se concentrar no trabalho. Era impossível! Ela olhou com desânimo para um logotipo que acabara de esboçar.

Shane Miller a estava observando, apreensivo.

- Você está bem, Ashley?

Ela forçou um sorriso.

- Estou.

- Eu realmente sinto muito pelo seu amigo. - Ela lhe contara sobre Jim.

- Mas eu... eu vou superar isso.

- Que tal jantarmos juntos hoje à noite?

- Obrigada, Shane! Eu... eu ainda não estou preparada. Na semana que vem, quem sabe?

- Tudo bem. Se houver alguma coisa que eu possa fazer...

- Eu fico agradecida. Não há o que se possa fazer.

Toni falou para Alette:

- A dona Babacona está tendo um problema. Por mim, quero que ela se dane!

- Eu estou com pena dela. Ela está mal.

- Que se dane! Todo mundo tem problemas, não é mesmo, minha querida?

Quando Ashley estava saindo do trabalho numa sexta-feira à tarde, para um fim de semana prolongado, Dennis Tibble a deteve.

- Ei, doçura, estou precisando de um favor.
 - Você vai me desculpar, Dennis, mas eu...
 - Ei, espere aí. Não é nada disso! - Ele pegou o braço de Ashley - Preciso de um conselho do ponto de vista de uma mulher.
 - Dennis, eu não tenho a mínima vontade de...
 - Eu me apaixonei por alguém e quero me casar, mas estou com problemas. Você vai me ajudar?
- Ashley hesitou. Ela não gostava de Dennis Tibble, mas não viu mal algum em tentar ajudá-lo.
- Será que dá para esperar até amanhã?
 - Eu preciso conversar com você agora. É urgente mesmo.
- Ashley respirou fundo.
- Tudo bem.
 - Será que podemos ir para o seu apartamento?
- Ela balançou a cabeça.
- Não. - Jamais conseguiria fazê-lo ir embora.
 - Você toparia ir para o meu?
- Ashley hesitou.
- Tudo bem. - Assim, posso sair quando bem entender. Se eu conseguir ajudá-lo a conquistar a mulher por quem está apaixonado, talvez ele me deixe em paz.

Toni falou para Alette: - Puxa! Dona Maria Certinha vai para o apartamento do verme. Você acredita que possa ser idiota a esse ponto? Onde é que andam os miolos de araque dessa mulher?

- Ela só está tentando ajudar. Não há nada errado em...
- Ah, não me venha com essa, Alette! Quando é que você vai crescer, mulher? O cara só está querendo levá-la para o abatedouro.
- Nona. Non si fancos.
- Nem eu mesma teria sido capaz de dizer isso de uma forma melhor!

O apartamento de Dennis Tibble era decorado em neopesadelo. Havia pôs teres de antigos filmes de terror em todas as paredes, ao lado de folhinhas de mulheres nuas e animais selvagens comendo. Minúsculas esculturas eróticas em madeira abundavam pelas mesas.

Que apartamento de maluco, pensou Ashley. Mal podia esperar para ir embora dali.

- Sabe, achei legal você ter vindo. Fiquei sensibilizado. Se...
- Eu não posso demorar, Dennis - advertiu Ashley logo de início. - Fale logo sobre essa mulher por quem você se apaixonou.
- Ela é realmente demais! - Ele ofereceu um cigarro. - Quer um?
- Eu não fumo. - Ela o observou acender o cigarro.
- Quer beber alguma coisa?
- Eu não bebo.

Ele abriu um sorriso.

- Você não fuma, não bebe. Sobra uma actividade interessante, não é mesmo?

Ela falou com firmeza:

- Dennis, se você não...
- Eu só estava brincando. - Ele foi até o bar e se serviu de vinho. - Tome um pouco de vinho. Mal não vai fazer - Ele entregou o copo a ela.

Ela tomou um gole do vinho.

- Agora me fale da moça.

Dennis Tibble se sentou no sofá, ao lado de Ashley

- Eu nunca conheci ninguém igual. Ela é sexy como você e...
- Pare com isso, senão eu vou embora.
- Ei, isso foi um elogio. Enfim, ela está maluca por mim, mas a mãe e o pai dela têm uma vida social muito activa e me detestam.

Ashley não fez comentário algum.

- Então, o caso é o seguinte: se eu forço a barra, ela se casa comigo, mas se isola da família. Ela é muito chegada aos pais e, se nós nos casarmos, eles com certeza vão deserdá-la. Então, ela vai acabar um dia me culpando por isso. Entendeu o problema?

Ashley tomou mais um gole do vinho.

- Entendi. Eu...

Depois disso, o tempo pareceu se esvair no meio de uma neblina. Ela acordou devagar, sabendo que havia alguma coisa muito errada. Teve a sensação de ter sido drogada. O esforço para simplesmente abrir os olhos foi imenso. Ashley olhou ao redor do quarto e começou a entrar em pânico. Estava deitada numa cama, nua, num quarto de hotel barato. Conseguiu se sentar e começou a sentir a cabeça latejar. Não fazia idéia

de onde estava nem de como chegara ali. Havia um cardápio sobre a mesinha-de-cabeceira, e ela se esticou para pegá-lo. Chicago Loop Hotel. Ela tornou a ler, atônita. O que eu estou fazendo em Chicago? Quando tempo faz que estou aqui? A visita ao apartamento de Dennis Tibble fora na sexta-feira. Que dia é hoje?

Mais alarmada a cada instante, ela pegou o telefone.

- Pois não?

Foi difícil falar.

- Que... que dia é hoje

- Dia dezassete de...

- Não. Eu quero saber o dia da semana.

- Ah! segunda-feira. Você gostaria...

Ashley repôs o aparelho no gancho, estarecida. Segunda feira. Perdera dois dias e duas noites. Sentou-se na beira da cama, tentando se lembrar. Ela havia ido para o apartamento de Dennis Tibble... Tomara um copo de vinho... Depois disso, um hiato. Ele havia colocado algo no seu copo de vinho que a fizera perder a memória temporariamente. Ela já lera a respeito de incidentes nos quais fora usada essa droga, chamada "droga de estuprar namorada". Fora isso que ele lhe dera. O pretexto de precisar de um conselho tinha sido uma artimanha. E eu caí como uma boba! Ela não se lembrava de ter ido para o aeroporto, de ter tomado o avião para Chicago, nem de ter se hospedado neste hotelzinho infame com Tibble. E o que era pior - não se lembrava do que ocorrera neste quarto.

Preciso sair daqui, pensou Ashley, desesperada. Sentiu-se maculada, como se cada centímetro de seu corpo tivesse sido violado. O que ele lhe fizera? Ela tentou não pensar nisso. Saiu da cama, entrou no minúsculo banheiro e foi tomar um banho. Deixou que a água quente batesse contra o seu corpo, tentando lavar as coisas horríveis, sujas, que lhe pudessem ter sucedido. se ele a tivesse engravidado? A simples idéia de ter um filho dele a deixou enojada. Ashley saiu do chuveiro, secou-se e foi até o armário. Suas roupas haviam sumido. Ela encontrou ali somente uma minissaia de couro preto, um top barato e um par de sapatos de saltos bem altos, pontiagudos. Sentiu repugnância de se ver forçada a usar tais roupas, mas não teve escolha. Vestiu-se rapidamente e olhou-se no espelho. Parecia uma prostituta. Ashley examinou a

carteira. Somente quarenta dólares. O talão de cheques e o cartão de crédito ainda estavam lá. Graças a Deus! Ela saiu pelo corredor. Não havia ninguém. Pegou o elevador, desceu até o saguão mal conservado do hotel e foi até o balcão da recepção, onde entregou ao idoso funcionário o seu cartão de crédito.

- Já vai? - disse ele, em tom de zombaria - Mas tenho a impressão de que você se divertiu bastante, acertei?

Ashley ficou olhando para o homem, imaginando a que ele estaria se referindo e teve medo de descobrir. Sentiu-se tentada a perguntar-lhe quando Dennis Tibble havia deixado o hotel, mas achou melhor ficar calada.

O funcionário estava passando o seu cartão de crédito pelo aparelho de leitura. Ele fez uma careta e uma segunda tentativa.

Finalmente, falou:

- Moça, me desculpe, mas o cartão não está sendo aceito. Estourou o limite.

Ashley ficou boquiaberta.

- Isso é impossível. Deve ter havido um engano!

O velhinho deu de ombros.

- Não tem outro cartão?

- Não... não tenho. Vocês aceitam cheque?

Ele estava olhando para as roupas dela com um ar desabonador.

- Acho que sim, acompanhado da identidade.

- Preciso dar um telefonema...

- A cabine fica logo ali.

- Memorial Hospital de São Francisco...

- Dr. Steven Paterson.

- Um momento, por favor

- Consultório do Dr. Paterson.

- Sarah? Ashley. Preciso falar com o meu pai.

- Sinto muito, Ashley. Ele está na sala de operações e...

Ashley apertou o aparelho na mão e disse:

- Você sabe quanto tempo ainda vai demorar?

- É difícil dizer. Sei que há mais uma cirurgia marcada para depois...

Ashley teve de combater a histeria que começava a surgir.

- Eu preciso falar com ele. urgente. Você pode lhe dar um recado, por favor? Peça para ele me ligar, assim que puder. - Ela olhou para o número do telefone dentro da cabine e passou-o para a recepcionista do consultório do pai. - Eu vou esperar aqui até que ele me ligue.
- Não se preocupe que eu vou dar o seu recado.

Aguardou sentada no saguão durante quase uma hora, torcendo para que o telefone tocasse. Todos que por ali passavam olhavam para ela com estranheza, e Ashley se sentia despida dentro daquelas roupas vulgares que estava usando. Quando o telefone finalmente tocou, foi um susto.

Ela entrou correndo na cabine.

- Sim...
- Ashley? - era a voz de seu pai.
- Papai, eu...
- O que houve?
- Estou em Chicago e...
- O que você está fazendo em Chicago?
- Não dá para falar agora. Preciso de uma passagem de avião para San José. Não tenho nenhum dinheiro aqui comigo. Você pode me ajudar?
- Claro. Espere. - Três minutos depois, o pai voltou ao telefone. - Há um voo da American Airlines saindo do O'Hare às dez e quarenta; o número do voo é 407. Vou mandar deixar uma passagem para você no balcão de embarque. Eu vou pegá-la no aeroporto de San José e...
- Não! - Ela não podia deixar que ele a visse naqueles trajes. - Eu... eu vou para o meu apartamento mudar de roupa.
- Tudo bem. Eu vou pegá-la para almoçarmos juntos. E aí você me conta o que aconteceu.
- Obrigada, papai! Obrigada!

No voo de volta para casa, Ashley pensou na coisa imperdoável que Dennis Tibble tinha-lhe feito. Vou ter de ir à polícia, resolveu. Não posso deixá-lo assim, impune. A quantas outras mulheres ele já não fez isso? Quando regressou ao seu apartamento, Ashley teve a sensação de que havia voltado para um santuário. Mal pôde esperar para se livrar das roupas de mau gosto que estava vestindo. Tirou-as mais que depressa.

Achou que precisava de outro banho antes de ir se encontrar com o pai. Caminhou em direção ao seu armário e parou. Bem à sua frente, sobre a cómoda, havia uma ponta de cigarro.

Eles estavam sentados a uma mesa de canto num restaurante em The Oaks. O pai de Ashley a estudava, apreensivo.

- O que você foi fazer em Chicago?

- Eu... eu não sei.

Ele olhou para ela, intrigado.

- Você não sabe?

Ashley hesitou, tentando decidir se deveria contar-lhe o que acontecera. Talvez ele pudesse lhe dar algum conselho. Ela falou, comodamente:

- Dennis Tibble me pediu para ir ao seu apartamento a fim de ajudá-lo com um problema...

- Dennis Tibble? Aquele mau carácter? - Há muito, Ashley apresentara o pai aos colegas de trabalho. - Como você poderia ter alguma coisa a ver com ele?

Ashley imediatamente se deu conta de que cometera um erro.

Seu pai sempre reagira de forma exacerbada a qualquer problema que ela tivesse. Especialmente se envolvesse algum homem.

"Se eu vir você por aqui outra vez, vou quebrar todos os ossos do seu corpo."

- Não foi nada importante - disse Ashley.

- Eu quero ouvir a história.

Ashley ficou parada um instante, tomada por um pressentimento.

- Bem, eu tomei um drinque no apartamento dele e... à medida que falava, ela notava que o rosto do pai ia assumindo um ar sombrio. A expressão de seus olhos a amedrontava. Ela tentou encurtar a história.

- Não - insistiu o pai. - Quero ouvir tudo...

Ashley deitou-se em sua cama à noite, exausta demais para conciliar o sono, seus pensamentos a girar num turbilhão caótico. Se o que Dennis me fez vier a público, será uma humilhação. Todos no trabalho saberão o que aconteceu. Mas eu não posso deixá-lo fazer isso com todo mundo. Preciso contar à polícia. As pessoas haviam tentado adverti-la de que Dennis tinha uma obsessão por ela, mas Ashley ignorara os avisos.

Agora, repassando tudo em sua mente, ela podia perceber todos os sinais: Dennis sempre detestara ver qualquer outra pessoa conversando com ela, vivia insistindo para que saíssem juntos, sempre escutava sorrateiramente suas conversas...

Pelo menos agora sei quem é o maníaco que estava me perseguindo, pensou.; às 8 e 30 da manhã, quando Ashley estava se aprontando para ir para o trabalho, o telefone tocou. Ela atendeu:

- Ashley, é Shane. Você já ouviu a notícia?
- Que notícia?
- Está na televisão. Acabaram de encontrar o corpo de Dennis Tibble. Por um instante, a terra pareceu se mexer.
- Meu Deus! O que aconteceu?
- Segundo a polícia, alguém o matou a facadas e depois o castrou.

Capítulo Seis

O delegado Sam Blake havia conseguido seu posto na chefatura de polícia de Cupertino da maneira mais difícil: casara-se com a irmã do comissário, Serena Dowling, uma matrona com a língua afiada o suficiente para derrubar todas as árvores do estado de Oregon. Sam Blake foi o único homem que Serena conheceu capaz de lidar bem com ela. Era um sujeito baixinho, dócil, de bons modos, com a paciência de um santo. Por mais afrontoso que fosse o comportamento de Serena, ele sempre aguardava até que ela se acalmasse para só então conversar tranquilamente. Sam Blake viera para a chefatura porque o comissário Matt Dowling era o seu melhor amigo. Eles haviam crescido juntos e frequentaram a mesma escola. Blake apreciava o trabalho policial e era extremamente bom nisso. Era arguto, de uma inteligência apurada e uma tenacidade irredutível. Tal combinação fazia dele o melhor detective do departamento.

Bem cedo naquela manhã, Sam Blake e o comissário Dowling estavam tomando café juntos.

O comissário Dowling disse:

- Eu soube que a minha irmã lhe propiciou maus momentos ontem à noite. Nós recebemos meia dúzia de telefonemas dos vizinhos reclamando do barulho. Serena é a campeã do grito, não é mesmo?

Sam encolheu os ombros.

- Eu acabei conseguindo fazer com que ela se acalmasse, Matt.

- Graças a Deus ela não está mais morando comigo, Sam! Eu não sei o que dá nela. Esses ataques de nervos...

A conversa foi interrompida.

- Comissário... acabamos de receber uma ligação para a Central de Emergências. Houve um assassinato na Sunnyvale Avenue.

O comissário Dowling olhou para Sam Blake.

Blake assentiu.

- Deixa comigo.

Quinze minutos depois, o delegado Blake estava entrando no apartamento de Dennis Tibble. um polícia da ronda conversava com o síndico do prédio na sala de estar.

- Onde está o corpo? - perguntou Blake.

O polícia fez um gesto com a cabeça na direcção do quarto.

- Lá dentro, senhor - Ele estava pálido.

Blake entrou no quarto e parou, chocado. O corpo nu de um homem estava estendido em cima da cama, e a primeira impressão de Blake foi a de que o quarto estava encharcado de sangue. Ao dar alguns passos mais para perto da cama, percebeu de onde vinha o sangue. Os cacos pontiagudos de uma garrafa quebrada haviam perfurado as costas da vítima repetidas vezes, e alguns permaneciam no corpo. Os testículos da vítima haviam sido tirados.

Olhando para a cena, Blake sentiu uma pontada na virilha.

- Como pode um ser humano fazer uma coisa dessas? - disse ele em voz alta. Não havia sinal de arma, mas seria feita uma busca completa.

O delegado Blake voltou à sala para conversar com o síndico.

- Você conhecia o falecido?

- Conhecia, sim. Ele morava aqui neste apartamento.

- Qual era o nome dele?

- Tibble. Dennis Tibble.

O delegado Blake tomou nota.

- Há quanto tempo ele morava aqui?

- Quase três anos.

- O que você pode me contar sobre ele?

- Nada de mais. Tibble era bastante recatado, sempre pagava o aluguel em dia. De vez em quando trazia alguma mulher aqui. Acho que eram, em geral, profissionais.

- Você sabe onde ele trabalhava?

- Ah, sim. Na Corporação Global de Computação Gráfica.

Ele era um desses génios da informática.

O delegado Blake fez mais um apontamento.

- Quem encontrou o corpo?

- uma das empregadas. Maria. Ontem foi feriado, de forma que ela só veio hoje de manhã.

- Eu quero falar com ela.

- Pois não. Vou chamar a moça.

Era uma brasileira negra de aproximadamente quarenta anos, estava nervosa e assustada.

- Você encontrou o corpo, Maria?

- Não fui eu que fiz isso. Eu lhe juro. - Ela estava à beira de um ataque histérico. - Vou precisar de um advogado?

- Não. Não vai precisar de um advogado. Basta me dizer o que aconteceu.

- Não aconteceu nada. Quero dizer... eu entrei no apartamento hoje de manhã pra fazer a faxina, como sempre faço. Eu... eu achei que ele já tinha saído. Ele sempre sai às sete da manhã. Aí eu arrumei a sala e... Porra!

- Maria, você se lembra de como estava a sala antes da sua arrumação?

- Como assim?

- Você tirou alguma coisa do lugar? Tirou alguma coisa daqui?

- Ué, tirei! Tinha uma garrafa de vinho quebrada no chão. Estava tudo grudento. Eu...

- O que você fez com a garrafa? - perguntou ele, agitado.

- Coloquei no compactador de lixo, pra triturar.

- E fez mais o quê?

- Ora, eu limpei o cinzeiro e...

- Havia alguma guimba de cigarro dentro?

Ela parou, tentando se lembrar.

- Uma. Eu joguei na lata de lixo da cozinha.

- Vamos dar uma olhada. - Ele a seguiu até a cozinha, e ela apontou para uma lata de lixo. Dentro, havia uma guimba de cigarro com batom na ponta. O delegado Blake recolheu-a, cuidadosamente, com um envelope de provas.

Ele a levou de volta para a sala de estar.

- Maria, você sabe se sumiu alguma coisa do apartamento? Por acaso, tem a impressão de que qualquer coisa de valor possa ter desaparecido? Ela olhou ao redor.

- Acho que aquelas pequenas... O senhor Tibble gostava de coleccionar estatuetas. Gastava um dinheirão com isso! Parece que estão todas aqui.
- Então o motivo não foi roubo. Drogas? Vingança? Um caso amoroso que deu errado?

- O que você fez depois de arrumar a sala, Maria?

- Aspirei o pó daqui, como sempre faço. E depois... - Sua voz falhou. - Eu entrei no quarto... e o vi. - Ela olhou para o delegado Blake. - Juro que não fui eu que fiz isso.

O legista e seus assistentes chegaram numa viatura do instituto, trazendo o material para ensacar o corpo.

Três horas depois, o delegado Sam Blake estava de volta à chefatura de polícia.

- O que você achou, Sam?

- Pouca coisa! - O delegado sentou-se em frente ao comissário Dowling. - Dennis Tibble trabalhava na Global. Pelo que parece, era um desses génios da informática.

- Mas não foi génio o suficiente para evitar o próprio assassinato.

- Ele não foi só assassinado, Matt. Foi trucidado. Você deveria ter visto o que fizeram ao corpo dele! Só pode ter sido algum maníaco!

- Nenhuma pista?

- Não temos certeza do tipo de arma que foi usada para o crime, estamos aguardando os resultados do laboratório, mas talvez tenha sido uma garrafa de vinho quebrada. A empregada a jogou no compactador de lixo. Parece que há uma impressão digital em um dos cacos de vidro que estão nas costas dele. Falei com os vizinhos. Nada que me ajudasse. Nenhum deles viu ninguém entrando ou saindo do apartamento da vítima. Nenhum barulho incomum. Aparentemente, Tibble era um cara que ficava muito na dele. Não era do tipo de fazer amizade com vizinhos. uma coisa: Tibble fez sexo antes de morrer. Temos resquícios de secreção vaginal, pêlos pubianos, alguns outros vestígios e uma ponta de cigarro com batom. Vamos fazer o teste de DNA.

- Os jornais vão se fazer, Sam. Já estou vendo as manchetes; MANÍACO ATACA NO VALE DO SILÊNCIO. - O comissário Dowling soltou um suspiro. - Vamos resolver este caso o mais rápido que pudermos.

- Já estou a caminho da Global.

Ashley levou uma hora inteira para se decidir se deveria ir para o escritório. Sua aparência estava horrível. Basta olhar para mim e todos vão saber que há algo errado. Mas se eu não for, vão querer saber por quê. A polícia provavelmente estará lá, fazendo perguntas. Se me perguntarem, terei de dizer a verdade. Vão me culpar pela morte de Dennis Tibble. Mas se acreditarem em mim, e eu contar que o meu pai sabia o que ele tinha feito comigo, vão botar a culpa nele.

Ela pensou no assassinato de Jim Cleary. Chegou a ouvir a voz de Florence : os pais de Jim chegaram em casa e encontraram o corpo. Ele foi morto a facadas... e castrado. Ashley fechou os olhos, bem apertados. Meu Deus, o que está acontecendo? O que está acontecendo?

O delegado Sam Blake entrou no andar, onde grupos de funcionários com ar taciturno conversavam baixinho. Blake podia imaginar qual era o assunto das conversas. Ashley o observava apreensivamente, enquanto ele se encaminhava para o escritório de Shane Miller.

Shane se levantou para cumprimentá-lo.

- Delegado Blake? Certo. - Os dois trocaram um aperto de mãos.

- Queira sentar-se, delegado.

Sam Blake sentou-se.

- Fui informado de que Dennis Tibble era um dos funcionários da casa.

- Correcto. um dos melhores. Que tragédia horrível!

- Ele trabalhava aqui fazia uns três anos?

- Isso. Era o nosso génio. Não havia o que ele não fizesse com um computador.

- O que você sabe sobre a vida social dele?

Shane Miller balançou a cabeça.

- Não há muito o que contar, acho eu. Tibble era um tipo solitário.

- Você faz idéia se ele estava metido com drogas?

- Dennis? Não, de jeito algum. Ele era um maluco saudável.

- Jogava? Poderia estar devendo muito dinheiro para alguém?

- Não. Ele ganhava um salário muito bom, mas eu acho que era bastante controlado com dinheiro.

- E com mulheres? Tinha alguma namorada?
- As mulheres não sentiam muita atracção por Tibble. - Ele pensou um instante. - Mas, ultimamente, ele andava por aí dizendo que tinha alguém com quem estava pensando em se casar.

- Por acaso ele mencionou o nome?

Miller balançou a cabeça.

- Não. Pelo menos, não para mim.

- Você se importaria se eu conversasse com alguns dos seus funcionários?

- De forma alguma. Fique à vontade. Eu não posso deixar de dizer que estão todos muito abalados.

Ficariam ainda mais abalados se tivessem visto o corpo dele, pensou Blake.

Os dois saíram do escritório e se dirigiram aos demais.

Shane Miller falou em voz bem alta:

- Pessoal, atenção, por favor! Este é o delegado Blake. Ele gostaria de fazer algumas perguntas.

Os funcionários haviam interrompido o que estavam fazendo para prestar atenção.

O delegado Blake falou:

- Estou certo de que todos vocês já sabem do que aconteceu com Dennis Tibble. Precisamos da ajuda de todos para descobrir quem o matou. Algum de vocês sabe de algum inimigo que ele pudesse ter? Alguém que o detestasse o suficiente para querer matá-lo? - Silêncio. Blake prosseguiu: - Havia uma mulher com quem ele estava querendo se casar. Ele discutiu isso com algum de vocês?

Ashley estava sentindo dificuldade para respirar. Era hora de falar. Era hora de contar ao delegado o que Tibble havia feito com ela. Mas Ashley se lembrou do olhar do pai quando lhe falara sobre isso. Decerto todos iriam achar que a culpa era dele.

Seu pai não seria capaz de matar ninguém.

Era um médico.

Era um cirurgião.

Dennis Tibble fora castrado.

O delegado Blake estava dizendo:

-... e nenhum de vocês o viu depois que ele saiu daqui na sexta-feira?

Toni Prescott pensou: Vamos. Conte a ele, Maria Certinha.

Conte que você foi ao apartamento dele. Por que não confessa?

O delegado Blake ficou parado um momento, tentando ocultar sua decepção. - Bem, caso algum de vocês se lembre de qualquer coisa que possa ser útil, eu ficarei agradecido se me telefonar. O Sr. Miller está com o número do meu telefone. Obrigado!

Todos o observaram, enquanto ele se dirigia para a saída, acompanhado por Shane.

Ashley sentiu-se enfraquecer de alívio.

Blake se virou para Shane.

- Havia alguém aqui a quem ele fosse particularmente mais chegado?

- Não, eu suponho que não - falou Shane. - Acho que Dennis não tinha proximidade com ninguém. Ele sentia muita atracção por uma das nossas operadoras de computador, mas nunca chegou a ter nada com ela.

O delegado Blake parou.

- Ela está aqui agora?

- Está, mas...

- Eu gostaria de falar com ela.

- Tudo bem. Podem usar o meu escritório. - Eles voltaram, e Ashley os viu chegando. Estavam se encaminhando directo para o seu cubículo. Ela sentiu o rosto ruborizar-se.

- Ashley, o delegado Blake gostaria de conversar com você.

Então ele sabia! Ele ia lhe perguntar sobre a sua ida ao apartamento de Tibble. Preciso tomar cuidado, pensou Ashley

O delegado estava olhando para ela.

- Importa-se, Senhorita Paterson?

Ashley conseguiu dizer:

- Não, de forma alguma. - Ela o acompanhou até o escritório de Shane Miller

- Sente-se. - Os dois se sentaram. - Eu estou sabendo que Dennis Tibble tinha uma certa atracção pela senhorita.

- Eu... eu acho... -Cuidado! -... que sim.

- A senhorita saiu com ele?

Uma ida ao apartamento dele não seria a mesma coisa que sair com ele.

- Não.

- Ele lhe falou sobre essa mulher com quem queria se casar?

Ela estava cada vez mais apreensiva. Será que esta conversa estaria sendo gravada? Talvez ele já soubesse de sua ida ao apartamento de Tibble. Poderiam ter encontrado suas impressões digitais. Agora era a hora de contar ao delegado o que Tibble tinha feito. Mas se eu contar, pensou Ashley, em desespero, a conversa vai levar ao meu pai, e eles irão conectar isso ao assassinato de Jim Cleary. Será que sabiam disso também? Mas a chefatura de polícia de Bedford não teria razão alguma para informar à chefatura de polícia de Cupertino. Ou teria?

O delegado Blake a estava observando, à espera de uma resposta.

- Senhorita Paterson?

- O quê? Ah, desculpe! Eu fiquei tão perturbada com isso...

- Eu compreendo. O Sr. Tibble alguma vez mencionou essa mulher com quem queria se casar?

- Mencionou... mas nunca me disse o nome dela. - Isso, pelo menos, era verdade.

- A senhorita já esteve no apartamento de Tibble?

Ashley respirou profundamente. Se dissesse que não, o interrogatório provavelmente terminaria ali. Mas se eles tivessem encontrado suas impressões digitais...

- Estive.

- Esteve no apartamento dele? - Estive, sim.

Ele estava olhando mais atentamente para ela agora.

- A senhorita disse que nunca tinha saído com ele.

A mente de Ashley estava activa agora.

- Correcto. Não saí para namorar. Fui levar alguns papéis que ele tinha esquecido.

- Quando foi isso?

Ela se sentiu enrascada.

- Foi... faz mais ou menos uma semana.

- E essa foi a única vez em que esteve no apartamento dele?

- Isso mesmo.

Assim, se eles tivessem encontrado suas impressões digitais, ela estaria a salvo.

O delegado Blake ficou sentado, estudando-a, e ela se sentiu culpada. Ashley quis contar-lhe a verdade. Talvez algum ladrão tivesse entrado no

apartamento e o matado - o mesmo ladrão que tinha matado Jim Cleary dez anos antes e a cinco mil quilómetros dali. Se é que você acredita em coincidências! Se é que você acredita em Papai Noel! Se é que você acredita em fadas!

Maldito seja você, papai.

O delegado Blake falou:

- Foi um crime horrível. Não parece ter havido motivo algum. Mas eu lhe digo uma coisa, em todos esses anos que venho trabalhando no departamento, jamais vi um crime sem motivo.

- Não houve resposta alguma. - Você sabe se Dennis Tibble estava envolvido com drogas?

- Tenho certeza de que não.

- Então, o que nos resta? Não foram drogas. Ele não foi roubado. Não devia dinheiro a ninguém. Parece que sobra apenas o aspecto passional, não é mesmo? Alguém que estivesse com ciúmes dele. Ou um pai que quisesse proteger a filha.

- Eu estou tão intrigada quanto o senhor, delegado.

Ele a fitou com firmeza por um instante e seus olhos pareceram dizer: Não estou acreditando em você, mocinha.

O delegado Blake se levantou, pegou um cartão e o entregou a Ashley.

- Caso a senhorita consiga se lembrar de alguma coisa, eu ficarei grato se me der um telefonema.

- Eu darei, com certeza.

- Bom dia!

Ela esperou que ele saísse. Acabou. Papai está a salvo.

Quando Ashley voltou para seu apartamento naquela noite, havia um recado na secretária electrónica.

- Você me deixou excitadíssimo ontem à noite, gatinha. Fiquei alucinado. Mas você vai me dar uma atençãozinha hoje, conforme me prometeu. Na mesma hora, no mesmo lugar.

Ashley ficou ali parada, escutando, incrédula. Eu estou ficando maluca, pensou. Isto não tem nada a ver com meu pai. Deve ter mais alguém por trás desta história toda. Mas quem? E por quê?

Cinco dias depois, Ashley recebeu um extracto do seu cartão de crédito. Três itens lhe chamaram a atenção.

- Uma conta da loja Mod Dress, de 450 dólares.
- Uma conta da boate Circus, de 300 dólares.
- Uma conta do restaurante Louie's, de 250 dólares. Ela jamais ouvira falar da loja, da boate nem do restaurante.

Capítulo Sete

Ashley Paterson acompanhou as investigações do assassinato de Dennis Tibble pelos jornais e pela televisão todos os dias. A Polícia parecia ter chegado a um beco sem saída. Acabou, pensou Ashley. Não há mais nada com que me preocupar.

Naquela noite, o delegado Sam Blake apareceu em seu apartamento. Ashley olhou para ele, sua boca subitamente ressecada.

- Espero não estar incomodando - disse o delegado. - Eu estava a caminho de casa e achei que seria bom passar por aqui.

Ashley engoliu em seco.

- Não é incômodo algum. Pode entrar.

O delegado Blake entrou no apartamento.

- Você tem uma bela casa.

- Obrigada!

- Aposto que Dennis Tibble não gostava deste tipo de mobília.

O coração de Ashley começou a palpitar

- Não sei. Ele nunca esteve neste apartamento.

- Ah, achei que pudesse ter estado, você sabe.

- Não, eu não sei, delegado. Eu lhe disse que nunca namorei com ele.

- Isso mesmo. Posso me sentar?

- Faça o favor

- Sabe, é que estou tendo um problemão com este caso, Senhorita Paterson. Ele não se encaixa em nenhum dos padrões. Conforme eu disse, sempre há um motivo, Eu já falei com algumas das pessoas da Global e parece que ninguém conhecia Tibble muito bem. Ele era um cara muito recatado.

Ashley ficou escutando, à espera do baque.

- A bem da verdade, pelo que me contaram, a senhorita era a única por quem ele se interessava.

Havia ele descoberto alguma coisa, ou estava tentando obter alguma informação dela.

Ashley falou com cuidado:

- Ele estava interessado em mim, delegado, mas eu não sentia nada por ele. Deixei isso bem claro para ele.

O delegado assentiu.

- Sabe, eu acho que foi gentil da sua parte ir ao apartamento dele entregar-lhe os tais papéis.

Ashley quase disse "Que papéis?", mas de repente se lembrou.

- Não foi incómodo algum. Estava no meu caminho.

- Certo. Alguém devia odiar muito Tibble para fazer o que fez.

Ashley ficou sentada, tensa, sem dizer nada.

- Sabe o que eu odeio? - falou o delegado Blake. - Assassinatos que não são solucionados. Sempre me deixam frustrado. Porque quando um assassinato fica sem solução, eu não acho que isso signifique que os criminosos foram tão espertos assim. Mas sim que a polícia não foi suficientemente esperta. Bem, até agora, dei sorte. Resolvi todos os crimes que me caíram nas mãos. - Ele levantou-se. - Não pretendo desistir deste. Caso consiga pensar em qualquer coisa que possa ser útil, a senhorita vai me ligar, não vai?

- Claro que vou.

Depois que o delegado saiu, Ashley pensou: Será que ele veio até aqui como uma advertência? Será que sabe mais do que está me contando?

Toni estava mais absorta do que nunca na Internet. Gostava mais dos bate-papos com Jean Claude, mas isso não a impedia de ter outros correspondentes nos chat rooms. A cada chance que tinha, sentava-se diante do computador, e as mensagens digitadas iam de um lado para o outro, respingando na tela do computador.

- Toni? Por onde você tem andado? Eu vivo no chat room à sua espera.

- Vale a pena esperar por mim, meu querido. Fale-me de você. O que você faz?

- Eu trabalho numa farmácia. Nós podemos nos dar bem.

Você transa drogas?

- Caia fora.

- É você, Toni?

- A resposta aos seus sonhos. você, Mark?

- Eu, mesmo.

- Faz um bom tempo que você não aparece aqui pela Internet.

- Tenho andado ocupado. Eu gostaria de conhecer você, Toni.

- Mark, me diga uma coisa, o que você faz?

- Sou bibliotecário.

- Que legal! um monte de livros e tudo mais...

- Quando a gente pode se encontrar?

- Por que você não pergunta a Nostradamus?

- Oi, Toni, meu nome é Wendy.

- Oi, Wendy

- Você parece ser uma pessoa divertida.

- Gosto da vida.

- Talvez eu possa ajudá-la a gostar ainda mais.

- Qual é a sua sugestão?

- Sabe, espero que você não seja uma dessas pessoas de mentalidade estreita, que têm medo de experimentar coisas novas que possam ser interessantes. Eu gostaria de lhe propiciar uns bons momentos.

- Obrigada, Wendy! Você não tem o equipamento de que preciso.

E então, Jean Claude Parent voltou.

- Bon nuit. Comment ça va? Como vai?

- Muito bem. E você?

- Senti saudades. Estou querendo muito conhecer você em pessoa.

- Eu também. Obrigada por ter me enviado a sua fotografia. Você é bonito.

- E você é linda. Eu acho que é muito importante nós nos conhecermos. A sua empresa vem para a convenção de informática aqui em Quebeque?

- O quê? Não, que eu saiba! Quando vai ser?

- De hoje a três semanas. Muitas empresas grandes virão. Vou torcer para que você venha.

- Eu também.

- Vamos nos encontrar no chat room amanhã no mesmo horário?

- Claro. Até amanhã.
- Demain.

Na manhã seguinte, Shane Miller foi até a mesa de Ashley

- Ashley, você está sabendo sobre essa grande convenção de informática que vai ser realizada em Quebeque?

Ela assentiu.

- Estou. Parece interessante.

- Eu estava discutindo agorinha mesmo se deveríamos enviar um pessoal nosso para lá.

- Todas as empresas vão estar representadas - disse Ashley.

- A Symantec, a Microsoft, a Apple. A prefeitura de Quebeque está preparando um grande espetáculo para todo mundo. E uma viagem dessas poderia valer como um presente de Natal.

Shane Miller sorriu pelo entusiasmo dela.

- Vou estudar o assunto.

Na manhã seguinte, Shane Miller chamou Ashley ao seu escritório.

- O que você acha de passar o Natal em Quebeque?

- Nós vamos? Que legal - falou Ashley, entusiasmada.

Antigamente, ela passava os feriados natalinos com o pai, mas este ano estava abominando a idéia.

- É melhor levar muita roupa de frio.

- Não se preocupe. Vou levar. Estou ansiosa para viajar, Shane!

Toni estava no chat room da Internet.

- Jean Claude, a empresa vai enviar um grupo nosso para Quebeque!

- Formidável! Fico muito satisfeito. Quando você vai chegar?

- De hoje a duas semanas. Seremos quinze ao todo.

- Merveilleux! Tenho a impressão de que algo muito importante vai acontecer

- Eu também.

Algo muito importante.

Ashley assistia ansiosamente aos noticiários toda noite, mas não havia progresso algum quanto ao assassinato de Dennis Tibble. Ela começou a relaxar. Se a polícia não conseguisse associá-la ao caso, não haveria como fazer qualquer ligação com seu pai. Ela chegou a se preparar meia dúzia de vezes para falar com ele sobre o assunto, mas todas as vezes acabou retrocedendo. E se ele fosse inocente? Seria capaz de perdoá-la por acusá-lo de assassino? E se ele for culpado - eu não quero saber, pensou Ashley . Eu não poderia aguentar. E se ele fez essas coisas terríveis, em sua mente, fez isso para me proteger Pelo menos, não vou precisar encará-lo neste Natal.

Ashley telefonou para o pai em São Francisco. Ela disse, sem preâmbulos:

- Não vou poder passar o Natal com você este ano, papai. Minha empresa está me enviando para uma convenção no Canadá.

Houve um prolongado silêncio.

- O momento não é muito propício, Ashley. Você e eu sempre passamos o Natal juntos.

- Não tenho como evitar...

- Você é tudo que eu tenho, sabe disso.

- Eu sei, papai, e... você é tudo que eu tenho.

- É o que importa.

Importa a ponto de chegar a matar por causa disso?

- Onde vai ser a convenção?

- Em Quebeque....

- Ah! É um lugar maravilhoso. Não vou lá há anos. Sabe o que eu vou fazer? Não tenho nada marcado no hospital nessa época. Vou pegar um avião para me encontrar com você lá, e vamos cear juntos.

Ashley falou rapidamente:

- Acho que não é um a...

- Faça uma reserva para mim no hotel em que você for se hospedar. Não é bom quebrar a tradição, certo?

Ela ficou um pouco indecisa e acabou dizendo devagar:

- Não, papai. Não é.

Como é que eu vou encará-lo?

Alette estava empolgada. Falou para Toni:

- Eu nunca fui a Quebeque. Há museus por lá?

- Claro que há - disse -lhe Toni. - Lá tem de tudo. Muitos desportos de inverno. Esqui, patinação no gelo...

Alette estremeceu.

- Eu odeio o frio. Não quero saber de esportes. Mesmo de luvas, meus dedos ficam enregelados. Prefiro visitar os museus...

No dia 21 de dezembro, o grupo da Global chegou ao Aeroporto Internacional Jean-Lesage, em Sainte-Foy, e foi levado ao famoso Chateau Frontenac, em Quebeque. Fazia um frio tremendo, abaixo de zero, e as ruas estavam cobertas de neve. Jean Claude dera a Toni o número do telefone de sua casa. Ela ligou para ele assim que se instalou no hotel.

- Espero que eu não esteja ligando muito tarde.

- Mas não! Não posso acreditar que você esteja aqui. Quando vou poder vê-la?

- Bem, nós todos vamos ao centro de convenções amanhã de manhã, mas eu poderia dar uma fugidinha para almoçar com você.

- Bon! Há um restaurante, Le Paris-Brest, na Grande Allée Est. Você pode se encontrar comigo lá à uma da tarde?

- Estarei lá.

O Centre des Congres de Quebeque, no René Lévesque Boulevard, é a última palavra em edifícios de aço e vidro, com quatro andares e capacidade para receber milhares de participantes numa só convenção. Às nove da manhã, os enormes saguões estavam abarrotados de peritos em informática oriundos de todos os cantos do mundo, trocando as mais recentes informações sobre os desenvolvimentos da área. Eles ocupavam as salas de multimídia, os estandes de mostra e os centros de vídeo-conferência. Meia dúzia de seminários ocorriam simultaneamente. Toni estava enfadada.

Muita conversa, nenhuma acção, pensou. às 12 e 45, ela saiu sorrateiramente do centro de convenções e pegou um táxi para o restaurante.

Jean Claude estava à sua espera. Ele pegou-lhe na mão e disse carinhosamente:

- Toni, estou muito feliz por você ter vindo.

- Eu também.

- Vou tentar lhe propiciar uma estada bastante agradável por aqui - disse

-lhe Jean Claude. - Esta é uma linda cidade para se explorar.

Toni olhou para ele e sorriu.

- Eu sei que vou gostar.

- E eu gostaria de passar o maior tempo possível com você.

- Você consegue algum tempo livre? E a joalheria?

Jean Claude sorriu.

- Ela vai ter de se arranjar sem mim.

O maitre trouxe os cardápios.

Jean Claude falou para Toni:

- Você gostaria de experimentar os nossos pratos franco canadenses?

- Boa idéia!

- Então, por favor, deixe-me escolher - Ele falou para o maitre: - Nous voudrions le Brome Lake Duckling. - E explicou a Toni: - É um prato daqui, pato cozido ao molho de calvados, com recheio de maçã.

- Parece delicioso.

Realmente era.

Durante o almoço, eles contaram um ao outro o seu passado.

- Então, você nunca se casou? - perguntou Toni.

- Não. E você?

- Também não.

- Não encontrou o homem certo?

Oh, Deus, não seria maravilhoso se fosse assim tão simples?

- Não.

Eles conversaram sobre Quebeque e o que havia para se fazer na cidade.

- Você sabe esquiar?

Toni assentiu.

- Eu adoro.

- Ah, bon, moi, aussi. E têm também as motocicletas de uso exclusivo sobre a neve, os famosos snowmobiles, tem patinação no gelo, lojas para se fazer compras...

Havia algo de juvenil no entusiasmo dele. Toni jamais havia se sentido tão à vontade com alguém antes.

Shane Miller providenciou para que seu grupo frequentasse as actividades matinais da convenção, de forma que ficassem com as tardes livres.

- Não há muitas opções para se divertir por aqui - queixou-se Alette com Toni. - Além disso, está um frio de rachar. O que você vai fazer?

- Tudo. - Toni sorriu.

- A pitardi.

Toni e Jean Claude almoçaram juntos todos os dias, e à tarde Jean Claude levava Toni para passear. Ela nunca tinha visto uma cidade igual a Quebeque. Foi como descobrir um pitoresco vilarejo francês da viragem do século em plena América do Norte. As ruazinhas antigas tinham nomes simpáticos, como Escadaria do Quebra-Pescoço, Embaixo do Forte e Salto do Marinheiro. Era como uma cidade feita de cartões-postais do fim do século passado, emoldurada pela neve.

Eles visitaram La Citadelle, com suas muralhas de protecção em torno da Quebeque Velha, e assistiram à tradicional troca da guarda dentro do forte. Exploraram as ruas de lojas comerciais, Saint Jean, Cartier, C te de la Fabrique, e passearam pelo Quartier Petit Champlain.

- Este aqui é o bairro comercial mais antigo da América do Norte - disse-lhe Jean Claude.

- Magnífico!

Aonde quer que fossem, havia reluzentes árvores de Natal, presépios e música para satisfação daqueles que passeavam.

Jean Claude levou Toni ao campo para andar de snowmobile.

Quando estavam descendo por uma ladeira estreita, ele gritou:

- Você está gostando?

Toni percebeu que não foi uma pergunta sem propósito. Ela assentiu e disse baixinho:

- Estou achando maravilhoso.

Alette passou todo o seu tempo livre nos museus. Visitou a basílica de Notre-Dame, a capela do Bom Pastor e o museu de Santo Agostinho, mas não sentiu interesse por nada mais que Quebeque tivesse a oferecer. Havia dúzias de restaurantes com cozinhas especializadas, mas quando não fazia suas refeições no hotel, ela preferia almoçar ou jantar na Le Comensal, uma lanchonete de comida vegetariana.

De tempos em tempos, Alette pensava no seu amigo artista, Richard Melton, em São Francisco, e imaginava o que ele estaria fazendo e se estaria pensando nela.

Ashley temia a chegada do Natal. Estava tentada a telefonar para o pai e lhe dizer que não viesse. Mas que desculpa eu posso dar? Você é um assassino; eu não quero vê-lo?

E a cada dia o Natal estava mais próximo.

- Eu gostaria de lhe mostrar minha joalheria - falou Jean Claude para Toni. - Você gostaria de conhecê-la?

Toni assentiu.

- Adoraria.

A joalheria Parents ficava no coração de Quebeque, na rue Notre-Dame. Quando eles passaram pela porta, Toni ficou atônita. Pela Internet, Jean Claude tinha dito: "Sou dono de uma lojinha de jóias. " Era uma loja enorme, de muito bom gosto. Havia meia dúzia de funcionários, todos atendendo clientes.

Toni olhou ao redor e falou:

- Nossa!... Isto aqui é magnífico!

Ele sorriu.

- Merci! Eu gostaria de lhe dar um cadeau... um presente, de Natal.

- Não. Não precisa. Eu...

- Por favor, não me prive do prazer - Jean Claude levou Toni até uma vitrine cheia de anéis. - Mostre-me de qual você gostou.

Toni balançou a cabeça.

- Eles são caros demais. Eu não poderia...

- Por favor.

Toni o analisou durante um momento e, em seguida, assentiu.

- Tudo bem. - Ela examinou a vitrine outra vez. Bem no centro havia um enorme anel de esmeralda, incrustado de diamantes.

Jean Claude percebeu que ela o estava admirando.

- Você gostou do anel de esmeralda?

- É lindo. Mas é muito...

- É seu. - Jean Claude tirou uma pequena chave, destrancou a vitrine e pegou o anel.

- Não, Jean Claude...

- Pour moi. - Ele colocou o anel no dedo de Toni. Coube perfeitamente.

- Voilà! um sinal.

Toni apertou a mão dele entre as suas.

- Eu... eu nem sei o que dizer

- E eu não tenho como lhe dizer o prazer que isto me dá. Existe um restaurante maravilhoso aqui chamado Pavillon. Você gostaria de jantar lá hoje à noite?

- Onde você quiser.

- Eu vou pegá-la às oito.

às seis daquela mesma tarde, o pai de Ashley telefonou.

- Sinto muito, mas vou decepcioná-la, Ashley. Não poderei estar aí no Natal. um paciente meu, um homem muito importante, que vive na América do Sul, teve um derrame. Vou pegar o próximo voo para a Argentina esta noite.

- Mas... mas que pena, papai! - disse Ashley. Ela tentou ser convincente.

- Mas nós haveremos de arranjar um jeito para compensar isso; você não concorda, minha querida?

- Claro, papai. Espero que você faça uma boa viagem.

Toni estava ansiosa para jantar com Jean Claude. A noite prometia ser maravilhosa. Enquanto estava se vestindo, ela cantou baixinho para si mesma.

*"Subindo e descendo a rua da cidade
Entra tostão, sai tostão. Ora, ora!
assim que o dinheiro se vai.
Mas a lontra - pluft! - foi embora. "*

Acho que Jean Claude está apaixonado por mim, mamãe.

O Pavillon fica na cavernosa Gare du Palais, a antiga estação ferroviária de Quebeque. um restaurante grande, com um bar comprido na entrada e fileiras de mesas que se estendem até o fundo.

Toda noite, às onze horas, eles afastam uma dúzia de mesas para perto das paredes laterais, criando uma pista de dança, e um disc jockey assume o comando com fitas das mais variadas, passando do reggae, ao jazz e aos blues.

Toni e Jean Claude chegaram às nove e foram calorosamente cumprimentados à porta pelo dono.

- Monsieur Parent. É sempre um prazer revê-lo.
- Obrigado, André! Esta é a Senhorita Toni Prescott, Sr. Nicholas.
- Muito prazer, Senhorita Prescott. Sua mesa está reservada.
- A comida é excelente aqui - assegurou Jean Claude a Toni quando eles já estavam sentados. -Vamos começar tomando um champanhe.

Eles pediram paillard de vitela, torpille, salada e uma garrafa de Valpolicella.

Toni continuava admirando o anel de esmeralda que Jean Claude lhe dera.

- É tão lindo! - exclamou.

Jean Claude se inclinou por cima da mesa.

- Tu aussi. Não há como lhe dizer da alegria que estou sentindo por termos finalmente nos encontrado.

- Eu também não tenho palavras - disse Toni baixinho.

A música começou. Jean Claude olhou para Toni.

- Você gostaria de dançar?

- Adoraria!

Dançar era uma das paixões de Toni, e quando chegava à pista de dança, ela se esquecia de tudo mais. Era uma menininha dançando com o pai, e a mãe dizendo: "Que menina desajeitada! " Jean Claude estava dançando bem próximo a ela.

- Você dança muito bem.

- Obrigada! - Ouviu só, mamãe?

Toni pensou: Eu gostaria que isto não tivesse fim, que continuasse assim para sempre.

No caminho de volta para o hotel, Jean Claude falou:

- Chérie... você gostaria de passar na minha casa para coroarmos a noite?

Toni se mostrou um pouco indecisa e disse:

- Hoje não, Jean Claude.

- Amanhã, pode ser?

Ela apertou-lhe a mão.

- Amanhã.

Às três da madrugada, o polícia René Picard fazia a ronda pela Grande Allée, no Quartier Montcalm, quando percebeu que a porta da frente de uma casa de dois andares com fachada em tijolos aparentes estava escancarada. Ele estacionou a viatura junto ao meio-fio e saiu para investigar. Caminhou até à porta e chamou: - Bon soir Y a-t-il, quelqu'un? Não houve resposta alguma. A casa estava tranquila, de uma forma que não parecia natural. Desabotoando a cartucheira, o policial Picard entrou e começou a vasculhar o primeiro andar, perguntando se havia alguém à medida que passava de um cómodo para outro. A única resposta que obteve foi um estranho silêncio. Ele voltou ao saguão de entrada. Havia uma bela escadaria que levava ao andar de cima.

- Allo! - Nada.

O policial Picard começou a subir a escada. Quando chegou ao último degrau, sua arma já estava na mão. Ele tornou a chamar e pôs-se a andar

pelo corredor comprido. Logo adiante, encontrou a porta de um quarto entreaberta. Aproximou-se dela, escancarou-a e empalideceu.

- Mon Dieu!

às cinco horas da mesma madrugada, no edifício de pedras cinzas e tijolos amarelos do Story Boulevard, onde ficava a Central de Polícia, o inspetor Paul Cayer estava perguntando:

- O que temos aí?

O polícia Guy Fontaine respondeu:

- O nome da vítima é Jean Claude Parent. Ele foi esfaqueado pelo menos uma dúzia de vezes e castrado. O legista diz que o assassinato ocorreu há três ou quatro horas. Encontramos um recibo do restaurante Pavillon no bolso do paletó de Parent. Ele tinha jantado lá ontem à noite. Nós tiramos o dono do restaurante da cama.

- E então?

- Monsieur Parent esteve no Pavillon com uma mulher chamada Toni Prescott, uma morena, muito atraente, com sotaque inglês. O gerente da joalheria de monsieur Parent disse que, durante o dia, monsieur Parent havia levado à loja uma mulher, que correspondia à mesma descrição, que apresentou como Toni Prescott. Ele lhe deu um anel de esmeralda muito caro. Nós também acreditamos que monsieur Parent tenha praticado sexo com alguém antes de morrer e que a arma do crime tenha sido a lâmina de aço de uma espátula de abrir envelopes de papel. Havia impressões digitais nela. Nós as enviámos para o nosso laboratório e para o FBI. Estamos aguardando os laudos.

- Vocês já pegaram essa Toni Prescott?

- Non.

- E por que não?

- Não conseguimos encontrá-la. Verificamos em todos os hotéis. Procuramos em nossos arquivos e nos do FBI. Ela não tem certidão de nascimento, não está cadastrada na previdência social, nem carteira de habilitação.

- Impossível. Será que ela saiu da cidade?

O polícia Fontaine balançou a cabeça.

- Acho que não, inspector. O aeroporto fechou à meia-noite. O último comboio saiu de Quebeque ontem às cinco e trinta e cinco da tarde. O primeiro comboio partirá hoje às seis e trinta e nove. Enviámos uma descrição dela para a estação rodoviária, para as duas empresas de táxi e para a companhia de limusines.

- Pelo amor de Deus! Temos o nome, a descrição e as impressões digitais dela. Essa mulher não pode desaparecer assim.

Uma hora depois, chegou o laudo do FBI. Eles não haviam conseguido identificar as impressões digitais. Não havia registro algum de Toni Prescott.

Capítulo Oito

Cinco dias depois de Ashley ter voltado de Quebeque, seu pai estava ao telefone.

- Acabei de voltar
- Voltar? -Ashley precisou de um instante para se recordar
- Ah, o seu paciente na Argentina. Como vai ele?
- Vai sobreviver
- Que bom!
- Você pode vir até São Francisco para jantarmos amanhã?

Ela estremeceu diante da simples ideia de encará-lo, mas não conseguiu pensar em desculpa alguma.

- Tudo bem.
- Vamos nos encontrar no restaurante Lulu. às oito.

Ashley estava esperando no restaurante quando o pai entrou. Mais uma vez ela percebeu os olhares de admiração estampados nos rostos das pessoas. Seu pai era um homem famoso. Ele arriscaria tudo que tinha só para...?

Ele estava à mesa.

- Que bom ver você, minha querida! Fiquei sentido pela ceia de Natal!

Ela se forçou a dizer:

- Eu também.

Ashley estava olhando para o cardápio, sem vê-lo, tentando colocar os pensamentos em ordem.

- O que você vai querer?
- Eu... eu não estou com muita fome - disse ela.
- Você precisa comer alguma coisa. Está ficando magra demais.
- Vou querer frango, então...

Ela ficou olhando para o pai, enquanto ele fazia o pedido, e imaginou se teria coragem de comentar sobre o assunto.

- Como foram as coisas em Quebeque?

- Tudo muito interessante - disse Ashley. - A cidade é linda.

- Precisamos ir lá juntos uma hora dessas.

Ela tomou uma decisão e tentou manter o tom de voz o mais à vontade que conseguiu.

- Precisamos, sim. A propósito... em junho último eu fui à reunião de dez anos de formatura da minha turma do segundo grau em Bedford.

Ele assentiu.

- E gostou?

- Não. - Ela falou devagar, escolhendo as palavras com cuidado. - Eu... descobri que no dia seguinte à nossa partida para Londres, o corpo de Jim Cleary. . foi encontrado. Ele foi esfaqueado... e castrado. - Ela ficou sentada, olhando para ele, esperando uma reacção.

O Dr. Paterson franziu o cenho.

- Cleary? Ah, sim! Aquele rapaz que vivia atrás de você! Eu a salvei das mãos dele, não salvei?

O que significaria aquilo? Seria uma confissão? Ele a teria salvado de Jim Cleary matando-o?

Ashley respirou profundamente e prosseguiu.

- Dennis Tibble foi assassinado da mesma forma. Foi esfaqueado e castrado. - Ela ficou olhando para o pai, enquanto ele pegava um pãozinho e passava a manteiga com delicadeza.

Quando ele finalmente se pronunciou, disse:

- Não me surpreende, Ashley. As pessoas ruins costumam encontrar o fim que merecem.

E ali estava um médico falando, um homem dedicado a salvar vidas. Eu jamais vou entendê-lo, pensou Ashley. E nem sei se quero. Quando o jantar terminou, Ashley não tinha conseguido chegar muito perto da verdade.

- Eu gostei muito de Quebeque, Alette. Eu gostaria de voltar um dia. Você se divertiu? - disse Toni.

- Eu gostei dos museus. - falou Alette, timidamente.

- Você já telefonou para o seu namorado em São Francisco?

- Ele não é meu namorado.
- Aposto que você quer que ele seja, não é?
- Fosse. Talvez.
- Por que não liga para ele?
- Acho que não ficaria bem eu...
- Ligue.

Eles marcaram para se encontrar no museu De Young.

- Senti saudade de você - falou Richard Melton. - Como foram as coisas em Quebeque?

- Va bene.
- Eu gostaria de ter ido com você.

Talvez um dia, pensou Alette, esperançosa.

- Como está indo a sua pintura?
 - Nada mal. Acabei de vender um dos meus quadros para um colecionador muito conhecido.
 - Fantástico! - Ela ficou satisfeita. E não conseguiu deixar de pensar. É tão diferente quando estou com ele! Se fosse qualquer outra pessoa, eu pensaria: E quem teria o mau gosto de dar algum dinheiro pelos seus quadros? ou Não vá largar o seu emprego ou uma centena de outros comentários cruéis. Mas não faço isso com Richard.

Alette sentiu uma incrível sensação de liberdade, como se tivesse encontrado a cura para uma doença debilitante.

Eles resolveram almoçar no museu.

- O que você vai querer? - perguntou Richard. - O rosbife daqui é ótimo.
 - Eu sou vegetariana.
 - Tudo bem. - vou comer uma salada. Obrigada!
- uma garçonete jovem e atraente veio atendê-los.
- Oi, Richard!
 - Oi, Bemice!

Inesperadamente, Alette sentiu uma pontada de ciúmes. Sua reação a surpreendeu.

- Vocês já querem fazer o pedido?
- Por favor. A Senhorita Peters vai querer uma salada, e eu vou comer um sanduíche de rosbife.

A garçonete estava analisando Alette. Ela está com ciúmes de mim?, indagou Alette a si própria. Quando a garçonete se foi, Alette falou:

- Que moça bonita! Você a conhece bem? - Ela corou imediatamente. Eu gostaria de não ter feito esta pergunta.

Richard sorriu.

- Eu venho sempre aqui. No início, quase não tinha dinheiro. Eu pedia um sanduíche, e Berenice me trazia um banquete. Ela é ótima.

- Ela parece ser muito legal - falou Alette. E pensou: Ela tem as coxas grossas.

Depois de fazerem o pedido, eles conversaram sobre pintores.

- E um dia eu quero ir a Giverny - disse Alette -, onde Monet pintava.

- Você sabia que Monet começou como caricaturista?

- Não.

- É verdade. Depois ele conheceu Boudin, que virou seu professor e o convenceu a começar a pintar ao ar livre. Existe uma história interessante sobre isso. Monet ficou tão aficcionado por pintar fora do ateliê, que quando resolveu reproduzir a imagem de uma mulher num jardim, numa tela com quase três metros de altura, mandou cavar uma vala no meio do jardim para poder erguer ou baixar a tela com polias. Esse quadro está no Museu d'Orsay, em Paris.

O tempo passou rápida e alegremente.

Depois do almoço, Alette e Richard passearam pelas diversas mostras do museu. Havia mais de quarenta mil objectos na colecção, tudo desde artesanato egípcio antigo até pintura contemporânea norte-americana.

Alette se sentia radiante por estar na companhia de Richard e por não ter nenhum pensamento negativo. Che cosa significa? É um guarda uniformizado se aproximou deles.

- Boa tarde, Richard!

- Boa tarde, Brian! Esta é minha amiga, Alette Peters. Brian Hill.

Brian falou para Alette:

- Está gostando do museu?

- Ah, sim. É maravilhoso.

- Richard está me ensinando a pintar - disse Brian.

Alette olhou para Richard.

- É mesmo?

Richard falou, com modéstia:

- Ora, eu só o estou orientando!

- Ele está fazendo mais do que isso, senhorita. Eu sempre quis ser pintor. Foi por isso que aceitei este emprego no museu, porque adoro arte. Enfim, Richard vem sempre aqui, e é pintor. Quando vi o trabalho dele, pensei: "Quero ser como ele. " Então, perguntei se ele não queria me dar aulas, e ele tem sido um ótimo professor! A senhorita já viu alguns dos quadros dele?

- Já vi, sim - disse Alette. - São magníficos.

Quando os dois se afastaram de Brian, Alette falou:

- É muito legal da sua parte fazer uma coisa dessas, Richard.

- Eu gosto de fazer coisas pelas pessoas - e ele estava olhando para Alette.

Assim que saíram do museu, Richard falou:

- Meu companheiro de quarto foi a uma festa hoje à noite. Por que não damos um pulinho no meu apartamento? - Ele sorriu. - Eu gostaria de lhe mostrar alguns dos meus quadros.

Alette apertou a mão dele.

- Ainda não, Richard.

- Como você quiser. Vamos nos ver no fim de semana que vem?

- Vamos.

E ele não tinha ideia do quanto ela estava ansiando por isso.

Richard caminhou junto com Alette até o estacionamento onde ela havia deixado o carro. Ele ficou acenando, enquanto ela partia.

Quando estava deitada para dormir naquela noite, Alette pensou: como se fosse um milagre. Richard me libertou. Ela adormeceu, sonhando com ele.

Às duas da madrugada, o companheiro de quarto de Richard Melton, Gary, chegou de uma festa de aniversário. O apartamento estava às

escuras. Ele acendeu as luzes da sala.

- Richard?

Foi em direção ao quarto. à porta, ele olhou para dentro do cómodo e teve ânsias de vômito.

- Acalme-se, meu filho. - O polícia Whittier olhou para a figura que tremia sentada na poltrona. - Agora, vamos repassar toda a história. Ele tinha inimigos, alguém que o detestava a ponto de fazer uma coisa dessas?

Gary engoliu em seco.

- Não. Ninguém... todo mundo gostava de Richard.

- Existe alguém que não gostava. Há quanto tempo você e ele estavam juntos?

- Dois anos.

-Vocês eram amantes?

- Pelo amor de Deus! - disse Gary, indignado. - Não. Éramos amigos, compartilhávamos o apartamento por uma questão financeira.

O polícia Whittier olhou ao redor do pequeno ambiente.

- Com toda a certeza, não foi roubo - disse. - Não há o que roubar por aqui. O seu companheiro de quarto estava saindo com alguém, estava tendo algum romance?

- Não... ou melhor, sim. Ele andava interessado numa garota. Acho que estava começando a gostar dela.

- Você sabe o nome dela?

- Sei. Alette. Alette Peters. Ela trabalha em Cupertino.

O polícia Whittier e seu parceiro Reynolds se entreolharam.

- Cupertino?

- Meu Deus! - disse Reynolds.

Trinta minutos depois, o polícia Whittier estava ao telefone com o comissário Dowling.

- Comissário, achei que o senhor gostaria de saber que estamos com um assassinato aqui com o mesmo modus operandi que vocês tiveram em Cupertino: vários ferimentos causados por objecto contundente pontiagudo e castração.

- Meu Deus!

- Acabei de ter uma conversa com o FBI. O computador deles mostra que houve três castrações com morte muito semelhantes a esta. A primeira ocorreu em Bedford, na Pensilvania, cerca de dez anos atrás, a segunda com um homem chamado Dennis Tibble, que foi o seu caso, depois houve o mesmo modus operandi em Quebeque e agora este.

- Não faz sentido. Pensilvania... Cupertino. . Quebeque... São Francisco... Há alguma conexão?

- Estamos tentando encontrar. É necessário passaporte para ir a Quebeque. O FBI está fazendo uma verificação cruzada para ver se alguém que tenha estado em Quebeque na época do Natal estava em alguma destas outras cidades à época dos assassinatos...

Quando a mídia ouviu rumores do que estava acontecendo, suas histórias se espalharam pelas primeiras páginas do mundo inteiro:

"MANÍACO ASSASSINO À SOLTA.."

Em todas as redes, psicólogos arrogavam-se o poder de analisar os assassinatos:

"... e todas as vitimas eram homens. Devido à forma como eles foram esfaqueados e castrados, o autor seria indubitavelmente um homossexual que..."

"... portanto, conseguindo encontrar uma conexão entre as vitimas, a polícia acabará descobrindo que tudo isso foi obra de uma amante desprezada por esses homens..."

"... mas eu diria tratar se de assassinatos aleatórios, cometidos por alguém cuja mãe fosse dominadora..."

No sábado de manhã, o polícia Whittier telefonou de São Francisco para o delegado Blake.

- Delegado, tenho novidades.

- Diga.

- Acabo de receber um telefonema do FBI. Cupertino consta como residência de uma norte-americana que estava em Quebeque na data do assassinato de Parent.

- Muito interessante! E qual é o nome dela?

- Paterson. Ashley Paterson.

Às seis horas daquela mesma tarde, o delegado Sam Blake tocou a campainha do apartamento de Ashley Paterson. Ainda diante da porta fechada, ela ouviu a própria pergunta proferida com cautela:

- Quem é?

- Delegado Blake. Eu gostaria de conversar com a Senhorita Paterson.

Houve um silêncio prolongado e, em seguida, a porta foi aberta.

Ashley estava ali de pé, com uma expressão de alerta no rosto.

- Posso entrar?

- Pois não. - Seria algo sobre o meu pai? Preciso tomar cuidado. Ashley conduziu o delegado a um sofá. - Em que posso ser útil, delegado?

- A senhorita se importaria de responder a algumas perguntas?

Ashley se ajeitou no sofá, pouco à vontade.

- Eu... eu não sei. Estou sob suspeita de alguma coisa?

Ele lhe abriu um sorriso reconfortante.

- Nada disso, Senhorita Paterson. só uma questão de rotina. Estamos investigando alguns assassinatos.

- Eu não sei nada de assassinato algum - apressou-se em dizer. Teria se apressado demais?

- A senhorita esteve em Quebeque recentemente, não esteve?

- Estive.

- Conhece Jean Claude Parent?

- Jean Claude Parent? - Ela pensou um instante. - Não. Nunca ouvi falar.

Quem é?

- É dono de uma joalheria em Quebeque.

Ashley balançou a cabeça.

- Não comprei nenhuma jóia em Quebeque.

- A senhorita trabalhava com Dennis Tibble.

Ashley sentiu o medo retornar. Aquilo tinha a ver com o seu pai. Ela falou, cautelosa:

- Eu não trabalhava com ele. Dennis trabalhava na mesma empresa que eu.

- Certo. A senhorita costuma ir a São Francisco, não é?

Ashley ficou a imaginar onde aquilo poderia acabar. Cuidado!

- De vez em quando, sim.

- Alguma vez teve a oportunidade de conhecer um artista plástico chamado Richard Melton?

- Não. Eu não conheço ninguém com esse nome.

O delegado Blake ficou sentado, estudando Ashley, frustrado.

- Senhorita Paterson, se importaria de vir à chefatura de polícia para fazer um teste poligráfico? Se desejar, pode chamar o seu advogado e...

- Não preciso de um advogado. Farei o teste com prazer.

O perito em poligrafia se chamava Keith Rosson e era um dos melhores. Teve de cancelar um compromisso para jantar, mas ficou satisfeito em poder atender Sam Blake.

Ashley estava sentada numa cadeira, conectada aos fios do polígrafo. Rosson já vinha conversando com ela fazia quarenta e cinco minutos, obtendo informações sobre o seu passado e avaliando o seu estado emocional. Agora estava pronto para começar.

- Está se sentindo confortável?

- Estou.

- Bom. Vamos começar - Ele apertou um botão. - Qual é o seu nome?

- Ashley Paterson.

Os olhos de Rosson passavam de Ashley para o gráfico impresso pelo polígrafo.

- Quantos anos tem, Senhorita Paterson?

- Vinte e oito.

- Onde mora?

- Na vila Via Camino, número 10. 964, em Cupertino.

- Tem emprego?

- Tenho.

- Gosta de música clássica?

- Gosto.

- Conhece Richard Melton?
- Não.
- Não houve alteração do gráfico.
- Onde trabalha?
- Na Corporação Global de Computação Gráfica.
- Gosta do seu trabalho?
- Gosto.
- Trabalha cinco dias por semana?
- Trabalho.
- Conheceu Jean Claude Parent?
- Não.

O gráfico continuou sem alterações.

- Tomou café da manhã hoje?
- Tomei.
- Matou Dennis Tibble?
- Não.

As perguntas prosseguiram durante mais trinta minutos e foram repetidas três vezes, em sequências diferentes.

Quando terminou a sessão, Keith Rosson entrou no escritório de Sam Blake e entregou-lhe o teste do polígrafo.

- Limpinha! Há menos de um por cento de chances de ela estar mentindo. Você pegou a pessoa errada.

Ashley saiu da chefatura de polícia, aliviada. Graças a Deus isso acabou! Ela estava aterrorizada com a possibilidade de eles lhe fazerem perguntas que pudessem envolver seu pai, mas isso não aconteceu. Agora ninguém vai poder associar papai a qualquer assassinato.

Ela estacionou o carro na garagem e pegou o elevador para o seu andar. Destrancou a porta, entrou e tornou a trancá-la com cuidado. Estava exausta e, ao mesmo tempo, rejubilada. um bom banho quente, pensou. Entrou no banheiro e ficou lívida. Sobre o espelho do banheiro, alguém escrevera com batom vermelho brilhante "VOCÊ VAI MORRER".

Capítulo Nove

Ashley estava combatendo a histeria. Seus dedos tremiam tanto, que ela discou três vezes, tentando acertar o número. Respirou fundo e tentou novamente. Dois... nove... nove... dois... um... zero... um... O telefone começou a tocar

- Delegacia de polícia.
- O delegado Blake, por favor. Depressa!
- O delegado Blake foi para casa. Será que outra pessoa...?
- Não! Eu... Você pode pedir para ele me ligar? Aqui quem fala é Ashley Paterson. Eu preciso falar com ele imediatamente.
- Queira aguardar na linha um momentinho, senhorita, que eu vou ver se consigo localizá-lo.

O delegado Sam Blake estava escutando pacientemente a mulher, Serena, que falava aos berros.

- Meu irmão bota você pra trabalhar feito um burro de carga, dia e noite, e não lhe paga o suficiente pra você me sustentar com decência. Por que você não exige um aumento? Por quê?

Eles estavam à mesa de jantar

- Pode me passar as batatas, querida?

Serena pegou o prato de batatas e bateu com ele sobre a mesa em frente ao marido.

- O problema é que eles não sabem o quanto você vale.
- Tem razão, querida. Pode me passar o molho?
- Você não está escutando o que eu estou dizendo? - gritou ela.
- Cada palavra, meu amor. O jantar está delicioso. Você é uma ótima cozinheira.
- Como é que eu posso brigar com você, seu idiota, se você não briga comigo?

Ele abocanhou uma garfada de vitela.

- É porque eu amo você, minha querida.

O telefone tocou.

- Com licença! - Ele se levantou e atendeu. - Alô... Pois não... Pode colocá-la na linha. Senhorita Paterson? - Ele ouviu os soluços dela.

- É uma coisa... uma coisa terrível aconteceu. O senhor precisa vir até aqui imediatamente.

- Estou a caminho.

Serena se levantou.

- O quê? Você vai sair? Nós ainda nem acabamos de jantar!

- É uma emergência, querida. Vou voltar assim que puder. - Ela o viu a fivelar a cartucheira. Ele se inclinou sobre ela e a beijou. - Que jantar maravilhoso!

Ashley abriu a porta assim que ele chegou. Seu rosto estava manchado de lágrimas. Ela tremia.

Sam Blake entrou no apartamento, esquadrinhando o ambiente com cautela.

- Tem mais alguém aqui?

- Alguém... esteve aqui. - Ela estava se esforçando para manter o autocontrole. - Venha ver... - Ela o levou até o banheiro.

O delegado Blake leu as palavras escritas no espelho em voz alta:

- Você vai morrer

Ele se virou para Ashley.

- Alguma idéia de quem poderia ter escrito isso?

- Não - disse ela. - O apartamento é só meu. Ninguém mais tem a chave... E alguém tem vindo aqui... Anda me seguindo. Alguém está planejando me matar. - E irrompeu em lágrimas.

- Eu não aguento mais isso.

Ashley estava aos prantos, fora de controle. O delegado Blake colocou o braço ao redor dos ombros dela e a confortou.

- Tenha calma. Vai ficar tudo bem. Nós vamos lhe dar protecção e vamos descobrir quem está por trás disso.

Ela respirou fundo.

- Desculpe! Eu... eu não costumo me comportar desse jeito... é que tem sido horrível para mim.

- Vamos conversar - falou Sam Blake.

Conseguindo abrir um sorriso a muito custo, Ashley respondeu:

- Tudo bem.

- Que tal tomarmos uma boa xícara de chá?

Eles ficaram sentados, conversando e tomando chá quente.

- Quando foi que tudo isso começou, Senhorita Paterson?

- Mais ou menos... uns seis meses atrás. Eu sentia que estava sendo seguida. A princípio, era só uma impressão meio vaga, mas aí começou a tomar vulto. Eu sabia que estava sendo seguida, mas não conseguia ver ninguém. Então, lá no trabalho, alguém entrou no meu computador e desenhou um braço, a mão empunhando uma faca, querendo me... querendo me atacar

- E a senhorita faz idéia de quem poderia ter sido?

- Não.

- A senhorita disse que alguém entrou neste apartamento antes de hoje?

- Isso. Uma vez, alguém acendeu todas as luzes quando eu não estava. Outra vez, eu encontrei uma ponta de cigarro sobre a minha cómoda. Eu não fumo. E alguém abriu a gaveta e mexeu nas... nas minhas roupas íntimas. - Ela respirou Fundo. - E agora... isso aí!

- A senhorita tem algum namorado que possa estar se sentindo rejeitado?

Ashley balançou a cabeça.

- Não.

- Participou de alguma negociação onde alguém possa ter perdido dinheiro por sua causa?

- Não.

- Nenhuma ameaça de ninguém?

- Não. - Ela pensou em lhe contar sobre o fim de semana perdido em Chicago, mas com isso poderia ter de mencionar o pai. Preferiu não dizer nada.

- Eu não quero ficar sozinha aqui hoje à noite - falou Ashley

- Tudo bem. Vou ligar para a delegacia e pedir que eles mandem alguém para...

- Não! Por favor! Estou com medo, não consigo confiar em mais ninguém. O senhor poderia ficar aqui comigo, só até amanhã de manhã?

- Acho que eu não...

- Ah, por favor. - Ela tremia.

Ele a fitou nos olhos e achou que nunca tinha visto ninguém tão aterrorizado assim.

- Não haveria algum lugar onde a senhorita pudesse passar a noite? Não tem amigos que...?

- E se for um dos meus amigos quem está fazendo isso?

Ele assentiu.

- Está certo. Então, eu fico. Quando amanhecer, vou providenciar proteção vinte e quatro horas por dia para a senhorita.

- Obrigada! - A voz dela soou aliviada.

Ele afagou a mão de Ashley

- E não se preocupe. Eu lhe prometo que vamos chegar ao fundo disso tudo. Deixe-me telefonar para o comissário Dowling e contar-lhe o que está acontecendo.

O telefonema durou cinco minutos e, ao terminar, ele falou:

- É melhor eu ligar para a minha mulher.

- Claro.

O delegado Blake tornou a pegar o aparelho e discou.

- Alô, , querida! Não vou voltar para casa hoje à noite, de modo que acho que seria uma boa idéia você ver televisão e...

- Você não vai o quê? Onde você está, com uma dessas suas putinhas baratas?

Ashley pôde ouvir os gritos dela ao telefone.

- Serena...

- A mim você não engana.

- Serena...

- É só nisso que vocês homens pensam... dar uma trepadinha.

- Serena...

- Quer saber de uma coisa? Eu não vou mais tolerar isso, não!

- Serena...

- É essa a gratidão que eu recebo por ser uma esposa tão boa...

A conversa unilateral continuou durante mais dez minutos.

Finalmente, o delegado Blake desligou o aparelho e se virou para Ashley, constrangido.

- Eu tenho de pedir desculpas. Ela não é assim.

Ashley olhou para ele e disse:

- Eu entendo.

- Não... eu estou falando sério. Serena age dessa maneira porque está com medo.

Ashley olhou para ele, curiosa.

- Medo?

Ele ficou em silêncio por um momento.

- Serena está morrendo. Ela tem câncer. A doença não se manifestou durante algum tempo. Começou há sete anos. Nós estamos casados há cinco.

- Então, o senhor já sabia...?

- Sabia. Mas não me importei. Eu a amo. - Ele parou de falar - Tem piorado ultimamente. Ela anda assustada porque está com medo de morrer e teme que eu a abandone. Toda aquela gritaria serve para encobrir o medo.

- Eu... eu sinto muito.

- Ela é uma pessoa maravilhosa. No fundo, é gentil, carinhosa, amável. Esta é a Serena que eu conheço.

- Eu peço desculpas por ter causado um ... - falou Ashley

- De jeito algum! - Ele olhou ao redor

- Só há um quarto. O senhor pode ficar lá. Eu dormirei no sofá - disse Ashley

O delegado Blake balançou a cabeça.

- O sofá está bom para mim.

- Eu nem sei como lhe agradecer - falou ela.

- Não tem problema, Senhorita Paterson. - Ele a observou ir até um armário para pegar lençóis e cobertores.

Ela foi ao sofá e esticou o lençol.

- Espero que o senhor...

- Perfeito. Eu não pretendo dormir muito mesmo. - Ele verificou as janelas para se certificar de que estivessem bem fechadas e depois foi até à porta, dando duas voltas na tranca. - Tudo certo. - Ele colocou a arma sobre a mesa ao lado do sofá.

- Durma bem. De manhã, nós vamos organizar tudo direitinho.

Ashley assentiu. Foi até ele e deu-lhe um beijo no rosto.

- Obrigada!

O delegado Blake esperou que ela entrasse no quarto e fechasse a porta. Voltou às janelas e verificou-as novamente. A noite seria longa.

Na sede do FBI em Washington, o agente Ramirez conversava com Roland Kingsley, o chefe de sua secção.

- Temos as impressões digitais e os laudos do DNA encontrados nas cenas dos crimes de Bedford, Cupertino, Quebeque e São Francisco. Acabamos de receber o último laudo do DNA. Todas as impressões digitais tiradas in loco coincidem, e os traços de DNA também.

Kingsley assentiu.

- Então, trata-se definitivamente de um só maníaco assassino.
- Não há dúvida.
- Vamos encontrar o canalha.

às seis horas da manhã, o corpo nu do delegado Sam Blake foi encontrado pela mulher do síndico no beco situado atrás do edifício onde ficava o apartamento de Ashley Paterson.

Ele fora esfaqueado e castrado.

Capítulo Dez

Eles eram cinco: o comissário Dowling, dois detectives à paisana e dois policiais uniformizados. Estavam de pé na sala, olhando para Ashley, que estava sentada numa poltrona, chorando histericamente.

- A senhorita é a única pessoa que pode nos ajudar - disse o comissário Dowling.

Ashley olhou para todos eles e assentiu. Ela respirou fundo várias vezes.

- Eu... eu vou tentar.

- Vamos começar pelo princípio. O delegado Blake passou a noite aqui?

- Passou, sim. Eu tinha pedido a ele. Eu estava desesperada de medo.

- Este apartamento tem um quarto.

- Isso mesmo.

- Onde o delegado Blake dormiu?

Ashley apontou para o sofá, que tinha um cobertor e um travesseiro em cima.

- Ele... ele passou a noite ali.

- A que horas a senhorita foi dormir?

Ashley pensou um instante.

- Deve... deve ter sido em torno da meia-noite. Eu estava nervosa. Nós tomamos chá juntos e conversamos um pouco, até que me senti mais calma. Aí, eu trouxe os cobertores, lençóis e um travesseiro para ele, em seguida fui para o meu quarto. - Ela estava se esforçando para manter o autocontrole.

- Essa foi a última vez que a senhorita o viu?

- Foi.

- E depois foi dormir?

- Não de imediato. Acabei tomando um comprimido para dormir. A próxima coisa de que me lembro é de ser acordada pelos berros de uma mulher no beco. - Ela começou a tremer.

- A senhorita acha que alguém entrou neste apartamento e matou o delegado Blake?

- Eu... eu não sei - falou Ashley, desesperada. - Alguém tem entrado aqui. Chegaram até a escrever uma ameaça no espelho do banheiro.

- Ele me falou sobre isso ao telefone.

- Ele pode ter ouvido alguma coisa e ido lá fora investigar - disse Ashley
O comissário Dowling balançou a cabeça.

- Eu acho que ele não teria ido lá fora nu.

- Eu não sei! Eu não sei! Isto é um pesadelo - gritou Ashley, cobrindo os olhos com as mãos.

O comissário Dowling falou:

- Eu gostaria de dar uma olhada no apartamento. Vou precisar de um mandato de busca?

- Claro que não. F-fique à vontade.

O comissário Dowling fez um aceno de cabeça para os detectives. um deles entrou no quarto. O outro foi para a cozinha.

- Sobre o que a senhorita e o delegado Blake conversaram?

- Eu contei a ele sobre... sobre as coisas que andam acontecendo comigo. Ele ficou muito... - Ela levantou o rosto e olhou para o comissário Dowling. - Por que alguém iria matá-lo? Por quê?

- Eu não sei, Senhorita Paterson. Nós vamos descobrir.

O tenente Elton, o detective que inspeccionara a cozinha, estava parado à porta.

- Posso falar com o senhor um instantinho, comissário?

- Com licença. O comissário Dowling entrou na cozinha.

- O que foi?

- Encontrei isto na pia - disse o tenente. Ele estava segurando, pela borda da lâmina, uma faca de carne manchada de sangue. - Não foi lavada. Acho que vamos conseguir algumas impressões.

Kostoff, o segundo detective, saiu do quarto para a sala e entrou apressado na cozinha. Estava segurando um anel de esmeralda, incrustado de diamantes.

- Encontrei isto aqui na caixa de jóias dentro do quarto. Atende à descrição que recebemos de Quebeque sobre o anel que Jean Claude Parent deu a Toni Prescott.

Os três se entreolharam.

- Isto não está fazendo sentido algum - disse o comissário de polícia. Cuidadosamente, ele pegou a faca de carne e o anel e voltou para a sala.

Estendeu a faca e disse: - Senhorita Paterson, esta faca é sua? Ashley olhou para ela.

- Eu... é, sim. Pode ser. Por quê?

O comissário Dowling estendeu o anel.

- A senhorita já viu este anel antes? Ashley olhou para ele e balançou a cabeça.

- Não.

Ashley respirou fundo.

- Nós o encontramos na sua caixa de jóias.

Eles observaram a expressão dela. Estava completamente atônita.

Ela sussurrou:

- Eu... alguém deve tê-lo colocado lá...

- Quem faria uma coisa dessas? O rosto dela estava pálido.

- Eu não sei.

Um detective entrou pela porta da frente.

- Comissário?

- Diga, Baker - Ele levou o detective para um canto. - O que você conseguiu?

- Encontramos manchas de sangue no tapete do corredor e no elevador. Parece que o corpo foi colocado num lençol, arrastado até o elevador e jogado no beco.

- Puta merda! - O comissário Dowling se virou para Ashley

- Senhorita Paterson, está presa. Vou informá-la dos seus direitos: tem o direito de permanecer em silêncio. Tudo que disser poderá ser usado contra a senhorita num tribunal de justiça. Tem o direito de usar os serviços de um advogado. Se não tiver como pagar um advogado, um será indicado pelos tribunais para defendê-la.

Quando eles chegaram à delegacia, o comissário Dowling falou:

- Tirem as impressões digitais dela; podem autuá-la.

Ashley passou pelos procedimentos como um autômato. Depois de concluídos, o comissário Dowling falou:

- A senhorita tem direito a fazer um telefonema.

Ashley olhou para ele e falou, apática:

- Não tenho para quem telefonar. Não posso telefonar para o meu pai.

O comissário Dowling esperou que Ashley fosse levada para uma cela.

- Quero ser mico de circo se eu conseguir entender isto! Você viu o teste poligráfico dela? Eu seria capaz de jurar que era inocente.

O detective Kostoff entrou.

- Sam praticou sexo antes de morrer. Nós passamos uma luz ultravioleta sobre o corpo dele e o lençol em que estava enrolado. Obtivemos resultado positivo para sémen e secreção vaginal. Nós...

O comissário Dowling grunhiu.

- Espere aí. - Ele vinha protelando o momento em que teria de dar a notícia à irmã. Precisava ser agora. Ele soltou um suspiro e disse: - Logo mais eu volto. Vinte minutos depois, ele estava na casa de Sam.

- Ora, mas que prazer inesperado - falou Serena. - Sam está com você?

- Não, Serena. Eu preciso lhe fazer uma pergunta. - Isso ia ser difícil.

Ela estava olhando para ele, curiosa.

- Pois não?

- Você e Sam tiveram relação sexual nas últimas vinte e quatro horas?

A expressão no rosto dela mudou.

- O quê? Nós... Não. O que você quer. ? Sam não vai voltar, não é?

- Odeio ter de lhe dizer, mas ele...

- Ele me trocou por ela, não foi? Eu sabia que isto iria acontecer. Não posso culpá-lo. Eu era uma mulher terrível para ele. Eu...

- Serena, Sam morreu.

- Eu estava sempre gritando com ele. Não queria agir assim. Eu me lembro...

Ele a pegou pelos braços.

- Serena, Sam morreu.

- E uma vez, nós estávamos indo para a praia e...

Ele a estava sacudindo.

- Serena, me escute. Sam está morto.

-... e íamos fazer um piquenique.

Quando a fitou nos olhos, ele percebeu que ela o tinha ouvido.

- E aí nós estávamos na praia e chegou um homem e disse: "Passe o dinheiro." E Sam falou: "Mostre a sua arma primeiro."

O comissário Dowling ficou ali parado e deixou-a falar. Ela estava em estado de choque, negando o acontecido.

-... esse era o Sam. Eu quero que você me fale dessa mulher com quem ele fugiu. É bonita? Sam vive me dizendo que eu sou bonita, mas sei que

não sou. Ele diz isso para me lisonjear, porque me ama. Ele nunca vai me abandonar. Ele vai voltar. Você vai ver. Ele me ama. - Ela continuou falando.

O comissário Dowling foi até o telefone e discou um número.

- Mande uma enfermeira para cá. - Ele foi até a irmã e a abraçou. - Vai ficar tudo bem.

- Eu lhe contei sobre a vez em que eu e Sam...?

Quinze minutos depois, chegou a enfermeira.

- Cuide bem dela - disse o comissário Dowling.

Houve uma reunião no escritório do comissário Dowling.

- Ligação para você na linha um .

O comissário Dowling pegou o telefone.

- Alô?

- Comissário, aqui fala o agente especial Ramirez, da sede do FBI em Washington. Temos algumas informações para o senhor sobre a série de assassinatos. Não tínhamos impressões digitais de Ashley Paterson no arquivo porque ela não tinha antecedentes criminais, e antes de 1988, o departamento de trânsito não exigia a impressão do polegar no estado da Califórnia para conceder a carteira de motorista.

- Prossiga.

- No início, achamos que poderia ter havido uma falha do computador, mas fomos verificar e...

Durante os cinco minutos que se seguiram, o comissário Dowling ficou ali ouvindo, com uma expressão de incredulidade estampada no rosto. Quando enfim falou, ele disse:

- Você tem certeza de que não há erro algum nisso? Não parece... Todas elas...? Entendo... Muito obrigado!

Ele desligou e ficou sentado um longo instante. Enfim, se levantou.

- Era do laboratório do FBI em Washington. Eles terminaram de fazer a verificação cruzada das impressões digitais nos corpos das vítimas. Jean Claude Parent, em Quebeque, estava saindo com uma inglesa chamada Toni Prescott quando foi assassinado.

- Correcto.

- Richard Melton, em São Francisco, estava saindo com uma italiana chamada Alette Peters quando foi assassinado.

Todos assentiram.

- E ontem à noite Sam Blake estava com Ashley Paterson.

- Certo.

O comissário Dowling respirou fundo.

- Ashley Paterson...

- E daí?

- Toni Prescott...

- Sim?

- Alette Peters...

- E então?

- Porra! São todas a mesma pessoa.

Livro Dois

Capítulo Onze

Robert Crowther, o corrector de imóveis da firma Bryant & Crowther, abriu a porta com um floreio e anunciou:

- Este é o terraço. Dá para ver a torre Coit daqui.

Ele observou o jovem casal caminhar até a balaustrada. A vista era magnífica, a cidade de São Francisco se expandia abaixo deles, formando um panorama espectacular. Robert Crowther viu o casal trocar um olhar e um sorriso furtivo e se divertiu com isso. Estavam tentando esconder a empolgação. O padrão era sempre igual: Compradores em potencial acreditavam que, se mostrassem muito entusiasmo, o preço poderia subir.

Por esta cobertura duplex, pensou Crowther com ironia, o preço já é suficientemente alto. Ele estava apreensivo quanto ao poder aquisitivo do casal. O homem era advogado, e jovens advogados não ganhavam tanto dinheiro assim.

Era um casal atraente, obviamente apaixonado. David Singer tinha pouco mais de trinta anos, era louro e parecia inteligente, com um cativante ar infantil. Sua mulher, Sandra, era muito bonita e carinhosa.

Robert Crowther percebeu a barriga saliente dela e disse:

- O segundo quarto seria perfeito para uma criança. Há uma pracinha a um quarteirão daqui, e duas escolas no bairro. - Não deixou de perceber os dois trocando aquele sorriso secreto novamente.

A cobertura duplex consistia numa suíte com banheiro e um segundo quarto no andar de cima. No primeiro andar, havia uma sala de estar bem ampla e outra de jantar, uma biblioteca, uma cozinha, um terceiro

quarto e dois banheiros. Quase todos os cômodos tinham vista para a cidade.

Robert ficou observando o casal dar mais uma volta por todo o apartamento. Eles pararam a um canto e conversaram um pouco, aos sussurros.

- Eu adorei - disse Sandra a David. - E seria ótimo para o bebê. Mas, meu bem, será que nós vamos conseguir pagar? São seiscentos mil dólares.

- E mais as taxas - acrescentou David. - O lado ruim é que não podemos pagar hoje. O lado bom é que vamos ser capazes de pagá-lo na quinta-feira. O gênio vai sair de dentro da lâmpada mágica e nossa vida vai mudar.

- Eu sei - falou ela, alegre. - Que maravilha!

- E então, vamos comprar?

Sandra respirou fundo.

- Vamos, sim.

David abriu um sorriso, fez um amplo gesto com a mão e disse:

- Seja bem-vinda à sua casa, Sra. Singer.

De braços dados, eles foram até onde Robert Crowther os aguardava.

- Vamos ficar com este apartamento - falou David.

- Parabéns! É uma das melhores opções de moradia em São Francisco. Vocês vão ser muito felizes aqui.

- Com certeza.

- E tiveram sorte. Não posso deixar de dizer-lhes que temos algumas outras pessoas interessadas nesta cobertura.

- Qual é o valor da entrada?

- É um depósito de dez mil dólares agora, já é o bastante. Eu vou mandar preparar a papelada. Quando assinarem a proposta de compra e venda, serão mais sessenta mil dólares a pagar. O seu banco pode providenciar um plano de prestações mensais para quitação em vinte ou trinta anos.

David olhou para Sandra.

- Tudo bem.

- Vou mandar providenciar a papelada.
- Podemos dar mais uma olhadela no apartamento? - perguntou Sandra, ansiosa.

Crowther exibiu um sorriso benevolente.

- Pode olhar o tempo que quiser, Sra. Singer. Ele é seu.
- Parece um sonho maravilhoso, David. Nem consigo acreditar que esteja acontecendo de verdade.
- Pois está acontecendo. - David a abraçou. - Eu quero realizar todos os seus sonhos.
- Eu sei que quer, meu bem.

Eles moravam num pequeno apartamento de dois quartos, no bairro da Marina, mas com a chegada do bebê, ficaria pequeno demais. Até o momento, não teriam como pagar pelo duplex na colina Nob, mas quinta-feira seria o Dia do Sócio na Kincaid, Tumer, Rose & Ripley, firma internacional de advocacia onde David trabalhava. Dentre os 25 possíveis candidatos, seis seriam escolhidos para compartilhar o ar rarefeito da sociedade na firma, e todos concordavam que David seria um dos escolhidos. Kincaid, Turner, Rose & Ripley, com escritórios em São Francisco, Nova York, Londres, Paris e Tóquio, era uma das firmas de advocacia de maior prestígio no mundo, e costumava ser o alvo número um dos formandos das melhores faculdades de direito. A firma empregava a abordagem da varinha com a cenoura pendurada na ponta para os recém-chegados. Os sócios aproveitavam-se deles ao máximo, comprazendo-se com as extenuantes jornadas de trabalho dos iniciantes, e jogavam-lhes sobre os ombros, como se fossem burros de carga, as tarefas mais árduas, com as quais eles próprios já não queriam mais se aborrecer. A pressão era grande, trabalho para vinte e quatro horas por dia. Isto era a varinha. Os que ficavam, aguentavam de tudo por causa da cenoura. A cenoura era a promessa de uma cota de participação societária na firma. Tornar-se sócio significava um salário mais alto, uma fatia da grande torta dos enormes lucros da empresa, um escritório bem amplo com banheiro privativo e vista, viagens de negócios ao estrangeiro e inúmeras outras mordomias. David havia praticado o direito comercial na Kincaid, Turner, Rose & Ripley por seis anos, e isto lhe trouxera benefícios mistos. As jornadas de trabalho eram hediondas; e o estresse, enorme, mas David, determinado a ficar até

conseguir a sua cota na sociedade, permanecera junto à empresa, sempre com um desempenho primoroso. Agora, afinal, era chegado o dia.

Depois de se despedirem do corrector de imóveis, David e Sandra foram fazer compras. Compraram um berço, uma cadeira de bebê, um carrinho de bebê, um cercado e roupinhas.

- Vamos comprar alguns brinquedos para ele - falou David.

- Ainda há muito tempo para isso - riu Sandra.

Depois das compras eles passearam a pé pela cidade, ao longo do litoral na Ghirli Square, passando pelo Cannery e chegando ao Fisherman's Wharú. Almoçaram no American Bistro.

Era sábado, um dia perfeito em São Francisco para pastas de couro e belas gravatas de grife, ternos escuros e camisas discretas, embora também de grife; um dia para grandes almoços, e coberturas. Dia de advogado!

David e Sandra haviam se conhecido três anos antes, em um jantar na casa de amigos. David fora acompanhado da filha de um cliente da firma. Sandra era auxiliar de justiça de uma firma concorrente. Durante o jantar, David e Sandra travaram uma discussão acerca da sentença de um caso político em Washington.

à medida que as demais pessoas sentadas à mesa assistiam, a discussão entre os dois ficou cada vez mais acirrada. E, no auge da discussão, David e Sandra se deram conta de que nenhum dos dois se importava com a decisão judicial. Estavam se exibindo um para o outro, engajados numa dança de acasalamento verbal.

David telefonou para Sandra no dia seguinte.

- Eu gostaria de concluir a discussão acerca daquela sentença - falou David. - Acho que é importante.

- Eu também - concordou Sandra.

- Será que nós poderíamos conversar sobre isso jantando juntos hoje à noite?

Sandra hesitou. Tinha compromisso para o jantar.

- Está bem - disse, enfim. - Hoje à noite, então.

Ficaram juntos desde aquela noite. Exactamente um ano depois, casaram-se.

Joseph Kincaid, o sócio maioritário, concedeu o fim de semana a David. O salário de David na Kincaid, Turner, Rose & Ripley era de quarenta e cinco mil dólares anuais. Sandra manteve o seu emprego de auxiliar de justiça. Mas agora, com a chegada do bebé, suas despesas iriam aumentar.

- Terei de abandonar o meu emprego dentro de alguns meses - falou Sandra. - Não quero uma babá criando nosso filho, meu bem. Quero estar aqui com ele. - De acordo com a ultra-sonografia, seria um menino.

- Nós vamos dar conta - assegurou-lhe David. A participação dele na sociedade do escritório ia transformar a vida deles.

David começara a trabalhar ainda mais horas por dia. Queria a garantia de não ser relegado no dia da distribuição das cotas.

Quinta-feira de manhã, enquanto se vestia, David assistiu ao noticiário na televisão.

um repórter estava anunciando, esbaforido:

- Passamos agora a uma notícia surpreendente... Ashley Paterson, filha do proeminente médico de São Francisco, Dr. Steven Paterson, foi presa sob suspeita de ser o maníaco assassino que a polícia e o FBI vinham procurando...

David ficou petrificado diante do aparelho.

-... na noite de ontem, o comissário Dowling de Santa Clara anunciou a prisão de Ashley Paterson por uma série de assassinatos que incluíram a sanguinária castração das vítimas. O comissário Dowling informou aos repórteres: " Não há dúvida quanto a termos nas mãos a pessoa certa. As provas são conclusivas." Dr. Steven Paterson. A mente de David voltou no tempo, recordando o passado...

Estava com vinte e um anos de idade e era calouro no curso de direito. Certo dia, voltara da faculdade para casa e encontrara a mãe inconsciente no chão do quarto. Ligara para a Central de Emergências e

uma ambulância havia levado sua mãe para o Memorial Hospital de São Francisco. David tinha ficado na sala de espera até que um médico fora falar com ele.

- Ela... ela vai ficar bem?

O médico hesitou em falar

- E um dos nossos cardiologistas a examinou. Ela está com uma insuficiência aguda da válvula mistral.

- O que isso quer dizer? - indagou David.

- Sinto muito, mas não há o que possamos fazer por ela. Está fraca demais para um transplante, e a microcirurgia cardíaca é nova e arriscada demais.

David sentiu-se enfraquecer

- Quanto... quanto tempo ela...?

- Eu diria mais alguns dias, talvez uma semana. Sinto muito, filho.

David ficou ali parado, à beira do pânico.

- Mas não há ninguém que possa fazer alguma coisa por ela?

- Sinto muito ter de dizer que não. O único que talvez pudesse fazer alguma coisa seria o Steven Paterson, mas ele é um homem muito...

- Quem é Steven Paterson?

- O doutor Paterson é o pioneiro das microcirurgias cardíacas. Mas com todos os seus compromissos e a sua pesquisa, não há chance de...

David sumiu.

Ele ligou para o Dr. Paterson de um telefone público no corredor do hospital.

- Eu gostaria de marcar uma consulta com o Dr. Paterson. É para a minha mãe. Ela...

- Sinto muito. Não estamos aceitando novas consultas. O primeiro horário vago seria para daqui a seis meses.

- Ela não pode esperar seis meses - gritou David.

- Desculpe! Eu posso passá-lo para o...

David bateu o telefone.

Na manhã seguinte, David foi ao consultório do Dr. Paterson. A sala de espera estava lotada. Ele foi até a recepcionista.

- Eu gostaria de marcar uma consulta com o doutor Paterson. Minha mãe está muito doente e...

Ela olhou para ele e falou:

- Você telefonou ontem, não foi?

- Telefonei.

- Eu já lhe disse. Não temos mais horários para consultas e não estamos marcando nada agora.

- Eu espero - falou David, obstinado.

- Você não pode esperar. O doutor está...

David se sentou. Ficou olhando as pessoas na sala de espera serem chamadas para o atendimento uma a uma até que, afinal, ele foi o único que restou.

às seis horas da tarde, a recepcionista falou:

- Não há mais sentido em esperar. O doutor Paterson já foi para casa.

David foi visitar sua mãe na UTI naquela mesma noite.

- Você só pode ficar um minuto - advertiu-o a enfermeira. - Ela está muito fraca.

Ele entrou no quarto, e seus olhos se encheram de lágrimas.

A mãe estava ligada a um balão de oxigênio, com tubos enfiados nos braços e no nariz. Parecia mais branca do que os lençóis da cama. Seus olhos estavam fechados.

David se aproximou dela e falou:

- Sou eu, mamãe. Não vou deixar que nada lhe aconteça. Você vai ficar boa. - As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. - Está me ouvindo? Vamos lutar contra essa coisa. Ninguém pode conosco, mamãe, enquanto estivermos juntos. Eu vou conseguir o melhor médico do mundo. Aguarde firme. Eu vou voltar amanhã. - Ele se inclinou e deu-lhe um beijo de leve no rosto. Será que ela vai estar viva amanhã?

Na tarde do dia seguinte, David foi para a garagem no subsolo do prédio onde ficava o consultório do Dr. Paterson. um manobreiro estacionava os carros.

Ele foi falar com David.

- Posso ajudá-lo em alguma coisa?

- Estou esperando pela minha mulher - falou David. - Ela está se consultando com o Dr. Paterson.

O manobreiro sorriu.

- Ele é um grande sujeito.

- Um dia desses, ele estava nos falando sobre o seu carrão.

David ficou em silêncio um instante, tentando se lembrar

- Um Cadillac?

O manobreiro balançou a cabeça.

- Não, não! - Ele apontou para um Rolls-Royce estacionado numa vaga do canto. - aquele Rolls ali.

David falou:

- É isso mesmo! Acho que ele falou que também tem um Cadillac.

- Isso não seria surpresa alguma pra mim - falou o manobreiro, que saiu correndo para estacionar um carro que chegava.

David caminhou despretensiosamente até o Rolls-Royce.

Depois de se certificar de que ninguém estava olhando, abriu a porta, entrou, escorregou para o banco traseiro e se jogou no chão.

E ali ficou, desconfortavelmente espremido, torcendo para que o Dr. Patterson saísse logo.

às 6 e 15 da tarde, sentiu um leve balanço quando a porta da frente foi aberta e alguém se instalou no assento do motorista.

David escutou a partida do motor, e o carro logo começou a andar.

- Boa noite, Dr. Paterson!

- Boa noite, Marco!

O carro saiu da garagem, e David sentiu que estava fazendo uma curva. Aguardou mais dois minutos, respirou fundo e se sentou no banco traseiro.

O Dr. Paterson o viu pelo espelho retrovisor.

- Se for um assalto, não tenho dinheiro algum comigo - disse ele, calmamente.

- Entre numa rua de pouco movimento e pare o carro.

O Dr. Paterson assentiu. David ficou observando, apreensivo, enquanto o médico entrava por uma rua sem movimento e parava encostado ao meio-fio.

- Eu vou lhe dar os trocados que tenho aqui comigo - disse o Dr. Paterson. - Você pode levar o carro. Não há necessidade de violência

alguma. Se...

David já passara para o banco da frente.

- Eu não vou assaltá-lo. Não quero o carro.

O Dr. Paterson olhava para ele, aborrecido.

- Que diabo você quer?

- Meu nome é Singer. Minha mãe está morrendo. Eu quero que o senhor a salve.

Houve um lampejo de alívio no rosto do Dr. Paterson, logo substituído por uma expressão de raiva.

- Marque uma consulta com a minha...

- Não há tempo pra porra de consulta nenhuma! - David estava gritando.

- Ela vai morrer, e eu não vou deixar que isso aconteça. - Ele estava fazendo um grande esforço para se controlar. - Por favor, os outros médicos me disseram que o senhor é a única esperança que podemos ter.

O Dr. Paterson o estava observando, ainda apreensivo.

- O que ela tem?

- Ela está com... com uma insuficiência aguda da válvula mistral. Os médicos não querem operar. Dizem que o senhor é o único que pode salvar a vida dela.

O Dr. Paterson balançou a cabeça.

- A minha agenda...

- Eu estou pouco ligando para a sua agenda! É da minha mãe que estou falando. O senhor tem de salvá-la. Eu só tenho a minha mãe na vida...

Houve um silêncio prolongado. David ficou ali sentado, com os olhos bem fechados. Ele escutou a voz do Dr. Paterson.

- Eu não prometo nada, mas vou vê-la. Onde ela está?

David se virou para olhá-lo de frente.

- Na UTI do Memorial Hospital de São Francisco.

- Vá me encontrar lá amanhã, às oito horas da manhã.

David teve dificuldade para conseguir que a voz saísse.

- Eu não sei como lhe...

- Lembre-se: eu não estou prometendo nada. E não gosto de levar sustos assim! Da próxima vez, garoto, é melhor usar o telefone.

David ficou sentado, rígido.

O Dr. Paterson olhou para ele.

- O que foi?

- Há outro problema.

- Ah, é?

- Eu... eu não tenho dinheiro. Sou estudante de direito e tive de arranjar um emprego para me sustentar durante a faculdade.

O Dr. Paterson estava olhando para ele.

David falou apaixonadamente:

- Eu juro que vou encontrar um meio de lhe pagar. Nem que leve a minha vida inteira! Não vou deixar de lhe pagar. Eu sei quanto custam os seus serviços e vou...

- Filho, eu acho que você não sabe.

- Eu não tenho a quem recorrer, Dr. Paterson. Eu... estou implorando, por favor

Houve mais um silêncio.

- Que ano você está cursando na faculdade?

- Primeiro. Acabei de entrar.

- Mas você espera ser capaz de me pagar?

- Eu juro.

- Vá embora.

Quando chegou em casa, David estava certo de que seria preso pela polícia por sequestro, ameaça à integridade física, sabe Deus mais o quê! Mas nada aconteceu. A questão em sua cabeça era se o Dr. Paterson ia aparecer no hospital.

Quando David entrou na ala da UTI na manhã seguinte, o Dr. Paterson já estava examinando sua mãe.

David observou, o coração palpitando e a garganta seca.

O Dr. Paterson se dirigiu a um dos médicos que estavam junto dele.

- Pode levá-la para a sala de operação, A1. Rápido!

Quando eles começaram a passá-la para a maca, David falou quase sem voz:

- Ela vai...?

- Vamos ver

Seis horas depois, David estava na sala de espera, quando o Dr. Paterson se aproximou dele.

David se levantou de um pulo.

- Como é que ela...? - Ele teve medo de terminar a pergunta.

- Ela vai ficar bem. Sua mãe é uma mulher forte.

David ficou ali parado, tomado por uma arrebatadora sensação de alívio. Fez uma oração em silêncio. Obrigado, Senhor!

O Dr. Paterson o estava observando.

- Eu nem sequer sei o seu primeiro nome.

- David, senhor.

- Ora, David, você sabe por que eu resolvi fazer o que fiz?

- Não...

- Por duas razões. As condições da sua mãe eram um desafio para mim. Eu gosto de desafios. A segunda razão foi você.

- Eu... não entendi.

- O que você fez foi o tipo de coisa que eu teria feito quando jovem. Demonstrou muita força de vontade. Agora - seu tom de voz mudou -, você disse que ia me pagar

O coração de David gelou.

- Certamente, senhor. Um dia...

- Que tal agora?

David engoliu em seco.

- Agora?

- Vou lhe propor um trato. Você sabe conduzir?

- Sei, sim, senhor...

- Pois bem. Eu me canso muito dirigindo aquele carro enorme por aí. Você me leva para o trabalho todos os dias pela manhã e vai me pegar às seis da tarde durante um ano. Ao final desse período, vou considerar os meus honorários pagos...

Foi este o trato. David levou o Dr. Paterson de casa para o consultório e vice-versa todos os dias, e, em troca, o Dr. Paterson salvou a vida da

mãe de David.

Durante aquele ano, David aprendeu a reverenciar o Dr. Paterson. Apesar das eventuais explosões de mau humor do médico, ele era o homem mais desapegado que David conhecera. Tinha vínculos profundos com obras de caridade e doava seu tempo livre a clínicas de atendimento gratuito. Durante os deslocamentos entre a casa, o consultório e o hospital, ele e David haviam mantido longas conversas.

- Em que área do direito você pretende se especializar, David?

- Penal, senhor

- Por quê? Para poder ajudar um monte de marginais a se livrar da cadeia?

- Não, senhor. Há muita gente honesta nas mãos da justiça que precisa de ajuda, É a essa gente que eu pretendo ajudar.

Quando o ano acabou, o Dr. Paterson apertou a mão de David e falou:

- Estamos quites...

David não via o Dr. Paterson havia anos, mas sempre deparava com o nome dele.

"O Dr. Paterson abriu uma clínica de atendimento gratuito para bebês aidéticos..."

"O Dr. Steven Paterson chegou ao Quênia hoje para inaugurar o Centro Médico Paterson..."

"O Abrigo de Caridade Paterson começou a funcionar hoje..."

Ele parecia estar em todo canto, doando seu tempo e seu dinheiro aos que dele precisassem.

A voz de Sandra o arrancou de seu devaneio.

- David, você está bem?

Ele afastou os olhos do aparelho de televisão.

- Acabam de prender a filha de Steven Paterson por aquela série de assassinatos.

- Que horror! - disse Sandra. - Eu sinto muito, meu bem.

- Ele deu à minha mãe mais sete anos de vida maravilhosa. É injusto que uma coisa dessas aconteça a um homem como ele. É o maior cavalheiro

que eu já conheci, Sandra! Não merece isso. Como poderia ter uma filha monstruosa desse jeito? - Ele olhou para o relógio. - Puxa! Vou chegar atrasado.

- Você ainda não tomou café.

- Estou agitado demais para comer - Ele olhou de relance para a televisão. - Isso aí... e hoje é o dia da decisão da sociedade...

- Você vai conseguir. Não há dúvida sobre isso.

- Sempre há uma dúvida sobre isso, querida. A cada ano, alguém que todos tinham certeza de já estar com um pé lá dentro acaba na ala dos perdedores.

Ela o abraçou e disse:

- A firma tem muita sorte por poder contar com você.

Ele se inclinou e a beijou.

- Obrigado, amor! Não sei o que faria sem você.

- E nunca vai precisar saber. Não deixe de me telefonar assim que receber a notícia, David.

- Claro! Vamos sair para comemorar. - E as palavras ficaram reverberando em sua cabeça. Anos antes, ele dissera isso para outra pessoa: "Vamos sair para comemorar."

E a matara.

Os escritórios da Kincaid, Turner, Rose & Ripley ocupavam três andares no edifício Pirâmide Transamerica, no centro de São Francisco. Quando David Singer cruzou as portas, foi saudado com sorrisos de aprovação. Ele teve a impressão de que havia uma certa diferença na qualidade dos "bom-dia". Todos sabiam que estavam cumprimentando um futuro sócio da firma. A caminho de sua pequena sala, David passou por um escritório recém-decorado, preparado para pertencer a um dos sócios escolhidos, e não conseguiu deixar de dar uma espiadela. Era amplo e bonito, tinha um banheiro privativo, uma escrivaninha e cadeiras de frente para uma janela panorâmica com a magnífica vista da baía. Ele ficou ali parado um instante, sorvendo aquilo tudo.

Quando David entrou na sua sala, sua secretária, Holly, disse:

- Bom dia, Sr. Singer! - A voz soou com um tom melódico.

- Bom dia, Holly!
- Tenho um recado para o senhor.
- Pois não?
- O Sr. Kincaid gostaria de vê-lo em sua sala às cinco da tarde. - Ela abriu um amplo sorriso.

Então, estava acontecendo de facto.

- óptimo!

Ela se aproximou de David e falou:

- Acho que eu também devo lhe dizer que tomei um cafézinho hoje cedo com Dorothy, a secretária do Sr. Kincaid. Segundo ela, o senhor está no topo da lista.

David sorriu.

- Obrigado, Holly!
- Quer um café?
- Ah, eu adoraria!
- Quente e forte, saindo.

David foi até a sua mesa. Estava cheia de cartas e contratos e arquivos.

Hoje era o dia. Finalmente. O Sr. Kincaid gostaria de vê-lo em sua sala às cinco da tarde... O senhor está no topo da lista.

Ele ficou tentado a telefonar para Sandra com a novidade.

Algo o conteve. Vou esperar até que aconteça, pensou.

David passou as duas horas seguintes trabalhando no material que estava em cima de sua mesa. às onze horas, Holly entrou.

- Tem um senhor aqui que quer vê-lo. Ele se apresentou como Dr. Paterson, mas não marcou...

David levantou o rosto, surpreso.

- O Dr. Paterson está aqui?
- Está.

David se levantou.

- Mande-o entrar

Steven Paterson entrou, e David tentou ocultar sua reacção.

O médico estava envelhecido, com ar cansado.

- Olá, David!

- Dr. Paterson. Por favor, queira sentar-se. - David ficou observando, enquanto ele pegava lentamente uma cadeira. - Eu vi o noticiário hoje de

manhã. Não... não sei como lhe dizer o quanto fiquei sentido.

O Dr. Paterson fez um gesto cansado de reconhecimento.

- Pois foi um impacto muito grande! - Ele ergueu a cabeça. - Eu preciso da sua ajuda, David.

- Claro - falou David, com disposição. - O que eu puder fazer. Qualquer coisa.

- Eu quero que você represente Ashley

Foi necessário um momento para que as palavras assentassem.

- Eu não posso fazer isso. Não sou advogado criminalista, não posso fazer a defesa.

O Dr. Paterson fitou-o bem nos olhos e disse:

- Ashley não é criminosa.

- Eu... O senhor não está entendendo, Dr. Paterson. Eu actuo na área comercial. Posso recomendar um excelente...

- Já recebi telefonemas de meia dúzia dos melhores advogados criminalistas. Todos querem representá-la. - Ele se inclinou para a frente na cadeira. - Mas nenhum está interessado na minha filha. Trata-se de um caso badalado; e o que eles querem, David, é só se autopromover. Eles não ligam a mínima para ela. Eu ligo. Ela é tudo que eu tenho.

"Quero que o senhor salve a vida da minha mãe. Ela é tudo que eu tenho". David falou:

- Eu gostaria muito de poder ajudá-lo, mas...

- Quando saiu da faculdade, você foi trabalhar numa firma de direito penal.

O coração de David começou a bater mais rápido.

- É verdade, mas...

- Foi advogado criminalista de defesa durante vários anos.

David assentiu.

- Fui, sim, mas eu... eu saí dessa área. Isso foi há muito tempo e...

- Não foi há tanto tempo assim, David. E você me disse o quanto gostou de trabalhar com isso. Por que parou e foi trabalhar com direito comercial?

David ficou sentado, em silêncio, por instantes.

- Não é importante.

O Dr. Paterson pegou uma carta manuscrita e a entregou a David. O advogado conhecia o conteúdo da carta, sem precisar ler.

Querido Dr. Paterson,

Não há palavras para expressar o quanto lhe devo e sou grato por sua enorme generosidade. Se algum dia houver alguma coisa que eu possa fazer pelo senhor, peça-me, e eu farei sem questionar.

David ficou de olhos pregados na carta, sem vê-la.

- David, fale com Ashley.

David assentiu.

- Claro que sim. Vou falar com ela, mas eu...

O Dr. Paterson se levantou.

- Obrigado!

David ficou olhando, enquanto ele caminhava porta afora.

- Por que parou e foi trabalhar com o direito comercial?

- Porque eu cometi um erro, e uma mulher inocente, a quem eu amava, está morta. Eu jurei que jamais tomaria a vida de alguém nas mãos outra vez. Nunca. Não posso defender Ashley Paterson.

David apertou o botão do intercomunicador.

- Holly, por favor, poderia perguntar ao Sr. Kincaid se ele pode me receber agora?

- Pois não, senhor.

Trinta minutos depois, David estava entrando no sofisticado escritório de Joseph Kincaid. O sócio maioritário da firma tinha pouco mais de sessenta anos e era um homem monocromaticamente cinzento, em termos físicos, mentais e emocionais.

- Ora - disse ele, assim que David passou pela porta -, você é um jovem ansioso, não é mesmo? A nossa reunião estava marcada somente para as cinco da tarde.

David se aproximou da mesa.

- Eu sei. Vim aqui para discutir outra coisa, Joseph.

Anos antes, David cometera o erro de chamá-lo de Joe e o velho tivera um acesso. Nunca me chame de Joe.

- Sente-se, David.
David se sentou.

- Quer um charuto? Estes são cubanos.

- Não, obrigado!

- O que você quer discutir?

- O Dr. Steven Paterson acaba de sair da minha sala.

- Ele estava no noticiário de hoje cedo - comentou Kincaid. - Que momento difícil ele está passando! O que ele queria com você?

- Pediu-me para defender a filha.

Kincaid olhou para David, surpreso.

- Você não é advogado criminalista de defesa.

- Eu disse isso a ele.

- Ora, e então? - Kincaid ficou pensativo um momento.

- Sabe, eu gostaria de ter o Dr. Paterson como cliente. Ele é um homem de muita influência. Poderia trazer muitos negócios para esta firma. Tem conexões com várias organizações médicas que...

- Há mais do que isso.

Kincaid olhou para David, intrigado.

- Ahn?

- Eu prometi que falaria com a filha dele.

- Entendo. Ora, acho que não há mal algum nisso. Converse com ela, e depois encontre um bom advogado de defesa para representá-la.

- É isso que eu tenho em mente.

- Que bom! Estaremos ganhando alguns pontos junto a ele. Prossiga, então. - Ele sorriu. - Tornarei a vê-lo às cinco da tarde.

- Perfeitamente. Obrigado, Joseph!

Enquanto caminhava de volta à sua sala, David foi pensando consigo mesmo: Por que razão deste mundo o Dr. Paterson iria insistir para que eu defendesse sua filha?

Capítulo Doze

Na prisão de Santa Clara, Ashley Paterson estava sentada em sua cela, traumatizada demais para tentar dar um sentido ao que lhe estava acontecendo. Parecia bastante satisfeita por estar na cadeia, pois as grades manteriam afastado quem quer que estivesse fazendo isso com ela. Deixou-se envolver pela cela como se esta fosse um cobertor, tentando afugentar as coisas horríveis e inexplicáveis que lhe estavam acontecendo. Toda a sua vida se tornara um pesadelo hediondo. Ashley pensou em todos os factos misteriosos que vinham ocorrendo: alguém entrando em seu apartamento para assustá-la... a viagem para Chicago... o bilhete no espelho... e agora a polícia acusando-a de atrocidades das quais nada sabia.

Havia alguma conspiração terrível contra ela, mas Ashley não fazia idéia de quem poderia estar por trás disso tudo, nem por quê.

De manhã bem cedo, um dos guardas viera até a cela de Ashley

- Visita.

O guarda conduziu-a para a sala de visitas, onde o pai esperava por ela.

Ele estava parado, olhando-a fixamente, com os olhos pesarosos.

- Querida... eu não sei o que dizer

- Eu não fiz nenhuma dessas coisas horrorosas que eles estão dizendo - sussurrou Ashley

- Eu sei que você não fez nada. Alguém cometeu um engano terrível, mas nós vamos endireitar tudo.

Ashley olhou para o pai e perguntou a si mesma como pudera ter achado que era ele o culpado.

-... não se preocupe - disse ele. - Tudo vai acabar bem. Estou providenciando um advogado para você. David Singer. É um dos jovens mais brilhantes que conheço. Ele virá conversar com você. Eu quero que você lhe conte tudo.

Ashley olhou para o pai e disse, desesperançosa:

- Papai, eu... eu não sei o que contar a ele. Não sei o que está acontecendo.

- Vamos chegar ao fundo disso tudo, minha filha. Eu não vou deixar ninguém magoá-la. Ninguém! Jamais! Você é muito importante para mim. É tudo o que eu tenho, minha querida.

- E você é tudo que eu tenho - sussurrou Ashley

O pai de Ashley permaneceu ali mais uma hora. Quando ele saiu, o mundo de Ashley se reduziu à pequena cela em que estava confinada. Ela se deitou em seu catre, forçando-se a não pensar em nada. Tudo há-de acabar logo, e eu vou descobrir que isto é apenas um sonho... Apenas um sonho... Apenas um sonho... Ela adormeceu.

A voz de um guarda despertou-a.

- Visita para você.

Ela foi levada à sala de visitas, e Shane Miller estava lá, esperando.

Ele se levantou quando Ashley entrou.

- Ashley...

O coração dela começou a palpitar

- Oh, Shane! - Ela nunca ficara tão feliz de ver alguém em sua vida. De alguma forma, sabia que ele viria e a libertaria, que daria um jeito de soltá-la.

- Shane, estou tão feliz de vê-lo aqui!

- Eu estou feliz de vê-la também - falou Shane desajeitadamente. Ele olhou ao redor da bolorenta sala de visitas. - Embora eu deva dizer, não nestas circunstâncias. Quando fiquei sabendo do ocorrido, eu... nem pude acreditar! O que aconteceu? O que a levou a fazer uma coisa dessas, Ashley?

As cores foram se esvaindo do rosto dela.

- O que me levou...? Você acha que eu...?

- Não importa - apressou-se Shane em dizer - Não diga mais nada. Você não deveria falar com ninguém além do seu advogado.

Ashley ficou ali parada, fitando-o com firmeza. Ele acreditava que ela era culpada.

- Por que você veio aqui?

- Ora, eu... detesto ter de fazer isto agora, mas diante... diante das circunstâncias, eu... a empresa a está despedindo. Sabe, naturalmente, não podemos arcar com uma conexão a algo hediondo deste teor. Já basta constar em todos os jornais que você trabalha para a Global. Você está entendendo, não está? Não há nada pessoal nisto.

Dirigindo seu carro a caminho de San José, David Singer decidiu o que ia dizer a Ashley Paterson. Ele descobriria o que pudesse com ela e, então, passaria as informações para Jesse Quiller, um dos melhores advogados criminalistas de defesa do país. Se havia alguém capaz de ajudar Ashley, esse alguém era Jesse.

David foi levado ao escritório do comissário Dowling. Ele entregou seu cartão ao polícia.

- Eu sou advogado. Estou aqui para ver Ashley Paterson e...

- Ela está à sua espera.

David olhou para ele, surpreso.

- Está à minha espera?

- Está. - O comissário Dowling se virou para o delegado e fez um gesto com a cabeça.

O delegado falou para David:

- Por aqui.

Ele o conduziu à sala de visitas e, poucos minutos depois, Ashley foi trazida de sua cela.

Ashley Paterson foi uma completa surpresa para David. Ele a vira uma vez, anos atrás, quando frequentava a faculdade de direito e trabalhava como motorista para o pai dela. Ficara com a impressão de uma menina inteligente e bonita. Agora, David se via diante de uma mulher jovem e bela, com olhos amedrontados.

Ela se sentou diante dele.

- Olá, Ashley! Meu nome é David Singer

- Meu pai me disse que você viria. - Sua voz saiu estremecida.

- Eu só vim fazer algumas perguntas.

Ela assentiu.

- Antes de mais nada, fique tranquila, pois tudo o que você me disser será mantido como informação confidencial. Restrito a nós dois. Mas eu

preciso saber a verdade. - Ele hesitou. Não tinha pretendido ir tão longe assim, mas queria ser capaz de dar a Jesse Quiller todas as informações que pudesse para convencê-lo a pegar o caso. - Você matou aqueles homens?

- Não. - A voz de Ashley ressoou com convicção. - Eu sou inocente.

David tirou uma folha de papel do bolso e olhou de relance.

- Você conhecia Jim Cleary?

- Conhecia. Nós... nós íamos nos casar. Eu não teria razão alguma para fazer mal a ele. Eu o amava.

David analisou Ashley por um instante, depois olhou para a folha de papel novamente.

- E Dennis Tibble?

- Dennis trabalhava na mesma empresa que eu. Estive com ele na noite em que foi assassinado, mas não tive nada a ver com isso. Eu estava em Chicago.

David observava o rosto de Ashley

- Você tem de acreditar em mim. Eu não tinha razão para matá-lo.

- Tudo bem - disse David. Tornou a olhar rapidamente para a folha de papel. - Qual era o seu relacionamento com Jean Claude Parent?

- A polícia me perguntou sobre ele. Nunca ouvi falar em tal pessoa. Como eu poderia ter matado alguém que nem sequer conheço? - Ela olhou para David, com um ar de súplica. -Você consegue enxergar? Eles pegaram a pessoa errada. Prenderam a pessoa errada. - Ashley começou a chorar - Eu não matei ninguém.

- Richard Melton?

- Também não sei quem é.

David aguardou até que Ashley recuperasse o autocontrole.

- E quanto ao delegado Blake?

Ashley balançou a cabeça.

- O delegado Blake passou a noite no meu apartamento para me proteger. Alguém andava me importunando e ameaçando. Eu dormi no meu quarto e ele dormiu no sofá da sala. Aí... encontraram o corpo dele

no beco. - Os lábios dela tremiam. - Por que eu iria matá-lo? Ele estava me ajudando!

David estava estudando Ashley, intrigado. Há algo muito errado por aqui, pensou. Ou ela está dizendo a verdade ou é uma grande atriz! Ele se levantou.

- Com licença! Eu volto já. Quero falar com o comissário de polícia.

Dois minutos depois, ele estava no escritório do comissário.

- E então, falou com ela? - perguntou o comissário Dowling.

- Falei. Acho que o senhor está numa situação difícil, comissário.

- O que isso quer dizer, Sr. Singer?

- Quer dizer que talvez vocês tenham se precipitado ao efectuar esta prisão. Ashley Paterson nem sequer conhece duas das pessoas que a estão acusando de ter matado.

Um pequeno sorriso delineou-se nos lábios do comissário Dowling.

- Ela também o enganou, hein? Sem dúvida que nos enganou a todos!

- Do que o senhor está falando?

- Vou lhe mostrar, meu jovem. - Ele abriu um fichário em cima da mesa e entregou alguns papéis a David. - Estas são as cópias dos relatórios dos legistas e do FBI, dos laudos de DNA e dos relatórios da Interpol sobre os cinco homens que foram assassinados e castrados. Todos eles tiveram relação sexual com uma mulher antes de serem mortos. Havia resquícios de secreção vaginal e impressões digitais em todas as cenas dos crimes. Supunha-se haver três mulheres envolvidas. Bem, o FBI comparou todas as provas, e sabe o que os laboratórios descobriram? As três mulheres provaram ser Ashley Paterson. Os testes das amostras de DNA e das impressões digitais colectadas em todos os assassinatos deram resultados positivos na comparação com os dela.

David estava olhando para ele, incrédulo.

- Tem... tem certeza?

- Ora essa! Mas é claro. A menos que o senhor prefira acreditar que a Interpol, o FBI e cinco médicos-legistas estejam todos interessados em incriminar a sua cliente. Está tudo aí, meu caro. Um dos homens que ela matou era o meu cunhado. Ashley Paterson vai ser julgada por

homicídio em primeiro grau e vai ser condenada. O senhor deseja mais alguma coisa?

- Desejo, sim. - David respirou fundo. - Eu gostaria de ver Ashley Paterson mais uma vez.

Eles a trouxeram de volta à sala de visitas. Assim que ela entrou, David perguntou, com raiva:

- Por que você mentiu para mim?

- O quê? Eu não menti para você. Eu sou inocente. Eu...

- Eles têm provas contra você em quantidade suficiente para electrocutá-la uma dúzia de vezes. Eu lhe disse que queria a verdade.

Ashley passou um minuto inteiro olhando para ele e, quando resolveu falar, disse o seguinte, com a voz tranquila:

- Eu lhe disse a verdade. Não tenho mais nada a dizer.

Ao ouvi-la, David pensou: Ela acredita mesmo no que está dizendo. Acho que é um caso de esquizofrenia. O que eu vou dizer a Jesse Quiller?

- Você aceitaria conversar com um psiquiatra?

- Eu não... aceito, sim. Se você quiser que eu converse.

- Vou providenciar.

No percurso de volta a São Francisco, David pensou: Eu cumpri com a minha parte. Falei com ela. Se ela realmente acha que está dizendo a verdade, só pode ser porque está com problemas mentais.

Vou passá-la para Jesse, que vai alegar insanidade, e chegamos ao fim da história.

Seu coração se voltou para Steven Paterson.

No Memorial Hospital de São Francisco, o Dr. Paterson estava recebendo as condolências dos colegas.

- É uma grande pena, Steven! Você não merece passar por uma coisa dessas...

- Deve estar sendo um fardo muito pesado para você! Se houver qualquer coisa que eu possa fazer...

- Eu não sei o que dá nessas crianças de hoje em dia! Ashley sempre pareceu tão normal...

E por trás de cada expressão de pesar, havia o pensamento:

Graças a Deus não é a minha filha!

De volta à firma, David foi logo ao encontro de Joseph Kincaid. Kincaid olhou para ele e falou:

- Ora! Já são mais de seis da tarde, David, mas eu esperei você voltar. Esteve com a filha do Dr. Paterson?

- Estive, sim.

- E encontrou um advogado para defendê-la?

David hesitou.

- Ainda não, Joseph. Estou providenciando a visita de um psiquiatra. Voltarei amanhã de manhã para falar com ela de novo.

Joseph Kincaid olhou para David, intrigado.

- É mesmo? Francamente, estou surpreso de ver que você se envolveu a esse ponto. Naturalmente, não podemos ter a nossa firma envolvida num caso tão chocante como este promete ser.

- Não estou envolvido de facto, Joseph. Só que eu devo muito ao pai dela! Fiz uma promessa a ele.

- Não há nada em papel, há?

- Não.

- Então, trata-se apenas de uma obrigação moral?

David o estudou por um momento, e já ia dizendo algo, mas parou.

- Exactamente. É só uma obrigação moral.

- Pois bem! Depois que você resolver a sua parte com a Senhorita Paterson, volte para conversarmos.

Nem uma palavra sobre a participação na sociedade.

Ao chegar em casa naquela noite, o apartamento estava às escuras.

- Sandra?

Não houve resposta. Quando David já ia acendendo as luzes do hall, Sandra apareceu de repente, saindo da cozinha com um bolo nas mãos, cheio de velas acesas.

- Surpresa! Vamos comemorar. - Ela viu a expressão no rosto de David e parou. - Alguma coisa errada, querido? Você não conseguiu, David? Eles deram para outra pessoa?

- Não, não - asseverou ele. - Está tudo bem.

Sandra colocou o bolo sobre a mesa e foi para perto dele.

- Alguma coisa está errada.

- Só que houve... houve um adiamento.

- A sua reunião com Joseph Kincaid não foi hoje?

- Foi, sim. Sente-se, querida. Nós precisamos conversar.

Eles se sentaram no sofá, e David falou:

- Surgiu algo totalmente inesperado. Steven Paterson me procurou hoje cedo.

- Procurou? Sobre o quê?

- Quer que eu defenda a filha dele.

Sandra olhou para ele, surpresa.

- Mas, David... você não é...

- Eu sei. E tentei dizer isso a ele. Mas eu já pratiquei o direito penal.

- Mas você não está mais nessa área! Contou a ele que está prestes a se tornar sócio da firma?

- Não. Ele insistiu muito, alegando que eu era o único que poderia defender sua filha. Isso não faz sentido algum, é claro. Eu tentei sugerir Jesse Quiller, mas ele não quis escutar.

- Ora essa! Mas vai ter de conseguir outra pessoa.

- Claro. Eu prometi conversar com a filha dele e fui até lá.

Sandra se recostou no sofá.

- O Sr. Kincaid está ciente disso?

- Está. Contei a ele. Não ficou entusiasmado. - David imitou a voz de Kincaid. - "Naturalmente, não podemos ter a nossa firma envolvida num caso tão chocante como este promete ser"

- Como é a filha do Dr. Paterson?

- Em termos médicos... delirante.

- Eu não sou médica - disse Sandra. - O que isso significa?

- Significa que ela realmente acredita ser inocente.

- Isso não é possível?

- O comissário de Cupertino me mostrou o dossiê dela. O DNA e as impressões digitais dela estão por todo canto nas cenas dos crimes.

- O que você vai fazer agora?

- Liguei para Royce Salem. o psiquiatra que o escritório de Jesse Quiller usa. Vou pedir que examine Ashley e entregue o laudo ao pai dela. O Dr. Paterson poderá procurar outro psiquiatra, se quiser, ou entregar o laudo a qualquer advogado que vá ficar com o caso.

- Entendi. - Sandra estudou o rosto conturbado do marido. - O Sr. Kincaid falou alguma coisa sobre a participação na sociedade, David? Ele balançou a cabeça.

- Não.

Sandra concluiu, alegre:

- Mas vai falar. Amanhã será outro dia.

O Dr. Royce Salem era um homem alto, magro, com uma barba igual à de Sigmund Freud.

Talvez seja só uma coincidência, disse David a si mesmo. Certamente ele não está tentando se parecer com Freud!

- Jesse fala sempre em você - disse o Dr. Salem. - Ele gosta muito de você.

- Eu também gosto muito dele, Dr. Salem.

- O caso Paterson parece ser muito interessante. Obviamente, obra de um psicopata. você está pensando em alegar insanidade?

- Na verdade - disse -lhe David -, não vou ficar com o caso. Antes de conseguir um advogado para ela, eu gostaria de obter uma avaliação do seu estado mental. - David passou para o Dr. Salem um resumo dos factos, conforme os conhecia. - Ela se diz inocente, mas as provas mostram ter sido quem de facto cometeu os crimes.

- Ora, vamos dar uma olhada na psique da moça, então?

A sessão de hipnose foi marcada para a sala de interrogatórios da prisão de Santa Clara. O mobiliário da sala consistia numa mesa rectangular e quatro cadeiras de madeira.

Ashley, pálida e retraída, foi levada à sala por uma carcereira.

- Eu vou esperar do lado de fora - disse ela, saindo em seguida.

- Ashley, este é o Dr. Salem. Ashley Paterson - falou David.

- Olá, Ashley - disse o médico.

Ela ficou parada, olhando nervosamente de um para o outro, calada. David teve a impressão de que ela estava prestes a fugir da sala.

- De acordo com o Sr. Singer, você não faz objecção quanto a ser hipnotizada.

Silêncio.

O Dr. Salem prosseguiu:

- Ashley, posso hipnotizá-la?

Ashley fechou os olhos por um segundo e assentiu.

- Pode.

- Podemos começar agora?

- Bem, eu vou dar um passeio por aí - falou David. - Se...

- Espere um momento. - O Dr. Salem chegou perto de David. - Eu quero que você fique.

David permaneceu lá, mas frustrado. Estava arrependido de ter ido tão longe. Não vou me aprofundar nem mais um pouco, decidiu. Já cheguei ao fim.

- Tudo bem - disse ele, relutante. Estava ansioso para dar aquilo por encerrado, a fim de que pudesse voltar logo para o escritório. A reunião que teria mais tarde com Kincaid seria decisiva para o seu futuro.

O Dr. Salem falou para Ashley:

- Por que você não se senta nesta cadeira?

Ashley sentou-se.

- Já foi hipnotizada antes, Ashley?

Ela hesitou um instante, depois balançou a cabeça.

- Não.

- Não há nada de mais. Tudo que precisa fazer é relaxar e prestar atenção à minha voz. Não há com que se preocupar. Ninguém vai machucá-la. Sinta os músculos relaxando. Isso mesmo. Basta relaxar e sentir os olhos ficando pesados. Você tem passado por muita coisa. Seu corpo está cansado, muito cansado. Tudo que você quer agora é adormecer. Feche os olhos e relaxe. Você está ficando com sono... com muito sono...

O Dr. Salem levou cinco minutos para fazer com que ela se entregasse. E, então, aproximou-se.

- Ashley, você sabe onde está?

- Sei. Estou na cadeia. - A voz dela soou oca, como se tivesse sido emitida à distância.

- E sabe por que está na cadeia?

- As pessoas estão achando que eu fiz uma coisa ruim.

- E é verdade o que elas estão achando? Você fez alguma coisa ruim?

- Não.

- Ashley, você alguma vez na sua vida matou alguém?

- Não.

David olhou para o Dr. Salem, surpreso. As pessoas não falam a verdade quando estão sob hipnose?

- Você faz idéia de quem possa ter cometido esses assassinatos?

De repente, o rosto de Ashley se contorceu e ela começou a respirar com dificuldade, em arfadas curtas e ásperas. Os dois homens ficaram se entreolhando, estupefactos, à medida que a personalidade dela ia se alterando. Os lábios de Ashley se apertaram e seus traços começaram a se modificar. Ela se endireitou na cadeira, assumiu uma postura empertigada, e subitamente seu rosto se iluminou com vivacidade. Ela abriu os olhos, e eles estavam cintilantes. A transformação foi impressionante. Inesperadamente, ela começou a cantarolar, a voz cheia de volúpia e com sotaque britânico.

"Duzentos gramas de arroz barato,
Duzentos gramas de melado. Agora,
Misture bem para ficar gostoso,
Mas a lontra - pluft! - foi embora. "

David escutou, atônito. Quem ela pensa que está enganando? Está fingindo ser outra pessoa.

- Quero lhe fazer mais algumas perguntas, Ashley

Ela fez um trejeito com a cabeça e falou com sotaque britânico:

- Eu não sou Ashley

O Dr. Salem trocou um olhar com David e voltou a se dirigir a Ashley

- Se você não é Ashley, quem é, então?

- Toni. Toni Prescott.

Ashley está representando muito bem, pensou David. Quanto tempo ainda pretende continuar com esta farsa? Ela estava desperdiçando o tempo deles.

- Ashley - disse o Dr. Salem.

- Toni.

Ela está determinada a continuar com isso, pensou David.

- Tudo bem, Toni. Eu gostaria que...

- Quem vai dizer o que gostaria sou eu. Eu gostaria de sair desta porcaria de lugar. Você pode nos tirar daqui?

- Isso depende - falou o Dr. Salem. - O que você sabe a respeito de...

-... daqueles assassinatos que trouxeram a dona Maria Certinha pra cá? Eu posso lhe contar coisas que...

A expressão de Ashley subitamente começou a mudar de novo. David e o Dr. Salem ficaram observando, enquanto Ashley parecia encolher na cadeira, o rosto suavizando-se e sofrendo uma incrível metamorfose, até que ela pareceu se transformar em outra personalidade distinta.

- Toni... não fale mais nada, perpiacere - disse ela numa voz branda, com sotaque italiano.

David observou aquilo, atônito.

- Toni? - O Dr. Salem se aproximou um pouco mais.

A voz suave e branda disse:

- Peço desculpas pela interrupção, Dr. Salem.

- Quem é você? - perguntou o médico.

- Meu nome é Alette. Alette Peters.

Meu Deus, isso não é uma encenação, pensou David. É verdade. Ele se virou para o Dr. Salem.

- São alteres - disse o Dr. Salem, tranquilamente.

David fitou o médico, totalmente confuso.

- São o quê?

- Depois eu explico.

O Dr. Salem voltou-se para Ashley.

- Ashley... Quero dizer, Alette... Quantas... Quantas de vocês estão aqui?

- Além da Ashley, só Toni e eu - respondeu Alette.

- Você tem um sotaque italiano.

- Tenho, sim. Eu nasci em Roma. Você já foi a Roma?

- Não, nunca fui a Roma.

Não acredito que eu esteja ouvindo esta conversa, pensou David.

- Molto bello.

- Com certeza! Você conhece Toni?

- Naturalmente.

- Ela tem um sotaque britânico.

- Toni nasceu em Londres.

- Certo. Alette, eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre aqueles assassinatos. Você faz idéia de quem...?

David e o Dr. Salem viram quando o rosto e a personalidade de Ashley mudaram mais uma vez, bem diante de seus olhos.

Sem que ela dissesse uma palavra sequer, eles sabiam que ela havia se transformado em Toni.

- Você está perdendo tempo com ela, meu caro.

Eis o sotaque britânico novamente.

- Alette não sabe de nada. Você tem de falar comigo.

- Pois bem, Toni! Vou falar com você. Tenho perguntas a fazer.

- Estou certa de que tem, mas também estou muito cansada. - Ela bocejou. - A dona Babacona nos manteve acordadas a noite inteira. Eu preciso dormir.

- Agora não, Toni. Escute. Você precisa nos ajudar...

O rosto dela se enrijeceu.

- E por que eu iria ajudar? O que a dona Maria Certinha fez pela Alette ou por mim? Tudo que ela faz é não deixar a gente se divertir. Ora, eu estou cansada disso e também estou cansada dela. Está me ouvindo? - Ela estava berrando, o rosto todo contorcido.

- Vou trazê-la de volta - disse o médico.

David estava transpirando.

- Pode trazer.

O Dr. Salem se inclinou para perto de Ashley

- Ashley... Ashley... Está tudo bem. Feche os olhos agora. Eles estão pesados, muito pesados. Você está completamente relaxada. Ashley, sua mente está em paz. Seu corpo está relaxado. Você vai acordar

quando eu contar até cinco, completamente relaxada. um ... - Ele olhou para David e depois de novo para Ashley - Dois...

Ashley começou a se mexer. Eles viram sua expressão começar a se modificar.

- Três...

A expressão no rosto dela se suavizou.

- Quatro...

Eles podiam sentir que ela estava voltando, e esta era uma estranha sensação.

- Cinco.

Ashley abriu os olhos. Ela olhou o ambiente ao redor

- Estou sentindo... eu estava dormindo?

David estava imóvel, fitando-a, atônito.

- Estava - disse o Dr. Salem.

Ashley se virou para David.

- Eu disse alguma coisa? Quero dizer. . alguma coisa que pudesse ser útil?

Meu Deus, pensou David. Ela não sabe! Ela realmente não sabe!

- Você foi muito bem, Ashley. Eu gostaria de conversar com o Dr. Salem a sós.

- Pois não.

- Tornaremos a nos ver mais tarde.

Os dois ficaram ali parados, vendo a carcereira levar Ashley.

David deixou-se afundar na cadeira.

- Que... que diabo foi aquilo?

O Dr. Salem respirou profundamente.

- Em todos os anos da minha prática profissional, jamais vi um caso tão claro e evidente assim.

- É um caso de quê?

- Você já ouviu falar de distúrbio de personalidade múltipla?

- O que é isso?

- É uma perturbação em que a pessoa convive com várias personalidades distintas em seu próprio corpo. Também é conhecida

como distúrbio de identidade dissociativa. Existe na literatura psiquiátrica há mais de duzentos anos. Começa em geral por causa de um trauma de infância. A vítima obstrui o trauma criando uma nova identidade. As vezes a pessoa chega a ter dúzias de personalidades ou alteres diferentes.

- E uma sabe da outra?

- Às vezes, sim; às vezes, não. Toni e Alette se conhecem. Ashley, obviamente, não sabe de nenhuma das duas. Os alteres são criados porque o indivíduo não consegue tolerar a dor do trauma. É uma forma de escapar. A cada choque, pode surgir um novo alter. A literatura psiquiátrica sobre este assunto mostra que os alteres podem ser totalmente distintos uns dos outros. Alguns podem ser aparvalhados, enquanto outros podem ser brilhantes. Podem falar línguas diferentes. Têm gostos e personalidades diversos.

- E isso... isso é uma coisa comum?

- Alguns estudos sugerem que um por cento de toda a população sofre de distúrbio de personalidade múltipla, e que até vinte por cento de todos os pacientes em hospitais psiquiátricos sofrem desta perturbação.

- Mas Ashley parece tão normal e... - falou David.

- As pessoas com distúrbio de personalidade múltipla, ou DPM, são normais... até que um alter se manifeste. O indivíduo pode ter um emprego, constituir uma família e levar uma vida perfeitamente normal, mas um alter pode assumir o comando a qualquer instante. E pode ficar no controle durante uma hora, um dia ou até mesmo semanas, e então o indivíduo sofre uma amnésia em que se obliteram o tempo e a memória, durante todo o período em que o alter está no comando.

- Então Ashley... o indivíduo... não se lembra de nada que o alter faz?

- Absolutamente nada.

David escutou aquilo, como que em transe.

- O caso mais famoso de distúrbio de personalidade múltipla foi o de Bridey Murphy. Foi a primeira vez que o assunto chegou à atenção do público. Desde então, houve inúmeros casos, mas nenhum tão espectacular ou tão divulgado.

- Mas... parece incrível.

- É um assunto que me fascina há muito tempo. Há certos padrões que nunca mudam. Por exemplo, os alteres costumam usar as mesmas

iniciais que o indivíduo... Ashley Paterson... Alette Peters... Toni Prescott...

- Toni...? - David já ia fazendo a pergunta. Mas se deu conta: - Antoinette?

- Correcto. Você já ouviu a expressão alter ego.

- Ouvi.

- De uma certa forma, todos temos alter egos, ou personalidades múltiplas. Um tipo de pessoa é capaz de cometer actos de perversidade. uma pessoa cruel é capaz de fazer certas coisas. Não há limite para a incrível quantidade de emoções humanas. O médico e o monstro é uma ficção, mas é baseado em facto real.

A mente de David funcionava sem parar

- Se Ashley cometeu os assassinatos...

- Ela não estaria consciente disso. Os crimes foram cometidos por um de seus alteres.

- Meu Deus! Como vou explicar isso no tribunal?

O Dr. Salem olhou para David com curiosidade.

- Eu tive a impressão de tê-lo ouvido dizer que não seria o advogado dela.

David balançou a cabeça.

- E não vou ser. Quero dizer, não sei. Eu... A esta altura, eu mesmo estou com múltiplas personalidades. - David ficou calado um instante. - Isso tem cura?

- Em geral, tem.

- E se não tiver, o que acontece?

Houve uma pausa.

- O índice de suicídios é bastante alto.

- E Ashley não sabe nada sobre isso?

- Não.

- O senhor... o senhor explicaria isso a ela?

- Claro que sim.

- Não. - Foi um berro. Ela estava em pânico, encolhendo-se de encontro à parede da cela, os olhos cheios de terror - Você está mentindo. Isso não é verdade.

- Ashley, é verdade - falou o Dr. Salem. - Você precisa encarar os factos. Eu lhe expliquei que isso que lhe aconteceu não é culpa sua. Eu...

- Não chegue perto de mim.

- Ninguém vai machucá-la.

- Eu quero morrer. Por favor, me ajude a morrer - Ela começou a soluçar descontroladamente.

O Dr. Salem olhou para a carcereira e disse:

- É melhor dar um sedativo a ela. E mantenha-a sob guarda para evitar que se suicide.

David telefonou para o Dr. Paterson.

- Preciso conversar com o senhor.

- Eu estava aguardando notícias suas, David. Você esteve com Ashley?

- Estive. Onde podemos nos encontrar?

- Vou esperar você no meu consultório.

No caminho de volta para São Francisco, David pensou: Não há como eu ficar com este caso! Eu só tenho a perder! Vou arranjar um bom advogado criminalista para Ashley e acabou-se.

O Dr. Paterson estava esperando David em seu consultório.

- Você conversou com Ashley?

- Conversei.

- Ela está bem?

Como vou responder a esta pergunta? David respirou fundo.

- O senhor já ouviu falar de distúrbio de personalidade múltipla?

O Dr. Paterson franziu o cenho.

- Vagamente...

- É quando uma ou mais personalidades... ou alteres... existem dentro de uma pessoa e assumem o controle de vez em quando, e a pessoa não tem consciência disso. Sua filha sofre deste distúrbio.

O Dr. Paterson olhava para ele, atônito.

- O quê? Eu... eu não posso acreditar. Você tem certeza?

- Eu presenciei a sessão de hipnose que o Dr. Salem fez com ela. Ashley tem dois alteres. Em vários momentos, eles assumem o comando sobre ela. - David estava falando mais rápido agora. - O comissário Dowling me mostrou as provas contra sua filha. Não há dúvida de que foi ela quem cometeu os assassinatos.

- Oh, meu Deus! Então ela é... ela é culpada? - falou o dr. Paterson.

- Não. Porque eu não acredito que ela tivesse consciência de tê-los cometido. Estava sob a influência de um dos alteres. Ashley não tinha razão alguma para cometer esses crimes. Não tinha motivo, nem controle sobre si mesma. Acho que o estado terá dificuldades para provar intenção ou dolo.

- Então a sua defesa vai se basear em...

David o interrompeu.

- Eu não vou defendê-la. Vou encaminhar o caso para Jesse Quiller. um brilhante advogado de defesa. Eu já trabalhei com ele e posso dizer que é o mais...

- Não. - A voz do Dr. Paterson foi contumaz. -Você tem de defendê-la.

David falou, pacientemente:

- O senhor não está compreendendo. Eu não sou a pessoa mais indicada para defendê-la. Ela precisa...

- Eu já lhe disse antes que você é o único em quem confio.

Minha filha é tudo para mim, David. Você vai salvar a vida dela.

- Eu não posso. Não tenho a qualificação para...

- Claro que tem. Você já foi advogado criminalista.

- Fui, mas...

- Não aceitarei mais ninguém.

David percebeu que o Dr. Paterson estava tentando controlar o próprio temperamento. Isso não faz sentido, pensou David. Tentou outra vez.

- Jesse Quiller é o melhor...

O Dr. Paterson se inclinou para a frente, o rosto voltando a sua cor normal.

- David, a vida da sua mãe significava muito para você. A vida de Ashley também significa muito para mim. Você pediu a minha ajuda uma vez e

colocou a vida da sua mãe nas minhas mãos. Eu estou pedindo a sua ajuda agora e estou colocando a vida de Ashley nas suas mãos. Quero que você defenda Ashley. Você me deve isso.

Ele não vai ouvir, pensou David, desesperado. O que há com ele? Mais de uma dúzia de objecções cruzaram a mente de David, mas todas se esvaíram diante daquela frase: "Você me deve isso. "

David tentou uma última vez:

- Dr. Paterson...

- Sim ou não, David?

Capítulo Treze

Quando David chegou em casa, Sandra o esperava.

- Boa noite, querido.

Ele a abraçou e pensou: Meu Deus, ela está adorável. Quem foi idiota que disse que mulheres grávidas não são bonitas?

Sandra falou, empolgadíssima:

- O bebê chutou hoje de novo! - Ela pegou a mão de David e colocou-a sobre a barriga. - Dá para sentir?

Depois de alguns instantes, David disse:

- Não. Ele é muito teimoso!

- A propósito, o Sr. Crowther ligou.

- Crowther?

- O corrector de imóveis. Os papéis já estão prontos para serem assinados.

David teve uma sensação súbita de enfraquecimento.

- Uhn!

- Tenho uma coisa para lhe mostrar - disse Sandra com entusiasmo. - Não saia daqui.

David observou-a correr para o quarto e pensou: O que é que eu vou fazer? Preciso tomar uma decisão.

Sandra voltou para a sala trazendo várias amostras de papel de parede azul.

- Vamos fazer o quarto do bebê em azul, e a sala de estar em azul e branco, suas cores favoritas. Qual é o tom que você prefere, o mais claro ou o mais escuro?

David fez um esforço para conseguir se concentrar

- O mais claro vai ficar bom.

- Eu também gostei. O único problema é que o tapete vai ser azul-escuro. Você acha que esses dois elementos deveriam combinar?

Não posso abrir mão da participação na sociedade. Batalhei muito para isso. Significa tudo para mim.

- David, você acha que os dois deveriam combinar?

Ele olhou para ela.

- O quê? Ah, sim. O que você achar melhor, meu bem.

- Eu estou tão entusiasmada. Vai ficar lindo.

Não há como arcar com essas despesas se eu não conseguir a participação na sociedade.

Sandra olhou ao redor do pequeno apartamento.

- Podemos aproveitar alguns destes móveis, mas acho que vamos precisar de muitas coisas novas. - Ela olhou para ele, cheia de ansiedade.

- Podemos arcar com isso, não podemos, querido? Eu não quero extrapolar.

- Pode deixar - falou David, distante.

Ela se aconchegou ao ombro dele.

- Vai ser uma vida totalmente nova, não é mesmo? O bebê, a participação na sociedade da firma e a cobertura. Eu passei por lá hoje. Quis ver a pracinha e a escola. A pracinha é linda. Tem escorrega, balanço e gangorra. Eu quero que você vá comigo até lá no sábado para darmos uma olhada juntos. Jeffrey vai adorar.

Talvez eu consiga convencer Kincaid de que este caso vai ser bom para afirma.

- A escola parece ótima. Fica a dois quarteirões de casa, e não é muito grande. Acho que isso é importante.

David estava prestando atenção a ela agora e pensou: Não posso decepcioná-la. Não posso privá-la de seus sonhos. Vou dizer a Kincaid amanhã de manhã que não vou ficar com o caso. Paterson que ache outra pessoa!

- É melhor nos aprontarmos, meu amor. Combinamos chegar na casa dos Quiller às oito horas.

Era o momento da verdade. David sentiu-se tenso.

- Há uma coisa que precisamos conversar.

- Fale.

- Eu fui ver Ashley Paterson hoje de manhã.
- Ah, me conte. Ela é culpada? Foi ela quem fez aquelas atrocidades?
- Sim e não.
- Resposta de advogado. O que isso quer dizer?
- Ela cometeu os assassinatos... mas não é culpada.
- David...!

- Ashley tem um problema psiquiátrico chamado distúrbio de personalidade múltipla. Sua personalidade é dividida, de forma que ela faz coisas sem estar consciente disso.

Sandra estava de olhos pregados nele.

- Que horror!
- Há duas outras personalidades. Eu as conheci.
- Você as conheceu?
- Conheci. E são verdadeiras. Quero dizer, ela não está fingindo.
- E ela não tem a menor idéia de que...?
- Nenhuma.
- Então, ela é inocente ou culpada?
- Isso quem decide é o tribunal. O pai dela não quer conversar com Jesse Quiller, de forma que eu vou ter de encontrar outro advogado.
- Mas Jesse é perfeito. Por que o Dr. Paterson não quer falar com ele?

David hesitou.

- Ele quer que eu a defenda.
- Mas você contou para ele que não pode, claro.
- Claro.
- Então...?
- Ele não quis me ouvir.
- O que ele disse, David?

Ele balançou a cabeça.

- Não importa.
- O que ele disse?

David respondeu devagar:

- Disse que eu confiei nele a ponto de colocar a vida da minha mãe nas suas mãos, e ele a salvou, e agora ele está confiando em mim a ponto de colocar a vida da filha nas minhas mãos, e está me pedindo que a salve.

Sandra estava analisando o rosto de David.

- Você acha que conseguiria?

- Não sei. Kincaid não quer que eu pegue o caso. Se eu pegar, posso perder a participação na sociedade.

- Oh!

Houve um silêncio prolongado. Quando enfim falou, David disse:

- Eu tenho uma opção. Posso dizer não para o Dr. Paterson e me tornar sócio da firma, ou posso defender a filha dele, provavelmente tirando uma licença sem vencimentos, e ver depois o que acontece.

Sandra escutou tranquilamente.

- Há gente muito mais qualificada para pegar o caso de Ashley, mas por alguma razão dos infernos o pai dela não quer saber de mais ninguém. Eu não sei por que ele está tão obstinado com isso, mas o facto é que está irredutível. Se eu pegar o caso e não me tornar sócio da firma, vamos ter de abdicar da mudança. E também de abrir mão de muitos dos nossos planos, Sandra.

Sandra falou baixinho:

- Eu me lembro que, antes de nos casarmos, você me falou dele. Era um dos médicos mais ocupados do mundo, mas encontrou tempo para ouvir o que um rapaz sem dinheiro algum no bolso tinha a lhe dizer. Ele foi o seu herói, David. Você disse que, se algum dia nós tivéssemos um filho, iria querer que ele fosse igual a Steven Paterson quando crescesse. David assentiu.

- Quando você tem de decidir?

- Vou estar com Kincaid na primeira hora da manhã.

Sandra pegou-lhe a mão e disse:

- Você não precisa de todo esse tempo. O doutor Paterson salvou a sua mãe. Você vai salvar a filha dele. - Ela olhou para o ambiente em volta deles e sorriu. - Ora, a gente pode redecorar este apartamento em azul e branco.

Jesse Quiller era um dos melhores advogados de defesa criminal no país. Era um homem alto, robusto, com um jeito simples que fazia os jurados se identificarem com ele. Eles sentiam que ele era um igual e queriam ajudá-lo. Essa era uma das razões pelas quais ele raramente perdia um

caso. As outras razões eram sua excelente memória fotográfica e sua mente brilhante. Em vez de tirar férias, Quiller aproveitava os verões para dar cursos de direito, e, anos antes, David fora um de seus alunos. Quando David se formou, Quiller o convidou para trabalhar na sua firma de advocacia, e dois anos depois David se tornou seu sócio. David adorava a prática do direito penal e se sobressaía nisso. Nunca deixou de manter dez por cento de casos dativos. Três anos depois da participação na sociedade, David se desligou abruptamente da firma e foi trabalhar para a Kincaid, Tumer, Rose & Ripley na área do direito comercial. Ao longo dos anos, David e Quiller continuaram muito amigos. Eles, e suas esposas, jantavam juntos uma vez por semana. Jesse Quiller sempre apreciou as louras sofisticadas, tipo ninfetas altas. Até que conheceu Emily e se apaixonou por ela. Emily era uma mulher baixinha e rechonchuda, envelhecida precocemente pelo trabalho numa fazenda do estado de Iowa exactamente o oposto das mulheres com quem Quiller tinha namorado até então. Era do estilo mãe, sempre cuidando de tudo e de todos. Os dois formavam um casal improvável, mas o casamento funcionava porque eles eram perdidamente apaixonados um pelo outro.

Todas as terças-feiras, os Singer e os Quiller jantavam juntos e jogavam um complicado jogo de cartas chamado Liverpool.

Quando Sandra e David chegaram à bela casa dos Quiller, na Hayes Street, Jesse foi recebê-los à porta.

Ele abraçou Sandra e falou:

- Entrem. O champanhe está no gelo. É um grande dia para você, hein? Cobertura nova e participação na sociedade. Ou será participação na sociedade e cobertura nova?

David e Sandra se entreolharam.

- Emily está na cozinha, preparando o jantar para comemorar sua promoção. - Ele olhou para os rostos dos dois. - Eu acho que é um jantar de comemoração. Será que eu não estou sabendo de alguma coisa?

- Não, Jesse - disse David. - Só que talvez tenhamos um... um probleminha.

- Vamos entrar. Posso preparar um drinque? - Ele olhou para Sandra.
- Não, obrigada! Não quero que o bebê adquira maus hábitos.
- É um bebê de sorte, com pais como vocês - falou Quiller, carinhosamente. Ele se virou para David: - E você, vai beber o quê?

- Nada. Obrigado!

Sandra encaminhou-se para a cozinha.

- Vou ver se Emily está precisando de ajuda.
- Sente-se, David. Você está com um ar sério.
- Estou num dilema - admitiu ele.
- Deixe-me adivinhar. a cobertura ou a sociedade?
- Ambas.
- Ambas?

- Você está sabendo do caso Paterson?

- Ashley Paterson? Claro. O que isso tem a ver com...? - Ele parou. - Espere aí. Você me falou de Steven Paterson, na faculdade de direito. Ele salvou a vida de sua mãe.

- Exacto. Ele quer que eu defenda a filha dele. Tentei passar o caso para você, mas ele não quer saber de ninguém defendendo a filha, excepto eu.

Quiller franziu o cenho.

- Ele está sabendo que você não atua mais no direito penal?
- Está. É isso que eu não entendo. Há dúzias de advogados muito mais capazes do que eu para pegar o caso.
- Ele está sabendo que você foi advogado criminalista de defesa?
- Está.

- O que ele sente com relação à filha? - falou Quiller, com certo cuidado. Que pergunta estranha, pensou David.

- Ela significa mais do que tudo na vida dele.
- Pois bem. Suponhamos que você pegue o caso. O lado ruim é que...
- O lado ruim é que Kincaid não quer que eu o pegue. Se eu resolver ficar com o caso, tenho a impressão de que vou perder a participação na sociedade.

- Entendi. E é aí que entra a cobertura?

- É aí que entra toda a porcaria do meu futuro - retrucou David, zangado. - Seria uma grande besteira eu fazer isso, Jesse. - Sabe, uma besteira e tanto!

- Por que você está zangado?

David respirou fundo.

- Porque eu vou fazer essa besteira.

Quiller sorriu.

- Por que será que eu não estou surpreso?

David passou a mão pela testa.

- Se eu não aceitasse defender a filha dele e ela fosse condenada e executada, e eu não fizesse nada para ajudá-la, eu... não conseguiria viver em paz com a minha consciência.

- Compreendo. E como é que Sandra está se sentindo com relação a isso?

David conseguiu esboçar um sorriso.

- Você conhece Sandra.

- Conheço. Ela quer que você vá em frente.

- Exacto.

Quiller se inclinou para a frente.

- Eu vou fazer o que puder para ajudá-lo, David.

David soltou um suspiro.

- Não. Esta é a parte que me cabe na transação. Vou ter de conduzir o caso sozinho.

Quiller franziu o cenho.

- Isso não faz sentido algum.

- Eu sei. E tentei explicar isso ao Dr. Paterson, mas ele se recusou a escutar

- Você já contou isso a Kincaid?

- Tenho uma reunião marcada para a primeira hora com ele.

- O que acha que vai acontecer?

- Eu sei o que vai acontecer. Ele vai me aconselhar a não pegar o caso e, se eu insistir, vai me pedir para tirar uma licença sem vencimentos.

- Vamos almoçar amanhã, no Rubicon, à uma da tarde?

David assentiu.

- Está bem.

Emily veio da cozinha, esfregando as mãos num pano de prato. David e Quiller se levantaram.

- Olá, David? - Emily se aproximou com um ar atarefado, e ele a beijou no rosto. - Espero que vocês estejam com fome. O jantar está quase pronto. Sandra está na cozinha me ajudando. Ela é tão prestativa! - Emily pegou uma bandeja e voltou apressada para a cozinha.

Quiller se dirigiu a David:

- Vocês são muito queridos por Emily e por mim. Vou lhe dar um conselho. Esqueça aquilo.

David ficou calado.

- Já faz muito tempo, David. E o que aconteceu não foi culpa sua. Poderia ter acontecido com qualquer um .

David olhou para Quiller.

- Aconteceu comigo, Jesse. Eu a matei.

Foi um déjà vu. Tudo de novo. E de novo. David ficou sentado, transportado de volta para outro tempo, para outro lugar.

Era um caso dativo, e David tinha dito para Jesse Quiller:

- Eu pego.

Helen Woodman era uma moça adorável, acusada de ter assassinado a madrasta rica. As duas haviam travado acirradas discussões públicas, mas todas as provas contra Helen eram circunstanciais. Depois de ter ido conversar com ela na cadeia, David ficou convencido de sua inocência. A cada encontro, ele foi se deixando envolver emocionalmente. Por fim, quebrou uma regra básica: Nunca se apaixonar por uma cliente.

O desenrolar do julgamento foi bom. David refutou as provas da promotoria uma a uma e conquistou o júri para o lado de sua cliente. E, inesperadamente, um desastre ocorreu. O álibi de Helen era o de estar num teatro com um amigo na hora do assassinato. Sob interrogatório no tribunal, o amigo revelou a mentira, e uma testemunha alegou ter visto Helen no apartamento da madrasta na hora do crime. A moça perdeu toda a credibilidade. O júri a condenou por assassinato em

primeiro grau, e o juiz decretou sentença de morte. David ficou arrasado.

- Como você pôde fazer uma coisa dessas, Helen? Como pôde mentir para mim?

- Eu não matei a minha madrasta, David. Quando cheguei ao apartamento dela, eu a encontrei no chão, morta. Tive medo de que você não fosse acreditar em mim, por isso eu... inventei aquela história de ter ido ao teatro com um amigo.

Ele ficou parado, escutando, com uma expressão clínica no rosto.

- Eu estou lhe dizendo a verdade, David.

- Está mesmo? - Ele voltou as costas e partiu, furioso.

Em algum momento da noite, Helen cometeu suicídio. E uma semana depois, um ex-presidiário caço ao praticar um roubo confessou ter assassinado a madrasta de Helen.

No dia seguinte, David saiu da firma. Quiller ainda tentou dissuadi-lo.

- Não foi culpa sua, David. Ela mentiu para você, e além do mais...

- Aí é que está! Eu a deixei mentir. Não fiz o que me cabia fazer. Não confirmei a veracidade do que ela estava dizendo. Quis acreditar nela, e por causa disso, eu a decepcionei.

Duas semanas depois, David estava trabalhando para a Kincaid, Turner, Rose & Ripley

- Jamais tornarei a me responsabilizar pela vida de outra pessoa - jurou David.

E agora ia defender Ashley Paterson.

Capítulo Catorze

às dez horas da manhã seguinte, David entrou no escritório de Joseph Kincaid, que estava assinando alguns papéis e olhou de relance para David quando este entrou.

- Ah! Sente-se, David. Vou acabar num instante.

David sentou-se e esperou.

Quando terminou, Kincaid sorriu e disse:

- Pois bem! Você me traz boas notícias, não é mesmo?

Boas notícias para quem?, perguntou-se David.

- Você tem um futuro brilhante aqui, David, e eu tenho certeza de que não iria fazer nada para prejudicar sua carreira. A firma tem grandes planos para você.

David ficou calado, tentando encontrar as palavras certas.

- E então? Você disse ao Dr. Paterson que encontraria outro advogado para ele? - falou Kincaid.

- Não. Eu decidi que vou defendê-la.

O sorriso de Kincaid se desfez.

- Você vai mesmo defender essa mulher, David? Ela é uma assassina perversa, doentia. Quem a defender ficará impregnado com a mesma fama.

- Não estou fazendo isso porque queira, Joseph. Estou sendo obrigado. Eu devo muito ao Dr. Paterson, e esta é a única maneira que tenho de pagar.

Kincaid ficou sentado, em silêncio. Quando afinal falou, disse:

- Se essa é realmente a sua decisão, então eu sugiro que você tire uma licença. Sem vencimentos, é claro.

Adeus participação na firma!

- Depois do julgamento, naturalmente, volte para nós, e a sua participação na sociedade estará à sua espera.

David assentiu.

- Naturalmente.

- Vou passar os seus afazeres para Collins. Tenho certeza de que você já está querendo se concentrar no processo.

Trinta minutos depois, os sócios da Kincaid, Turner, Rose & Ripley estavam reunidos.

- Não podemos deixar que a nossa firma se envolva num caso como esse - objectou Henry Tumer.

Joseph Kincaid redarguiu de imediato:

- Não estamos envolvidos de facto, Henry. Estamos concedendo uma licença para ele.

Albert Rose se pronunciou.

- Acho que deveríamos dispensá-lo de vez.

- Ainda não. Seria uma decisão precipitada. O Dr. Paterson poderia ser uma boa fonte de negócios para nós. Ele conhece todo mundo e terá um sentimento de gratidão por lhe cedermos David. Independente do resultado do julgamento, esta é uma situação em que só temos a ganhar. Se for positivo, ganhamos o médico como cliente e damos a participação na sociedade para Singer. Se for negativo, abrimos mão de Singer e tentamos manter o bom nome público. Não há lado ruim.

Houve um momento de silêncio, até que John Ripley abriu um sorriso.

- Bom raciocínio, Joseph!

Quando saiu do escritório de Kincaid, David foi encontrar-se com Steven Paterson. Telefonara de antemão, e o médico já o esperava.

- E então, David?

Esta resposta vai mudar a minha vida, pensou David. E não vai ser para melhor.

- Vou defender a sua filha, Dr. Paterson.

Steven Paterson respirou fundo.

- Eu sabia. Seria capaz de apostar a minha própria vida. - Ele hesitou um instante. - Estou apostando a vida da minha filha.

- A firma me concedeu uma licença. Vou contar com a ajuda de um dos melhores advogados de defesa do...

O Dr. Paterson ergueu a mão.

- David, acho que eu deixei bem claro para você que não quero mais ninguém envolvido no caso. Ela está nas suas mãos, e somente nas suas mãos.

- Compreendo - falou David. - Mas Jesse Quiller é...

O Dr. Paterson se pôs de pé.

- Não quero ouvir mais nada sobre Jesse Quiller ou sobre qualquer desses outros advogados. Eu conheço os advogados de defesa, David. Eles só estão interessados em dinheiro e publicidade. Este caso não é de dinheiro nem publicidade. É de Ashley.

David ia falar, mas desistiu. Não havia o que dizer. O homem estava aferrado à sua questão. Eu posso lançar mão de toda a ajuda que puder conseguir, pensou David. Porque será que ele não quer deixar?

- Será que eu me fiz entender?

David assentiu.

- Certamente.

- Os seus honorários e as suas despesas correrão por minha conta, é claro.

- Não. É um caso dativo.

O Dr. Paterson o analisou por um breve instante e, em seguida, assentiu.

- Elas por elas?

- Elas por elas. - David conseguiu esboçar um sorriso. - O senhor conduz.

- David, se você está saindo de licença, vai precisar de dinheiro para viver. Eu insisto.

- Como o senhor quiser - falou David.

Pelo menos não vamos deixar de comer durante o processo.

Jesse Quiller estava esperando por David no Rubicon.

- Como foi?

David soltou um suspiro.

- Previsível. Estou de licença, sem salário.

- Bando de safados! Como é que eles podem...?

- Eles não têm culpa - interrompeu-o David. - Trata-se de uma firma conservadora.

- O que você vai fazer agora?

- O que você quer dizer?

- O que eu quero dizer? Você tem nas mãos o caso do século. Não tem mais um escritório onde trabalhar, não tem acesso a arquivos de pesquisa ou de casos, a livros de direito penal, nem sequer a um aparelho de Fax. E eu conheço aquele computador ultrapassado que você e Sandra têm em casa! Com aquilo ali não vai dar para rodar os programas jurídicos nem para entrar na Internet.

- Eu vou me virar - falou David.

- Ah, vai, sim! Tem uma sala vazia no meu conjunto de escritórios que você poderá utilizar E vai encontrar tudo de que precisa nela.

David levou um certo tempo para recobrar a voz.

- Jesse, eu não posso...

- Pode, sim. - Quiller sorriu. - Você há-de encontrar uma forma de me pagar por isso. Você sempre paga às pessoas, não é, santo David? - Ele pegou um cardápio. - Eu estou morrendo de fome. - Ergueu os olhos. - A propósito, o almoço é por sua conta.

David foi visitar Ashley na prisão de Santa Clara.

- Bom dia, Ashley!

- Bom dia! - Ela estava ainda mais pálida do que o normal. - Meu pai esteve aqui hoje de manhã. Disse que você vai me tirar daqui.

Eu gostaria de ser tão otimista assim, pensou David. Ele falou cautelosamente:

- Vou fazer tudo que puder, Ashley. O problema é que não são muitas as pessoas que conhecem o tipo de distúrbio que você tem. Vamos explicá-lo a todos. Vamos conseguir fazer com que os melhores médicos do mundo venham aqui testemunhar em seu favor.

- Estou com medo - sussurrou Ashley.

- De quê?

- Como se duas pessoas diferentes vivessem dentro de mim, pessoas que eu nem sequer conheço. - Sua voz saiu estremecida. - Elas podem assumir o comando a qualquer hora, e eu não tenho controle algum

sobre elas. Estou morrendo de medo. - Seus olhos se encheram de lágrimas.

David falou, tranquilamente:

- Elas não são pessoas, Ashley. Estão dentro da sua mente. Fazem parte de você. E com o tratamento adequado, você vai ficar boa.

Quando David chegou em casa naquela noite, Sandra abraçou-o e falou:

- Eu já lhe falei alguma vez do orgulho que tenho de você?
- Porque eu estou sem emprego? - perguntou David.
- Isso também. A propósito, o Sr. Crowther telefonou.
- O corrector de imóveis?
- Ele disse que os papéis estão prontos para serem assinados. É hora de dar a entrada de sessenta mil dólares. Eu receio que vamos ter de dizer-lhe que não temos como pagar...
- Espere. Eu tenho essa quantia no plano de previdência da empresa. Já que o Dr. Paterson estará cobrindo as nossas despesas, talvez nós consigamos resolver essa questão.
- Não precisa, David. Nós não queremos mesmo mimar o bebé com uma cobertura, não é?
- Ora, mas eu tenho uma boa notícia. Jesse vai me deixar...
- Eu sei. Conversei com Emily. Estamos nos mudando para o escritório de Jesse.
- Estamos? - perguntou David.

- Você se esqueceu de que é casado com uma auxiliar de justiça. Sério, meu bem, eu posso ajudar em muita coisa. Vou trabalhar com você até - ela tocou na barriga - Jeffrey nascer, e depois a gente vê como ficam as coisas.

- Sra. Singer, você faz idéia do quanto eu te amo?
- Não. Mas não se apresse. O jantar só vai ficar pronto dentro de uma hora.

Ela colocou os braços em torno do pescoço dele e murmurou:

- Por que você não tira a roupa, Tigre?

- O quê? - Ele se afastou um pouco e olhou para ela, preocupado. - O que o... o Dr. Bailey acha disso?

- O médico disse que se você não tirar a roupa logo, eu terei de atacá-lo. David sorriu.

- A palavra dele me basta.

Na manhã seguinte, David se mudou para a sala no conjunto de Jesse Quiller. Era um escritório completo, integrando um total de cinco salas.

- Nós o ampliámos um pouco desde que você saiu - explicou Jesse para David. - Não vai lhe faltar nada, tenho certeza. A biblioteca jurídica fica ao lado, você tem Fax à sua disposição, computadores, tudo de que precisar. Se não encontrar o que deseja, basta pedir.

- Obrigado - falou David. - Eu... nem sei como dizer o quanto fico-lhe agradecido, Jesse.

Jesse sorriu.

- Você vai me pagar. Lembra?

Sandra chegou alguns minutos depois.

- Estou pronta - disse. - Por onde começo?

- Vamos começar pesquisando tudo que pudermos sobre julgamentos de casos de personalidade múltipla. Deve haver uma tonelada de material na Internet. Vamos consultar o jornal do direito penal da Califórnia, a página da TV Jurídica e outros links da área criminalística e reunir todas as informações pertinentes que conseguirmos junto a Westlaw e Lexis-Nexis. Em seguida, vamos fazer um apanhado de todos os médicos especializados em problemas de personalidade múltipla; depois, contactá-los para ver se eles se dispõem a prestar depoimento como especialistas. Vamos precisar entrevistá-los para ver se poderemos usar os seus depoimentos como reforço à nossa defesa. Eu vou ter de repassar os procedimentos de direito penal e me preparar para o exame do júri. Também vamos precisar obter uma lista das testemunhas arroladas pelo Ministério Público, juntamente com os depoimentos delas. Quero formar todo um pacote com esses procedimentos probatórios.

- E vamos ter de enviar a nossa lista para eles também. Você pretende chamar Ashley para o banco?

David balançou a cabeça.

- Ela está muito fragilizada. A promotoria a arrasaria. - Ele olhou para Sandra. - Este caso vai ser muito difícil.

Sandra sorriu.

- Mas eu sei que você vai ganhar. Eu sei que é capaz.

David telefonou para Harvey Udell, o contador da Kincaid, Tumer, Rose & Ripley.

- Harvey! David Singer.

- Alô, , David! Estou sabendo que você vai nos deixar por algum tempo.

- Vou, sim.

- O caso que você está pegando é interessante. Os jornais não param de falar nele. O que você deseja?

- Eu tenho sessenta mil dólares do meu plano de previdência aí, Harvey. Eu não ia retirar agora, mas Sandra e eu acabamos de comprar uma cobertura, e vou precisar do dinheiro para dar a entrada - disse David.

- Uma cobertura! Meus parabéns!

- Obrigado! Quando vou poder pegar o dinheiro?

Decorreu um breve espaço de tempo.

- Eu posso ligar de volta para você?

- Claro. - David passou para ele o número do seu telefone.

- Eu ligo já.

- Obrigado!

Harvey Udell desligou e logo pegou o aparelho de volta.

- Avise ao Sr. Kincaid que eu gostaria de falar com ele agora.

Trinta minutos depois, ele estava no escritório de Joseph Kincaid.

- O que foi, Harvey?

- Eu recebi um telefonema de David Singer, Sr. Kincaid. Ele comprou uma cobertura e precisa dos sessenta mil dólares que tem no plano de previdência para dar a entrada. Na minha opinião, não somos obrigados a entregar-lhe o dinheiro agora. Ele está de licença e não...

- Eu me pergunto se ele sabe o quanto custa manter uma cobertura.

- Provavelmente, não sabe. Eu vou dizer que ele não...

- Dê-lhe o dinheiro.

Harvey olhou para ele, surpreso.

- Mas nós não temos de...

Kincaid se inclinou para a frente da cadeira.

- Vamos ajudá-lo a cavar um buraco para si mesmo, Harvey. Assim que der a entrada pela cobertura... ele será nosso.

Harvey Udell telefonou para David.

- Tenho boas notícias, David. Você está retirando o dinheiro que tem no plano de previdência antes do tempo, mas não tem problema. O Sr. Kincaid mandou dar o que você quiser.

- Sr. Crowther! David Singer.

- Eu estava aguardando notícias suas, Sr. Singer.

- A entrada para a cobertura está a caminho. Chegará às suas mãos amanhã.

- Ora, que maravilha! Conforme eu lhe disse, temos mais gente querendo ficar com ela, mas estou com a impressão de que o senhor e sua esposa são os moradores certos. Vocês serão muito felizes lá.

Só que, pensou David, vai ser preciso uma boa meia dúzia de milagres.

O depoimento de Ashley Paterson foi prestado no Tribunal Superior de Santa Clara, na rua um -Norte, em San José. A disputa legal sobre a jurisdição estendeu-se por semanas. Foi complicada porque os assassinatos haviam ocorrido em dois países e dois estados diferentes. uma reunião estava se realizando em São Francisco, com a presença do delegado Guy Fontaine, do Departamento de Polícia de Quebeque, o comissário Dowling, de Santa Clara, o detective Eagan, de Bedford, Pensilvania, o capitão Rudford, do Departamento de Polícia de São Francisco, e Roger Toland, o comissário de San José.

- Nós gostaríamos de julgá-la em Quebeque, pois temos provas irrefutáveis de sua culpa. Não há como ela possa ser considerada inocente lá - falou o detective Fontaine.

- Quanto a isso, nós também temos, detective Fontaine. O assassinato de Jim Cleary foi o primeiro que ela cometeu, e eu acho que deve ter prioridade sobre os demais - disse o detective Eagan.

O capitão Rudford, da polícia de São Francisco, falou:

- Senhores, não há dúvida de que todos somos capazes de provar a culpa da acusada. Mas três desses assassinatos ocorreram na Califórnia, e ela deve ser julgada aqui por todos eles. Isto nos dá uma argumentação muito mais forte.

- Eu concordo - disse o comissário Dowling. - E dois deles ocorreram em Santa Clara, então é esta a jurisdição que deve prevalecer.

Eles passaram as duas horas seguintes debatendo os méritos de suas posições e, afinal, decidiram que o julgamento pelos assassinatos de Dennis Tibble, de Richard Melton e do delegado Sam Blake seriam conduzidos na sede do Ministério Público de San José. Eles concordaram que os assassinatos de Bedford e Quebeque ficariam para mais tarde.

No dia do depoimento, David ficou de pé ao lado de Ashley

- A alegação é de culpa ou de inocência? - perguntou o juiz da comarca.

- De inocência; e inocência por insanidade.

O juiz assentiu.

- Pois bem.

- Meritíssimo, vamos fazer neste instante um pedido de fiança.

O representante da promotoria pública interrompeu.

- Meritíssimo, apresentamos objecção veemente. A ré é acusada de três assassinatos hediondos e está sujeita à pena de morte. Se tivesse nas mãos a oportunidade, ela fugiria do país.

- Isto não é verdade - falou David. - Não há...

O juiz interrompeu-o.

- Já analisei os arquivos e o parecer da promotoria negando fiança. Fiança negada. Este caso está nas mãos da juíza Williams para todos os efeitos. A ré será mantida em custódia na prisão de Santa Clara até o julgamento.

David soltou um suspiro.

- Perfeitamente, meritíssimo! - Ele se virou para Ashley

- Não se preocupe. Tudo vai acabar bem. Lembre-se: você não é culpada.

Quando David voltou para o escritório, Sandra falou:

- Viu as manchetes? Os tablóides estão chamando Ashley de " Meretriz Sanguinária". A história está em todos os canais de televisão.

- Nós sabíamos que seria uma batalha difícil - falou David. - E isto é só o começo. Vamos ao trabalho.

O julgamento ocorreria em oito semanas.

As oito semanas que se seguiram foram de uma actividade febril. David e Sandra trabalhavam o dia inteiro e costumavam entrar noite a dentro, desencavando transcrições de julgamentos de réus com distúrbio de personalidade múltipla. Havia dúzias de casos.

Réus julgados como assassinos, estupradores, ladrões, traficantes de drogas, incendiários... Alguns haviam sido condenados; outros, absolvidos.

- Vamos conseguir absolver Ashley - falou David para Sandra.

Sandra cadastrou os nomes de testemunhas importantes e telefonou para todas.

- Dr. Nakamoto, estou trabalhando com David Singer. Fui informada de que o senhor prestou depoimento no caso. O Estado de Oregon contra Bobannan. O Sr. Singer está representando Ashley Paterson... Ah, o senhor sabia? Pois não. Nós gostaríamos que o senhor viesse a San José para prestar depoimento em favor dela...

- Dr. Booth, estou ligando da parte do escritório de David Singer. Ele está defendendo Ashley Paterson. O senhor prestou depoimento no caso Dickerson. Nós estaríamos interessados no seu depoimento como especialista... Gostaríamos que o senhor viesse a San José para depor em favor da Senhorita Paterson. Precisamos do seu parecer técnico...

- Dr. Jameson, quem está falando aqui é Sandra Singer. Nós precisamos que o senhor venha...

E assim foi, desde de manhã cedo até à meia-noite. Afinal, eles cadastraram doze testemunhas. David olhou para a lista e falou:

- Impressionante! Médicos, um decano... e alguns catedráticos de faculdades de direito. - Ele ergueu os olhos para Sandra e sorriu. - Acho que estamos indo bem.

De tempos em tempos, Jesse Quiller entrava no escritório que David estava usando.

- Como estão indo as coisas? - perguntou ele. - Posso ajudar em algo?

- Por ora, tudo bem. Obrigado!

Quiller olhou em torno da sala.

- Você tem aí tudo de que precisa?

David sorriu.

- Tudo, inclusive o meu melhor amigo.

Na manhã de segunda-feira, David recebeu um pacote da promotoria pública listando os procedimentos probatórios do estado. À medida que começou a ler, ele se sentiu desanimado.

Sandra o estava observando, apreensiva.

- O que foi?

- Veja só isto. Estão trazendo um monte de peritos médicos de peso para testemunhar contra o DPM.

- Como você pretende lidar com isso? - perguntou Sandra.

- Vamos admitir que Ashley estava nas cenas dos crimes, mas que os assassinatos na verdade foram cometidos por um alter ego. Será que eu consigo convencer um júri disso?

Cinco dias antes do julgamento começar, David recebeu um telefonema dizendo que a juíza Williams queria vê-lo.

David entrou no escritório de Jesse Quiller.

- Jesse, o que você pode me dizer sobre a juíza Williams?

Jesse se recostou em sua cadeira e entrelaçou os dedos atrás da nuca.

- Tessa Williams... Você foi escoteiro, David?

- Fui...

- Você se lembra do lema do escoteiro... "sempre alerta"?

- Claro.

- Toda vez que entrar na vara de justiça da juíza Tessa Williams, fique alerta. Ela é brilhante. Subiu da maneira mais difícil. Vem de uma família de meeiros da região do Mississippi. Fez o curso técnico com o auxílio de uma bolsa de estudos, e seus conterrâneos têm tanto orgulho dela que se cotizaram para pagar-lhe a faculdade de direito. Corre o boato de que ela rejeitou uma posição importante em Washington porque gosta de trabalhar onde está. A mulher é uma lenda viva.

- Interessante - falou David.

- O julgamento vai ser em Santa Clara?

- Vai, sim.

- Então você vai ter como promotor o meu velho amigo Mickey Brennan.

- Pode me dizer alguma coisa sobre ele?

- É um irlandês brigão, duro por dentro, duro por fora. Todos na família de Brennan são bem-sucedidos. O pai dele tem uma grande editora; a mãe é médica; e a irmã é professora universitária. Brennan foi um famoso jogador de futebol americano na época da faculdade e se formou como um dos melhores da turma. - Ele se inclinou para a frente. - O sujeito é bom, David. Cuidado! O truque dele é desarmar as testemunhas e depois dar o bote mortal. Ele gosta de pegar as pessoas desprevenidas... Por que a juíza Williams quer conversar com você?

- Não faço idéia. O recado que recebi só dizia que ela queria discutir o caso Paterson comigo.

Jesse Quiller franziu o cenho.

- Isso não é comum. Para quando está marcado o encontro com ela?

- Quarta-feira de manhã.

- Fique com um pé atrás.

- Obrigado, Jesse! Vou ficar.

A sede do Ministério Público de Santa Clara é um prédio branco de quatro andares na rua um norte. Na entrada do fórum há uma mesa com um guarda uniformizado, um detector de metais, uma grade ao lado e um elevador. O edifício aloja sete varas de justiça, cada uma presidida por um juiz e sua equipe. As dez da manhã de quarta-feira, David Singer foi recebido no gabinete da juíza Tessa Williams. No recinto, encontrava-se também Mickey Brennan. O chefe da promotoria pública era um

homem dos seus cinquenta e poucos anos, baixo e parrudo, com um leve sotaque irlandês. Tessa Williams ainda não havia chegado aos cinquenta e se mantinha esbelta, uma bela afro-americana de comportamento ríspido e autoritário.

- Bom dia, Sr. Singer! Eu sou a juíza Williams. Este é o Sr. Brennan.

Os dois homens apertaram-se as mãos.

- Sente-se, Sr. Singer. Quero conversar sobre o caso Paterson. Segundo nos consta, o senhor apresentou alegação de inocência, e inocência por insanidade?

- Correcto, meritíssima.

Ajuíza Williams disse:

- Reuni vocês dois aqui porque acho que podemos economizar muito tempo e poupar ao estado muitas despesas. Normalmente não sou a favor de entrar num acordo de alegações, mas, neste caso, acho que se justifica.

David estava escutando, intrigado.

A juíza se dirigiu a Brennan.

- Li as transcrições da audiência preliminar e não vejo razão para que este caso vá a julgamento. Eu gostaria que o estado abrisse mão da pena de morte e aceitasse uma alegação de culpa sem a chance de uma condicional.

- Espere um minuto - falou David. - Isto está fora de cogitação!

Os dois se viraram para ele.

- Sr. Singer...

- Minha cliente não é culpada. Ashley Paterson passou por um exame no detector de mentiras que prova...

- Isso não prova nada e, conforme o senhor bem sabe, não é permitido num tribunal. Devido a toda a publicidade, este julgamento será demorado e confuso.

- Eu tenho certeza de que...

- Eu pratico o direito há muito tempo, Sr. Singer. Já ouvi tudo o que há para ouvir acerca de alegações judiciais. Já ouvi alegações de autodefesa... é uma alegação aceitável; assassinato por razão de

insanidade temporária... é uma alegação razoável; responsabilidade penal diminuída por doença mental... Mas vou lhe dizer no que eu não acredito, doutor "Não sou culpada porque não cometi o crime, foi meu alter ego quem o cometeu. " Para usar um termo que não consta no Blackstone, isso é uma "baboseira".

Ou sua cliente cometeu os crimes, ou não os cometeu. Se o senhor mudar para uma alegação de culpa, nós poderemos economizar muito...

- Não, meritíssima, eu não vou mudar.

A juíza Williams analisou David por um instante.

- O senhor é muito teimoso. Há quem ache isso uma qualidade admirável. - Ela se inclinou para a frente em sua cadeira.

- Eu, não.

- Meritíssima...

- O senhor está nos forçando a um julgamento que vai durar pelo menos três meses... talvez mais.

Brennan assentiu.

- Concordo.

- Sinto muito que estejam achando...

- Sr. Singer, estou aqui para lhe fazer um favor. Se levarmos sua cliente a julgamento, ela vai morrer.

- Um momento! Sua Excelência está pré-julgando este caso sem...

- Pré-julgando o caso? O senhor viu as provas?

- Vi, sim...

- Pelo amor de Deus, doutor! O DNA e as impressões digitais de Ashley Paterson estão em todas as cenas dos crimes. Nunca vi um caso tão bem definido de culpa. Se o senhor insistir em levar isso adiante, poderá acabar virando um circo. Ora, não vou deixar que isso aconteça. Não gosto de circos no meu tribunal. Vamos resolver este caso aqui e agora. Vou lhe perguntar mais uma vez... o senhor aceita mudar a alegação de sua cliente e ficar com uma prisão perpétua sem direito à condicional?

- Não - respondeu David obstinadamente.

Ela o fitou com tenacidade.

- Perfeitamente! Vejo o senhor na semana que vem.

Ele tinha acabado de fazer uma inimizade.

Capítulo Quinze

San José logo assumiu ares de uma cidade em festa. Aportaram representantes da mídia do mundo inteiro. Todos os hotéis estavam com as reservas esgotadas, e alguns dos jornalistas se viram forçados a se hospedar nas cidades vizinhas de Santa Clara, Sunnyvale e Palo Alto. David foi cercado por repórteres.

- Sr. Singer, a respeito do seu caso, o senhor está alegando a inocência de sua cliente...?
- O senhor vai levar Ashley Paterson ao banco...?
- É verdade que o Ministério Público andou lhe propondo um acordo de alegações?
- O Dr. Paterson vai testemunhar em favor da filha...?
- Minha revista está disposta a pagar cinquenta mil dólares por uma entrevista com a sua cliente...

Mickey Brennan também estava sendo pressionado pela mídia.

- Sr. Brennan, o senhor faria alguns comentários sobre o julgamento? Brennan se virou e sorriu para as câmaras de televisão.
- Claro, eu posso resumir o julgamento em três palavras. "Nós vamos ganhar". Sem mais comentários!
- Espere. O senhor acha que ela é doente mental...?
- O estado vai pedir a pena de morte...?
- O senhor chamaria este caso de irrefutável...?

David alugou um escritório em San José, perto do tribunal, onde poderia entrevistar suas testemunhas e prepará-las para o julgamento. Resolveu que Sandra ficaria baseada no escritório de Quiller, em São Francisco, até o início do julgamento. O Dr. Salem tinha chegado a San José.

- Eu gostaria que o senhor tornasse a hipnotizar Ashley - falou David. - Vamos obter todas as informações possíveis dela e dos alteres antes que

comece o julgamento.

Eles se reuniram com Ashley numa sala da carceragem no centro de detenção da cidade. Ela estava fazendo um grande esforço para ocultar o nervosismo. Aos olhos de David, ela mais parecia um cervo aprisionado pelos faróis de uma motoniveladora se deslocando em sua direcção.

- Bom dia, Ashley! Está lembrada do Dr. Salem?

Ashley assentiu.

- Ele vai hipnotizá-la outra vez. Tudo bem?

- Ele vai conversar com as... as outras? - perguntou Ashley

- Vai, sim. Você se importa?

- Não. Mas eu... eu não quero falar com elas.

- Não tem problema. Não precisa.

- Ai, que ódio! - Ashley teve um rompante de raiva.

- Eu entendo - falou David, tentando confortá-la. - Não se preocupe.

Logo vai acabar. - Ele assentiu para o Dr. Salem.

- Fique à vontade, Ashley. Você se lembra de que foi fácil da outra vez. Basta fechar os olhos e relaxar. Tente esvaziar a mente. Sinta o seu corpo relaxando. Ouça o som da minha voz. Deixe que tudo o mais se vá. Você está ficando com muito sono. Seus olhos estão ficando muito pesados. Você quer dormir... Dormir. .

Em dez minutos, ela estava hipnotizada. O Dr. Salem gesticulou para David, que se dirigiu a Ashley

- Eu gostaria de falar com Alette. Você está aí, Alette?

Eles viram o rosto de Ashley assumir uma expressão branda, passando pela mesma transformação que tinham presenciado anteriormente. Em seguida, ouviram o sotaque italiano, suave e melodioso.

- Buon giorno!

- Bom dia, Alette! Como vai?

- Male. Que momento difícil!

- Está difícil para todos nós - reforçou David -, mas tudo vai acabar bem.

- Assim espero.

- Alette, eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas.
- As...
- Você conheceu Jim Cleary?
- Não.
- Você conheceu Richard Melton?
- Conheci. - Havia uma tristeza profunda em sua voz. - Foi... foi terrível o que aconteceu com ele.

David voltou os olhos para o Dr. Salem.

- Foi, sim. Terrível! Quando você o viu pela última vez?
- Eu o visitei em São Francisco. Nós fomos a um museu e depois jantamos juntos. Antes de eu ir embora, ele me convidou para ir ao seu apartamento.
- E você foi?
- Não. Eu gostaria de ter ido - falou Alette, arrependida. - Quem sabe eu não poderia ter salvado a vida dele? - Houve uma pausa breve. - Nós nos despedimos, e eu peguei meu carro e voltei para Cupertino.
- E foi essa a última vez em que você o viu?
- Foi.

- Obrigado, Alette!

David se aproximou de Ashley e falou:

- Toni? Você está aí, Toni? Eu gostaria de conversar com você.

Enquanto eles observavam, o rosto de Ashley sofreu outra transformação notável. Sua personalidade se modificou diante de seus olhos. Houve uma nova postura, uma consciência sexual. Ela começou a cantarolar com aquela voz clara e gutural:

"Subindo e descendo a rua da cidade
Entra tostão, sai tostão. Ora, ora!
assim que o dinheiro se vai.
Mas a lontra - pluft! - foi embora. "

Ela olhou para David.

- Você sabe por que eu adoro cantar essa musiquinha, meu caro?
- Não.
- Porque a minha mãe a odiava. Ela me odiava.
- Por que ela a odiava?

- Ora, não dá mais para perguntar, não é mesmo? - Toni riu. - Não onde ela está agora! Para a minha mãe, nada do que eu fizesse estava correcto. Que tipo de mãe você teve, David?

- Minha mãe foi uma pessoa maravilhosa.

- Você é um rapaz de sorte, hein? Acho que essa é a sorte do acaso. Deus gosta de jogar com a gente, não gosta?

- Você acredita em Deus? É uma pessoa religiosa, Toni?

- Não sei. Talvez haja um Deus. Se houver, ele tem um senso de humor estranho, não é mesmo? Alette é religiosa. Ela é quem vai sempre à igreja, regularmente.

- E você?

Toni soltou uma gargalhada breve.

- Ora, essa! Se ela está lá, eu também estou.

- Toni, você acha que é correcto matar alguém?

- Não, claro que não!

- Então...

- A não ser que seja preciso.

David e o Dr. Salem trocaram olhares.

- O que você quer dizer com isso?

O tom de voz mudou. Ela subitamente se colocou na defensiva.

- Ora, você sabe, quando a gente tem de se proteger! Se alguém estiver machucando a gente. - Ela estava ficando agitada. - Se algum palerma estiver tentando fazer sujeira com a gente.

- Ela estava ficando histérica.

- Toni...

Ela começou a soluçar.

- Por que eles não me deixam em paz? Por que tinham de...? - Estava berrando.

- Toni...

Silêncio.

- Toni...

Nada.

- Ela se foi. Eu gostaria de despertar Ashley - disse o Dr. Salem.

David soltou um suspiro.

- Tudo bem.

Alguns minutos depois, Ashley estava abrindo os olhos.

- Como está se sentindo? - perguntou David.

- Cansada. Eu... foi tudo bem?

- Foi. Falamos com Alette e Toni. Elas...

- Eu não quero saber.

- Tudo bem. Por que não vai descansar agora, Ashley? Voltarei à tarde para vê-la.

Eles esperaram até a carcereira levá-la embora.

- Você precisa chamá-la ao banco, David. Isso há-de convencer qualquer júri no mundo inteiro de que... - disse o dr. Salem.

- Já pensei muito nisso - falou David. - Acho que não posso.

O Dr. Salem olhou para ele um instante.

- Por que não?

- Brennan, o advogado de acusação, é cruel. Ele a destroçaria. Eu não posso correr esse risco.

Dois dias antes do início das preliminares do julgamento, David e Sandra estavam jantando com os Quiller.

- Nós nos hospedamos no Wyndham Hotel - falou David. - O gerente me fez um favor especial. Sandra vai ficar comigo. A cidade está mais superlotada do que se poderia imaginar.

- E se já está confuso agora - disse Emily -, imagine como vai ficar quando o julgamento começar!

Quiller olhou para David.

- Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?

David balançou a cabeça.

- Eu preciso tomar uma grande decisão: se levo Ashley ao banco ou não.

- Essa decisão é difícil! - falou Jesse Quiller - Vai ser ruim se você a levar, e também se não a levar. O problema é que Brennan vai construir uma imagem de Ashley Paterson como um monstro sádico e assassino. Se você não a levar ao banco, esta é a imagem que os jurados terão em

mente quando se recolherem à sala do júri para chegar ao veredicto. Por outro lado, pelo que você diz, se levar Ashley ao banco, Brennan poderá destruí-la.

- Brennan vai levar todos os seus peritos médicos para desmoralizar os distúrbios de personalidade múltipla.

- Você vai precisar convencê-los de que é verdade.

- É isso o que pretendo fazer - falou David. - Sabe o que me incomoda, Jesse? As piadas. A última que anda circulando é que eu quis mudar o lugar do julgamento, a fim de assegurar a justiça, mas desisti porque não há um lugar sequer onde Ashley ainda não tenha matado alguém. Você se lembra de quando Johnny Carson tinha um programa na televisão? Ele era engraçado, e sempre manteve uma postura cavalheiresca. Agora, os comediantes dos programas que vão ao ar à noite são todos maliciosos. O humor que fazem à custa dos outros é selvagem.

- David?

- Diga.

- Vai piorar ainda mais - disse Jesse Quiller, tranquilamente.

Na noite anterior ao seu comparecimento ao tribunal, David Singer não conseguia dormir. Não podia impedir que os pensamentos negativos lhe rondassem a cabeça. Quando, finalmente, Caiu no sono, ouviu uma voz dizendo: Você deixou a sua última cliente morrer e se também deixar esta agora morrer?

Ele se sentou na cama, molhado de suor.

Sandra abriu os olhos.

- Você está bem?

- Estou. Não. Que diabos estou fazendo aqui? Tudo que eu precisava fazer era dizer não para o Dr. Paterson.

Sandra apertou-lhe o braço e disse baixinho:

- E por que você não disse?

Ele grunhiu:

- Você está certa. Eu não podia.

- Tudo bem, então. Agora, que tal dormir um pouco para estar bem-disposto amanhã de manhã?

- É uma excelente idéia.

Ele passou o resto da noite acordado.

A juíza Williams estava certa quanto à mídia. Os repórteres eram incansáveis. Chegavam jornalistas de toda parte do mundo, ávidos por cobrir a história de uma bela jovem que estava sendo julgada como uma assassina maníaca que mutilava sexualmente suas vítimas. O facto de Mickey Brennan estar proibido de citar os nomes de Jim Cleary e Jean Claude Parent no julgamento foi frustrante, mas a mídia resolveu o problema por ele. Os programas de entrevistas na televisão, as revistas e os jornais todos traziam histórias sensacionalistas dos cinco assassinatos acompanhados de castrações. Mickey Brennan estava satisfeito.

Quando David chegou ao tribunal, os jornalistas correram para

entrevistá-lo. Ele foi cercado.

- Sr. Singer, ainda trabalha para a Kincaid, Tumer, Rose & Ripley...?
- Olhe para cá, Sr. Singer...
- É verdade que o senhor foi demitido por aceitar este caso...?
- Poderia nos dizer algumas palavras sobre Helen Woodman? O senhor foi o advogado no processo por assassinato...?
- Ashley Paterson disse por que ela fez isso...?
- O senhor vai levar sua cliente ao banco dos réus...?
- Nada a declarar - disse David, rispidamente.

Quando Mickey Brennan chegou ao estacionamento do fórum, seu carro foi instantaneamente cercado pelos jornalistas.

- Sr. Brennan, como acha que vai ser o julgamento...?
- O senhor já processou algum alter ego antes...?

Brennan abriu um sorriso simpático.

- Não. Mal posso esperar para falar com todas as rés. - Ele obteve a gargalhada que queria. - Se elas forem em número suficiente, podem até formar um clube. - Mais uma gargalhada.
- Eu preciso entrar. Não quero que nenhuma das rés tenha de esperar por mim.

O exame do júri teve início com a juíza Williams fazendo perguntas genéricas aos jurados em potencial. Quando ela terminou, foi a vez da defesa; e depois, da promotoria.

Para os leigos, a escolha de um júri parece simples: Escolha o pretenso jurado que pareça simpático e dispense os demais. A bem da verdade, o exame do júri era um ritual cuidadosamente planejado.

Os advogados mais habilidosos não faziam perguntas directas, que pudessem gerar um simples sim ou não como resposta. Faziam perguntas genéricas, que encorajassem os jurados a falar e revelar algo sobre si mesmos e seus verdadeiros sentimentos.

Mickey Brennan e David Singer tinham pautas diferentes. Neste caso, Brennan queria que a maioria dos jurados fosse constituída de homens, para que estes sentissem repugnância e ficassem chocados diante da idéia de uma mulher esfaqueando e castrando suas vítimas.

As perguntas de Brennan visavam determinar aqueles que fossem tradicionais em seu modo de pensar, menos propensos a acreditar em espíritos, duendes e pessoas que alegassem ter alteres habitando o âmago de seu ser. David usou a abordagem oposta.

- Sr. Harris, correcto? Eu sou David Singer. Estou representando a ré. Já tomou parte num júri antes, Sr. Harris?

- Não.

- Fico-lhe grato por dedicar seu tempo e sua atenção a este serviço.

- Deve ser interessante, um grande julgamento de assassinato como este!

- Perfeitamente. Acho que vai ser, mesmo.

- Eu estou ansioso para ver

- Está ansioso, então?

- Ora, sem dúvida!

- Onde trabalha, Sr. Harris?

- Na Siderúrgica da União.

- Eu suponho que o senhor e seus colegas tenham conversado sobre o caso Paterson.

- Conversamos, sim. De facto, conversamos.
 - Isso é compreensível - falou David. - Todos parecem estar comentando sobre o caso. Qual é a opinião geral? Seus colegas de trabalho acham que Ashley Paterson é culpada?
 - Oh, sim. Devo dizer que acham que ela é realmente culpada.
 - E o senhor pensa da mesma forma?
 - Bem, é o que parece.
 - Mas o senhor está disposto a prestar atenção às provas antes de decidir?
 - Sim. Estou, sim.
 - O que gosta de ler, Sr. Harris?
 - Não sou muito de ler. Eu gosto de acampar, caçar e pescar.
 - Gosta da vida ao ar livre. Quando está acampando durante a noite e olha para as estrelas, o senhor pergunta a si mesmo se não existem outras civilizações lá no espaço?
 - Está se referindo a essa maluquice de discos voadores? Eu não acredito nessa besteirada, não.
- David se virou para a juíza Williams.
- Recusado, meritíssima.

Mais um interrogatório de jurado:

- O que gosta de fazer durante o seu tempo livre, Sr. Allen?
 - Gosto de ler e assistir à televisão.
 - Eu gosto de fazer as mesmas coisas. Ao que o senhor assiste na televisão?
 - Há programas muito bons nas noites de quinta-feira. É difícil escolher. As emissoras colocam todos os programas de qualidade no mesmo horário!
 - Tem razão. Isso é um absurdo! O senhor já assistiu ao Arquivo X?
 - Já. Os meus filhos adoram.
 - E Sabriruz, a bruxa adolescente?
 - Ah, já. Nós gostamos desse também. É um bom programa.
 - O que gosta de ler?
 - Anne Rice, Stephen King...
- Sim.

Mais um interrogatório de jurado:

- Ao que gosta de assistir na televisão, Sr. Mayer?
- Sessenta Minutos, o noticiário com Jim Lehrer, documentários...
- O que gosta de ler?
- Em geral, livros de história e política.
- Obrigado!

Não.

A juíza Tessa Williams permanecia sentada, escutando os interrogatórios, sem se deixar trair pela expressão do rosto. Mas David pôde sentir sua desaprovação todas as vezes em que a juíza olhou para ele.

Quando o último jurado foi finalmente escolhido, o painel consistia em sete homens e cinco mulheres. Brennan lançou um olhar de triunfo para David. Isso vai ser um massacre total.

Capítulo Dezesseis

Bem cedo, na manhã em que o julgamento de Ashley Paterson estava previsto para começar, David foi ver Ashley no centro de detenção. Ela estava à beira de um ataque histérico.

- Eu não posso continuar com isso. Não posso! Quero que me deixem em paz.

- Ashley, vai ficar tudo bem. Nós vamos enfrentá-los e vamos vencer.

- Você não sabe... não sabe o que é isso. Eu me sinto como se estivesse num inferno!

- Nós vamos tirá-la disso. Estamos dando o primeiro passo.

Ela tremia.

- Estou com medo... com medo de que façam alguma coisa terrível comigo.

- Eu não vou deixar - falou David com firmeza. - Quero que você acredite em mim. E não se esqueça... você não é responsável pelo que aconteceu. Não fez nada de errado. Eles estão à nossa espera.

Ela respirou fundo.

- Tudo bem. Eu vou ficar bem. Vou ficar bem. Vou ficar bem.

Sentado na ala reservada aos espectadores, estava o Dr. Steven Paterson. Ele respondera à barreira de repórteres do lado de fora do tribunal com uma única declaração:

- Minha filha é inocente.

A várias fileiras de distância estavam Jesse e Emily Quiller, presentes para dar apoio moral.

à mesa da promotoria, sentavam-se Mickey Brennan e duas assistentes, Susan Freeman e Eleanor Tucker.

Sandra e Ashley estavam sentadas à mesa dos réus, com David entre elas. As duas haviam se encontrado pela primeira vez na semana anterior.

- David, dá para olhar para Ashley e ver que ela é inocente.

- Sandra, dá para olhar para as provas que Ashley deixou em suas vítimas e ver que ela as matou. Mas matá-las e ser culpada são duas coisas diferentes. Agora, eu só tenho de convencer o júri.

A juíza Williams entrou no tribunal e se dirigiu à sua mesa. O oficial de justiça anunciou:

- Todos de pé. Está iniciada a sessão. Preside a meritíssima juíza Tessa Williams.

A juíza Williams falou:

- Podem se sentar. Este é o caso do Estado da Califórnia contra Ashley Paterson. Vamos começar - A juíza Williams olhou para Brennan. - O promotor gostaria de fazer uma declaração de abertura?

Mickey Brennan se levantou.

- Sim, meritíssima. - Ele se virou para o júri e se aproximou. - Bom dia! Como todos sabem, senhoras e senhores, a ré está sob julgamento, acusada de cometer três assassinatos hediondos. Os assassinos surgem sob vários disfarces. - Ele fez um gesto com a cabeça na direcção de Ashley. - O dela é o de uma jovem moça inocente e vulnerável. Mas o estado há-de provar-lhes, sem sombra de dúvida, que a ré, por vontade própria e em plena consciência, assassinou e mutilou três homens inocentes. Ela usou um nome fictício para cometer um desses assassinatos, na esperança de não ser descoberta. Sabia exatamente o que estava fazendo. Estamos falando de assassinato calculado a sangue-frio. à medida que for se desenrolando o julgamento, eu vou lhes mostrar todas as evidências, uma a uma que amarram este caso à ré que ali se encontra. Obrigado!

Ele voltou ao seu lugar.

A juíza Williams olhou para David.

- A defesa tem alguma declaração de abertura?

- Sim, meritíssima. - David se levantou de frente para o júri. Respirou profundamente. - Senhoras e senhores, no decurso deste julgamento, vou provar-lhes que Ashley Paterson não é responsável pelo que aconteceu. Ela não tinha motivo para praticar nenhum dos assassinatos,

tampouco sabia deles. Minha cliente é uma vítima. uma vítima de DPM... distúrbio de personalidade múltipla, que lhes será explicado no decorrer deste julgamento - disse David.

Ele olhou de relance para a juíza Williams e falou com firmeza:

- O DPM é facto comprovado em termos médicos. Significa que há outras personalidades, ou alteres, que assumem o controle dos indivíduos e controlam suas acções. O DPM tem um histórico longo. Benjamin Rush, médico e signatário da Declaração de Independência, discutiu casos de DPM em suas palestras. Muitos incidentes de DPM foram registrados durante todo o século XIX e também durante este século, sendo os indivíduos subjugados pelos alteres.

Brennan estava escutando David, com um sorriso cínico estampado no rosto.

- Nós vamos provar-lhes que foi um alter que assumiu o comando e cometeu os assassinatos que Ashley Paterson não tinha razão absolutamente alguma para cometer. Nenhum motivo. Ela não tinha o controle do que estava acontecendo e, portanto, não é responsável pelo que aconteceu. Durante o curso deste julgamento, estarei trazendo eminentes médicos que irão explicar o DPM em maiores detalhes. Felizmente, trata-se de uma perturbação curável.

Ele olhou bem nos rostos dos jurados.

- Ashley Paterson não teve controle algum sobre o que fez, e em nome da justiça pedimos que Ashley Paterson não seja condenada por crimes sobre os quais não teve responsabilidade.

David voltou ao seu lugar

A juíza Williams olhou para Brennan.

- O estado está pronto para prosseguir?

Brennan se levantou.

- Sim, meritíssima. - Ele lançou um sorriso para suas assistentes e foi para a frente da bancada do júri. Brennan ficou ali parado um instante e, deliberadamente, soltou um sonoro arrote. Os jurados ficaram olhando para ele, surpresos. Brennan os fitou por um breve instante, como que intrigado, e em seguida a conturbação se dissipou de seu rosto.

- Ah, entendi. Vocês estavam esperando que eu pedisse desculpas. Ora, eu não pedi porque não fiz nada. Foi meu alter ego, Pete, quem fez.

David se levantou, furioso.

- Objecção. Meritíssima, é a coisa mais ultrajante...

- Mantida.

Mas o prejuízo já havia sido feito.

Brennan lançou um sorriso condescendente para David e voltou-se para o júri.

- Ora, eu acho que não há defesa igual desde o julgamento das bruxas de Salem, há trezentos anos! - Ele se virou de frente para Ashley - Eu não fiz nada. Não, senhor. O demónio me levou a fazer isso.

David se levantou novamente.

- Objecção, o...

- Indeferida.

David tornou a se sentar, com violência.

Brennan deu um passo mais para perto da bancada dos jurados.

- Eu lhes prometi que iria provar que a ré, por vontade própria e em plena consciência, assassinou e mutilou três homens inocentes: Dennis Tibble, Richard Melton e o delegado Samuel Blake. Três homens! Apesar do que diz a defesa - ele se virou e tornou a apontar para Ashley -, só há uma ré ali sentada, e foi ela quem cometeu os assassinatos. Como foi que o Sr. Singer chamou? Distúrbio de personalidade múltipla? Ora, eu vou trazer alguns renomeados médicos que lhes dirão, sob juramento, que isso não existe! Mas, primeiramente, vamos escutar alguns especialistas que vão associar a ré aos crimes.

Brennan se virou para a juíza Williams.

- Eu gostaria de chamar a minha primeira testemunha, o agente especial Vincent Jordan.

Um homem baixo e calvo se levantou e foi até o banco das testemunhas.

O oficial de justiça disse:

- Queira dizer o seu nome completo e soletre-o para que seja registrado.

- Agente especial Vincent Jordan, J-o-r-d-a-n.

Brennan aguardou até que ele prestasse o juramento e se sentasse.

-O senhor trabalha para o FBI em Washington, D. C.?

- Sim, senhor.

- E o que faz para o FBI, agente especial Jordan?
- Sou o encarregado do sector de impressões digitais.
- Há quanto tempo trabalha nesse sector?
- Quinze anos.
- Quinze anos. Em todo esse tempo o senhor alguma vez deparou com um conjunto de impressões digitais repetidas em pessoas diferentes?
- Não, senhor.
- Quantos conjuntos de impressões digitais constam actualmente nos arquivos do FBI?
- Na última contagem, pouco mais de duzentos e cinquenta milhões, mas nós recebemos mais de trinta e quatro mil novos cartões de impressões digitais por dia.
- E nenhum desses conjuntos é igual a qualquer dos demais?
- Não, senhor.
- Como é que se identifica uma impressão digital?
- Nós usamos sete padrões diferentes para fazer a identificação. As impressões digitais são exclusivas. São formadas antes do nascimento e acompanham a pessoa durante toda a sua vida. Salvo mutilações acidentais ou intencionais, não há dois padrões absolutamente iguais.
- Agente especial Jordan, o seu sector recebeu as impressões digitais encontradas junto às três vítimas que a ré está sendo acusada de ter matado?

- Sim, senhor. Foi isso mesmo.
 - E também recebeu as impressões digitais da acusada Ashley Paterson?
 - Correcto.
 - O senhor examinou pessoalmente essas impressões?
 - Examinei, sim.
 - E a que conclusão o senhor chegou?
 - Que as impressões deixadas nas cenas dos crimes e aquelas tiradas de Ashley Paterson eram idênticas.
- Um vozerio irrompeu dentro do tribunal.
- Ordem! Ordem!

Brennan aguardou até que o tribunal voltasse ao silêncio.

- Eram idênticas? Há alguma dúvida em sua mente, agente Jordan? Poderia ter havido algum engano?

- Não, senhor. Todas as impressões estavam claras e facilmente identificáveis.

- Só para esclarecer isto... estamos falando das impressões digitais deixadas nas cenas dos assassinatos de Dennis Tibble, Richard Melton e do delegado Samuel Blake?

- Sim, senhor.

- E as impressões digitais da ré, Ashley Paterson, foram encontradas em todas as cenas dos crimes?

- Correcto.

- E qual seria, na sua opinião, a margem de erro?

- Nenhuma.

- Obrigado, agente Jordan! - Brennan se virou para David Singer - A testemunha é sua.

David ficou sentado um instante, em seguida se levantou e caminhou até o banco das testemunhas.

- Agente Jordan, ao examinar impressões digitais, o senhor às vezes percebe que algumas foram deliberadamente borradas ou por qualquer artifício desfiguradas, de modo a que o assassino pudesse ocultar o crime?

- Percebo, sim. Mas normalmente nós conseguimos corrigi-las usando técnicas de laser de alta intensidade.

- O senhor teve de fazer isso no caso de Ashley Paterson?

- Não.

- Por quê?

- Ora, conforme eu disse... as impressões digitais estavam bastante claras.

David lançou um breve olhar para o júri.

- Então, o que o senhor está dizendo é que a ré não tentou disfarçar suas impressões digitais?

- Correcto.

- Obrigado! Não tenho mais perguntas a fazer. - Ele se virou para o júri. - Ashley Paterson não tentou ocultar suas impressões porque era inocente e...

A juíza Willias interveio:

- Já basta, Sr. Singer. O senhor poderá fazer o seu arrazoado do caso mais tarde.

David retomou o seu lugar.

Brennan se virou para o agente especial Jordan.

- O senhor está dispensado.

O agente do FBI desceu do banco das testemunhas.

- Eu gostaria de chamar, como minha próxima testemunha, Staneley Clarke - disse Brennan. um rapaz de cabelos compridos foi conduzido ao tribunal. Ele se aproximou do banco das testemunhas. O salão ficou em silêncio, enquanto o jovem prestava juramento e tomava o seu assento.

- Sr. Clarke, qual é a sua actividade profissional? - perguntou Brennan.

- Eu trabalho no Laboratório Nacional de Biotecnologia, com o ácido desoxirribonucleico.

- Mais conhecido por nós, leigos, como DNA?

- Correcto.

- Há quanto tempo trabalha no Laboratório Nacional de Biotecnologia?

- Sete anos.

- E que cargo ocupa?

- Sou supervisor.

- Então, nestes sete anos, eu presumo que o senhor tenha bastante experiência nos testes de DNA?

- Sem dúvida. É o que faço todos os dias.

Brennan olhou de relance para o júri.

- Acho que todos estamos familiarizados com a importância do DNA. - Ele apontou para os espectadores. - O senhor diria que pelo menos meia dúzia das pessoas aqui presentes têm DNA idêntico?

- De forma alguma! Se pegássemos um perfil das espirais do DNA e o designássemos a uma frequência baseada em bancos de dados colectados, somente um em cada quinhentos bilhões de caucasianos sem qualquer grau de parentesco teria o mesmo perfil de DNA.

Brennan mostrou-se impressionado.

- É um em quinhentos bilhões! Sr. Clarke, de que forma obtém DNA de uma cena de crime?

- Várias. Encontramos DNA na saliva, no sémen, nas secreções vaginais, no sangue, nos fios de cabelo, nos dentes, na medula óssea...

- E de qualquer um desses itens o senhor pode relacionar o DNA a uma pessoa específica?

- Correcto.

- O senhor comparou pessoalmente as amostras de DNA nos assassinatos de Dennis Tibble, Richard Melton e Samuel David Blake?

- Comparei.

- E foi ao senhor que mais tarde deram os fios de cabelo da ré, Ashley Paterson?

- Sim.

- Ao comparar as amostras de DNA das várias cenas dos crimes com aquelas obtidas a partir dos fios de cabelo da ré, a que conclusão o senhor chegou?

- Eram idênticas.

Desta vez, a reacção dos espectadores foi ainda mais barulhenta.

A juíza Williams bateu com o martelo sobre a mesa.

- Ordem! Silêncio, senão mandarei esvaziar o recinto!

Brennan aguardou até que o ambiente ficasse em silêncio.

- Sr. Clarke, de acordo com sua declaração o DNA obtido em cada uma das três cenas dos crimes e o DNA da acusada eram idênticos, certo?

- Sim, senhor.

Brennan olhou de relance para a mesa onde Ashley estava sentada e voltou-se para a testemunha.

- E quanto à contaminação? Todos conhecemos o famoso julgamento de um crime em que as amostras de DNA estavam supostamente contaminadas. As amostras neste caso poderiam ter sido inadequadamente manuseadas, de forma que não fossem mais válidas ou...?

- Não, senhor. As amostras de DNA nestes casos de assassinato foram cuidadosamente manuseadas e lacradas.

- Então, não resta dúvida quanto a isto. A ré assassinou os três...?

David se levantou.

- Objecção, meritíssima. O promotor está conduzindo a testemunha e...

- Mantida.

David voltou a sentar-se.

- Obrigado, Sr. Clarke! - Brennan se virou para David. - Nada mais.

- A testemunha é sua, Sr. Singer - disse a juíza Williams.

- Não tenho perguntas.

Os jurados estavam de olhos pregados em David.

Brennan mostrou-se surpreso.

- Não tem perguntas? - Ele se dirigiu à testemunha. - O senhor pode ir.

Brennan olhou para os jurados e falou:

- Fico impressionado de ver que a defesa não esteja questionando as evidências, pois elas provam, acima de qualquer suspeita, que a ré assassinou e castrou três homens inocentes e...

David se levantou.

- Meritíssima...

- Objecção acatada. O senhor está ultrapassando os limites Sr. Brennan!

- Queira me desculpar, meritíssima! Não tenho mais perguntas a fazer.

Ashley estava olhando para David, assustada.

- Não se preocupe - sussurrou ele. - Logo vai chegar a nossa vez.

A tarde consistiu em mais testemunhas para a promotoria, e os depoimentos foram devastadores.

- O síndico do prédio o chamou ao apartamento de Dennis Tibble, polícia Lightman?

- Chamou.

- O senhor poderia nos relatar o que encontrou lá?

- Uma coisa horrível! Havia sangue por todo lado.

- Em que condições estava a vítima?

- O homem tinha sido morto a facadas e castrado.

Brennan olhou para o júri de relance, uma expressão de horror estampada em seu rosto.

- Morto a facadas e castrado. O senhor encontrou alguma evidência na cena do crime?

- Ah, encontrei, sim. A vítima tinha praticado sexo antes de morrer. Encontramos secreções vaginais e impressões digitais.
- Por que o senhor não prendeu ninguém de imediato?
- As impressões digitais que encontramos não coincidiam com qualquer uma das outras que tínhamos em nossos arquivos. Ficamos aguardando amostras que combinassem com as que tínhamos.
- Mas quando finalmente obtiveram as impressões digitais e o DNA de Ashley Paterson, tudo se encaixou?
- Exacto. Tudo se encaixou.

O Dr. Steven Paterson foi ao julgamento todos os dias. Ficou sentado na secção reservada ao público espectador, logo atrás da mesa da ré. Sempre que entrava ou saía do recinto, era cercado por repórteres.

- Dr. Paterson, o que está achando do andamento do processo?
- Está indo muito bem.
- O que acha que vai acontecer?
- Minha filha será considerada inocente.

Num certo fim de tarde, quando voltaram para o hotel, David e Sandra encontraram um recado deixado para eles.

- Favor telefonar para o Sr. Kwong no seu banco.

David e Sandra se entreolharam.

- Será que já chegou a hora de pagarmos a próxima prestação? - perguntou Sandra.

- É isso mesmo. O tempo voa quando a gente está se divertindo - disse ele, secamente. E ficou pensativo por um momento. - O julgamento vai acabar em breve, querida. Ainda temos o suficiente em nossa conta corrente para o pagamento deste mês.

Sandra olhou para ele, preocupada.

- David, se não pudermos quitar todas as prestações... perderemos tudo que já pagamos?

- Perderemos, sim. Mas não se preocupe. Sempre acontecem coisas boas para as pessoas boas.

E ele pensou em Helen Woodman.

Brian Hill estava sentado no banco das testemunhas, logo depois de ter prestado o seu juramento. Mickey Brennan deu-lhe um sorriso simpático.

- Poderia nos dizer o que faz, Sr. Hill?
- Certamente. Sou o guarda do museu De Young, em São Francisco.
- Deve ser um emprego interessante!
- É, sim, quando se gosta de arte. Eu sou um pintor frustrado.
- Há quanto tempo trabalha lá?
- Quatro anos.
- Muitos dos visitantes do museu costumam ser as mesmas pessoas? Ou seja, tem gente que volta diversas vezes?
- Ah, sim. Tem gente que volta sempre.
- Então, eu suponho que, decorrido um certo período de tempo, essas pessoas passem a ser conhecidas suas, ou pelo menos tornem-se rostos conhecidos?
- É verdade.
- E eu fui informado de que muitos artistas têm permissão para ficar copiando alguns dos quadros do museu.
- Exacto. Nós recebemos a visita de muitos artistas.
- Chegou a conhecer algum deles, Sr. Hill?
- Cheguei. A gente se torna meio amigo depois de um certo tempo.
- O senhor conheceu um homem chamado Richard Melton?

Brian Hill soltou um suspiro.

- Conheci. Ele era muito talentoso.
- Tão talentoso, na verdade, que o senhor chegou a pedir que ele lhe ensinasse a pintar?
- Correcto.

David se levantou.

- Meritíssima, isto é fascinante, mas eu não percebo em que tenha a ver com o julgamento. Se o Sr. Brennan...

- É relevante, meritíssima. Eu estou deixando claro que o Sr. Hill podia identificar a vítima pela fisionomia e pelo nome, bem como nos dizer na companhia de quem a vítima costumava andar.

- Objecção rejeitada. Pode prosseguir.

- E ele chegou a lhe dar aulas de pintura?

- Chegou, sim. Sempre que tinha tempo!

- Quando Richard Melton estava no museu, o senhor alguma vez o viu na companhia de mulheres jovens?

- No começo, não. Mas depois de um tempo, ele conheceu uma moça por quem se interessou, e eu cheguei a vê-los juntos algumas vezes.

- Qual era o nome dela?

- Alette Peters.

Brennan mostrou-se intrigado.

- Alette Peters? Tem certeza de que o nome está correcto?

- Tenho. Foi assim que ele a apresentou.

- Por acaso, o senhor não a está vendo dentro deste recinto agora, Sr. Hill?

- Estou. - Ele apontou para Ashley - aquela moça sentada ali.

- Mas aquela não é Alette Peters. a ré, Ashley Paterson. - disse Brennan. David se levantou.

- Meritíssima, já dissemos que Alette Peters é parte deste julgamento. Ela é um dos alteres que controla Ashley Paterson e...

- Está se adiantando, Sr. Singer. Sr. Brennan, queira prosseguir.

- Agora, Sr. Hill, tem certeza de que a ré, que aqui está sob o nome de Ashley Paterson, era conhecida de Richard Melton como Alette Peters?

- Tenho.

- E não há dúvida de que esta aqui é a mesma mulher?

Brian Hill hesitou.

- Bem... é. a mesma mulher.

- E o senhor a viu com Richard Melton no dia em que ele foi assassinado?

- Vi, sim.

- Obrigado! - Brennan se virou para David. - A testemunha é sua.

David se levantou e andou devagar até o banco das testemunhas.

- Sr. Hill, eu suponho que seja uma grande responsabilidade trabalhar como guarda de um lugar onde tantas centenas de milhões de dólares

em obras de arte estão expostas.

- Sem dúvida, senhor, sim.
- E para ser um bom guarda, o senhor precisa estar alerta o tempo todo.
- Correcto.
- Precisa estar ciente do que acontece o tempo todo.
- Pode apostar.
- O senhor se diria um observador treinado, Sr. Hill?
- Decerto.

- Faço esta pergunta porque percebi que quando o Sr. Brennan lhe perguntou se restava alguma dúvida se Ashley Paterson era a mulher que estava com Richard Melton, o senhor hesitou um pouco. Restava alguma dúvida?

Houve uma pausa momentânea.

- Bem, é que ela realmente parece ser a mesma mulher, mas, ao mesmo tempo, parece diferente.

- De que maneira, Sr. Hill?

- Alette Peters tinha um jeito mais italiano de ser, falava com sotaque italiano... e parecia mais jovem do que a ré.

- O senhor está perfeitamente correcto, Sr. Hill. A pessoa que viu em São Francisco era um alter de Ashley Paterson. Ela nasceu em Roma, era oito anos mais jovem...

Brennan se levantou, furioso.

- Objecção.

David se virou para a juíza Williams.

- Meritíssima, eu estava...

- Queiram os advogados se aproximar da mesa deste juízo, por favor - David e Brennan caminharam para perto da juíza Williams. - Eu não quero ter de lhe dizer isto outra vez, Sr. Singer. A defesa terá a sua chance, depois que a promotoria encerrar a sua parte. Até então, o senhor está impedido de fazer o arrazoado do seu caso.

Bemice Jenkins estava no banco das testemunhas.

- Poderia nos informar a sua profissão, Senhorita Jenkins?

- Eu sou garçõete.
 - E onde trabalha?
 - No café do museu De Young.
 - Qual era o seu relacionamento com Richard Melton?
 - Éramos bons amigos.
 - A senhorita poderia dar mais detalhes disso?
 - Nós chegamos a ter um breve romance, mas a coisa esfriou logo. Isso acontece.
 - Certamente que sim. E depois?
 - Depois, nós ficamos como irmãos. Quero dizer, eu... eu lhe falava dos meus problemas, e ele me falava dos dele.
 - Ele alguma vez comentou sobre a ré com a senhorita?
 - Bem, comentar, ele comentou. Mas ela se apresentava por um nome diferente.
 - E que nome era esse?
 - Alette Peters.
 - Mas ele sabia que o nome dela era Ashley Paterson?
 - Não. Ele achava que o nome dela era Alette Peters.
 - A senhorita quer dizer que ela o enganava?
- David se levantou de um pulo.
- Objecção.
 - Mantida. Pare de conduzir a testemunha, Sr. Brennan.
 - Desculpe-me, meritíssima! - Brennan voltou-se para o banco das testemunhas. - Ele lhe falou sobre essa Alette Peters, mas a senhorita chegou a ver os dois juntos?
 - Cheguei, sim. Ele a levou ao restaurante um dia e nos apresentou.
 - E a senhorita está falando da ré, Ashley Paterson?
 - Estou. Só que ela se chamava Alette Peters.

Gary King estava no banco das testemunhas.

- O senhor compartilhava o apartamento com Richard Melton? - perguntou Brennan.
- Correcto.
- E eram amigos? O senhor saía socialmente na companhia dele?

- Claro. Costumávamos sair com nossas acompanhantes.
 - O Sr. Melton estava interessado em alguma jovem em particular?
 - Estava.
 - O senhor sabe o nome dela?
 - Ela se chamava Alette Peters.
 - O senhor a está vendo dentro deste recinto?
 - Estou. Ela está sentada ali.
 - Para constar nos autos, o senhor está apontando para a ré, Ashley Paterson?
 - Correcto.
 - Quando chegou em casa na noite do assassinato, o senhor encontrou o corpo de Richard Melton dentro do apartamento?
 - Encontrei, sim.
 - Em que condições estava o corpo?
 - Ensanguentado.
 - O corpo fora castrado?
- Ele estremeceu.
- Fora. Que coisa horrível!
- Brennan olhou para o júri a fim de ver a reacção. Foi exactamente a que estava esperando.
- O que fez em seguida, Sr. King?
 - Chamei a polícia.
 - Obrigado! - Brennan se virou para David. - A testemunha é sua.
- David se levantou e se aproximou de Gary King.
- Fale-nos de Richard Melton. Que tipo de homem ele era?
 - Era uma pessoa óptima.
 - Ele gostava de discutir? Gostava de se envolver em brigas?
 - Richard? Não. Pelo contrário. Era muito tranquilo, na dele.
 - Mas gostava de estar próximo a mulheres duronas, do tipo atlético?
- Gary estava olhando para ele de uma forma estranha.
- De forma alguma. Richard gostava de mulheres do mesmo temperamento dele.
 - Ele e Alette brigavam muito? Ela gritava muito com ele?
- Gary ficou intrigado.
- O senhor está absolutamente errado. Eles jamais gritaram um com o outro. Era óptimo quando estavam juntos.

- O senhor chegou a ver algo que pudesse levá-lo a crer que Alette Peters faria alguma perversidade...?

- Objecção. Ele está conduzindo a testemunha.

- Mantida.

- Não tenho mais perguntas a fazer - falou David.

Quando se sentou, David disse para Ashley:

- Não se preocupe. Eles estão consubstanciando os nossos argumentos. Ele soou mais confiante do que de facto se sentia.

David e Sandra estavam jantando no San Fresco, o restaurante do Wyndham Hotel, quando o maitre veio falar com ele.

- Telefonema urgente para o senhor.

- Obrigado! - David disse para Sandra: - Volto já.

Ele acompanhou o maitre até o aparelho.

- Aqui é David Singer.

- David! Jesse. Vá para o seu quarto e ligue de volta para mim. O telhado está desabando!

Capítulo Dezessete

- Jesse...?

- David, sei que não posso interferir, mas acho que você deveria pedir a anulação do julgamento.

- O que aconteceu?

- Você esteve na Internet nestes últimos dias?

- Não. Eu tenho andado ocupado.

- Pois saiba que o julgamento está todo na Internet. É só do que se fala nas salas de chat.

- Era de se supor - falou David. - Mas o que é...?

- As pessoas só falam coisas negativas, David. Andam dizendo que Ashley é culpada e que deveria ser executada. E estão dizendo isso claramente. Não dá para acreditar na maldade dessa gente!

David, dando-se conta de repente, falou:

- Meu Deus! Se algum dos jurados estiver na Internet...

- As probabilidades são muito grandes de que algum deles esteja, e isso vai exercer uma grande influência sobre ele. Eu pediria uma anulação do julgamento ou, pelo menos, que os jurados fossem mantidos em reclusão.

- Obrigado, Jesse! É o que vou fazer - David desligou.

Quando ele voltou para o restaurante, onde Sandra o esperava, ela perguntou:

- Má notícia?

- Péssima.

Antes da abertura da sessão do tribunal na manhã seguinte, David pediu para ver a juíza Williams. Foi conduzido ao gabinete dela, juntamente com Mickey Brennan.

- O senhor pediu para falar comigo?

- Pedi, sim, meritíssima. Eu fiquei sabendo ontem à noite que este julgamento é o assunto preferido na Internet. É só o que se discute nas salas de chat, e todo mundo já condenou a ré. Isso é bastante prejudicial. E como estou certo de que alguns dos jurados têm computadores com acesso à rede, ou conversam com amigos internautas, a defesa pode ficar seriamente comprometida. Portanto, vou entrar com uma moção de anulação do julgamento.

Ela ficou pensativa por um momento.

- Moção indeferida.

David ficou imóvel, tentando se controlar.

- Então, entro agora com uma moção para manter o júri em reclusão a partir deste momento, de forma que...

- Sr. Singer, todos os dias a imprensa está presente com todo seu aparato neste tribunal. Este julgamento é o assunto preferido na televisão, no rádio e nos jornais do mundo inteiro. Eu avisei que isto viraria um circo, mas o senhor não quis me escutar - Ela se inclinou para a frente. - Pois bem, o circo é seu. Se quisesse o júri em reclusão, o senhor deveria ter entrado com a moção antes do início do julgamento. E eu provavelmente não teria concedido. Há mais algum assunto a tratar?

David ficou sentado, com o estômago revirando.

- Não, meritíssima.

- Então, vamos entrar na sala de audiências.

Mickey Brennan estava interrogando o comissário Dowling.

- O delegado Sam Blake telefonou para dizer ao senhor que ia passar a noite no apartamento da ré, a fim de protegê-la? Ela tinha dito a ele que alguém a estava ameaçando?

- Correcto.

- Quando foi que o senhor tornou a falar com o delegado Blake?

- Eu... eu não tornei a falar com ele. Recebi um telefonema na manhã seguinte dizendo que... que o corpo dele fora encontrado no beco atrás do prédio onde reside a Senhorita Paterson.

- E o senhor foi para lá imediatamente?

- Claro.

- E o que encontrou?

Ele engoliu em seco.

- O corpo de Sam estava enrolado num lençol todo ensanguentado. Ele fora esfaqueado e castrado, assim como as outras duas vítimas.

- Assim como as outras duas vítimas. Então, todos esses assassinatos foram executados de maneira semelhante?

- Foram, sim.

- Como se as vítimas tivessem sido assassinadas pela mesma pessoa?

David se levantou de imediato.

- Objecção.

- Mantida.

- Eu retiro o que disse. O que fez em seguida, comissário?

- Bem, até aquele instante, Ashley Paterson não era suspeita. Mas depois que isso aconteceu, nós a prendemos e tiramos suas impressões digitais.

- E então?

- Nós as enviamos para o FBI e obtivemos um quadro positivo para ela.

- O senhor poderia explicar para o júri o que quer dizer com um quadro positivo?

O comissário Dowling se virou para o júri.

- As impressões digitais dela eram iguais às outras do arquivo que eles estavam tentando identificar desde os assassinatos anteriores.

- Obrigado, comissário! - Brennan se virou para David.

- A testemunha é sua.

David se levantou e se aproximou do banco das testemunhas.

- Comissário, ouvimos depoimentos dentro deste tribunal afirmando que uma faca ensanguentada foi encontrada na cozinha da Senhorita Paterson.

- Correcto.

- Como essa faca estava escondida? Embrulhada em alguma coisa? Enfiada num canto onde ninguém a pudesse encontrar?

- Não. Estava bem à vista.

- Bem à vista. Deixada lá por alguém que não tinha nada a esconder. Alguém que era inocente porque...

- Objecção.
- Mantida.
- Não tenho mais perguntas a fazer.
- A testemunha está dispensada.

Brennan falou:

- Se o tribunal não se opuser... - Ele fez um sinal para alguém no fundo do salão, e um homem vestido de macacão entrou, carregando o espelho do banheiro da Senhorita Paterson. Nele, escrito com batom vermelho, estavam os dizeres VOCÊ VAI MORRER

David se levantou.

- O que é isso?

A juíza Williams se virou para Mickey Brennan.

- Sr. Brennan?

- É a isca que a ré usou para atrair o delegado Blake até o seu apartamento, a fim de que pudesse assassiná-lo. Eu gostaria que isto ficasse marcado como prova circunstancial D. Foi tirado do armário do banheiro da ré.

- Objecção, meritíssima. Não tem relevância.

- Vou provar que tem relevância.

- Vamos ver. Entretanto, pode prosseguir.

Brennan colocou o espelho bem à vista do júri.

- Este espelho foi tirado do banheiro da ré. - Ele olhou para os jurados. - Conforme todos podem ver, está escrito em sua face "VOCÊ VAI MORRER". Este foi o pretexto da ré para pedir que o delegado Blake fosse ao seu apartamento naquela noite para protegê-la. - Ele se virou para a juíza Williams. - Eu gostaria de chamar a minha próxima testemunha, a Senhorita Laura Niven.

Uma mulher de meia-idade, caminhando com uma bengala, se aproximou do banco das testemunhas e prestou juramento.

- Em que trabalha, Senhorita Niven?
- Sou consultora para o município de San José.
- E presta consultoria em que área?
- Sou perita em caligrafia.

- Há quanto tempo trabalha para o município, Senhorita Niven?
- Vinte e dois anos.

Brennan apontou para o espelho com um gesto de cabeça.

- Já viu esse espelho antes?
- Já.
- E o examinou?
- Examinei.
- E a senhorita já viu uma amostra da caligrafia da ré?
- Vi, sim.
- E teve a oportunidade de examiná-la?
- Tive.
- E comparou as duas?
- Comparei.
- E a que conclusão chegou?
- Foram escritas pela mesma pessoa.

Todos na sala ficaram perplexos.

- Então, a senhorita está dizendo que Ashley Paterson escreveu esta ameaça para si mesma?
- Correcto.

Mickey Brennan olhou para David.

- A testemunha é sua.

David hesitou. Olhou de relance para Ashley. Ela estava de olhos pregados na mesa, balançando a cabeça.

- Não tenho perguntas a fazer.

A juíza Williams estava estudando David.

- Não tem perguntas a fazer, Sr. Singer?

David se levantou.

- Não. Todos esses depoimentos não têm importância. - Ele se virou para o júri. - A promotoria terá de provar que Ashley Paterson conhecia as vítimas e tinha um motivo para...

- Eu já o adverti antes - falou a juíza Williams, irritada. - Não lhe cabe instruir o júri sobre a lei. Se...

- Alguém tem de fazer isso - explodiu David. - Sua Excelência o está deixando...

- Já chega, Sr. Singer. Aproxime-se.

David caminhou até a mesa.

- Vou citá-lo por desacato ao juízo e sentenciá-lo a uma noite aqui em nossa agradável cadeia no dia em que este julgamento terminar.

- Espere, meritíssima. Sua Excelência não pode...

Ela falou, taciturna:

- Já o sentenciei a uma noite. O senhor gostaria de tentar conseguir duas?

David ficou parado, fitando-a com firmeza, respirando fundo.

- Pelo bem de minha cliente, eu... eu vou guardar os meus sentimentos para mim.

- Sábia decisão - falou a juíza Williams, sucintamente.

- A sessão está suspensa. - Ela se dirigiu a um oficial de justiça. - Quando este julgamento terminar, quero que o Sr. Singer seja detido sob custódia.

- Pois não, meritíssima.

- Meu Deus! O que está acontecendo? - perguntou Ashler a Sandra.

Sandra apertou-lhe o braço.

- Não se preocupe. Você precisa confiar em David.

Sandra telefonou para Jesse Quiller.

- Já soube - disse ele. - Está em todos os noticiários. Não culpo David por ter perdido o controle. Ela o está cutucando desde o início. O que ele fez para deixá-la tão possessa?

- Não sei, Jesse. Foi uma coisa horrível! Você deveria ver os rostos dos jurados. Eles odeiam Ashley. Mal podem esperar para condená-la. Bem, é a vez da defesa agora. David vai ter de mudar o pensamento deles.

Vamos esperar para ver

- A juíza Williams me odeia, Sandra, e isto está sendo prejudicial para Ashley. Se eu não fizer alguma coisa para reverter este quadro, Ashley vai ser condenada à morte. Eu não posso deixar que isso aconteça.

- O que você pode fazer? - perguntou Sandra.

David respirou fundo.

- Abdicar do caso.

Os dois sabiam o que isso significava. A mídia iria se deleitar com o fracasso dele.

- Eu nunca deveria ter concordado em enfrentar o julgamento - disse David, amargurado. - O Dr. Paterson confiou a salvação da filha dele às minhas mãos, e eu... - Ele não conseguiu terminar.

Sandra o abraçou e o apertou com ternura.

- Não se preocupe, querido. Tudo vai terminar bem.

Eu. decepcionei a todos, pensou David. Ashley, Sandra... Vou ser mandado embora da firma, ficar sem emprego, e o bebê está perto de chegar! "Tudo vai terminar bem."

Certo.

Pela manhã, David pediu para falar com a juíza Williams em seu gabinete. Mickey Brennan estava presente.

- Pediu para falar comigo, Sr. Singer? - disse a juíza Williams.

- Pedi, sim, meritíssima. Quero abdicar do caso.

- Baseado em quê? - perguntou a juíza Williams.

David falou com cuidado:

- Não creio que eu seja o advogado ideal para este caso. Acho que estou prejudicando a minha cliente. Eu gostaria de ser substituído.

A juíza Williams falou tranquilamente:

- Sr. Singer, se acha que vou deixá-lo se afastar deste julgamento e depois ter de começar tudo de novo e desperdiçar ainda mais tempo e dinheiro, está muito enganado. A resposta é não. O senhor me entendeu direito?

David fechou os olhos por um instante, forçando-se a ficar calmo. Ele ergueu a cabeça e falou:

- Sim, meritíssima. Eu entendi.

Ele não tinha saída.

Capítulo Dezoito

Mais de três meses haviam se passado desde o início do julgamento, e David não conseguia mais se lembrar de quando tivera sua última noite de sono tranquilo.

Numa certa tarde, quando voltavam do fórum, Sandra falou:

- David, acho que eu deveria voltar para São Francisco.

David olhou para ela, surpreso.

- Por quê? Estamos bem no meio do... ah, meu Deus! - Ele a envolveu nos braços. - O bebê. Está chegando?

Sandra sorriu.

- A qualquer momento. Eu me sentiria mais segura se estivesse lá, perto do Dr. Bailey. Mamãe disse que ficaria comigo.

- Claro. Você tem de voltar - falou David. - Eu perdi a noção do tempo. O nascimento está previsto para as próximas três semanas, não é mesmo? - isso.

Ele fez um trejeito.

- E eu não vou poder estar lá com você.

Sandra pegou-lhe na mão.

- Não se preocupe com isso, meu amor. O julgamento vai terminar logo.

- Esta porcaria de julgamento está arruinando nossa vida.

- David, nós vamos ficar bem. O meu antigo emprego está esperando por mim. Depois que o bebê nascer, eu posso...

- Eu sinto muito, Sandra. Eu gostaria de...

- David, nunca se arrependa de fazer uma coisa que você acha certa.

- Eu te amo.

- Eu também te amo.

David acariciou a barriga dela.

- Eu amo vocês dois. - Ele soltou um suspiro. - Tudo bem. Vou ajudar a fazer as suas malas e levá-la de carro para São Francisco hoje à noite, e...

- Não - disse Sandra com firmeza. - Você não pode se ausentar daqui. Vou pedir a Emily que venha me pegar.
- Pergunte se ela não gostaria de jantar connosco hoje.
- Está bem.

Emily ficou felicíssima.

- Claro que eu vou aí para pegá-la. - Ela chegou a San José duas horas depois.

Os três jantaram juntos naquela noite no Chai Jane.

- Os acontecimentos não se encaixaram no tempo certo - falou Emily - É uma pena que vocês dois não possam ficar juntos justamente agora!

- O julgamento está quase acabando - David falou, esperançoso. - Talvez termine antes do nascimento do bebé!

Emily sorriu.

- Vamos fazer uma comemoração dupla.

Era hora de partir. David abraçou Sandra carinhosamente.

- Vou telefonar para você todas as noites - disse ele.

- Por favor, não se preocupe comigo. Vai ficar tudo bem. Eu te amo muito, David. - Sandra olhou para ele e falou: - Trate de se cuidar bem direitinho, hein?! Você parece cansado.

Só depois da partida de Sandra foi que David se deu conta do quão solitário estava.

Estava aberta a sessão no tribunal.

Mickey Brennan se levantou, dirigindo-se ao juízo:

- Eu gostaria de chamar o Dr. Lawrence Larkin como minha próxima testemunha.

Um distinto senhor grisalho prestou o juramento e foi se sentar no banco das testemunhas.

- Eu gostaria de agradecer a sua presença aqui, Dr. Larkin. Sei que seu tempo é muito precioso. O senhor pode nos contar um pouco do seu passado?

- Eu tenho um conceituado consultório em Chicago. Já fui presidente da Associação Psiquiátrica de Chicago.

- Há quantos anos pratica a sua especialidade, Dr. Larkin?

- Aproximadamente trinta anos.

- E como psiquiatra, eu imagino que o senhor tenha visto muitos casos de distúrbio de personalidade múltipla, certo?

- Não.

Brennan franziu o cenho.

- Ao falar não, o senhor está querendo dizer que não viu muitos? Talvez uma dúzia?

- Eu jamais vi um caso sequer de distúrbio de personalidade múltipla.

Brennan olhou para o júri, fingindo espanto, e voltou-se novamente para o doutor:

- Em trinta anos de trabalho com pacientes sofrendo de perturbações mentais, o senhor não viu sequer um caso de distúrbio de personalidade múltipla?

- Correcto.

- Estou impressionado! Como o senhor explica isso?

- É muito simples. Eu acho que o distúrbio de personalidade múltipla não existe.

- Ora, isso me deixa intrigado, doutor. Nunca houve registro de nenhum caso de distúrbio de personalidade múltipla?

- O registro de um caso não quer dizer que ele seja verídico. Veja bem, o que alguns médicos acham ser DPM, às vezes confundem com esquizofrenia, depressões e vários outros transtornos de ansiedade - disse o Dr. Larkin num tom gutural.

- Isso é muito interessante. Então, na sua opinião, como psiquiatra especializado, o senhor não acredita que os distúrbios de personalidade múltipla sequer existam?

- Correcto.

- Obrigado, doutor! - Mickey Brennan se dirigiu a David.

- A testemunha é sua.

David se levantou e se aproximou do banco das testemunhas.

- O senhor já foi presidente da Associação Psiquiátrica de Chicago, Dr. Larkin?

- Fui, sim.

- Deve ter conhecido muitos colegas de profissão.
- Conheci. E tenho orgulho disso.
- O senhor conhece o Dr. Royce Salem?
- Conheço, sim. E muito bem.
- Ele é um bom psiquiatra?
- Excelente. É um dos melhores.
- O senhor esteve alguma vez com o Dr. Clyde Donovan?
- Estive. Muitas vezes.
- Diria que ele é um bom psiquiatra?
- Se eu precisasse de um - risadinha -, seria ele.
- E o que tem a dizer a respeito do Dr. Ingram? O senhor o conhece?

- Ray Ingram? Ora, se conheço! Grande homem.
- Psiquiatra competente?
- Ah, sim.
- Diga-me, todos os psiquiatras concordam quanto a todas disfunções mentais?
- Não. Claro que temos os nossos desentendimentos. A psiquiatria não é uma ciência exacta.
- Isso é interessante, doutor, porque o dr. Salem, o dr. Donovan e o Dr. Ingram estarão vindo aqui para depor que já trataram de casos de distúrbio de personalidade múltipla. Talvez nenhum deles seja tão competente quanto o senhor! Só isso. Dispensado.

A juíza Williams se dirigiu a Brennan:

- Deseja reinquirir?

Brennan levantou-se prontamente e foi até o banco das testemunhas.

- Dr. Larkin, acredita que o facto desses outros médicos discordarem da sua opinião com relação ao DPM os coloca como certos e o senhor como errado?

- Não. Eu poderia apresentar dúzias de psiquiatras que não acreditam em DPM.

- Obrigado, doutor! Não tenho mais perguntas.

Mickey Brennan falou:

- Dr. Upton, ouvimos depoimentos dizendo que aquilo que às vezes é considerado distúrbio de personalidade múltipla está, na verdade, sendo confundido com outros tipos de transtornos. Quais são os testes para provar que o DPM não é uma dessas outras perturbações?

- Não existe teste algum.

O queixo de Brennan caiu de surpresa quando ele se voltou na direcção do júri.

- Não existe teste algum? O senhor está dizendo que não há maneira alguma de dizer se alguém alegando-se portador de DPM está mentindo, fingindo ou usando o argumento como desculpa para um crime pelo qual não queira se responsabilizar?

- Conforme eu disse, não existe teste algum.

- Então, é só uma questão de opinião? Alguns psiquiatras acreditam, outros não?

- Correcto.

- Deixe-me fazer-lhe a seguinte pergunta, doutor: se hipnotizar alguém, o senhor pode dizer com certeza se essa pessoa tem DPM ou se está simplesmente fingindo?

O Dr. Upton balançou a cabeça.

- Sinto dizer que não. Mesmo sob hipnose ou com sódio amial, não há como garantir se alguém está mentindo ou não.

- Isso é muito interessante. Obrigado, doutor! Não tenho mais perguntas. - Brennan se dirigiu a David. - A testemunha é sua.

David se levantou e foi até o banco das testemunhas.

- Dr. Upton, o senhor já recebeu pacientes que foram procurá-lo depois de terem sido diagnosticados por outros médicos como portadores de DPM?

- Já. Várias vezes.

- E o senhor tratou desses pacientes?

- Não.

- Por que não?

- Eu não tenho como tratar doenças que não existem. E um dos pacientes era um estelionatário que queria que eu testemunhasse que

ele não era responsável por seus actos, pois quem cometia as fraudes era um alter. Outro paciente era uma dona-de-casa que estava presa por surrar os filhos. Dizia que alguém dentro dela a forçava a ser violenta com os filhos. Houve mais alguns assim, com diferentes desculpas, mas todos estavam tentando se esconder de alguma coisa. Em outras palavras, estavam fingindo.

- O senhor parece ter uma opinião muito arraigada a este respeito, doutor.

- E tenho, sim. Sei que estou certo.

- O senhor sabe que está certo? - perguntou David.

- Bem, eu quis dizer...

- ... que todos os demais devem estar errados? Todos os médicos que acreditam em DPM estão errados?

- Eu não quis dizer isso...

- E o senhor é o único que está certo. Obrigado, doutor!
É só.

O Dr. Simon Raleigh estava no banco das testemunhas. Era um homem franzino, calvo, com pouco mais de sessenta anos.

- Obrigado por ter vindo aqui, doutor! - disse Brennan. - O senhor tem uma carreira ilustre, um currículo extenso. É médico, professor, frequentou a faculdade de...

David se levantou.

- A defesa está de acordo com o distinto histórico profissional da testemunha.

- Obrigado! - Brennan tornou a se dirigir à testemunha: - Dr. Raleigh, o que quer dizer iatrogénia?

- É quando uma doença existente se agrava devido a um tratamento médico ou psicoterapêutico.

- Poderia ser mais específico, doutor?

- Bem, na psicoterapia, é muito comum o terapeuta influenciar o paciente com suas perguntas ou atitudes. Ele pode fazer o paciente achar que precisa atender às suas expectativas de terapeuta.

- E como isso poderia se aplicar ao DPM?

- Se o psiquiatra estiver questionando o paciente sobre as diferentes personalidades que o habitam, o paciente pode criar alguma, a fim de

atender ao terapeuta. É uma área muito enganosa. O amial e a hipnose podem forjar um DPM em pacientes que, sem essas influências, sejam normais.

- Então, o que o senhor está dizendo é que, usando a hipnose, o próprio psiquiatra pode alterar as condições do paciente, de forma que este acredite em algo que não é verdade?

- Isso já aconteceu, sim.

- Obrigado, doutor! - Ele olhou para David. - A testemunha é sua.

- Obrigado! - disse David. Ele se levantou e foi até o banco das testemunhas. Então, disse com toda a simpatia: -As suas referências são impressionantes. O senhor não só é psiquiatra, mas também dá aulas numa universidade.

- Correcto.

- Há quanto tempo vem leccionando, doutor?

- Há mais de quinze anos.

- Isso é óptimo. Como divide o seu tempo? Com isto eu quero dizer, o senhor passa metade do tempo leccionando e a outra metade trabalhando como médico?

- Não. Eu sou professor em tempo integral.

- Ah? Quanto tempo faz que o senhor não pratica a medicina de facto?

- Mais ou menos oito anos. Mas eu me mantenho actualizado com toda a literatura médica que sai.

- Não posso deixar de dizer que acho isso admirável. Então o senhor se actualiza lendo de tudo. É assim que tem tanta familiaridade com a iatrogenia? E no passado, muitos pacientes o procuravam dizendo-se portadores de DPM?

- Bem, não...

- Não muitos? Nos anos que trabalhou como médico, o senhor diria que teve uma dúzia de casos de pacientes que alegavam ter DPM?

- Não.

- Meia dúzia?

O Dr. Raleigh balançou a cabeça.

- Quatro?

Não houve resposta.

- Doutor, o senhor teve um paciente sequer que o tenha procurado com DPM?

- Bem, é difícil...

- Sim ou não, doutor?

- Não.

- Então, tudo o que o senhor realmente conhece sobre DPM é por meio de leituras? Não tenho mais perguntas.

A promotoria chamou mais seis testemunhas, e o depoimento de todas elas mantinha a mesma coerência. Mickey Brennan tinha convocado nove dos melhores psiquiatras do país, todos unidos pela crença comum de que o DPM não existia.

A argumentação da promotoria estava chegando ao fim.

Quando a última testemunha arrolada pela promotoria foi dispensada, a juíza Williams se dirigiu a Brennan.

- O senhor tem mais alguma testemunha para chamar, Sr. Brennan?

- Não, meritíssima. Mas eu gostaria de mostrar ao júri fotografias tiradas pela polícia das cenas dos assassinatos de...

- Absolutamente não - disse David, enfurecido.

A juíza Williams se virou para David.

- O que disse, Sr. Singer?

- Eu disse - David se controlou - Objecção. A promotoria está tentando inflamar o júri por meio de...

- Objecção rejeitada. A fundamentação foi feita numa moção anterior ao julgamento. - A juíza Williams se dirigiu a Brennan: - Pode mostrar as fotografias.

David voltou para o seu lugar, furioso.

Brennan voltou para a sua mesa e pegou uma série de fotografias e entregou-as aos jurados.

- Não são agradáveis de ver, senhoras e senhores, mas é disso que trata este julgamento. Ele não trata de palavras, teorias ou desculpas. Não trata de alter egos misteriosos matando gente. Trata de três pessoas de verdade, que foram brutal e violentamente assassinadas. A lei diz que alguém tem de pagar por esses assassinatos. Cabe a cada um de vocês cuidar para que a justiça seja feita.

Brennan viu o horror no rosto de cada jurado, enquanto eles olhavam as fotografias.

Ele se dirigiu à juíza Williams:

- A promotoria dá a sua parte por encerrada.

A juíza Williams olhou para o relógio.

- São quatro horas. O tribunal entra em recesso por hoje e retorna às dez horas da manhã de segunda-feira. A sessão está encerrada.

Capítulo Dezenove

Ashley Paterson estava no cadafalso para ser enforcada, quando um policia correu e disse:

- Esperem. Ela deve ser electrocutada.

A cena mudou, e ela estava na cadeira eléctrica, um guarda esticou o braço para accionar o interruptor, e a juíza Williams chegou correndo e gritando:

- Não. Nós vamos executá-la com uma injeção letal.

David acordou e sentou-se na cama, o coração palpitando. Seu pijama estava molhado de suor. Ele começou a se levantar e ficou subitamente tonto. Sentiu a cabeça martelando de dor e percebeu que estava febril. Encostou a mão na testa. Estava quente.

Ao ficar de pé, a tonteira aumentou.

- Ah, não! - resmungou. - Hoje, não!

Era o dia pelo qual ele tanto ansiara, o dia em que a defesa começaria a apresentar os seus argumentos. David cambaleou até ao banheiro e lavou o rosto com água fria. Olhou-se no espelho.

- Você está com um aspecto horrível!

Quando David chegou ao tribunal, a juíza Williams já se encontrava à mesa. Todos estavam esperando por ele.

- Peço desculpas pelo atraso - falou David com a voz rouca. - Posso me dirigir ao júízo?

- Pode.

David foi até à mesa, tendo Mickey Brennan logo atrás de si.

- Meritíssima - disse David -, eu gostaria de pedir um dia de dispensa.

- Baseado em quê?

- Eu... eu não estou me sentindo muito bem, meritíssima. Tenho certeza de que um médico poderá me dar algum remédio, e amanhã estarei bem.

- Por que o senhor não coloca um assistente em seu lugar? - perguntou a juíza Williams.

David olhou para ela, surpreso.

- Eu não tenho assistentes.

- E por que não, Sr. Singer?

- Porque...

A juíza Williams se inclinou para a frente.

- Eu nunca vi um julgamento de assassinato conduzido desta maneira. O senhor é um showman em busca da glória, não é? Ora, não vai encontrá-la neste tribunal. E vou lhe dizer mais: o senhor provavelmente acha que eu deveria ser afastada do caso porque não acredito nessa sua defesa baseada no "foi o diabo quem me forçou a fazer o que fiz". Mas eu não vou permitir isso. Vamos deixar que os jurados decidam se consideram a sua cliente inocente ou culpada. Mais alguma coisa, Sr. Singer?

David ficou ali parado, olhando para ela, e o recinto parecia flutuar. Quis xingá-la. Quis jogar-se de joelhos e implorar-lhe que fosse razoável. Quis voltar para a cama, em casa. Ele falou, com a voz rouca:

- Não. Obrigado, meritíssima!

A juíza Williams fez um gesto rápido com a cabeça.

- Sr. Singer, é a sua vez. Não desperdice mais o tempo deste tribunal.

David caminhou até a bancada do júri, tentando se esquecer da dor de cabeça e da febre. Ele falou devagar:

- Senhoras e senhores, todos escutaram a promotoria ridicularizando os factos do distúrbio de personalidade múltipla. Eu tenho certeza de que o Sr. Brennan não estava sendo deliberadamente malicioso. Suas declarações foram feitas por uma questão de ignorância. O facto é que ele não conhece nada acerca do distúrbio de personalidade múltipla, e o mesmo se dá com algumas das testemunhas que aqui ele trouxe. Mas eu vou trazer, para lhes falar, algumas pessoas que conhecem bem o assunto. Há médicos de óptima reputação que são especializados neste problema. Depois de ouvirem os depoimentos deles, estou certo de que uma nova luz será lançada sobre o que o Sr. Brennan esteve lhes dizendo. O senhor Brennan falou sobre a culpa da minha cliente ao

cometer estes crimes terríveis. Eis um ponto muito importante. Culpa. Para que se prove um assassinato em primeiro grau, não é necessário que haja apenas um ato culpável, mas também o dolo. Eu vou lhes mostrar que não houve dolo, porque Ashley Paterson não estava no comando de sua personalidade quando os crimes ocorreram. Alguns eminentes médicos vão testemunhar que Ashley Paterson tem duas personalidades adicionais, ou alteres, uma das quais é a controladora.

David olhou bem nos rostos dos jurados. Eles pareciam estar oscilando igual a pêndulos à sua frente. Ele fechou os olhos bem apertados durante um instante.

- A Associação Psiquiátrica Norte-Americana reconhece o distúrbio de personalidade múltipla. Também o reconhecem proeminentes médicos pelo mundo afora, que já trataram de pacientes com este problema. uma das personalidades de Ashley Paterson cometeu assassinato, mas foi uma personalidade... um alter... sobre o qual ela não tem controle algum. - Sua voz foi ficando mais forte. - Para que os senhores e as senhoras vejam o problema com mais clareza, precisam entender que a lei não pune uma pessoa inocente. Então, temos um paradoxo aqui. Imaginem um gêmeo siamês sendo julgado por assassinato. A lei diz que não se pode castigar o culpado, pois assim o inocente também estaria sendo castigado. - O júri escutava atentamente.

David fez um gesto com a cabeça na direção de Ashley.

- Neste caso, não temos duas, mas sim três personalidades com que lidar.

Ele se dirigiu à juíza Williams:

- Eu gostaria de chamar a minha primeira testemunha. Dr. Joel Ashanti.

- Dr. Ashanti, onde o senhor pratica a medicina?

- No Madison Hospital, em Nova York.

- E veio até aqui porque eu lhe pedi?

- Não. Eu li sobre o julgamento e quis dar o meu depoimento. Já trabalhei com pacientes que têm distúrbio de personalidade múltipla e quis prestar alguma ajuda... se estiver ao meu alcance. O DPM é muito mais comum do que o povo imagina, e eu gostaria de tentar esclarecer quaisquer mal-entendidos sobre esta perturbação.

- Aprecio o seu gesto, doutor. Nos casos deste distúrbio, é comum encontrar pacientes com duas personalidades ou alteres?

- A minha experiência mostra que pessoas portadoras do DPM costumam ter muito mais alteres, algumas vezes ou até mesmo uma centena.

Eleanor Tucker se virou a fim de sussurrar algo para Mickey Brennan, que sorriu.

- Há quanto tempo vem lidando com o distúrbio de personalidade múltipla, Dr. Ashanti?

- Há quinze anos.

- Num paciente com DPM, costuma haver um alter que domina?

- Sim.

Alguns dos jurados estavam tomando notas.

- E o indivíduo... a pessoa que tem essas personalidades dentro de si... tem consciência dos outros alteres?

- Isso varia. às vezes, alguns dos alteres conhecem todos os demais; às vezes, só conhecem alguns. Mas o indivíduo normalmente não tem consciência deles, não até que comece a se submeter a tratamento psiquiátrico.

- Isso é muito interessante. O DPM tem cura?

- Frequentemente, sim. É necessário um tratamento psiquiátrico prolongado. às vezes, chega a durar seis ou sete anos.

- O senhor já conseguiu curar pacientes de DPM?

- Ah, sim.

- Obrigado, doutor.

David virou-se para estudar o júri durante alguns instantes.

Interessados, mas não convencidos, pensou.

Ele olhou para Brennan.

- A testemunha é sua.

Brennan se levantou e foi até o banco das testemunhas.

- Dr. Ashanti, o senhor declarou que tomou um avião de Nova York para cá porque quis prestar uma ajuda?

- Correcto.

- A sua vinda não teria algo a ver com o facto deste caso estar sendo amplamente divulgado e que a publicidade lhe seria benéfica para...

David se levantou.

- Objecção. Pergunta tendenciosa.

- Indeferida.

- Eu declarei por que vim - respondeu o Dr. Ashanti, tranquilamente.

- Certo. Desde que o senhor está na prática da medicina, doutor, quantos pacientes com perturbações mentais diria que já tratou?

- Oh, talvez duzentos.

- E destes casos, quantos diria que tinham o distúrbio de personalidade múltipla?

- Uma dúzia...

Brennan olhou para ele, fingindo espanto.

- De um total de duzentos pacientes?

- Isso mesmo. Sabe, é que...

- O que eu não sei, Dr. Ashanti, é como o senhor pode se considerar um especialista, tendo tratado um número tão pequeno de casos. Eu agradeceria se o senhor pudesse nos dar evidências que possam provar ou refutar a existência do distúrbio de personalidade múltipla.

- Quando o senhor fala em provar...

- Estamos num tribunal de justiça, doutor. O júri não vai tomar decisões baseado em teoria ou em tese. E se, por exemplo, a ré detestasse os homens que assassinou e, depois de matá-los, decidiu usar a desculpa de um alter dentro de si para poder...

David estava de pé.

- Objecção! A argumentação é tendenciosa e está conduzindo a testemunha.

- Indeferida.

- Meritíssima...

- Sente-se, Sr. Singer.

David lançou um olhar furioso para a juíza Williams e retomou o seu assento.

- Então, o que está nos dizendo, doutor, é que não existe evidência capaz de provar ou refutar a existência do DPM?

- Existir, não existe. Mas...

Brennan assentiu.

- É só.

O Dr. Royce Salem estava no banco das testemunhas.

- Dr. Salem, o senhor examinou Ashley Paterson? - perguntou David.

- Examinei.

- E qual foi a sua conclusão?

- A Senhorita Paterson está sofrendo de DPM. Ela tem dois alteres, que se chamam Toni Prescott e Alette Peters.

- Ela tem algum controle sobre eles?

- Nenhum. Quando esses alteres assumem o controle, ela fica num estado de amnésia dissociativa.

- O senhor poderia explicar o que é isso, Dr. Salem?

- Amnésia dissociativa é um estado em que a vítima perde a consciência de onde está, ou do que está fazendo. Pode durar minutos, dias ou semanas.

- E durante esse período, o senhor diria que a pessoa é responsável por suas ações?

- Não.

- Obrigado, doutor! - Ele se dirigiu a Brennan. - A testemunha é sua.

- Dr. Salem, o senhor presta consultoria para vários hospitais e dá palestras pelo mundo inteiro? - perguntou Brennan.

- Correcto.

- Presumo que os seus colegas sejam médicos talentosos e habilidosos?

- Eu diria que sim.

- Então, todos concordam quanto ao distúrbio de personalidade múltipla?

- Não.

- O que o senhor quer dizer com "não"?

- Há os que discordam.

- O senhor quer dizer que eles não acreditam que exista?

- Exacto.

- Mas eles estão errados e o senhor está certo?

- Eu já tratei pacientes, portanto sei que esta perturbação existe. Quando...

- Deixe-me fazer-lhe a seguinte pergunta. Caso existissem esses distúrbios de personalidade múltipla, um dos alteres sempre estaria na posição de dizer ao indivíduo o que fazer? O alter diz "Mate", e o indivíduo mata?

- Depende. Os alteres têm vários níveis de influência.

- Então, o indivíduo poderia estar no comando.

- Às vezes, é claro.

- Na maioria das vezes?

- Não.

- Doutor, onde está a prova de que o DPM existe?

- Eu já presenciei mudanças físicas completas em pacientes sob hipnose e sei que...

- E isso é uma base para a verdade?

- Dr. Salem, se eu o hipnotizasse dentro de um ambiente quente e lhe dissesse que o senhor estava no pólo norte, despido e no meio de uma tempestade de neve, a temperatura do seu corpo iria cair?

- Ora, iria, mas...

- É só.

David se aproximou do banco das testemunhas.

- Dr. Salem, o senhor tem alguma dúvida de que esses alteres existam no interior de Ashley Paterson?

- Nenhuma. E são absolutamente capazes de assumir o comando e dominá-la.

- E ela não estaria consciente disso?

- Ela não estaria consciente.

- Obrigado!

- Eu gostaria de chamar Shane Miller ao banco. - David esperou que ele prestasse o juramento. - O que faz, profissionalmente, Sr. Miller?

- Eu sou supervisor na Corporação Global de Computação Gráfica.

- E há quanto tempo trabalha nessa empresa?
- Cerca de sete anos.
- E Ashley Paterson estava empregada lá?
- Estava.
- E trabalhava sob a sua supervisão?
- Trabalhava.
- Então o senhor chegou a conhecê-la bem?
- Correcto.
- Sr. Miller, ouviu falar do depoimento de médicos dizendo que alguns dos sintomas do distúrbio de personalidade múltipla são paranóia, nervosismo, tensão. O senhor chegou a observar alguns desses sintomas na Senhorita Paterson?
- Bem, eu...
- A Senhorita Paterson não disse que achava estar sendo seguida por alguém?
- Disse, sim.
- E que ela não fazia idéia de quem poderia ser ou por que alguém estaria fazendo isso?
- Correcto.
- Não disse uma vez que alguém usara o computador dela para ameaçá-la com uma faca?
- Disse.
- E as coisas acabaram ficando tão ruins, que o senhor sugeriu que ela fosse se consultar com o psicólogo que trabalha na empresa, o Dr. Speakman?
- Exactamente.
- Então, Ashley Paterson apresentava os sintomas de que estamos falando?
- Correcto.
- Obrigado, Sr. Miller! - David se dirigiu a Mickey Brennan. - A testemunha é sua.
- Quantos empregados tem directamente sob a sua supervisão, Sr. Miller?

- Trinta.

- E de trinta funcionários, Ashley Paterson é a única que o senhor viu passar mal?

- Ora, não...

- Ah, não mesmo?

- Todo mundo passa mal às vezes.

- O senhor quer dizer que outros funcionários já precisaram ir se consultar com o psicólogo da empresa?

- Oh, claro. Eles o mantêm bastante ocupado.

Brennan mostrou-se impressionado.

- É mesmo?

- É. Tem muita gente com problemas. Ora, são seres humanos!

- Não tenho mais perguntas.

A juíza Williams falou:

- Deseja reinquirir?

David se aproximou do banco das testemunhas.

- Sr. Miller, disse que alguns dos funcionários sob a sua supervisão tinham problemas. Que tipo de problemas?

- Ora, podia ser uma briga com o namorado ou o marido...

- Muito bem.

- Ou podia ser um problema financeiro...

- Muito bem.

- Ou os filhos enchendo a paciência...

- Em outras palavras, os problemas típicos de âmbito doméstico que qualquer um de nós pode enfrentar?

- Exacto.

- Mas ninguém foi se consultar com o Dr. Speakman porque estava se achando perseguido ou porque achava que alguém estivesse lhe fazendo ameaças de morte?

- Não.

- Obrigado!

A sessão entrou em recesso para o almoço.

David entrou no carro e passeou pelo parque, deprimido. O julgamento ia mal. Os médicos não se decidiam quanto à existência do DPM. Se eles não conseguem chegar a um acordo, pensou, como é que eu vou

conseguir que o júri concorde? Não posso deixar que nada aconteça a Ashley. Não posso. Ele estava chegando perto do Fiarold's Café, um restaurante perto do fórum. Estacionou o carro e entrou. A recepcionista sorriu para ele.

- Boa tarde, Sr. Singer!

Ele estava afamado. Difamado?

- Por aqui, por favor - Ele a acompanhou até reservado e se sentou. A moça lhe entregou o cardápio, deu outro demorado sorriso e se foi, com as cadeiras balançando de maneira provocante. As mordomias da fama, pensou David com secura. Não estava com fome, mas pôde ouvir a voz de Sandra dizendo: "Você precisa comer para se manter forte. "

Havia dois homens e duas mulheres sentados no compartimento ao lado do dele. um dos homens dizia:

- Ela é muito pior do que Lizzie Borden. Borden só matou duas pessoas.

O outro acrescentou:

- E ela não castrou ninguém.

- O que será que vão fazer com ela?

- Está brincando? Vai pegar sentença de morte.

- Pena que a Meretriz Sanguinária não possa pegar três sentenças de morte!

É isso que o povo anda dizendo, pensou David. Teve a deprimente impressão de que se desse uma volta pelo restaurante, ouviria comentários parecidos com esse. Brennan havia construído uma imagem monstruosa dela. David chegou a ouvir a voz de Quiller. Se você não a levar ao banco das testemunhas, esta é a imagem que os jurados terão em mente quando se recolherem à sala do júri para chegar ao veredicto.

Preciso correr o risco. Preciso deixar que os jurados vejam por si mesmos que Ashley está dizendo a verdade.

A garçonete estava ao seu lado.

- Já quer fazer o seu pedido, Sr. Singer?

- Mudei de idéia - respondeu ele. - Não estou com fome. - Quando se levantou e saiu do restaurante, percebeu olhos maléficos

acompanhando-o. Espero que ninguém esteja armado, pensou.

Capítulo Vinte

Quando voltou ao fórum, David visitou Ashley em sua cela. Ela estava sentada no pequeno catre, olhando para o chão.

- Ashley.

Ela ergueu o rosto, os olhos cheios de desespero.

David sentou-se ao seu lado.

- Precisamos conversar.

Ela ficou olhando para ele, calada.

- Essas coisas horríveis que andam dizendo sobre você... nada disso é verdade. Mas os jurados não sabem. Eles não a conhecem. Precisamos deixar que vejam como você é realmente.

Ashley olhou para ele e falou, desanimada:

- E como eu sou realmente?

- Você é um ser humano decente, que tem uma doença. Eles vão se identificar com isso.

- O que você quer que eu faça?

- Eu quero que você vá para o banco das testemunhas e preste o seu depoimento.

Ela ficou olhando fixamente para ele, horrorizada.

- Eu... eu não posso. Não sei de nada. Não posso lhes dizer nada.

- Deixe isso comigo. Tudo o que você precisa fazer é responder às minhas perguntas.

Um guarda veio até à cela.

- A sessão vai começar.

David se levantou e apertou a mão de Ashley.

- Vai dar certo. Você vai ver.

- Todos de pé. A sessão está começando agora. A meritíssima juíza Williams preside o caso O Povo do Estado da Califórnia contra Ashley Paterson.

A juíza Williams sentou-se à sua mesa.

- Posso me dirigir ao juízo? - perguntou David.

- Pode.

Mickey Brennan foi até à mesa junto com David.

- O que deseja, Sr. Singer?

- Eu gostaria de chamar uma testemunha que não está na lista dos procedimentos probatórios.

- Já estamos bastante avançados com o julgamento para a introdução de novas testemunhas - disse Brennan.

- Eu gostaria de chamar Ashley Paterson como a minha próxima testemunha.

A juíza Williams falou:

- Eu não...

Mickey Brennan disse rapidamente:

- O estado não se opõe, meritíssima.

A juíza Williams olhou para os dois advogados.

- Está bem. Pode chamar a sua testemunha, Sr. Singer.

- Obrigado, meritíssima! - Ele caminhou até onde Ashley estava e lhe estendeu a mão. - Ashley...

Ela ficou sentada, em pânico.

- É preciso.

Ela se levantou, o coração palpitando, e lentamente se encaminhou até o banco das testemunhas.

Mickey Brennan sussurrou para Eleanor:

- Eu estava torcendo para que ele a chamasse.

Eleanor assentiu.

- Acabou-se.

Ashley Paterson estava prestando juramento junto ao oficial de justiça.

- Jura solenemente dizer a verdade, toda a verdade, nada mais. Que a verdade, com a ajuda de Deus?

- Juro - disse ela, num sussurro de voz. E foi sentar-se no banco das testemunhas.

David se aproximou dela e falou calmamente:

- Eu sei que isto é muito difícil para você. Foi acusada de crimes hediondos que não cometeu. Tudo o que quero é que o júri saiba a verdade. Você se recorda de ter cometido algum daqueles crimes?

Ashley balançou a cabeça.

- Não.

David olhou de relance para o júri e prosseguiu.

- Você conhecia Dennis Tibble?

- Conhecia. Nós trabalhávamos na mesma empresa, a Corporação Global de Computação Gráfica.

- Tinha alguma razão para matar Dennis Tibble?

- Não. - Era difícil falar - Eu fui ao apartamento dele para dar-lhe alguns conselhos que me havia pedido, e foi a última vez em que o vi.

- Você conhecia Richard Melton?

- Não...

- Ele era um artista. Foi assassinado em São Francisco. A polícia encontrou amostras do seu DNA e de suas impressões digitais no local.

Ashley estava balançando a cabeça de um lado para o outro.

- Eu... não sei o que dizer. Eu não o conhecia!

- E conhecia o delegado Sam Blake?

- Conhecia. Ele estava me ajudando. Eu não o matei!

- Você sabe que tem duas outras personalidades, ou alteres, dentro de si, Ashley?

- Sei.

- Quando ficou sabendo disso?

- Antes do julgamento. O Dr. Salem me contou. Eu não consegui acreditar. Eu... ainda não acredito. ... É uma coisa horrível demais!

- Você não tinha conhecimento prévio desses alteres.

- Não.

- Nunca tinha ouvido falar de Toni Prescottan ou de Alette Peters?

- Não!

- E agora acredita que elas existam dentro de você?

- Acredito... Eu tenho de acreditar. Elas devem ter feito todas... todas essas coisas horríveis...

- Então, você não se lembra de ter conhecido Richard Melton, não tinha motivo algum para matar Dennis Tibble ou o delegado Sam Blake, que estava no seu apartamento para protegê-la?

- Correcto. - Seus olhos percorreram todo o recinto lotado, e ela sentiu um certo pânico.

- Uma última pergunta - falou David. - Já teve algum problema com a justiça?

- Nunca.

David colocou a mão sobre a dela.

- É tudo, por ora. - Ele se dirigiu a Mickey Brennan. - A testemunha é sua. Brennan se levantou, com um amplo sorriso estampado no rosto.

- Ora, Senhorita Paterson, finalmente temos a chance de falar com todas vocês. A senhorita alguma vez teve relação sexual com Dennis Tibble?

- Não.

- Teve alguma relação sexual com Richard Melton?

- Não.

- Alguma vez, teve relação sexual com o delegado Sam Blake?

- Não.

- Isso é muito interessante. - Brennan olhou de relance para o júri. - Porque resquícios de secreção vaginal foram encontrados nos corpos desses três homens. Os testes de DNA coincidem com os do seu DNA.

- Eu... eu não sei de nada disso.

- Talvez tenha sido vítima de uma armação. Talvez algum demónio tenha posto as mãos nessas secreções...

- Objecção. São considerações tendenciosas - falou David.

- Indeferida.

-... e as tenha colocado sobre aqueles três corpos mutilados. Acaso tem inimigos que estariam dispostos a fazer isso com a senhorita?

- Eu... eu não sei.

- O laboratório de impressões digitais do FBI verificou as digitais que a polícia encontrou nas cenas dos crimes. E eu estou certo de que isto a surpreenderá...

- Objecção - disse David.

- Mantida. Tenha cuidado, Sr. Brennan.

- Pois não, meritíssima!

Dando-se por satisfeito, David tornou a sentar-se, devagar.

Ashley estava à beira de um ataque de nervos.

- Os alteres devem ter...

- As impressões digitais nas cenas dos três assassinatos eram suas, e somente suas.

Ashley ficou ali sentada, em silêncio.

Brennan andou até uma mesa, pegou uma faca de cortar carne embrulhada em papel celofane e a exibiu.

- Senhorita Paterson, reconhece isto aqui?

- Poderia... poderia ser uma das... uma das minhas...

- É uma das suas facas? E é. Já foi recolhida como prova documental. As manchas nela coincidem com o sangue do delegado Blake. Suas impressões digitais estão nesta arma do crime.

Ashley estava balançando a cabeça de um lado para o outro, desnorteada.

- Eu jamais vi um caso mais claro de assassinato a sangue-frio ou uma defesa mais débil. Ocultar-se por trás de duas personagens inexistentes, imaginárias, é a mais...

David estava novamente de pé.

- Objecção.

- Mantida. Eu já o adverti, Sr. Brennan.

- Desculpe-me, meritíssima!

Brennan prosseguiu.

- Tenho certeza de que o júri gostaria de conhecer as personagens de que está nos falando. A senhorita é Ashley Paterson, correcto?

- Correcto.

- Pois bem. Eu gostaria de falar com Toni Prescott.

- Eu... eu não consigo trazê-la.

Brennan olhou para ela, surpreso.

- Não consegue? mesmo? Ora, então, que tal Alette Peters?

Ashley balançou a cabeça, prestes a entrar em desespero.

- Eu... não tenho controle sobre elas.

- Senhorita Paterson, eu estou tentando ajudá-la - disse Brennan. - Estou querendo mostrar ao júri os seus alteres que mataram e mutilaram aqueles três homens inocentes. Traga-as aqui.

- Eu... não consigo. - Ela começou a chorar.

- Não pode porque elas não existem! Está se escondendo atrás de fantasmas, Senhorita Paterson. É a única sentada nesse banco, assim como é a única culpada. Elas não existem, mas Ashley Paterson existe, e eu vou lhe dizer o que mais existe... provas irrefutáveis, inegáveis, de que a senhorita assassinou três homens e os emasculou a sangue-frio. - Ele se dirigiu à juíza Williams. - Meritíssima, o estado dá a inquirição da testemunha por encerrada.

David se virou para ver o júri. Todos os jurados estavam de olhos pregados em Ashley, e seus rostos estavam marcados pela repulsa.

A juíza Williams se dirigiu a David.

- Sr. Singer?

David se levantou.

- Meritíssima, eu peço permissão para que a ré seja hipnotizada, a fim de...

A juíza Williams falou com aspereza:

- Sr. Singer, eu avisei antes que não ia permitir que este julgamento fosse transformado num espetáculo à parte. O senhor não pode hipnotizá-la aqui no meu tribunal. A resposta é "não".

David falou incisivamente:

- Sua Excelência tem de me deixar hipnotizá-la. Não sabe a importância...

- Já chega, Sr. Singer - disse ela friamente. - Eu vou citá-lo uma segunda vez por desacato. Deseja reinquirir a testemunha ou não?

David ficou parado, frustrado.

- Desejo, sim, meritíssima. - Ele caminhou até o banco das testemunhas.

- Ashley, você sabe que está sob juramento?

- Sei, sim. - Ela estava com a respiração ofegante, lutando para se controlar.

- E tudo o que disse é a verdade, em conformidade com o seu conhecimento?

- Correcto.

- Sabe que há dois alteres em sua mente, em seu corpo e em sua alma, sobre os quais você não tem controle?

- Sei.

- Toni e Alette?

- Certo.

- Você não cometeu nenhum daqueles crimes hediondos?

- Não.

- Um dos seus alteres foi quem os cometeu, e você não é responsável. Eleanor olhou para Brennan indagativamente, mas ele sorriu e balançou a cabeça.

- Ele que se enforque! - sussurrou.

- Helen... - David parou, empalidecido pelo deslize. - Quero dizer, Ashley... Você precisa trazer Toni aqui e agora.

Ashley olhou para David e balançou a cabeça, sem saber o que fazer.

- Eu... eu não consigo - disse ela, num sussurro de voz.

- Consegue, sim - disse David. - Toni está nos escutando neste exacto momento. Está se divertindo, e por que não estaria? Ela cometeu três assassinatos e saiu impune. - Ele elevou a voz. - Você é muito esperta, Toni. Saia daí e venha receber uma salva de palmas. Ninguém pode fazer nada contra você. Eles não podem castigar Ashley porque ela é inocente, e teriam de punir a ela para atingir você.

Todos no tribunal estavam de olhos cravados em David.

Ashley continuava em seu lugar, petrificada.

David chegou mais para perto dela.

- Toni! Toni, você está me ouvindo? Eu quero que você saia daí agora!

Ele aguardou um instante. Nada aconteceu. Ele elevou a voz.

- Toni! Alette! Saiam daí. Apareçam. Todos aqui sabem que vocês estão aí.

A sala de audiências permaneceu em absoluto silêncio.

David perdeu o controle. Estava gritando:

- Saiam. Mostrem as suas caras... Porra! Agora! Já!

Ashley irrompeu em lágrimas.

- Venha à mesa, Sr. Singer - disse a juíza Williams, enfurecida.

Lentamente, David se encaminhou até ela.

- Já acabou de atormentar a sua cliente, Sr. Singer? Vou enviar um relatório do seu comportamento para a ordem dos advogados. O senhor é uma desonra para a sua profissão, e eu vou recomendar que lhe cassem a licença.

David não teve resposta.

- O senhor tem mais alguma testemunha para chamar?

David balançou a cabeça, derrotado.

- Não, meritíssima.

Acabara-se. Ele havia perdido. Ashley ia morrer.

- A defesa dá a sua parte por encerrada.

Joseph Kincaid estava sentado na última fileira de espectadores, assistindo, com uma expressão taciturna no rosto. Ele se dirigiu a Harvey Udell.

- Livre-se dele. - Kincaid se levantou e foi embora.

Udell parou David quando este estava deixando a sala.

- David...

- Olá, Harvey!

- Eu sinto muito pela maneira como isto terminou.

- Não é...

- O Sr. Kincaid está muito contrariado por ter de fazer isto, mas acha que seria melhor se você não voltasse para a firma. Boa sorte!

No momento em que pisou do lado de fora da sala de audiências, David foi cercado por câmaras de televisão e repórteres aos berros.

- O que tem a declarar, Sr. Singer. .?

- Ouvimos dizer que a juíza Williams vai mandar cassar seu registro...

- A juíza Williams diz que vai detê-lo por desacato. O senhor acha que...?

- Os especialistas acham que o senhor perdeu este caso. Está pensando em apelar...?

- Os especialistas em assuntos jurídicos de nossa rede acham que a sua cliente vai pegar a pena de morte...

- O que está planeando fazer no futuro...?

David entrou em seu carro sem dizer palavra alguma e se foi.

Capítulo Vinte e Um

Ele reviu as cenas na cabeça diversas vezes, infinitas vezes.

Eu li as notícias hoje de manhã, Dr. Paterson. Não sei como lhe dizer o quanto fiquei sentido!

Decerto. Foi um impacto muito grande! Eu preciso de sua ajuda, David.

Claro. O que eu puder fazer

Quero que você represente Ashley.

Eu não posso fazer isso. Não sou advogado criminalista. Mas posso lhe recomendar um excelente advogado, Jesse Quiller

Então, está bem. Obrigado, David...

Você é um jovem ansioso, não é mesmo? A nossa reunião estava marcada somente para as cinco da tarde. Ora, eu tenho boas notícias.

Nós vamos torná-lo sócio da empresa.

O senhor pediu para falar comigo?

Pedi, sim, meritíssima. Estão falando sobre este julgamento na Internet, e já condenaram a ré. Isto pode prejudicar muito a defesa.

Portanto, estou entrando com uma moção de anulação do julgamento.

Acho que é uma excelente razão para anulação, Sr. Singer. Vou deferi-la...

O amargo jogo do "e se"...

Na manhã seguinte, foi aberta a sessão no tribunal.

- A promotoria está pronta para concluir sua alegação? - Brennan se levantou. Caminhou até a bancada do júri e olhou para os jurados, um a um.

- Os senhores e as senhoras têm a condição de fazer história, aqui e agora. Se acreditarem que a ré é de facto muitas pessoas diferentes e não tem responsabilidade sobre o que fez, pelos crimes hediondos que cometeu, e a absolverem, então estarão dizendo que qualquer um

consegue cometer um crime impunemente, bastando, para isso, alegar que não o cometeu, que foi algum alter ego misterioso quem o cometeu. Eles podem roubar, estuprar e matar, e serão culpados? Não. "Eu não fiz nada. Foi o meu alter ego quem fez." Ken, Joe, Suzy ou seja lá como eles queiram se autodenominar. Ora, eu acho que os senhores e as senhoras são inteligentes o suficiente para não se deixar levar por essa fantasia. A verdade está naquelas fotografias que viram. Aquelas pessoas não foram assassinadas por alter egos. Foram todas deliberada, calculada e cruelmente assassinadas pela ré sentada àquela mesa, Ashley Paterson. Senhoras e senhores do júri, o que a defesa tentou fazer aqui neste tribunal já foi tentado antes. Em Mann contra Teller, a decisão foi que uma constatação de DPM não implica, por si só, uma questão de absolvição. Em Estados Unidos contra Whirley, uma enfermeira, que assassinou um bebê, alegou ser portadora do DPM. O tribunal a considerou culpada.

"Saibam de uma coisa: eu quase sinto pena da ré. Todas aquelas personalidades vivendo dentro da pobre moça! Tenho certeza de que nenhum de nós haveria de querer um punhado de gente estranha e maluca habitando o nosso íntimo, não é mesmo? Sair assassinando e castrando homens por aí? Eu morreria de medo!

Ele se virou de frente para Ashley.

- A ré não parece amedrontada, parece? Não o suficiente para deixar de pentear os cabelos, usar um belo vestido e uma discreta maquiagem! Ela não me parece nem um pouco amedrontada. Está achando que os senhores e as senhoras vão acreditar na história que contou e deixá-la sair em liberdade. Ninguém é capaz de provar se esse distúrbio de personalidade múltipla realmente existe; portanto, vamos ter de julgar por nós mesmos. A defesa alega que essas personalidades afloram e assumem o controle. Vejamos: Toni nasceu na Inglaterra. E Alette, esta nasceu na Itália. São todas a mesma pessoa. Apenas nasceram em países diferentes, em épocas diferentes. Isto não os deixa confusos? Sei que, a mim, me deixa confuso. Eu ofereci à ré uma chance de nos mostrar seus alteres, mas ela não aceitou. Eu me pergunto por quê? Seria porque não

existem...? A lei da Califórnia reconhece o DPM como uma doença mental? Não. A do Colorado? Não. Do Mississippi? Não. A lei federal? Não. A bem da verdade, nenhum estado tem uma lei que confirme o DPM como defesa jurídica. E por quê? Porque não é uma defesa. Senhoras e senhores, trata-se de um álibi fictício para escapar ao castigo... "O que a defesa está pedindo aos senhores e às senhoras é que acreditem na existência de duas pessoas dentro da pessoa da ré, de forma que ninguém assuma a responsabilidade dos actos criminosos dela. Mas só há uma ré sentada dentro deste recinto: Ashley Paterson. Nós provamos, sem sombra de dúvida, que ela é uma assassina. Mas ela alega não ter cometido os crimes. Alega que eles foram cometidos por outra pessoa, alguém que lhe tomou emprestado o corpo para matar gente inocente... seus alteres. Não seria maravilhoso se todos tivéssemos alteres, alguém para fazer tudo aquilo que secretamente desejamos, mas que a sociedade não permite? Ou talvez não. Acaso gostariam de viver num mundo onde as pessoas pudessem sair por aí assassinando os outros e dizendo: "Ninguém pode encostar em mim, foi o meu alter quem fez isso" e "Vocês não podem castigar o meu alter porque o meu alter, na verdade, sou eu"? "Mas este julgamento não trata de personalidades míticas, que não existem. A ré, Ashley Paterson, está sendo julgada por três assassinatos hediondos a sangue-frio, e o estado está pedindo a pena de morte. Obrigado!

Mickey Brennan voltou ao seu lugar.

- A defesa está pronta para fazer o seu fechamento?

David se levantou. Caminhou até a bancada do júri, olhou bem dentro do rosto de cada jurado, e o que viu foi desanimador.

- Eu sei que este caso está sendo muito difícil para todos nós. Ouvimos especialistas testemunhando que já trataram o distúrbio de personalidade múltipla, assim como ouvimos outros especialistas depondo que isso não existe. Os distintos jurados não são médicos, de modo que ninguém espera que a sua decisão seja tomada com base em conhecimentos médicos. Eu gostaria de me desculpar diante de todos se o meu comportamento de ontem lhes pareceu grosseiro. Gritei com Ashley Paterson somente porque quis forçar os seus alteres a se manifestarem. Eu já conversei com esses alteres. Eu sei que existem. Existem, de facto, uma Alette e uma Toni, e elas são capazes de

controlar Ashley a qualquer momento que desejem. Ela não tem conhecimento de haver cometido crime algum.

"Eu lhes disse no início deste julgamento: para que alguém seja condenado por assassinato em primeiro grau, é preciso que haja uma prova física e um motivo. Não há motivo aqui, senhoras e senhores. Nenhum. E a lei diz que a promotoria deve provar a culpa do réu além de qualquer dúvida razoável. Estou certo de que as senhoras e os senhores concordarão que, neste caso, há uma dúvida razoável.

"Quanto às provas, a defesa nada questiona. Há impressões digitais e vestígios do DNA de Ashley Paterson em todas as cenas dos crimes. Mas o simples facto de se encontrarem lá deveria nos fazer pensar. Ashley Paterson é uma mulher jovem e inteligente. Se cometesse um assassinato e não quisesse ser descoberta, teria deixado suas impressões digitais em todos esses lugares? A resposta é 'não'.

David continuou durante mais trinta minutos. Ao terminar, olhou para os rostos dos jurados e não sentiu acolhimento. Ele se sentou.

A juíza Williams se dirigiu aos jurados.

- Eu agora vou instruí-los acerca da lei que se aplica a este caso. Prestem bastante atenção.

Ela falou durante os vinte minutos seguintes, detalhando o que era admissível e permissível segundo a lei.

- Caso tenham perguntas, ou desejem que alguma parte dos depoimentos lhes seja referida outra vez, o relator do tribunal os atenderá. O júri está dispensado para deliberar. A sessão está suspensa até que os jurados voltem com o veredicto.

David ficou olhando os jurados saírem em fila da bancada e entrarem na sala do júri. Quanto mais eles demorarem, maiores serão as nossas chances, pensou.

Os jurados retornaram quarenta e cinco minutos depois.

David e Ashley ficaram vendo os jurados entrarem em fila e tomarem seus assentos na bancada do júri. Ashley estava com o rosto impassível. David percebeu que estava transpirando muito devido à tensão em que se encontrava.

A juíza Williams se dirigiu ao porta-voz do júri.

- Os jurados chegaram a um veredicto?

- Chegamos, sim, meritíssima.

- Queira entregá-lo, por favor, ao oficial de justiça.

O oficial de justiça levou a folha de papel para a juíza, que a desdobrou.

Não havia um ruído sequer na sala de audiências.

O oficial de justiça devolveu a folha de papel ao porta-voz do júri.

- Queira ler o veredicto, por favor.

Em tom lento e comedido, ele leu:

- No caso O Povo do Estado da Califórnia contra Ashley Paterson, nós, do júri, nesta referida acção, consideramos a ré, Ashley Paterson, culpada pelo assassinato de Dennis Tibble, em violação à Secção 187 do Código Penal.

Houve um grito sufocado na sala do tribunal. Ashley fechou os olhos com força.

- No caso O Povo do Estado da Califórnia contra Ashley Paterson, nós, do júri, nesta referida acção, consideramos a ré, Ashley Paterson, culpada pelo assassinato do delegado Sam Blake, em violação à Secção 187 do Código Penal.

- No caso O Povo do Estado da Califórnia contra Ashley Paterson, nós, do júri, nesta referida acção, consideramos a ré, Ashley Paterson, culpada pelo assassinato de Richard Melton, em violação à Secção 187 do Código Penal. Nós, do júri, em todos os veredictos, os classificamos como de primeiro grau.

David começou a sentir dificuldade para respirar. Ele se virou para Ashley, mas não teve palavras. Inclinou-se para perto dela e a envolveu com os braços.

A juíza Williams falou:

- Eu gostaria que cada jurado asseverasse o seu veredicto. um a um, eles se levantaram. - O veredicto lido foi o seu veredicto? - E depois de cada um ter afirmado que sim, a juíza Williams disse: - O veredicto será registrado e incluído nos autos. - Ela prosseguiu: - Devo agradecer ao júri

o tempo dedicado e o serviço prestado neste caso. Estão dispensados. Amanhã, o tribunal acolherá a questão da sanidade.

David ficou sentado, entorpecido, vendo Ashley ser levada embora.

A juíza Williams se levantou e foi para o seu gabinete sem olhar para David. Sua atitude mostrou-lhe mais claramente do que palavras qual seria a sua decisão pela manhã. Ashley seria condenada à morte.

Sandra telefonou de São Francisco.

- Você está bem, David?

Ele tentou se mostrar animado.

- Estou. Estou ótimo. Como você está se sentindo?

- Estou bem. Estive vendo os noticiários da televisão. A juíza não foi justa com você. Ela não pode cassar a sua licença. Você só estava tentando ajudar a sua cliente.

Ele não teve resposta.

- Eu sinto muito, David. Gostaria de estar aí com você. Eu poderia pegar o carro e ir...

- Não - disse ele. - Não podemos correr nenhum risco. Você esteve no médico hoje?

- Estive.

- O que ele disse?

- Falta pouco. É para qualquer momento. Que o dia do seu nascimento seja muito feliz, Jeffrey.

Jesse Quiller telefonou.

- Eu estraguei tudo - falou David.

- Porra nenhuma! Você pegou foi o juiz errado. O que você fez para que ela ficasse tão intransigente?

- Ela quis que eu entrasse num acordo de alegações. Não queria que o caso fosse a julgamento. Talvez eu devesse tê-la escutado - disse David.

Todos os canais de televisão estavam repletos de notícias referentes à desgraça dele. David assistiu a um grupo de especialistas jurídicos de uma das redes discutindo o caso.

- Eu nunca tinha ouvido falar de um advogado de defesa gritando com o cliente! Vou dizer uma coisa, todo mundo na sala de audiências ficou

atónito. Foi uma coisa das mais estapafúrdias...

David mudou de canal. Onde foi que tudo desandou? A vida deve ter sempre um final feliz. Foi porque eu estraguei tudo. Ashley vai morrer, eu vou perder a minha licença, o bebê vai nascer a qualquer momento, e eis que estou desempregado!

Ele ficou no hotel, sentado em seu quarto no meio da noite, olhando para a escuridão. Foi o pior momento de sua vida. Em sua mente, repetia-se seguidamente a última cena na sala de audiências. "O senhor não pode hipnotizá-la aqui no meu tribunal. A resposta é não. "

Se ao menos ela tivesse me deixado hipnotizar Ashley no banco, eu sei que isso teria convencido o júri. Tarde demais. Está tudo acabado agora.

E uma vozinha inconveniente em sua mente disse: Quem disse que está tudo acabado? Ainda não ouvi soarem as trombetas.

Não há mais o que eu possa fazer.

Sua cliente é inocente. Você vai permitir que ela morra?

Deixe-me em paz.

As palavras da juíza Williams continuavam ecoando em sua mente. "O senhor não pode hipnotizá-la aqui no meu tribunal. "

E três palavras continuaram se repetindo - no meu tribunal.

às cinco da manhã, David fez dois telefonemas agitados, urgentes.

Ao terminar, o sol já começava a surgir no horizonte. É um presságio, pensou David. Nós vamos ganhar.

Pouco depois, David correu para uma loja de antiguidades.

O vendedor o atendeu.

- O senhor está procurando alguma coisa específica? - Ele o reconheceu.

- Sr. Singer?

- Estou procurando um biombo de tela. Vocês teriam alguma coisa assim?

- Temos, sim. Não temos biombos muito antigos, mas...

- Mostre-me o que vocês têm.

- Pois não. - Ele conduziu David para uma secção onde havia vários biombos chineses. O vendedor apontou para o primeiro. - Este aqui...
- Está óptimo - disse David.
- Pois não, senhor. Onde é para entregar?
- Eu mesmo levo.

A próxima paragem de David foi numa loja de ferragens, onde ele comprou um canivete suíço. Quinze minutos depois, entrava no saguão do tribunal carregando o biombo.

- Eu tomei providências para entrevistar Ashley Paterson. Tenho permissão para usar o gabinete do juiz Goldberg. Ele não está aqui hoje - disse David para o guarda de segurança.

- Pois não, senhor. Está tudo pronto. Vou mandar trazer a ré. O Dr. Salem e outro homem já estão lá, esperando - respondeu o guarda.

- Obrigado!

O guarda ficou vendo David entrar no elevador com o biombo chinês. Maluco de pedra, esse aí, pensou.

O gabinete do juiz Goldberg era uma sala agradável, confortável, com uma mesa de frente para a janela, uma cadeira giratória e um sofá, além de várias poltronas perto de uma das paredes. Quando David entrou, o Dr. Salem e outro homem estavam esperando em pé.

- Desculpem o atraso - falou David.

- Este é Hugh Iverson. o especialista que você pediu-me - disse o Dr. Salem.

Os dois trocaram um aperto de mãos.

- Vamos nos aprontar logo - disse David. - Ashley já está chegando.

Ele se virou para Hugh Iverson e apontou para um canto da sala.

- Que tal ali?

- Está bem.

Ele viu Iverson começar a se preparar. Minutos depois, a porta se abriu, e Ashley entrou conduzida por um guarda.

- Eu vou ter de ficar aqui dentro - disse o guarda.

David assentiu. Ele se dirigiu a Ashley.

- Sente-se, por favor. - Esperou até que ela se sentasse e então acrescentou: - Antes de mais nada, quero lhe dizer o quanto sinto pela maneira como as coisas correram.

Ela assentiu, meio aturdida.

- Mas ainda não acabou. Resta-nos uma chance.

Ela olhou para ele com ar descrente.

- Ashley, eu gostaria que o Dr. Salem a hipnotizasse outra vez.

- Não. Qual é o sentido de...

- Por favor. Faça isso por mim.

Ela encolheu os ombros.

David fez um gesto afirmativo para o médico.

O Dr. Salem falou para Ashley:

- Já passamos por isso antes, portanto você já sabe que basta fechar os olhos e relaxar. só relaxar. Sinta todos os músculos do seu corpo abandonando a tensão. Você só precisa dormir. Está ficando sonolenta...

Dez minutos depois, ele olhou para David e disse:

- Está totalmente entregue.

David se aproximou de Ashley com o coração palpitando.

- Eu quero falar com Toni.

Não houve reacção alguma.

David elevou a voz.

- Toni. Eu quero que você apareça. Está me ouvindo? Alette... Eu quero falar com vocês duas.

Silêncio.

David estava gritando agora.

- O que há com vocês? Estão assustadas demais? Foi isso que aconteceu no tribunal, não foi? Ouviram o que o júri falou? Ashley é culpada. Tiveram medo de aparecer! Você é uma covarde, Toni!

Eles olhavam para Ashley. Não havia reacção alguma. David olhou desesperado para o Dr. Salem. Não ia funcionar.

- Está aberta a sessão. Preside a meritíssima juíza Williams.

Ashley estava sentada à mesa dos réus, ao lado de David. A mão dele estava envolta por uma enorme atadura.

David se levantou.

- Posso me dirigir ao juízo, meritíssima?

- Pode.

David se aproximou da mesa. Brennan o seguiu.

- Eu gostaria de apresentar uma nova prova para este caso - disse David.

- Absolutamente não - objectou Brennan.

A juíza Williams se virou para ele e falou:

- Esta decisão cabe a mim, Sr. Brennan. - Ela se dirigiu de volta a David. -

O julgamento acabou. A sua cliente foi condenada e...

- Tem a ver com a alegação de insanidade - disse David. - Eu só estou pedindo dez minutos do seu tempo.

A juíza Williams falou, zangada:

- O tempo não significa muito para o senhor, não é mesmo, Sr. Singer?

Já desperdiçou muito tempo de todo mundo! - Ela tomou a decisão. -

Tudo bem. Espero que seja o seu último pedido a um tribunal de justiça!

A sessão entrará em recesso por dez minutos.

David e Brennan acompanharam a juíza até o seu gabinete.

Ela se dirigiu a David.

- Estou lhe concedendo os dez minutos que pediu. Do que se trata, Sr. Singer?

- Quero lhe mostrar parte de um filme, meritíssima.

Brennan falou:

- Não vejo onde isso possa...

A juíza Williams falou para Brennan:

- Nem eu. - Ela se dirigiu para David. - O senhor só tem mais nove minutos.

David correu para a porta que dava para o corredor e a abriu.

- Entre.

Hugh Iverson entrou, carregando um projector de dezasseis milímetros e uma tela portátil.

- Onde coloco?

David apontou para um canto da sala.

- Ali.

Eles viram o homem ajeitar o equipamento e conectá-lo à tomada.

- Posso fechar as cortinas? - perguntou David.

Foi tudo o que a juíza Williams conseguiu fazer para conter a raiva.

- Pode prosseguir, Sr. Singer - Ela olhou para o relógio. - O senhor tem sete minutos.

O projector foi ligado. O gabinete do juiz Goldberg surgiu na tela. David e o Dr. Salem estavam observando Ashley, sentada numa poltrona.

Na tela, o Dr. Salem falou:

- Está completamente entregue.

David caminhou para perto dela.

- Eu quero falar com Toni... Toni! Eu quero que você apareça. Está me ouvindo? Alette... Eu quero falar com vocês duas.

Silêncio.

A juíza Williams estava parada, o rosto contraído, assistindo ao filme.

David estava gritando agora.

- O que há com vocês? Estão assustadas demais? Foi isso que aconteceu no tribunal, não foi? Ouviram o que o júri falou? Ashley é culpada. Tiveram medo de aparecer! Você é uma covarde Toni!

A juíza Williams se levantou.

- Para mim, basta! Eu já vi esta encenação de mau gosto antes. O seu tempo acabou, Sr. Singer.

- Espere - falou David. - Sua Excelência ainda não viu...

- Acabou-se - falou a juíza Williams e partiu em direcção à porta.

De repente, uma música preencheu o ambiente.

"Um centavo por um novelo de lã
Um centavo por uma agulha, a toda hora!
assim que o dinheiro se vai.

Mas a lontra - pluft! - foi embora. "

Intrigada, a juíza Williams se virou e olhou para a imagem na tela.

O rosto de Ashley estava completamente transfigurado. Era Toni.

- Assustada demais para aparecer no tribunal? Você achou mesmo que eu ia aparecer simplesmente porque você me ordenou? O que acha que

eu sou, um bichinho amestrado? - falou Toni, enraivecida.

A juíza Williams voltou lentamente para o interior da sala, os olhos cravados na tela.

- Eu ouvi aquele bando de idiotas se fazendo de bobos. - Ela imitou a voz de uma das pessoas na sala de audiências. - "Eu acho que o distúrbio de personalidade múltipla não existe. " Mas que bando de idiotas! Eu nunca vi...

Enquanto eles viam, o rosto de Ashley se modificou outra vez.

Ela pareceu relaxar na poltrona e a fisionomia assumiu um ar tímido. Com seu sotaque italiano, Alette falou:

- Sei que deu o melhor de si, Sr. Singer. Eu quis aparecer no tribunal e ajudá-lo, mas Toni não deixou.

A juíza Williams estava olhando, sua face inexpressiva.

O rosto e a voz tornaram a mudar.

- Mas é claro que eu não deixei - disse Toni.

- Toni, o que acha que vai acontecer com você se a juíza der a Ashley a pena de morte? - perguntou.

- Ela não vai dar a pena de morte. Ashley nem sequer conhecia um dos homens. Lembra-se?

- Mas Alette conhecia todos eles. Você cometeu aqueles assassinatos, Alette. Você teve relações sexuais com aqueles homens e depois os matou e os castrou... - disse David.

- Seu grande idiota! - falou Toni. - Você não sabe de nada, hein? Alette jamais teria coragem de fazer uma coisa dessas. Fui eu que fiz. Eles mereceram a morte. Só queriam saber de sexo. - Ela estava ofegante. - Mas eu fiz com que eles pagassem, não fiz? E ninguém vai conseguir provar que fui eu. A dona Maria Certinha que fique com a culpa! Nós vamos todas parar num manicômio tranquilo e aconchegante e...

Ao fundo, por trás da tela do biombo ao canto, ouviu-se um estalido alto.

Toni se virou.

- O que foi isso?

- Nada - apressou-se David em dizer. - Foi só...

Toni se levantou e correu em direção à câmara até que seu rosto preencheu toda a tela. Ela empurrou alguma coisa, e a cena se inclinou;

uma parte do biombo caiu para dentro do enquadramento da filmagem. um pequeno furo havia sido aberto no centro.

- Você colocou uma merda de uma câmara aqui atrás - gritou Toni. Ela se virou para David. - Seu filho da puta! O que está querendo fazer? Você me enganou!

Sobre a mesa, havia uma faca de cortar papel. Toni a agarrou e partiu para cima de David, gritando:

- Eu vou matá-lo. Eu vou matá-lo.

David tentou contê-la, mas não conseguiu. A faca atingiu-lhe a mão.

Toni ergueu o braço para atacar novamente, e o guarda correu até ela e tentou segurá-la. Toni derrubou-o no chão. A porta foi aberta e um oficial uniformizado entrou correndo. Quando viu o que estava acontecendo, ele se jogou em cima de Toni. Ela deu-lhe um chute na virilha, e ele caiu. Outros dois oficiais entraram correndo em seguida. Foram necessários três ao todo para agarrá-la e levá-la de volta à poltrona, e o tempo todo ela não parou de berrar e gritar com eles.

Jorrava sangue da mão de David, que falou para o Dr. Salem:

- Pelo amor de Deus! Acorde-a.

- Ashley... Ashley... me escute. Você vai voltar agora. Toni foi embora. Pode vir, Ashley. Eu vou contar até três - disse o médico.

E enquanto o grupo assistia a tudo, o corpo de Ashley foi se acalmando e relaxando.

- Está me ouvindo?

- Estou. - Foi a voz de Ashley, soando distante.

- Você vai acordar quando eu chegar ao três. um ... dois... três... Como está se sentindo?

Seus olhos se abriram.

- Estou muito cansada. Eu disse alguma coisa?

A tela no gabinete da juíza Williams ficou em branco. David foi até à parede e acendeu as luzes.

- Ora, mas que performance! - exclamou Brennan. - Se eles estivessem dando um Oscar para a melhor...

A juíza Williams se dirigiu a ele.

- Cale a boca.

Brennan olhou para ela, chocado.

Houve um silêncio momentâneo. A juíza Williams olhou para David.

- Sr. Singer.

- Pois não?

Houve uma pausa.

- Eu lhe devo desculpas.

Sentada à sua mesa, a juíza Tessa Williams falou:

- Ambos os advogados concordaram em acolher a opinião de um psiquiatra que já examinou a ré, o Dr. Salem. A decisão deste Tribunal reza que a ré não é culpada, por razão de insanidade. Ela será mandada para um hospital psiquiátrico, onde poderá se sujeitar a um tratamento. A sessão está suspensa.

David se levantou, exausto. Acabou, pensou. Finalmente acabou... Ele e Sandra poderiam retomar suas vidas.

Ele olhou para a juíza Williams e disse, alegre:

- Nós estamos tendo um bebé.

- Eu gostaria de fazer uma sugestão. Não sei se é possível, mas se você conseguir dar um jeito, acho que seria de grande ajuda para Ashley - disse o Dr. Salem para David.

- O que é?

- O Hospital Psiquiátrico de Connecticut, na Costa Leste, já tratou de mais casos de DPM do que qualquer outro do país. Um amigo meu, o Dr. Otto Lewison, é o director. Se você conseguir que o tribunal envie Ashley para lá, acho que seria benéfico para ela.

- Obrigado! - disse David. - Vou ver o que posso fazer.

- Eu... eu não sei como lhe agradecer - disse o Dr. Steven Paterson para David.

- Não precisa. Foi uma troca, elas por elas. Lembra-se? - respondeu David, sorrindo.

- Você fez um trabalho brilhante. Durante um tempo, cheguei a ficar com medo...

- Eu também.

- Mas a justiça foi cumprida. Minha filha vai ficar curada.

- Tenho certeza disso - falou David. - O Dr. Salem sugeriu um hospital psiquiátrico em Connecticut. Os médicos são treinados em DPM.

O Dr. Paterson ficou calado um instante.

- Sabe, Ashley não merecia nada disso. Ela é uma pessoa tão bonita!

- Concordo. Vou falar com a juíza Williams para tentar conseguir a transferência.

A juíza Williams estava no seu gabinete.

- Posso ajudá-lo em alguma coisa, Sr. Singer?

- Eu gostaria de pedir um favor.

Ela sorriu.

- Espero que eu possa atender. O que é?

David explicou para a juíza o que o Dr. Salem lhe havia dito.

- Ora, é uma solicitação bastante incomum. Temos hospitais psiquiátricos muito bons aqui na Califórnia.

- Tudo bem. Obrigado, meritíssima - disse ele, virando-se para ir embora, decepcionado.

- Eu não disse que não ia atendê-lo, Sr. Singer - David parou. - A solicitação é incomum, mas o caso foi inteiramente incomum.

David aguardou.

- Acho que posso providenciar a transferência.

- Obrigado, meritíssima! Eu lhe agradeço.

Em sua cela, Ashley pensou: Eles me sentenciaram à morte. Uma morte longa, num hospício cheio de gente maluca. Teria sido melhor se me matassem agora. Ela pensou na desesperança, nos anos infindáveis que teria pela frente, e começou a chorar.

A porta da cela se abriu, e seu pai entrou. Ele ficou parado um momento, olhando para ela com o rosto angustiado.

- Querida... - ele se sentou à sua frente. - Você vai viver - disse.

Ela balançou a cabeça.

- Não quero viver.

- Não diga isso. Você tem um problema psiquiátrico, mas que pode ser curada. E vai ser. Quando estiver melhor, você vai sair de lá e virá morar comigo, e eu vou cuidar de você. Não importa o que aconteça, sempre teremos um ao outro. Isso eles não podem nos tirar.

Ashley continuou sentada, sem dizer nada.

- Sei como você está se sentindo agora, mas acredite, isso vai mudar. Minha menina vai voltar para casa, curada. - Ele foi se levantando devagar - Eu sinto muito, mas tenho de voltar para São Francisco. - Esperou que Ashley dissesse alguma coisa.

Ela permaneceu em silêncio.

- David me disse que acha que você vai ser mandada para um dos melhores centros psiquiátricos do mundo. Você gostaria que eu fosse visitá-la?

Ela assentiu, desanimada.

- Sim.

- Tudo bem, querida. - Ele a beijou no rosto e deu-lhe um abraço. - Vou providenciar para que você tenha o melhor atendimento do mundo. Eu quero a minha menininha de volta.

Ashley viu o pai ir embora, e pensou: Por que não posso morrer agora? Por que eles não me deixam morrer?

Uma hora mais tarde, David veio vê-la.

- Ora, ora! Conseguimos! - disse ele. Olhou para ela apreensivo. - Você está bem?

- Eu não quero ir para um manicômio. Prefiro morrer. Não consigo continuar vivendo assim. David, me ajude. Por favor, me ajude.

- Ashley, você vai receber ajuda. O passado acabou. Agora você tem um futuro. O pesadelo vai acabar - Ele pegou-lhe na mão. - Olhe aqui, você confiou em mim até agora. Continue confiando em mim. Você vai voltar a levar uma vida normal.

Ela continuou sentada, calada.

- Diga: "Eu acredito em você, David. "

Ela respirou fundo.

- Eu... eu acredito em você, David.

Ele sorriu.

- Isso! um recomeço para você.

No momento em que a decisão judicial foi levada a público, a mídia ficou em polvorosa. Da noite para o dia, David se tornou herói. Tinha apanhado um caso impossível e ganhara.

Ele telefonou para Sandra.

- Querida, eu...

- Eu sei, meu bem. Eu sei. Acabei de ver na televisão. Mas que maravilha! Estou tão orgulhosa de você!

- Eu não tenho como lhe dizer o prazer que estou sentindo por isso tudo ter acabado. Volto para casa hoje à noite. Mal posso esperar para ver...

- David...

- Diga.

- David... aaaaa...

- O quê? O que foi, querida?

-... aaaaa... O bebê está nascendo...

- Espere por mim - gritou David.

Jeffrey Singer nasceu pesando três quilos e novecentos gramas, e era o bebê mais lindo que David tinha visto.

- Ele parece com você - falou Sandra.

- Parece mesmo, não é? - David estava exultante.

- Estou feliz por tudo ter terminado bem - disse Sandra.

David soltou um suspiro.

- Houve momentos em que cheguei a perder a confiança.

- Eu não duvidei de você um instante sequer.

David abraçou Sandra e falou:

- Eu volto logo, querida. Preciso tirar as minhas coisas lá da firma.

Quando chegou aos escritórios da Kincaid, Turner, Rose & Ripley, David foi recebido calorosamente.

- Parabéns, David...

- Belo trabalho...

- Você provou sua competência...

David entrou em sua sala. Holly não estava. Ele começou a limpar sua mesa.

- David...

Ele se virou. Era Joseph Kincaid.

Kincaid caminhou até ele e falou:

- O que está fazendo?

- Estou limpando a minha sala. Eu fui despedido.

Kincaid sorriu.

- Despedido? Claro que não! Não, não, não. Houve algum mal-entendido.

- Ele estava exultante. - Estamos lhe dando uma participação na sociedade, meu rapaz. A bem da verdade, eu providenciei uma colectiva à imprensa para você aqui hoje à tarde, às três.

David olhou para ele.

- Verdade?

Kincaid assentiu.

- Absoluta.

- É melhor cancelar - disse David. - Eu decidi voltar para o direito penal. Recebi uma oferta de participação na sociedade de Jesse Quiller. Pelo menos quando se está lidando com essa área legal, sabe-se quem são de facto os criminosos. Portanto, Joey, meu caro, pode pegar a sua sociedade e enfiá-la onde o sol não bate.

David saiu do escritório.

Jesse Quiller visitou a cobertura e falou:

- É ótima! Tem mesmo o jeito de vocês dois!

- Obrigada! - disse Sandra. Ela ouviu um barulho vindo do quarto do bebê. - Vou ver o que há com Jeffrey - Ela foi correndo para o quarto ao lado.

Jesse Quiller se aproximou mais para poder apreciar uma bela moldura em prata de lei com a primeira fotografia de Jeffrey já montada.

- Que linda: Onde vocês arranjaram?

- A juíza Williams mandou.

- Estou feliz por tê-lo de volta, sócio - disse Jesse.
- Eu estou feliz por estar de volta, Jesse.
- Você provavelmente vai precisar de um tempinho para relaxar. Descanse um pouco...

- Certo. Estávamos pensando em pegar o carro e levar Jeffrey até o Oregon para visitar os pais de Sandra, e...

- A propósito, chegou um caso interessante ao escritório hoje de manhã, David. uma mulher está sendo acusada de ter matado os dois filhos. Estou com o pressentimento de que ela é inocente. Infelizmente, estou indo para Washington para resolver outro caso, mas achei que você poderia conversar com ela e ver o que acha.

Livro Três

Capítulo Vinte e Dois

O Hospital Psiquiátrico de Connecticut, 23 quilômetros ao norte de Westport, foi originalmente propriedade de Wim Bõekeer, um holandês rico, que construiu sua residência ali em 1910. O exuberante terreno de quatro mil metros quadrados continha a casa grande, uma oficina, um estábulo e uma piscina. O estado comprou o imóvel em 1925 e reformou a casa para acolher cem pacientes. uma cerca alta foi construída ao redor da propriedade, com uma guarita na entrada. Todas as janelas foram protegidas por barras de metal, e uma ala da casa foi reforçada para funcionar como área de segurança, onde ficariam os internos perigosos.

Na sala do Dr. Otto Lewison, chefe da clínica psiquiátrica, uma reunião estava em andamento. O Dr. Gilbert Keller e o Dr. Craig Foster estavam discutindo um novo paciente que estava para chegar.

Gilbert Keller era um homem de seus quarenta e poucos anos, estatura mediana, cabelos louros e intensos olhos cinzentos.

Tratava-se de um renomeado especialista no campo do distúrbio de personalidade múltipla.

Otto Lewison, o superintendente do Hospital Psiquiátrico de Connecticut, estava com mais de setenta anos, era um homem cheio de vida, sempre bem vestido, de barba cheia e óculos pincenez.

O Dr. Craig Foster trabalhara com o Dr. Keller durante vários anos e estava escrevendo um livro sobre o distúrbio de personalidade múltipla. Todos estavam estudando os laudos de Ashley Paterson.

Otto Lewison falou:

- Essa moça vai precisar de cuidados especiais. Vinte e nove anos apenas e já matou cinco homens! - Ele deu mais uma olhadela nos papéis. - E

também tentou matar o próprio advogado.

- A fantasia de todos - falou Gilbert Keller, secamente.

- Vamos colocá-la na ala de segurança A até que possamos fazer uma avaliação completa - disse Otto Lewison.

- Quando ela vai chegar? - perguntou o Dr. Keller.

A voz da secretária do Dr. Lewison se fez ouvir no interfone.

- Dr. Lewison, estão trazendo Ashley Paterson agora. O senhor gostaria que a levassem directo para a sua sala?

- Por favor. - Lewison olhou de volta para Keller - Isso responde à sua pergunta?

A viagem foi um pesadelo. Ao final de seu julgamento, Ashley Paterson foi levada de volta à sua cela, onde aguardou três dias, enquanto eram tomadas as providências para o voo que a levaria para a Costa Leste.

Um autocarro da carceragem a conduziu até o aeroporto em Oakland, onde havia um avião à sua espera. Era um DC-6 convertido, integrante da frota do enorme Sistema Nacional de Transporte de Prisioneiros, administrado pelo Serviço do Comissariado de Polícia dos Estados Unidos. Havia 24 detentos a bordo, todos de mãos e pés presos.

Ashley estava usando algemas e, ao sentar-se, seus pés também foram aferrolhados ao assento.

Por que estão fazendo isso comigo? Eu não sou uma criminosa perigosa. Sou uma mulher normal. E uma voz dentro dela falou: Que assassinou cinco pessoas inocentes.

Os prisioneiros no avião eram criminosos insensíveis, condenados por assassinato, estupro, assalto a mão armada e uma dúzia de outras violações. Estavam sendo levados para presídios de segurança máxima em vários pontos do país. Ashley era a única mulher a bordo.

Um dos presos olhou para ela e sorriu.

- Oi, doçura. Você não gostaria de vir até aqui para esquentar o meu colinho?

- Pare com isso - advertiu um guarda.

- Ei! Você não tem nem um pouco de romantismo na alma? Essa dona aí vai ficar sem trepar durante... Qual é a sua sentença, doçura?

Outro preso falou:

- Você está no atraso, formosura? Que tal eu me mudar para esse lugar aí ao seu lado e entrar numa de...?

Um terceiro estava de olhos fixos em Ashley.

- Espere aí - disse ele. - Essa é a tal que matou e castrou cinco homens. Estavam todos olhando para Ashley agora.

Foi o fim das provocações.

A caminho de Nova York, o avião fez duas escalas para deixar e apanhar passageiros. Foi um voo demorado, houve turbulência, e na hora de pousar no Aeroporto de La Guardia, Ashley enjoou.

Quando o avião aterrissou, dois polícias uniformizados estavam esperando por ela na pista. As algemas foram liberadas do assento do avião e voltaram a ser aferrolhadas ao interior da viatura da polícia. Ashley nunca se sentiu tão humilhada. O facto de sentir-se tão normal tornava as circunstâncias ainda mais intoleráveis. Será que eles achavam que ela ia tentar fugir ou assassinar alguém? Tudo aquilo era passado, tinha chegado ao fim. Será que eles não sabiam disso? Ela estava certa de que não tornaria a acontecer. Queria estar longe dali. Em qualquer lugar possível.

Em algum ponto do longo e desagradável trajecto até Connecticut, ela pegou no sono. Foi despertada pela voz de um guarda.

- Chegamos.

Haviam chegado aos portões do Hospital Psiquiátrico de Connecticut.

Quando Ashley Paterson foi conduzida à sala do Dr. Lewison, este falou:

- Seja bem-vinda ao Hospital Psiquiátrico de Connecticut, Senhorita Paterson.

Ashley ficou estática, empalidecida e calada.

O Dr. Lewison fez as apresentações e puxou uma cadeira.

- Sente-se, por favor - Ele olhou para o guarda. - Tire as algemas dos pés e das mãos da jovem.

Os ferrolhos foram retirados, e Ashley se sentou.

- Eu sei que deve estar sendo muito difícil para você. Vamos fazer o que estiver ao nosso alcance para facilitar-lhe tudo ao máximo. Nosso

objetivo é poder um dia deixá-la sair daqui, curada - disse o Dr. Foster.

Ashley encontrou voz para perguntar:

- Quanto... quanto tempo isso pode levar?

- Ainda é cedo demais para responder a esta pergunta. Se você puder ser curada, pode levar cinco ou seis anos - falou o dr. Lewison.

Cada uma daquelas palavras atingiu Ashley como um raio. Se você puder ser curada, pode levar cinco ou seis anos...

- A terapia não apresenta riscos. Consistirá num combinado de sessões com o Dr. Keller... hipnose, terapia de grupo e arte terapia. O mais importante é lembrar sempre que nós não somos seus inimigos.

Gilbert Keller estava estudando a expressão dela.

- Estamos aqui para ajudá-la e precisamos que você nos ajude a fazer isso.

E não havia mais nada a dizer.

Otto Lewison inclinou a cabeça para o enfermeiro, que foi para perto de Ashley e pegou-lhe o braço.

- Você agora vai ser levada para o seu quarto. Nós voltaremos a conversar depois - disse Craig Foster

Depois que Ashley saiu da sala, Otto Lewison se dirigiu a Gilbert Keller.

- O que você acha?

- Bem, há uma vantagem. Só precisamos trabalhar com dois alteres.

Keller estava tentando se lembrar

- Qual foi o máximo que tivemos?

- A Sra. Beltrano... noventa alteres.

Ashley não sabia o que esperar, mas de alguma forma previra um cárcere escuro e amedrontador. O Hospital Psiquiátrico de Connecticut era mais parecido com um clube agradável... atrás das grades.

Enquanto o enfermeiro a conduzia pelos compridos e vistosos corredores até o seu quarto, Ashley via os internos andando livremente de um lado para outro. Havia gente de todas as idades, e todos pareciam pessoas normais. Por que estão aqui? Alguns sorriram para ela e disseram "Bom dia", mas Ashley estava atônita demais para

responder. Tudo parecia surreal. Ela estava num hospital de tratamento para doentes mentais.

Eu sou doente mental?

Eles chegaram a uma grande porta de aço que separava uma ala da edificação. Havia um enfermeiro do lado de lá. Ele apertou um botão vermelho, e a enorme porta se abriu.

- Esta é Ashley Paterson.

- Bom dia, Senhorita Paterson! - falou o segundo enfermeiro.

Eles fazem tudo parecer tão normal! Mas só que nada mais é normal, pensou Ashley. O mundo virou de cabeça para baixo.

- Por aqui, Senhorita Paterson. - Ele a conduziu até outra porta e a abriu.

Ashley entrou. Em vez de uma cela, encontrou um quarto agradável, de tamanho mediano, com as paredes pintadas de azul-claro, um sofá pequeno e uma cama que parecia confortável.

- É aqui que a senhorita vai ficar. Mais uns minutinhos e suas coisas serão trazidas para cá.

Ashley esperou o enfermeiro ir embora e fechou a porta. É aqui que você vai ficar. Ela começou a sentir claustrofobia. E se eu não quiser ficar? E se eu quiser sair daqui?

Ela foi até à porta. Estava trancada. Ashley sentou-se no sofá, tentando organizar os pensamentos. Procurou concentrar-se nas palavras positivas. Vamos tentar curá-la.

Vamos tentar curá-la.

Vamos curá-la.

Capítulo Vinte e Três

O Dr. Gilbert Keller era o encarregado da terapia de Ashley. Sua especialidade era o tratamento do distúrbio de personalidade múltipla e, embora não tivesse conseguido bons resultados em alguns tratamentos, sua taxa de êxito era alta. Em casos como este, não existiam respostas fáceis. Sua primeira tarefa era conquistar a confiança do paciente, fazê-lo sentir-se à vontade em sua presença, e então fazer surgirem os alteres, um a um, para que eles acabassem se comunicando entre si e pudessem compreender por que existiam e, afinal, por que não havia mais necessidade de existirem. Esse era o momento da harmonia, onde os estados de personalidade se juntavam numa única entidade.

Estamos muito longe disso, pensou o Dr. Keller.

Na manhã seguinte, o Dr. Keller levou Ashley para a sua sala.

- Bom dia, Ashley!

- Bom dia, Dr. Keller!

- Quero que você me chame de Gilbert. Vamos ser amigos. Como você está se sentindo?

Ela olhou para ele e disse:

- Dizem que matei cinco pessoas. Como posso estar me sentindo?

- Você se lembra de ter matado alguma delas?

- Não.

- Eu li as transcrições do seu julgamento, Ashley. Você não matou essas pessoas. Foi um dos seus alteres quem cometeu os crimes. Vamos nos familiarizar com os seus alteres e, com o passar do tempo e a sua ajuda, vamos fazê-los desaparecer.

- Eu... eu espero que consiga...

- Eu posso conseguir. Estou aqui para ajudá-la, e é o que vou fazer. Os alteres foram criados em sua mente para salvá-la de uma dor

insuportável. Precisamos descobrir o que causou essa dor. Preciso descobrir quando esses alteres foram criados e por quê.

- Como... como se faz isso?

- Vamos conversar. As coisas virão para você. De tempos em tempos, vamos usar a hipnose e o sódio amial. Você já foi hipnotizada antes, não foi?

- Fui.

- Ninguém vai pressioná-la. Vamos com calma. - Ele acrescentou, de maneira reconfortante: - E quando tivermos terminado, você vai estar bem.

Eles conversaram durante quase uma hora. Ao final da conversa, Ashley estava se sentindo muito mais relaxada. De volta ao seu quarto, pensou: Acho que ele é mesmo capaz de conseguir. E fez uma pequena oração.

O Dr. Keller teve uma reunião com Otto Lewison.

- Conversamos hoje de manhã - disse o Dr. Keller - A boa notícia é que Ashley admite ter um problema e está disposta a receber ajuda.

- Já é um começo. Eu quero ficar sempre informado.

- Pode deixar, Otto.

O Dr. Keller estava ansioso para começar o desafio que tinha pela frente. Havia algo muito especial em Ashley Paterson. Ele estava determinado a ajudá-la.

Eles conversaram todos os dias, e uma semana após a chegada de Ashley, o Dr. Keller falou:

- Quero que você fique à vontade e relaxada. Eu vou hipnotizá-la. - Ele se aproximou.

- Não. Espere.

Ele olhou para ela, surpreso.

- O que foi?

Uma dúzia de pensamentos terríveis cruzaram a mente de Ashley. Ele ia fazer surgirem seus alteres. Ela estava aterrorizada diante da idéia.

- Por favor - disse. - Eu... eu não quero conhecê-las.

- Você não vai conhecê-las - assegurou-lhe o Dr. Keller. - Ainda Não.

Ela engoliu em seco.

- Tudo bem, então.

- Está pronta?

Ela assentiu.

- Estou.

- Bom. Vamos lá.

Foram necessários quinze minutos para hipnotizá-la. Quando ela estava entregue, Gilbert Keller deu uma olhada numa folha de papel em cima de sua mesa. Toni Prescott e Alette Peters. Era a hora da mudança, o processo de passar de um estado de personalidade dominante para outro.

Ele olhou para Ashley, adormecida na cadeira, e se inclinou para perto.

- Bom dia, Toni! Você está me ouvindo?

Ele viu o rosto de Ashley se transfigurar, tomado por uma personalidade totalmente diferente. Surgiu em seu rosto uma vivacidade súbita, e ela começou a cantarolar.

"Duzentos gramas de arroz barato,
Duzentos gramas de melado. Agora,
Misture bem para ficar gostoso,
Mas a lontra - pluft! - foi embora. "

- Muito bonito, Toni! Eu sou Gilbert Keller.

- Eu sei quem você é - disse Toni.

- É um prazer conhecê-la. Alguém já lhe disse que a sua voz é bonita e melodiosa?

- Sem essa!

- Estou falando sério. Você estudou canto? Sou capaz de apostar que sim.

- Não. Nunca estudei. A bem da verdade, eu quis estudar, mas minha... Pelo amor de Deus, pare com essa barulheira. Quem foi que lhe disse que você sabe cantar?... esqueça.

- Toni, eu quero ajudá-la.

- Não quer, não, doutorzinho. Você quer é me comer.

- Por que você acha isso, Toni?

- É só no que pensam vocês, homens. Muito agradecida!

- Toni...? Toni...?

Silêncio.

Gilbert Keller olhou para o rosto de Ashley novamente. Estava sereno. O médico se inclinou para perto dela.

- Alette?

E não houve mudança de expressão no rosto de Ashley.

- Alette...

Nada.

- Eu quero falar com você, Alette.

Ashley começou a se mexer, aparentando incômodo.

- Venha, Alette.

Ashley respirou fundo e houve uma explosão de palavras faladas com um sotaque italiano.

- C'è quakuno che parla italiarno?

- Alette...

- Non so dove mi tra vo.

- Alette, me escute. Você está a salvo. Eu quero que você relaxe.

- Mi sento stanca... Estou cansada.

- Você atravessou um período muito difícil, mas tudo isso ficou para trás. - A voz dele era reconfortante. - O seu futuro será tranquilo. Você sabe onde está?

- Sim. É um desses lugares para as pessoas que estão malucas.

- É por isso que você está aqui.

- E, doutor Você é o maluco.

- É um lugar onde você será curada. Alette, quando você fecha os olhos e visualiza este lugar, o que lhe vem à mente?

- Hogarth. Ele pintava hospícios e cenas aterrorizadoras. Você é ignorante demais para ter ouvido falar dele.

- Eu não quero que você ache este lugar aterrorizador. Fale-me de você, Alette. O que gosta de fazer? O que deseja fazer enquanto permanecer aqui?

- Eu gosto de pintar.

- Vamos lhe arranjar algumas tintas.

- Não!
- Por quê?
- Eu não quero. Menina, o que você está dizendo que é isto aqui? Para mim, parece um borrão feio.
Deixe-me em paz.
- Alette? - Gilbert Keller viu o rosto de Ashley se transformar de novo. Alette se foi. Gilbert Keller despertou Ashley. Ela abriu os olhos e piscou.
- Já começou?
- Já acabamos.
- E como eu me comportei?
- Toni e Alette falaram comigo. Tivemos um bom começo.

A carta de David Singer dizia:

Querida Ashley,

Aqui vai só um bilhete para dizer-lhe que estou pensando em você e torcendo para que esteja progredindo. A bem da verdade, penso em você com frequência. Tenho a impressão de que atravessamos as guerras juntos. Foi uma luta dura, mas nós vencemos. E eu tenho boas notícias. Fui informado de que as acusações contra você em Bedford e Quebeque serão retiradas. Se houver alguma coisa que eu possa fazer por você, me diga.

Com todo o carinho,

David

Na manhã seguinte, o Dr. Keller estava conversando com Toni, tendo Ashley sob efeito da hipnose.

- O que foi agora, doutorzinho?
- Eu só quero bater um papinho com você. Eu gostaria de ajudá-la.
- Eu não preciso da sua ajuda porcária nenhuma! Eu estou muito bem.

- Bem, eu preciso da sua ajuda, Toni. Quero lhe fazer uma pergunta. Qual é a sua opinião sobre Ashley?

- A dona Babacona? Não me faça rir.

- Você não gosta dela?

- Até um certo ponto.

- O que você não gosta nela?

Houve uma pausa.

- Ela tenta evitar que todo mundo se divirta. Se eu não assumisse o comando de vez em quando, nossas vidas seriam uma chatice. uma chatice. Ela não gosta de ir a festas, nem de viajar, nem de fazer nada para se divertir.

- Mas você gosta?

- Pode apostar. É isso que é a vida, não acha, meu amor?

- Você nasceu em Londres, certo, Toni? Você gostaria de me falar disso?

- Vou lhe falar uma coisa só. Eu gostaria de estar lá agora.

Silêncio.

- Toni...? Toni...?

Ela se foi.

Gilbert Keller falou para Ashley:

- Eu gostaria de falar com Alette. - Ele viu a expressão no rosto de Ashley mudar. Inclinou-se para perto dela e falou baixinho: - Alette?

- Sim.

- Você ouviu a minha conversa com Toni?

- Ouvi.

- Você e Toni se conhecem?

- Nós nos conhecemos, sim. Claro que nos conhecemos, seu idiota.

- Mas Ashley não conhece nenhuma de vocês duas?

- Não.

- Você gosta de Ashley?

- Ela é legal. Por que você está me fazendo essas perguntas idiotas?

- Por que você não fala com ela?

- Toni não quer que eu fale.

- Toni sempre lhe diz o que fazer?

- Toni é minha amiga. Isso não é da sua conta.

- Eu quero ser seu amigo, Alette. Fale-me de você. Onde nasceu?

- Nasci em Roma.

- E gostava de Roma?

Gilbert Keller viu a expressão no rosto de Alette mudar, e ela começou a chorar.

Por quê? O Dr. Keller se inclinou para perto dela e falou de maneira acalentadora:

- Tudo bem. Você vai acordar agora, Ashley...

Ela abriu os olhos.

- Eu falei com Toni e Alette. Elas são amigas. Eu quero que vocês sejam todas amigas.

Enquanto Ashley estava almoçando, um enfermeiro entrou no quarto dela e encontrou uma pintura de paisagem sobre o chão.

Ele a estudou um instante, em seguida levou-a para a sala do dr. Keller.

Havia uma reunião na sala do Dr. Lewison.

- Como vai indo o tratamento, Gilbert?

- Eu falei com os dois alteres. O dominante é Toni. Seu histórico vem da Inglaterra, mas ela não quer falar sobre isso. A outra, Alette, nasceu em Roma, e também não quer falar sobre o assunto. Então, é onde vou me concentrar. Foi onde os traumas ocorreram. Toni é a mais agressiva. Alette é sensível e recatada. Interessa-se por pintura, mas tem medo de seguir em frente. Preciso descobrir por quê - disse o Dr. Keller, ponderadamente.

- Então, você acha que Toni domina Ashley?

- Acho. Toni assume o comando. Ashley não tinha consciência da existência dela nem da de Alette. Mas Toni e Alette se conhecem. É interessante. Toni canta com uma voz bonita e melodiosa, e Alette tem talento para a pintura. - Ele mostrou o quadro que o enfermeiro havia lhe trazido. - Acho que os seus dons podem ser a chave para chegar até elas.

Ashley recebia uma carta do pai toda semana. Depois de lê-las, ficava sentada quieta em seu quarto, sem querer falar com ninguém.

- Elas são seu único elo com o lar - disse o Dr. Keller para Otto Lewison. - Acho que aumentam o seu desejo de sair daqui para começar a levar uma vida normal. Mesmo pequenas coisas podem ajudar. .

Ashley estava começando a se habituar com o lugar. Os pacientes pareciam desfrutar de liberdade para se locomover, embora houvesse enfermeiros em todas as portas e em todos os corredores. Os portões para o jardim estavam sempre trancados. Havia uma sala de recreação onde eles podiam se reunir para ver televisão, um ginásio para fazer ginástica e uma sala de jantar colectiva.

Havia pacientes de todos os lugares: japoneses, chineses, franceses, americanos... Fora feito um esforço muito grande para dar ao hospital um aspecto de familiaridade, mas quando Ashley ia para o seu quarto, as portas eram sempre trancadas atrás dela.

- Isto não é um hospital - Toni reclamou com Alette. - Que droga! É uma prisão.

- Mas o Dr. Keller acha que pode curar Ashley. Então nós vamos poder sair daqui.

- Não seja idiota, Alette. Será que você não vê? A única maneira que ele tem de curar Ashley é se livrando de nós, fazendo-nos desaparecer. Em outras palavras, para Ashley ficar curada, nós teremos de morrer. Quer saber de uma coisa? Eu não vou deixar que isso aconteça.

- O que vai fazer?

- Vou encontrar uma maneira de fugirmos.

Capítulo Vinte e Quatro

Na manhã seguinte, um enfermeiro estava acompanhando Ashley de volta para o seu quarto.

- Você está diferente hoje - disse ele.
- Estou mesmo, Bill?
- Está. Quase como se fosse outra pessoa.

Toni falou baixinho:

- É por causa de você.
- O que quer dizer com isso?
- Você me faz sentir diferente. - Ela encostou no braço dele e olhou-o nos olhos. - Você me faz sentir maravilhosa.
- Ora, por favor.
- Estou falando sério. Você é muito sexy. Sabia disso?
- Não.
- Mas é. Você é casado, Bill?
- Já fui.
- Sua mulher só pode ser louca por ter deixado você escapar! Há quanto tempo você trabalha aqui, Bill?
- Cinco anos.
- Muito tempo! Você nunca sente vontade de sair daqui?
- Às vezes, sinto.

Toni baixou a voz.

- Sabe que realmente não há nada de errado comigo? Admito que tinha um probleminha quando cheguei, mas já estou curada. Eu também gostaria de me mandar daqui. Aposto que você pode me ajudar. Nós dois poderíamos sair juntos. Iríamos nos divertir muito.

Ele a estudou durante algum tempo.

- Eu não sei o que dizer.
- Ora, sabe, sim! Veja só como é simples. Tudo o que você tem de fazer é me deixar sair daqui uma noite dessas quando todo mundo estiver

dormindo, e vamos embora! - Ela olhou para ele e falou baixinho: - Eu vou fazer com que valha a pena para você.

Ele assentiu.

- Vou pensar nisso.

- Pois pense - falou Toni, confiante.

Quando Toni voltou ao seu quarto, falou para Alette:

- Vamos sair deste lugar.

Na manhã seguinte, Ashley foi levada à sala do Dr. Keller

- Bom dia, Ashley!

- Bom dia, Gilbert!

- Vamos experimentar um pouco de sódio amial hoje de manhã . Você já tomou antes?

- Não.

- É bastante relaxante, você vai ver.

Ashley assentiu.

- Tudo bem. Estou pronta.

Cinco minutos depois, o Dr. Keller estava falando com Toni:

- Bom dia, Toni!

- Oi, doutorzinho!

- Você está feliz aqui, Toni?

- É engraçado você me perguntar isso! Para dizer a verdade, eu realmente já estou começando a gostar deste lugar; me sinto em casa aqui.

- Então, por que está querendo fugir?

A voz de Toni ficou áspera:

- O quê?

- Bill me contou que você lhe pediu ajuda para fugir daqui.

- Mas que filho da puta! - Sua voz saiu com um tom de fúria. Ela deu um pulo da cadeira, voou para a mesa, pegou um peso de papel e o arremessou contra a cabeça do Dr. Keller.

Ele se abaixou.

- Eu vou matar você e vou matar aquele safado também.

O Dr. Keller a agarrou.

- Toni...

Ele viu a expressão no rosto de Ashley se modificar. Toni se fora. Ele percebeu que seu coração estava palpitando com força.

- Ashley!

Quando despertou, Ashley abriu os olhos, olhou ao redor, intrigada, e falou:

- Está tudo bem?

- Toni me atacou. Ficou zangada porque eu descobri que ela estava tentando fugir.

- Eu... eu sinto muito. Tive a sensação de que algo ruim estava acontecendo.

- Tudo bem. Eu quero juntar você, Toni e Alette.

- Não.

- Por que Não?

- Eu tenho medo. Eu... não quero conhecê-las. Você Não entende? Elas não são reais. São a minha imaginação.

- Mais cedo ou mais tarde, você terá de conhecê-las, Ashley. Vocês precisam se conhecer. É a única maneira de se curar.

Ashley se levantou.

- Quero voltar para o meu quarto.

Quando foi levada de volta para o quarto, Ashley esperou o enfermeiro sair. Estava tomada por uma profunda sensação de desespero. Ela pensou: Eu nunca vou sair daqui. Eles estão mentindo para mim. não vou conseguir me curar. não conseguia enfrentar a realidade de que outras personalidades viviam dentro dela... Por causa dessas personalidades, algumas pessoas haviam sido assassinadas, famílias haviam sido destruídas. Por que eu, meu Deus? E começou a chorar. O que foi que eu fiz contra você? Ela se sentou sobre a cama e pensou: não posso continuar assim. Só há uma maneira de pôr um fim a isto. Tenho de fazer o que é preciso agora.

Ela se levantou e passeou pelo quarto, procurando algo pontiagudo. Não encontrou nada. Os quartos tinham sido projectados de forma a não haver nada com que os pacientes pudessem se machucar. Enquanto seus olhos vasculhavam o ambiente, ela viu as tintas, as telas e os

pincéis e foi até onde eles estavam. As hastes dos pincéis eram de madeira. Ashley quebrou uma ao meio, obtendo com isso lascas de pontas afiadas. Lentamente, ela pegou a ponta mais afiada e a encostou ao pulso. Com um movimento rápido e forte, enfiou-a profundamente, atingindo as veias, e o sangue começou a jorrar. Ashley colocou a ponta afiada contra o outro pulso e repetiu o movimento. Ficou ali parada, vendo o sangue pingar sobre o carpete. Começou a sentir frio. Caiu no chão e se enroscou em posição fetal.

Em seguida, o quarto caiu na escuridão.

Quando recebeu a notícia, o Dr. Gilbert Keller ficou chocado. Foi visitar Ashley na enfermaria. Seus punhos estavam enfaixados.

Ao vê-la ali deitada, o Dr. Keller pensou: não posso deixar que isso torne a acontecer.

- Nós quase a perdemos - disse ele. - Teria sido ruim para mim.

Ashley conseguiu esboçar um sorriso sem graça.

- Eu sinto muito. Mas é que nada... nada parece ter solução.

- É aí que você se engana - reconfortou-a o Dr. Keller - Você quer ser ajudada, Ashley?

- Quero.

- Então, precisa acreditar em mim. Precisa trabalhar comigo. Eu não posso fazer nada sozinho. O que você me diz?

Houve um silêncio prolongado.

- O que o senhor quer que eu faça?

- Primeiro, que prometa que não vai mais atentar contra a sua vida.

- Tudo bem, prometo.

- Eu vou pedir que Toni e Alette me façam a mesma promessa. Vou colocá-la para dormir agora.

Alguns minutos depois, o Dr. Keller estava falando com Toni.

- Aquela cadela egoísta tentou nos matar. Só pensa nela mesma! Você está entendendo o que eu digo?

- Toni...

- Ora! Eu não vou aceitar uma coisa dessas. Vou...

- Quer calar a boca e me escutar.
- Estou escutando.
- Eu quero que você prometa que não vai fazer mal a Ashley.
- E por que eu deveria prometer?
- Eu vou lhe dizer por quê. Porque você é parte dela. Nasceu da dor dela. Eu ainda não sei o que você teve de suportar, Toni, mas sei que deve ter sido terrível. Mas você precisa entender que ela teve de passar pelas mesmas coisas, e Alette nasceu pela mesma razão que você. Vocês três têm muita coisa em comum. Deveriam ajudar um as às outras, e não nutrir um ódio mútuo. Posso contar com a sua palavra?
- Nada.
- Toni?
- Acho que sim - disse ela, resmungando.
- Obrigado! Você quer conversar sobre a Inglaterra agora?
- Não.
- Alette, você está aí?
- Estou. Onde você acha que eu estou, seu idiota?
- Quero que você me faça a mesma promessa que Toni fez. Que jamais vai fazer mal a Ashley.
- É só nela que você pensa, não é? Ashley, Ashley, Ashley. E nós?
- Alette?
- Eu prometo.

Os meses foram se passando, e não havia sinal de progresso. O dr. Keller estava sentado à sua mesa, repassando apontamentos, recordando sessões, tentando encontrar alguma indicação do que deveria estar dando errado. Ele tinha meia dúzia de outros pacientes sob os seus cuidados, mas percebeu que se preocupava mais com Ashley. Havia um abismo incrível entre sua vulnerabilidade inocente e as forças sinistras capazes de assumir o comando de sua vida. Toda vez que falava com Ashley, ele tinha um impulso incontrolável de tentar protegê-la. Ela é como uma filha para mim, frisou. A quem estou tentando enganar? Eu estou me apaixonando por ela.

O Dr. Keller foi falar com Otto Lewison.

- Estou com um problema, Otto.
- Eu achava que isso era exclusivo dos nossos pacientes.
- Envolve um dos nossos pacientes. Ashley Paterson.
- Oh?
- Percebi que me sinto muito... muito atraído por ela.
- Contra transferência?
- É.
- Isso pode ser muito perigoso para vocês dois, Gilbert.
- Eu sei.
- Bem, pelo menos, enquanto você tiver consciência disso. . Tome cuidado.
- É o que pretendo fazer.

NOVEMBRO.

Dei uma agenda para Ashley hoje de manhã .

- Eu quero que você, Toni e Alette usem esta agenda, Ashley pode guardá-la no seu quarto. Quando tiver algum pensamento ou idéia que você prefira escrever em vez de falar comigo, basta usar a agenda.
- Tudo bem, Gilbert.

Um mês depois, o Dr. Keller escreveu em sua agenda:

DEZEMBRO

O tratamento está estático. Toni e Alette se recusam a discutir o passado. Está ficando mais difícil convencer Ashley a se submeter à hipnose.

MARÇO

A agenda ainda está em branco. Não tenho certeza se a maior resistência vem de Ashley ou de Toni. Quando hipnotizo Ashley, Toni e Alette surgem durante um intervalo de tempo muito curto. Estão irredutíveis quanto a discutir o passado.

JUNHO

Tenho sessões com Ashley regularmente, mas não percebo progresso algum. A agenda permanece intocada. Dei a Alette um cavalete e um estojo de tintas. Se ela começar a pintar, espero que haja uma brecha.

JULHO

Algo aconteceu, mas não estou certo de que seja um sinal de progresso. Alette pintou um lindo quadro dos jardins do hospital. Quando a elogiei por isso, ela se mostrou satisfeita. Naquela noite, o quadro apareceu rasgado em pedaços.

O Dr. Keller e Otto Lewison estavam tomando café.

- Acho que vou experimentar terapia de grupo - falou o dr. Keller - Nada mais tem funcionado.

- Está pensando em quantos pacientes?

- Não mais do que meia dúzia. Quero que ela comece a interagir com outras pessoas. Neste exacto momento, está vivendo num mundo próprio. Eu quero que ela saia disso.

- Boa idéia! Vale a pena tentar.

O Dr. Keller levou Ashley para uma pequena sala de reuniões.

Havia seis pessoas lá dentro.

- Quero que você conheça alguns amigos - falou o dr. Keller.

Ele levou Ashley a cada uma das pessoas e a apresentou, mas ela estava apreensiva demais para escutar seus nomes. Cada um se misturava com o seguinte. Ela registrou a Mulher Gorda, o Homem Ossudo, a Mulher Calva, o Homem Manco, a Chinesa e o Homem Afável. Todos pareceram ser gente muito agradável.

- Sente-se - disse a Mulher Calva. - Você gostaria de tomar um pouco de café?

Ashley se sentou.

- Obrigada!

- Nós já tínhamos ouvido falar de você - disse o Homem Afável. - Passou por muita coisa!

Ashley assentiu.

O Homem Ossudo falou:

- Acho que todos nós passamos por muita coisa, mas estamos recebendo ajuda. Este lugar é maravilhoso.

- Eles têm os melhores médicos do mundo - disse a Chinesa. Eles parecem tão normais, pensou Ashley.

O Dr. Keller se sentou a um canto, monitorando as conversas.

Quarenta e cinco minutos depois, ele levantou-se.

- Acho que é hora de você ir, Ashley.

Ela se levantou.

- Foi bom conhecer todos vocês.

O Homem Manco se aproximou dela e sussurrou:

- Não beba a água daqui. Está envenenada. Eles querem nos matar e continuar recebendo o dinheiro do estado.

Ashley engoliu em seco.

- Obrigada! Não... não vou me esquecer do seu conselho.

Enquanto Ashley e o Dr. Keller caminhavam pelo corredor, ela falou:

- Quais são os problemas deles?

- Paranóia, esquizofrenia, DPM, perturbações compulsivas. Mas, Ashley, a melhoria desde que vieram para cá tem sido notável. Você gostaria de conversar com eles regularmente?

- Não.

O Dr. Keller entrou no escritório de Otto Lewison.

- Não estou conseguindo chegar a lugar algum - confessou. - A terapia de grupo não funcionou, e as sessões de hipnose não estão surtindo qualquer efeito. Quero tentar algo diferente.

- O quê?

- Quero pedir sua permissão para levar Ashley para jantar fora da clínica.

- Não acho uma boa idéia, Gilbert. Poderia ser perigoso. Ela já...

- Eu sei. Mas neste exacto momento, eu sou o inimigo. Quero me tornar um amigo.

- O alter dela, Toni, tentou matá-lo uma vez. E se ela tentar novamente?

- Vou saber resolver.

O Dr. Lewison pensou um instante.

- Tudo bem. Você gostaria que alguém fosse junto?

- Não. Não vai ser preciso, Otto.

- Quando quer começar?

- Hoje à noite.

- Você quer me levar para jantar fora?

- Quero. Acho que seria bom para você, Ashley, sair deste ar por algum tempo. E então?

- Está bem.

Ashley ficou surpresa com o seu nível de entusiasmo diante da perspectiva de sair para jantar com Gilbert Keller. Vai ser divertido sair daqui por uma noite, pensou. Mas ela sabia que seria mais do que isso. A idéia de uma saída com Gilbert Keller era muito estimulante.

Eles estavam jantando num restaurante japonês chamado Otani Gardens, a oito quilômetros do hospital. O Dr. Keller sabia que estava correndo um risco. A qualquer instante, Toni ou Alette poderiam sobrevir. Ele fora advertido. É mais importante que Ashley aprenda a confiar em mim, para que eu possa ajudá-la.

- Engraçado, Gilbert! - disse Ashley, olhando para o restaurante lotado à sua volta.

- O quê?

- Estas pessoas não parecem nada diferentes das pessoas do hospital.

- Elas não são realmente diferentes, Ashley. Tenho certeza que todas têm problemas. A única diferença é que as do hospital não conseguem lidar com os seus tão bem assim, então nós as ajudamos.

- Eu não sabia que tinha problemas até... Bem, você sabe.

- Sabe por quê, Ashley? Porque você enterrou os seus problemas. Não conseguiu enfrentar o que lhe aconteceu, então construiu muralhas em sua mente e trancou as coisas ruins do lado de fora. Até um certo ponto, muita gente faz isso. - Ele mudou de assunto deliberadamente. - Que tal o seu filé?

- Delicioso. Obrigada!

Dáí por diante, Ashley e o Dr. Keller, uma vez por semana, passaram a fazer uma refeição fora do hospital. Almoçaram num excelente restaurante italiano chamado Banducci's e jantaram algumas vezes no The Palm, no Eveleene's e no The Gumbo Pot. Nem Toni nem Alette apareceram uma vez sequer.

Certa noite, o Dr. Keller levou Ashley para dançar. Foram a uma boate pequena, com uns músicos maravilhosos.

- Você está se divertindo? - perguntou ele.

- Bastante. Obrigada! - Ela olhou para ele e falou: - Você não é igual aos outros médicos.

- Eles não dançam?

- Você sabe o que eu quero dizer.

Ele a estava segurando bem junto de si, e ambos sentiram o impulso do momento.

"Isso poderia ser muito perigoso para vocês dois, Gilbert..."

Capítulo Vinte e Cinco

- Sei que maldita porcaria está tentando fazer, doutorzinho. Está tentando fazer Ashley pensar que você é amigo dela.
 - Eu sou amigo dela, Toni, e seu também.
 - Não, não é. Você acha que ela é maravilhosa, e que eu não valho nada.
 - Pois está errada. Eu respeito você e Alette tanto quanto respeito Ashley. Todas vocês têm a mesma importância para mim.
 - É verdade?
 - É. Toni, quando lhe falei que você canta com uma voz linda, eu fui sincero. Você toca algum instrumento?
 - Piano.
 - Se eu puder providenciar para que você use o piano na sala de recreação para tocar e cantar, isso lhe interessaria?
 - Talvez. - Ela pareceu ficar bastante entusiasmada.
- O Dr. Keller sorriu.
- Então, será um prazer para mim. Vou lhe arranjar um piano.
 - Obrigada!

O Dr. Keller tomou as providências para que Toni tivesse acesso liberado à sala de recreação durante uma hora todas as tardes. No início, as portas ficaram fechadas, mas à medida que os outros internos foram ouvindo a música do piano e a cantoria que saía da sala, eles passaram a abrir a porta para escutar. E logo Toni estava entretendo dúzias de internos.

O Dr. Keller estava estudando os seus apontamentos com o dr. Lewison.

- E a outra... Alette? - perguntou o Dr. Lewison.
- Já tomei as providências para que ela pinte no jardim todas as tardes. Será vigiada, é claro. Acho que será uma boa terapia.

Mas Alette se recusou. Numa sessão com ela, o Dr. Keller falou:

- Você não está usando as tintas que eu lhe dei, Alette. É uma pena desperdiçá-las assim. Você tem tanto talento!

- E como é que você sabe?

- Você não gosta de pintar?

- Gosto.

- E por que não pinta?

- Porque não sou boa. Pare de me encher a paciência.

- Quem lhe disse isso?

- Minha... minha mãe.

- Nunca falamos de sua mãe. Você gostaria de me falar um pouco sobre ela?

- Não há o que falar.

- Ela morreu num acidente, não foi isso?

No dia seguinte, Alette começou a pintar. Ela achou bom ficar no jardim com suas telas e pincéis. Quando pintava, conseguia se esquecer de tudo mais. Alguns dos pacientes se agrupavam em torno dela observando-a. Eles falavam em vozes multicoloridas.

- Os seus quadros deveriam ir para uma galeria. - Preto.

- Você é muito boa! - Amarelo.

- Onde você aprendeu a pintar desse jeito? - Laranja.

- Eu gostaria de saber pintar assim! - Preto.

Ela sempre ficava ressentida quando o seu tempo acabava e era hora de voltar para dentro.

- Quero que você conheça alguém, Ashley. Esta é Lisa Garrett.

Era uma mulher de seus cinquenta e poucos anos, baixinha e esquelética. - Lisa está indo para casa hoje.

A mulher estava exultante.

- Não é uma maravilha? E eu devo tudo ao Dr. Keller.

Gilbert Keller olhou para Ashley e falou:

- Lisa sofria de DPM e tinha trinta alteres.

- Isso mesmo, querida. E todos se foram.

- Ela é nossa terceira paciente que vai embora este ano - ressaltou o Dr. Keller.

Ashley sentiu uma pontinha de esperança.

- O Dr. Keller é bondoso. Ele realmente parece gostar de nós. - disse Alette.

- E você é mesmo uma idiota - debochou Toni. - Não vê o que está acontecendo? Eu já lhe disse uma vez. Ele está fingindo que gosta da gente para que façamos o que ele quer. E você sabe o que isso significa? Ele quer juntar as três e, depois, convencer Ashley de que ela não precisa da gente, minha cara. E sabe o que vai acontecer depois? Você e eu vamos morrer. É isso que você quer? Eu, Não.

- Ora, não - falou Alette, indecisa.

- Então, me escute. Vamos entrar no jogo do médico. Vamos fazê-lo acreditar que estamos querendo ajudá-lo. Vamos enganá-lo direitinho. não temos pressa. E eu lhe prometo que um dia tiro a gente daqui.

- Você é quem sabe, Toni.

- ótimo! Então vamos deixar que o doutorzinho ache que está indo muito bem.

Chegou uma carta de David. Havia uma fotografia de um menino dentro do envelope. A carta dizia:

Querida Ashley,

Espero que você esteja bem e que a terapia esteja progredindo. Tudo está bem por aqui. Ando bastante ocupado e estou gostando muito do meu trabalho. Junto com esta carta vai uma fotografia do nosso Jeffrey, que já está com dois aninhos.

A julgar pela velocidade com que ele está crescendo, em poucos minutos estará se casando. Não há novidade alguma para lhe contar, a bem da verdade. Só quis que você soubesse que eu estava pensando em você.

Sandra me pede para dizer que ela também lhe envia os seus melhores votos.

David

Ashley estudou a fotografia. Que menininho bonito!, pensou.

Espero que tenha uma vida feliz.

Ashley foi almoçar, e quando voltou, a fotografia estava no chão de seu quarto, rasgada em pedaços.

15 de junho, 13 e 30

Paciente: Ashley Paterson. Sessão de terapia usando sódio amial. Alter, Alette Peters.

- Alette, me fale um pouco de Roma.

- É a cidade mais bela do mundo. Cheia de grandes museus. Eu sempre ia a todos eles. E você entende de museu?

- Você queria ser pintora?

- Queria. O que você acha que eu queria fazer da vida, trabalhar no corpo de bombeiros?

- E estudou pintura?

- Não, não estudei. - não dá para ir encher a paciência de outro, hein?

- Por que não? Por causa do que a sua mãe lhe disse?

- Ah, Não. Eu simplesmente conclui que não era boa o suficiente. Toni, veja se consegue tirar esse sujeito daqui!

- Você sofreu algum trauma durante aquele período? Aconteceu alguma coisa terrível de que você se lembre?

- Não. Eu fui muito feliz naquela época. Toni!

15 de agosto, 9:00

Paciente: Ashley Paterson. Sessão de hipnoterapia com alter, Toni Prescott.

- Você quer falar sobre Londres, Toni?

- Quero. Eu me diverti muito quando estava lá. Londres é tão civilizada! Há muita coisa para se fazer naquela cidade.

- Você teve algum problema?

- Problema? Não, eu fui muito feliz em Londres.

- Você não se lembra de nada de ruim que lhe tenha acontecido durante a sua estada lá?

- Claro que não. Que conclusão você vai tirar disso, seu doutorzinho?

Todas as sessões traziam as lembranças de volta para Ashley. Quando ia para a cama à noite, ela sonhava que estava de volta à Global. Shane Miller estava lá, e ele a estava elogiando por algum trabalho bem-feito. "Não poderíamos viver sem você, Ashley. Vamos mantê-la na empresa para sempre." Então, a cena mudava para uma cela de prisão, e Shane Miller estava dizendo: "Ora, eu detesto ter de fazer isto agora, mas diante das circunstâncias, a empresa a está despedindo. Sabe, naturalmente, não podemos arcar com um envolvimento em algo deste teor. Você está entendendo, não está? Não há nada pessoal nisto. "

Pela manhã, quando Ashley acordava, seu travesseiro estava molhado de lágrimas.

Alette se entristecia com as sessões de terapia. Elas lhe traziam à lembrança a falta que Roma lhe fazia e a felicidade que experimentara com Richard Melton. Nós poderíamos ter tido uma vida feliz juntos, mas agora é tarde demais. Tarde demais!

Toni detestava as sessões de terapia, pois lhe traziam muitas recordações ruins também. Tudo o que tinha feito fora pelo bem e protecção de Ashley e Alette. Mas alguém a valorizou? Não. Estava trancafiada como se fosse uma criminosa ou algo do género. Mas eu vou sair daqui, prometeu a si mesma. Eu vou sair daqui.

As páginas do calendário passavam com o tempo, e mais um ano veio e se foi. O Dr. Keller sentia-se cada vez mais frustrado.

- Eu li o seu último relatório - disse o Dr. Lewison para Gilbert Keller. - Você acha que há uma lacuna genuína, ou elas estariam realizando algum jogo?

- Estão jogando, Otto. É como se soubessem o que estou tentando fazer e não quisessem permitir. A meu ver, Ashley está realmente disposta a ser ajudada, mas elas não deixam. Normalmente, sob

hipnose, é fácil conseguir acesso a elas, mas Toni é muito forte. Ela assume o controle total e é perigosa.

- Perigosa?

- É. Imagine o ódio que não tem dentro de si para assassinar e castrar cinco homens!

O resto do ano passou-se sem melhoria alguma.

O Dr. Keller estava obtendo sucesso com os demais pacientes, mas Ashley, aquela com a qual ele mais se preocupava, não apresentava nenhum progresso. O Dr. Keller tinha a sensação de que Toni gostava de jogar com ele. Estava determinada a não permitir que ele vencesse. E então, inesperadamente, houve um avanço.

Com outra carta do Dr. Paterson.

5 de junho

Querida Ashley,

Estou de partida para Nova York, a fim de cuidar de alguns assuntos por lá, e gostaria muito de dar um pulo aí para vê-la. Vou telefonar para o Dr. Lewison e, se não houver objecção, espere a minha chegada por volta do dia 25.

Todo o meu amor,

Papai

Três semanas depois, o Dr. Paterson chegou acompanhado de uma mulher morena muito atraente, com seus quarenta e poucos anos de idade, e a filha dela, de três anos, Katrina.

Eles foram conduzidos à sala do Dr. Lewison. Ele se levantou quando as visitas entraram.

- Dr. Paterson, é um grande prazer revê-lo.

- Obrigado! Esta é a Senhorita Victoria Aniston, e esta é sua filha, Katrina.

- Muito prazer, Senhorita Aniston. Katrina.

- Eu as trouxe para que conhecessem Ashley.

- Que maravilha! Ela está com o Dr. Keller neste exacto momento, mas eles devem acabar logo.

- Algum progresso com Ashley? - perguntou o Dr. Paterson.

Otto Lewison hesitou.

- Eu poderia falar a sós com o senhor um instante?

- Claro.

O Dr. Paterson se dirigiu a Victoria e Katrina.

- Parece que eles têm um belo jardim aqui. Por que vocês não me esperam lá fora, e eu levarei Ashley comigo quando for possível.

Victoria Aniston sorriu.

- Boa idéia! - Ela olhou para Otto Lewison. - Foi um prazer conhecê-lo, doutor

- Obrigado, Senhorita Aniston!

O Dr. Paterson esperou que as duas saíssem e se dirigiu a Otto Lewison.

- Há algum problema?

- Vou ser franco com o senhor, Dr. Paterson. não estamos obtendo tanto progresso quanto esperávamos. Ashley diz estar disposta a receber ajuda, mas não está cooperando connosco. A bem da verdade, está combatendo o tratamento.

O Dr. Paterson ficou olhando para ele, intrigado.

- Por quê?

- Não é tão raro assim! Em algum estágio, os pacientes com DPM ficam com medo de conhecer seus alteres. Ficam aterrorizados. A simples idéia de que outras personagens possam estar vivendo dentro de sua mente e corpo e que sejam capazes de assumir o comando quando bem entenderem... Ora, o senhor pode imaginar o grau de devastação que isso é capaz de gerar na pessoa.

O Dr. Paterson assentiu.

- Claro.

- Há algo que nos intriga acerca do problema de Ashley. Quase sempre, estes problemas começam com algum histórico de abuso quando o paciente é muito jovem. não temos registro de nada desse tipo no caso de Ashley; portanto, não temos a menor idéia de como ou por que o trauma começou.

O Dr. Paterson ficou sentado em silêncio por um instante. Quando resolveu falar, disse em tom pesado:

- Eu posso ajudá-los. - Ele respirou profundamente. - A culpa é minha.

Otto Lewison estava olhando para ele com toda a atenção.

- Aconteceu quando Ashley estava com seis anos de idade. Eu precisei ir para a Inglaterra. Minha mulher não pôde ir. Eu levei Ashley comigo. Minha mulher tinha um primo mais velho que morava lá, chamado John. Eu não sabia na época, mas ele tinha... problemas emocionais. Eu precisei sair para dar uma palestra um dia, e John se ofereceu para cuidar de Ashley. Quando voltei à noite, ele havia desaparecido. Ashley estava em um estado de absoluta histeria. Eu levei muito tempo, mas muito tempo mesmo, para acalmá-la. Depois disso, ela passou a não deixar ninguém chegar perto dela, ficou tímida e retraída, e uma semana depois John foi preso por uma sequência de casos de abuso sexual com crianças. - O rosto do Dr. Paterson estava tomado de angústia. - Eu jamais me perdoei. Nunca mais deixei Ashley sozinha com ninguém depois disso.

Houve um silêncio prolongado.

- Eu sinto muitíssimo por isso. Mas acho que o senhor nos deu a resposta que estávamos necessitando, Dr. Paterson. Agora o Dr. Keller terá algo específico com que trabalhar - disse Otto.

- Foi doloroso demais para mim; eu nunca consegui discutir isso antes.

- Eu compreendo. - Otto Lewison olhou para o relógio. - Ashley vai demorar um pouco ainda. Por que o senhor não se junta à Senhorita Aniston no jardim? Pedirei a Ashley que os encontre lá quando estiver liberada.

O Dr. Paterson se levantou.

- Obrigado! Eu vou, sim.

Otto Lewison esperou que ele saísse. Mal podia esperar para contar ao Dr. Keller o que acabara de saber.

Victoria Aniston e Katrina estavam esperando por ele.

- Você viu Ashley? - perguntou Victoria.

- Ela virá dentro de poucos minutos - disse o Dr. Paterson, olhou para o enorme jardim ao redor - Isto aqui é muito agradável, não é mesmo?

Katrina correu para perto dele.

- Eu quero ir para o céu de novo.

Ele sorriu.

- Tudo bem. - Ele a pegou nos braços, jogou-a para o alto e pegou-a quando ela caiu.

- Mais alto!

- Está pronta? Vamos lá. - Ele a jogou para o alto novamente e a pegou, e ela gritou, feliz da vida.

- De novo!

O Dr. Paterson estava de costas para a edificação principal, de forma que não viu Ashley e o Dr. Keller saindo.

- Mais alto! - gritou Katrina.

Ashley parou à porta, petrificada. Viu o pai brincando com a garotinha, e o tempo pareceu se fragmentar. Tudo depois disso aconteceu em câmara lenta.

Houve lampejos de uma garotinha sendo jogada para cima... "Mais alto, papai . "

"Está pronta? Vamos lá. "

E depois a menina sendo jogada sobre uma cama...

E uma voz dizendo: "Você vai gostar. . "

A imagem de um homem se deitando ao seu lado na cama. A garotinha estava gritando: "Pare. Não, por favor, Não. "

O homem estava na sombra. Ele a estava segurando com firmeza e acariciando-lhe o corpo. "Não é gostoso?"

E, de repente, a sombra se esvaiu, e Ashley conseguiu ver o rosto do homem. Era o seu pai.

Ao vê-lo ali no jardim agora, brincando com a garotinha, Ashley abriu a boca, começou a gritar e não conseguiu parar.

O Dr. Paterson, Victoria Aniston e Katrina se viraram, assustados.

O Dr. Keller falou rapidamente:

- Eu sinto muitíssimo! O dia não está sendo nada bom. Vocês poderiam voltar outra hora? - Conduziu Ashley de volta para dentro. eles a levaram para uma das salas de emergência.

- A pulsação dela está alta - disse o Dr. Keller - Ela está muito ansiosa. - Ele se aproximou dela e falou: - Ashley, não tenha medo. Está segura aqui. Ninguém vai machucá-la. Escute a minha voz e relaxe. . relaxe... relaxe...

Foi preciso meia hora.

- Ashley, me conte o que aconteceu. O que foi que a perturbou.

- Meu pai e aquela garotinha...

- O que têm eles?

Foi Toni quem respondeu.

- Ela não consegue encarar isso. Está com medo de que ele faça com a garotinha o que fez com ela.

O Dr. Keller ficou olhando fixamente para ela durante um instante.

- O que... o que ele fez com ela?

- Em Londres. Ela estava na cama. Ele se sentou ao lado dela e falou: "Vou deixar você muito feliz, menina", e começou a fazer-lhe cócegas, e ela estava rindo. E então... ele tirou-lhe o pijama e começou a boliná-la. "Não é bom o carinho das minhas mãos?" Ashley começou a gritar: "Pare. não faça isso." Mas ele não parou, segurou-a contra a cama e continuou... .

- Essa foi a primeira vez em que aconteceu, Toni? - perguntou o Dr. Keller.

- Foi.

- Quantos anos Ashley tinha?

- Seis.

- E foi aí que você nasceu?

- Foi. Ashley ficou aterrorizada demais para enfrentar a situação.

- O que aconteceu depois disso?

- Papai ia para a cama todas as noites e se deitava junto dela. - As palavras fluíam agora. - Ela não conseguia impedi-lo. Quando eles voltaram para casa, Ashley contou a mamãe o que havia acontecido, e mamãe disse que ela era uma cadela mentirosa. "Ashley ficou com medo de adormecer à noite, pois sabia que papai iria para o seu quarto. Ele costumava fazer com que ela o tocasse e depois ele próprio se masturbava. E dizia para ela: 'Não conte isso para ninguém, senão eu vou deixar de amar você.'" Ela não podia contar a ninguém. Mamãe e papai viviam brigando, e Ashley achava que era culpa sua. Sabia que tinha feito algo de errado, mas não sabia o quê. Mamãe a odiava.

- Quanto tempo isso durou? - perguntou o Dr. Keller.

- Quando eu tinha oito anos... - Toni parou.

- Continue, Toni.

O rosto de Ashley se modificou, e era Alette quem estava sentada na cadeira agora. Ela falou:

- Nós nos mudamos para Roma, onde ele fez pesquisas para a Policlínica Berto Primo.

- E foi aí que você nasceu?

- Foi. Ashley não conseguiu suportar o que aconteceu uma noite, então eu vim para protegê-la.

- O que aconteceu, Alette?

- Papai entrou no quarto enquanto ela estava dormindo; estava nu. Ele foi para a cama de Ashley e desta vez penetrou-a à força. Ela tentou impedi-lo, mas não conseguiu. Ashley implorava para que ele não fizesse mais aquilo, mas papai voltava toda noite. Ele sempre dizia: "É assim que um homem mostra para uma mulher que a ama, e você é minha mulher, e eu a amo. Você nunca deve contar isso a ninguém. " E ela nunca pôde contar isso a ninguém.

Ashley estava soluçando, as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto.

Gilbert Keller fez o que pôde para não acolhê-la em seus braços e dizer-lhe que a amava e que tudo ia ficar bem. Mas, obviamente, isso era impossível. Eu sou seu médico.

Quando o Dr. Keller voltou para a sala do Dr. Lewison, o Dr. Paterson, Victoria e Katrina haviam ido embora.

- Bem, era isto o que estávamos esperando - disse o Dr. Keller para Otto Lewison. - Finalmente conseguimos uma brecha. Já sei quando Toni e Alette nasceram e por quê. Vamos observar uma grande mudança de agora em diante.

O Dr. Keller estava certo. As coisas começaram a progredir.

Capítulo Vinte e Seis

A sessão de hipnoterapia havia começado. uma vez Ashley estava entregue, o Dr. Keller falou:

- Ashley, fale -me sobre Jim Cleary.

- Eu amava Jim. Nós íamos fugir juntos e nos casar.

- E então...?

- Na festa de formatura, Jim perguntou se eu não gostaria de ir até a sua casa com ele, e eu... eu disse que não. Quando ele me deixou em casa, meu pai estava esperando acordado. Estava furioso. Mandou que Jim fosse embora e não voltasse mais.

- O que aconteceu depois?

- Eu resolvi ir até a casa dele. Fiz a mala e sai para ir até lá. - Ela hesitou. - A meio caminho, mudei de idéia e voltei para casa. Eu...

A expressão de Ashley começou a mudar. Ela começou a relaxar na poltrona, e era Toni quem estava ali sentada.

- Voltou porra nenhuma! Ela foi até a casa dele, doutorzinho. Quando ela chegou à casa de Jim Cleary, estava escuro. Meus pais iam passar o fim de semana fora. Ashley tocou a campainha, minutos depois, Jim Cleary abriu a porta. Estava de pijama.

- Ashley! - Seu rosto se iluminou com um sorriso. - Você resolveu vir - Ele a puxou para dentro.

- Vim porque eu...

- Eu não quero saber por que você veio. Você está aqui. - Ele a abraçou e a beijou. - Que tal uma bebidinha?

- Não. Talvez um pouco de água. - Ela ficou subitamente nervosa.

- Claro! Venha. - Ele a pegou pela mão e a levou até a cozinha. Serviu-lhe um copo de água e esperou que ela terminasse de beber. - Você parece nervosa.

- Eu... eu estou.

- Não há razão para ficar nervosa. Não há possibilidade de os meus pais voltarem. Vamos subir.

- Jim, acho que não devemos.

Ele foi para trás dela e a abraçou, acariciando-lhe os seios. Ela se encolheu.

- Jim...

Os lábios dele foram de encontro aos dela, e ele a estava forçando contra a bancada da cozinha.

- Eu vou deixar você muito feliz, querida. - Era o pai dela dizendo: "Eu vou deixar você muito feliz, querida. "

Ela ficou petrificada. Sentiu que ele estava tirando suas roupas e beijando-a, enquanto ela ficava ali, parada e nua, gritando em silêncio. Uma ira animal tomou conta dela.

Ela viu uma faca de carne, enorme, fincada numa tábua de cozinha. Então pegou-a e começou a esfaqueá-lo no peito, gritando:

- Pare, papai... Pare com isso... Pare... Pare... Pare...

Ela olhou para baixo, e Jim estava caído no chão, o sangue jorrando do seu corpo para todo lado.

- Seu animal - gritou ela. - Você não vai mais fazer isto com ninguém. - Ela se abaixou e enfiou a faca nos testículos dele.

Às seis horas da manhã , Ashley foi até a estação ferroviária para esperar por Jim. não havia sinal dele. Ela estava começando a entrar em pânico. O que poderia ter acontecido? Ashley ouviu o apito do comboio à distância. Olhou para o relógio: 7 horas. O comboio estava entrando na estação. Ashley se levantou e olhou ao redor freneticamente. Alguma coisa terrível aconteceu a ele. Alguns minutos depois, estava plantada na plataforma, vendo o comboio partir para Chicago, levando com ele seus sonhos.

Ela esperou mais meia hora e depois voltou para casa vagarosamente. Ao meio-dia, Ashley e seu pai pegaram um avião para Londres...

A sessão estava terminando.

O Dr. Keller falou:

- ... quatro... cinco. Você está acordada.

Ashley abriu os olhos.

- O que aconteceu?

- Toni me contou como ela matou Jim Cleary. Ele estava atacando você.

O rosto de Ashley ficou branco.

- Quero ir para o meu quarto.

- Estamos começando a fazer progresso, Otto. Até agora, estávamos entravados. Cada uma delas tinha medo de dar o primeiro passo. Agora, estão começando a ficar mais relaxadas. Estamos indo na direção certa, mas Ashley ainda tem medo de enfrentar a realidade - disse o Dr. Keller para Otto Lewison.

- Ela não faz idéia de como os assassinatos ocorreram?- perguntou o Dr. Lewison.

- Absolutamente nenhuma. Ela os apagou da mente, apagou tudo. Foi Toni quem assumiu o comando.

Dois dias depois.

- Você está se sentindo relaxada, Ashley?

- Estou. - Sua voz soou distante.

- Vamos conversar sobre Dennis Tibble. Ele era seu amigo?

- Dennis e eu trabalhávamos para a mesma empresa. Não éramos propriamente amigos.

- Segundo a polícia, as suas impressões digitais foram encontradas no apartamento dele.

- Foram, sim. Eu fui até lá porque ele tinha me pedido uns conselhos.

- E o que aconteceu?

- Nós conversamos durante alguns minutos, e ele me deu um copo de vinho com uma droga dentro.

- Qual é a última coisa de que você se lembra?

- Eu... eu acordei em Chicago.

A expressão de Ashley começou a se alterar. Num instante, era Toni falando com ele.

- Você quer mesmo saber o que aconteceu...?

- Conte-me, Toni.

Dennis Tibble pegou a garrafa de vinho e falou:

- Vamos ficar descontraídos.

Ele começou a levá-la para o quarto.

- Dennis... eu não quero...

E eles estavam dentro do quarto, e ele estava tirando as roupas.

- Eu sei o que você quer menina. Quer que eu trepe com você. É por isso que veio até aqui.

Ela estava fazendo força para se soltar.

- Pare com isso, Dennis.

- Só vou parar depois que lhe der o que você veio buscar. Vai ser uma delícia, menina!

Ele a empurrou para a cama, segurando-a com força, descendo a mão para a virilha dela. Era a voz do pai dela. "Você vai adorar, menina. " Ele a penetrou com força, várias vezes, e ela estava gritando em silêncio: "Não, papai. Pare. " E então a fúria indizível assumiu o comando. Ela viu a garrafa de vinho. Esticou-se para pegá-la, bateu-a contra a borda da mesa e enfiou a ponta quebrada nas costas dele. Ele gritou e tentou se levantar, mas ela o segurou com força, enquanto continuava enfiando a garrafa quebrada no corpo dele. Ela esperou até que ele caísse no chão.

- Pare... - implorou ele.

- Você promete não fazer mais isso? Sabe de uma coisa, eu vou tomar uma providência, só para garantir - Ela pegou um caco de vidro e foi em direção à virilha dele.

O Dr. Keller deixou que um momento de silêncio se passasse.

- O que você fez depois disso, Toni?

- Eu resolvi sair dali antes que a polícia chegasse. Tenho de admitir que estava bastante excitada. Queria deixar de lado a vida monótona de Ashley durante algum tempo e, como eu tinha um amigo em Chicago, decidi ir até lá. Acontece que ele não estava em casa, de modo que fiz um as comprinhas, fui a alguns bares e me diverti um pouco.

- E o que aconteceu depois?

- Arranjei um quarto num hotel e dormi. - Ela encolheu os ombros. - Daí em diante, a festa foi de Ashley.

Ela acordou devagar, sabendo que havia alguma coisa muito errada. Teve a sensação de ter sido drogada. Ashley olhou ao redor do quarto e começou a entrar em pânico. Estava deitada numa cama, nua, num quarto de hotel barato. não fazia idéia de onde estava nem de como tinha chegado ali. Conseguiu se sentar e começou a sentir a cabeça latejar. Ela saiu da cama, entrou no minúsculo banheiro e tomou um banho. Deixou que a água quente batesse contra o seu corpo, tentando lavar as coisas horríveis, sujas, que lhe pudessem ter acontecido. E se ela tivesse engravidado? A simples idéia de ter um filho dele a deixou enojada. Ashley saiu do chuveiro, secou-se e foi até o armário. Suas roupas haviam sumido. Encontrou ali somente uma minissaia de couro preto, um top barato e um par de sapatos de saltos bem altos, pontudos. Sentiu repugnância ao se ver forçada a vestir aquelas roupas, mas não teve escolha. vestiu-se rapidamente e olhou-se no espelho.

Parecia uma prostituta.

- Papai, eu...

- O que houve?

- Estou em Chicago e...

- O que você está fazendo em Chicago?

- Não dá para falar agora. Preciso de uma passagem de avião para San José. não tenho nenhum dinheiro aqui comigo. Você pode me ajudar?

- Claro. Espere... Há um voo da American Airlines saindo do fiare às dez e quarenta; o número do voo é 407. Vou mandar deixar uma passagem para você no balcão de embarque.

- Alette, você está me ouvindo? Alette.

- Estou aqui, Dr. Keller.

- Vamos conversar sobre Richard Melton. Ele era seu amigo, não era?

- Era. Ele era muito simpático... Eu estava apaixonada por ele.

- Ele estava apaixonado por você?

- Acho que sim, estava. Ele era um artista. Nós íamos juntos aos museus e víamos quadros maravilhosos. Quando estava com Richard, eu me sentia... viva. Acho que se alguém não o tivesse matado, talvez algum dia viéssemos a nos casar.

- Conte-me a última vez em que vocês estiveram juntos.

- Quando estávamos saindo de um museu, Richard falou: "Meu companheiro de quarto foi a uma festa hoje à noite. Porque não damos um pulinho no meu apartamento? Eu gostaria de lhe mostrar alguns dos meus quadros. "

- "Ainda Não, Richard. "

- Como você quiser. Vamos nos ver no fim de semana que vem? "Vamos. "

- Eu peguei meu carro e fui embora - disse Alette. - E essa foi a última vez em que eu...

O Dr. Keller viu seu rosto tornar a assumir a fisionomia de Toni.

- É assim que ela quer pensar - disse Toni. - Mas não foi isso que aconteceu.

- E o que foi que aconteceu? - perguntou o Dr. Keller.

Ela foi até o apartamento dele, na Fell Street. Era pequeno, mas os quadros de Richard davam-lhe um aspecto aconchegante.

- Dá muita vida ao ambiente, Richard.

- Obrigado, Alette! - Ele a abraçou. - Eu quero fazer amor com você. Você é linda!

- Você é linda - falou o pai dela. E ela congelou. Porque sabia a coisa terrível que ia acontecer. Estava deitada na cama, nua, sentindo a conhecida dor da penetração rasgando-a por dentro.

E ela estava gritando:

- Não. Pare com isso, papai. Pare com isso.

E então o frenesi maníaco-depressivo assumiu o controle. Ela não se lembra de onde conseguiu a faca, mas a estava enfiando por todo o corpo dele, gritando com ele:

- Eu mandei parar. Pare com isso.

Ashley se contorcia em sua cadeira, aos berros.

- Tudo bem, Ashley - disse o Dr. Keller - Você está em segurança. Vai acordar agora, após eu contar até cinco.

Ashley acordou, trémula.

- Está tudo bem?

- Toni me falou sobre Richard Melton. Vocês fizeram amor e você pensou que fosse o seu pai, e então...

Ela tapou os ouvidos com as mãos.

- Eu não quero ouvir mais nada.

O Dr. Keller foi falar com Otto Lewison.

- Acho que finalmente estamos obtendo algum progresso. Está sendo muito traumático para Ashley, mas estamos chegando ao fim. Ainda temos dois assassinatos para repassar

- E depois?

- Vou juntar Ashley, Toni e Alette.

Capítulo Vinte e Sete

- Toni? Toni, você está me ouvindo? - O Dr. Keller viu a expressão de Ashley se modificar.

- Eu estou ouvindo tudo, doutorzinho.

- Vamos conversar sobre Jean Claude Parent.

- Eu deveria saber que ele era bom demais para ser verdade.

- O que você quer dizer com isso?

- No começo, parecia um verdadeiro cavalheiro. Ele me levou para sair todas as noites, e nos divertimos muito. Eu o achei diferente, mas era igual a todos os outros. Só queria saber de sexo.

- Entendo.

- Ele me deu um belíssimo anel, e suponho que pensou que fosse meu dono. Fui até a casa dele.

Era uma belíssima casa de tijolo aparente, com dois andares e cheia de antiguidades.

- Que linda!

- Há uma coisa especial que eu quero lhe mostrar lá em cima, no quarto.

- E ele a estava levando para o quarto, e ela foi incapaz.

Os dois estavam no quarto, e ele a abraçou e sussurrou:

- Tire a roupa.

- Eu não quero...

- Quer sim. Nós dois queremos. - Ele a despiu rapidamente, em seguida deitou-a sobre a cama e a montou. Ela estava gemendo:

- Não, por favor Papai, Não.

Mas ele não ligou. Continuou penetrando-a até que, de repente,

- Ah! - e parou. - Você é linda! - disse ele.

E a explosão maléfica a sacudiu. Ela pegou a espátula de cortar papel de cima da mesa e a enfiou no peito dele, em cima e embaixo, em cima e embaixo.

- Você não vai mais fazer isso com ninguém. - Ela enfiou-a na virilha dele. Depois, ela tomou um banho tranquilo, vestiu a roupa e voltou para o hotel.

- Ashley... - O rosto de Ashley começou a mudar - Acorde.

Ashley despertou lentamente. Ela olhou para o Dr. Keller e perguntou:

- Toni outra vez?

- Foi. Ela conheceu Jean Claude na Internet. Ashley, quando você estava em Quebeque, não houve períodos em que pareceu perder a noção do tempo? Quando de repente haviam-se passado horas, ou mesmo um dia inteiro, e você não sabia onde tinha ido parar o tempo?

Ela assentiu lentamente.

- Houve, sim. Isso aconteceu com muita frequência.

- Era quando Toni assumia o controle.

- E foi aí que ela... que ela...?

- Foi.

Nos meses seguintes, não aconteceu nada. Durante as tardes, o Dr. Keller escutava Toni tocando piano e cantando e observava Alette pintando no jardim. Havia mais um assassinato a ser analisado, mas ele queria Ashley bem relaxada para começar a conversar sobre este último.

Já se haviam passado cinco anos desde que ela chegara ao hospital. Está quase curada, pensou o Dr. Keller.

Numa manhã de segunda-feira, ele mandou buscar Ashley em seu quarto e esperou que ela entrasse em sua sala. Ela estava pálida como se soubesse o que ia enfrentar.

- Bom dia, Ashley!

- Bom dia, Gilbert!

- Como está se sentindo?

- Nervosa. É o último, não é?

- É. Vamos falar sobre o delegado Sam Blake. O que ele estava fazendo no seu apartamento?

- Eu pedi que ele fosse até lá. Alguém tinha escrito no espelho do meu banheiro: "Você Vai Morrer." Eu não sabia o que fazer. Achei que alguém estava tentando me matar. Chamei a polícia, e o delegado Blake atendeu. Ele foi muito amável.

- Você pediu que ele ficasse com você?

- Pedi. Eu estava com medo de ficar sozinha. Ele disse que ia passar a noite comigo e, pela manhã, providenciaria proteção vinte e quatro horas para mim. Eu me ofereci para dormir no sofá, para que ele pudesse dormir no quarto, mas ele disse que dormiria no sofá. Eu me lembro que ele verificou se as janelas estavam bem fechadas e deu duas voltas na tranca. A arma dele estava em cima da mesinha ao lado do sofá. Eu disse boa-noite, fui para o meu quarto e fechei a porta.

- E depois, o que aconteceu?

- Eu... a última coisa de que me lembro foi de ter sido acordada por alguém gritando no beco. Então o comissário veio me dizer que o delegado Blake tinha sido encontrado morto.

Ela parou, o rosto pálido.

- Tudo bem. Vou hipnotizá-la agora. Relaxe... Feche os olhos relaxe... - Levou dez minutos. O Dr. Keller falou: - Toni...

- Estou aqui. Você quer saber o que aconteceu de verdade, não é? Ashley foi uma boba ao pedir ao Sam que dormisse no apartamento. Eu poderia ter dito a ela o que ele iria fazer.

Ele ouviu um grito no quarto, levantou-se ligeiro do sofá e pegou a arma. Correu até à porta do quarto e prestou atenção um instante. Silêncio.

Havia sido imaginação. Quando começou a dar meia-volta, ouviu o grito outra vez. Abriu a porta, de arma na mão. Ashley estava na cama, nua, não havia ninguém mais no quarto. Ela estava soltando uns gemidinhos. Ele se aproximou da cama. Ela estava linda, ali deitada, enrolada, na posição fetal. Gemeu mais uma vez, às voltas com um pesadelo horrível. Ele só queria reconfortá-la, abraçá-la e dar-lhe um pouco de carinho. Deitou-se ao seu lado, puxou-a delicadamente para perto, sentiu o calor do corpo dela e começou a ficar excitado.

Ela foi despertada pela voz dele dizendo:

- Tudo bem. Você está em segurança.

E os lábios dele foram de encontro aos dela, e ele afastou as pernas dela e a penetrou.

E ela estava gritando:

- Não, papai.

E ele se mexia cada vez mais rápido, na urgência primordial, e então a vingança selvagem aconteceu. Ela tirou a faca de dentro da gaveta ao lado da cama e começou a enfiá-la no corpo dele.

- O que aconteceu depois que você o matou?

- Ela enrolou o corpo dele nos lençóis, arrastou-o até o elevador e passou pela garagem para chegar ao beco nos fundos.

Ashley ficou ali sentada, com o rosto lívido.

- Ela é um mon... eu sou um monstro.

- Não. Ashley, você precisa se lembrar de que Toni nasceu da sua dor, para protegê-la. O mesmo acontece com Alette. É hora de dar um fim a isso tudo. Eu quero que você as conheça. É o próximo passo para você ficar boa - disse Gilbert Keller

Os olhos de Ashley estavam bem fechados.

- Tudo bem. E quando... quando vamos fazer isso?

- Amanhã de manhã.

Ashley estava em hipnose profunda. O Dr. Keller começou com Toni.

- Toni, eu quero que você e Alette conversem com Ashley.

- O que o faz pensar que ela vai dar conta de nós duas?

- Eu acho que vai.

- Pois bem, doutorzinho. Você é quem manda.

- Alette, você está pronta para se encontrar com Ashley?

- Se Toni achar que está tudo bem.

- Está, sim, Alette. Já não é hora?

O Dr. Keller respirou fundo e disse:

- Ashley, eu quero que você diga olá para Toni.

Houve um silêncio prolongado. Em seguida, um tímido:

- Oi, Toni...

- Oi!
- Ashley, diga olá para Alette.
- Oi, Alette!
- Oi, Ashley!

O Dr. Keller soltou um suspiro profundo de alívio.

- Eu quero que vocês se conheçam. Vocês sofreram os mesmos traumas terríveis. Eles as separaram. Mas não há mais razão para esta separação. Vocês vão se tornar uma pessoa íntegra e saudável. A estrada é longa, mas vocês já começaram a jornada.

Eu lhes asseguro uma coisa... a parte mais difícil já passou.

Desse ponto em diante, o tratamento de Ashley progrediu rápido. Ashley e seus dois alteres conversavam entre si todos os dias.

- Eu tinha de protegê-la - explicou Toni. - Suponho que cada vez que matava um daqueles homens, eu estava matando o papai pelo que ele fez a você.

- Eu também tentei proteger você - disse Alette.

- Eu... eu fico agradecida. Só tenho o que agradecer a vocês.

Ashley se dirigiu ao Dr. Keller e disse, secamente:

- Sou eu mesma? Eu estou falando comigo mesma, não é?

- Você está falando com duas outras partes de você - corrigiu o médico com delicadeza. - É hora de todas vocês se conhecerem e se tornarem uma só novamente.

Ashley olhou para ele e sorriu.

- Estou pronta.

À tarde, o Dr. Keller foi falar com Otto Lewison.

- Estou ciente dos relatórios positivos, Gilbert - falou o Dr. Lewison.

O Dr. Keller assentiu.

- Ashley fez um progresso notável. Mais uns poucos meses, acho que poderá receber alta para continuar com um tratamento ambulatorial.

- Que notícia maravilhosa! Parabéns!

Vou sentir falta dela, pensou o Dr. Keller. Vou sentir muita falta dela.

- O Dr. Salem está na linha dois para falar com o senhor, Sr. Singer.
- Está bem. - David pegou o telefone, intrigado. Por que Salem estaria ligando? Já fazia alguns anos que os dois haviam falado pela última vez. - Royce?

- Bom dia, David! Tenho uma informação interessante para você sobre Ashley Paterson.

David teve uma súbita sensação de alarme.

- O que aconteceu com ela?

- Você se lembra do quanto tentamos encontrar o trauma que havia causado o distúrbio dela e não conseguimos?

David se lembrava muito bem. Tinha sido a principal fraqueza na defesa do caso.

- Eu me lembro.

- Pois eu acabei de ficar sabendo a resposta. O meu amigo, Dr. Lewison, chefe do Hospital Psiquiátrico de Connecticut, acabou de telefonar. A peça que estava faltando no quebra-cabeça é o Dr. Steven Paterson. Foi ele quem abusou de Ashley quando ela era criança.

- O quê? - falou David, incrédulo.

- O Dr. Lewison acabou de ficar sabendo disso.

David ficou sentado, ouvindo o que o Dr. Salem estava dizendo, mas sua mente estava em outro lugar. Ele estava se lembrando das palavras do Dr. Paterson. "Você é o único em quem eu confio, David. Minha filha significa tudo para mim neste mundo. Você vai salvar a vida dela... Eu quero que você defenda Ashley e não vou aceitar o envolvimento de mais ninguém neste caso... "

E subitamente David percebeu por que o Dr. Paterson insistira tanto para que ele representasse Ashley sozinho. O médico estava certo de que David o protegeria se descobrisse o que ele havia feito. Precisara escolher entre a filha e a reputação e preferira a reputação. Mas que filho da puta!

- Obrigado, Royce!

Naquela tarde, enquanto passava pela sala de recreação, Ashley viu um exemplar do Westport News que alguém tinha deixado por lá. Na primeira página do jornal, havia uma fotografia de seu pai com Victoria

Aniston e Katrina. O início do artigo dizia: "O Dr. Steven Paterson vai se casar com a socialyte Victoria Aniston, que tem uma filha de três anos do casamento anterior. O Dr. Paterson integrando a equipe do St. John's Hospital, de Manhattan, acaba de comprar, junto com a futura esposa, uma casa em Long Island".

Ashley parou e seu rosto se contorceu, ficando igual a uma máscara de ira.

- Eu vou matar esse filho da puta - gritou Toni. - Eu vou matá-lo.

Ela ficou totalmente fora de controle. Tiveram de colocá-la numa sala com paredes acolchoadas onde não poderia se machucar, presa por algemas nas mãos e nos pés. Quando os enfermeiros vieram dar-lhe a comida, ela tentou agarrá-los, e eles precisaram se cuidar para não chegar perto demais. Toni assumira o comando absoluto sobre Ashley.

Quando viu o Dr. Keller, ela gritou:

- Deixe-me sair daqui, seu calhorda. Agora.

- Nós vamos soltá-la - falou o Dr. Keller em tom reconfortante -, mas primeiro você precisa se acalmar.

- Eu estou calma - gritou Toni. - Vamos, me solte.

O Dr. Keller sentou-se no chão ao seu lado e falou:

- Toni, quando viu aquela fotografia de seu pai, você disse que ia machucá-lo e...

- Mentira! Eu disse que ia matá-lo.

- Já chega de matanças. Você não vai esfaquear mais ninguém.

- Eu não vou esfaqueá-lo. Você já ouviu falar em ácido sulfúrico? Corrói qualquer coisa, inclusive a pele. Espere até eu...

-Eu não quero que você pense desse jeito.

-Você está certo. Fogo! O fogo é melhor. Ele não precisa passar pelo inferno para morrer queimado. Posso atear fogo nele, ninguém vai me pegar se...

-Toni, esqueça isso.

-Tudo bem. Eu vou pensar em outras maneiras que sejam mais fácil.

Ele a estudou um instante, frustrado.

- Por que você está tão zangada?

- Você não sabe? E eu que o achava um grande médico! Ele está se casando com uma mulher que tem uma filha de três anos. O que vai acontecer com essa menininha, Sr. Médico Famoso? Pois eu vou lhe dizer. O mesmo que aconteceu connosco. Quer saber de uma coisa, eu vou impedir que isso aconteça.

- Eu tinha a esperança de que nós houvéssemos dado um fim a todo esse ódio.

- ódio? Quer saber o que é ódio?

Uma chuva forte e constante batia sobre o teto do carro em alta velocidade. Ela olhou para a mãe sentada ao volante, forçando a vista para enxergar a estrada adiante, e sorriu, bem-humorada.

"O macaco perseguiu a lontra
Em volta do pé de amora... "

A mãe se virou e gritou:

- Cale a boca. Eu já lhe disse que detesto essa música. Você me dá nojo, sua miserável, sua...

Depois disso, tudo pareceu acontecer em câmara lenta. A curva à frente, o carro derrapando para fora da estrada, a árvore. A colisão atirou-a para fora do carro. Ela ficou abalada, mas não se machucou.

Levantou-se. Ouviu a mãe presa dentro do carro, gritando:

- Socorro, me tirem daqui! Socorro!

E ela ficou só olhando, até que o carro finalmente explodiu.

- ódio? Você quer saber mais?

Walter Manning falou:

- Precisa ser uma decisão unânime. Minha filha é uma profissional, não uma diletante. Ela fez isso como um favor. Não podemos recusar o seu quadro... É preciso que haja unanimidade. Vamos dar ao pastor o quadro da minha filha; caso contrário, não vamos dar quadro algum.

Ela estava com o carro estacionado ao lado do meio-fio, o motor ligado. Esperou Walter Manning cruzar a rua em direcção à garagem, para pegar o seu carro. Ela engatou a marcha e afundou o pé no acelerador.

No último momento, ele ouviu o barulho do carro vindo em sua direção e se virou. Ela viu a expressão no rosto dele quando o carro o pegou em cheio e jogou o corpo mutilado para o lado. Ela seguiu em frente. Não houve testemunhas. Deus estava do lado dela.

- Isso é ódio, doutorzinho! Isso é ódio de verdade!

Gilbert Keller ouviu a narrativa atônito, abalado pela perversidade e frieza. Ele cancelou os demais compromissos do dia. Precisava ficar só. Na manhã seguinte, quando o Dr. Keller entrou na cela acolchoada, Toni assumira o controle.

- Por que está fazendo isso comigo, Dr. Keller? - perguntou

- Deixe -me sair daqui.

- Eu vou deixar - assegurou-lhe o Dr. Keller - Fale-me. O que ela lhe disse?

- Que nós temos de sair daqui e matar o papai.

Toni assumiu.

- Bom dia, doutorzinho! Nós estamos bem agora. Por que não nos solta? O Dr. Keller fitou-a bem nos olhos. Ele viu um assassinato a sangue-frio dentro deles.

O Dr. Lewison soltou um suspiro.

- Estou profundamente sentido com o que aconteceu. Tudo estava indo tão bem.

- Agora, não consigo nem falar com Ashley.

- Suponho que isto signifique ter de recomeçar todo o tratamento.

O Dr. Keller ficou pensativo.

- De facto, Não, Otto. Já chegamos a um ponto em que os três alteres chegaram a se conhecer. Isso é um grande avanço. O próximo passo é conseguir que se integrem. Eu preciso encontrar uma forma de chegar a esse ponto.

- Que artigo maldito...

- Foi sorte nossa Toni ter visto o artigo.

Otto Lewison olhou para ele, surpreso.

- Sorte?

- Foi. Porque existe um ódio residual em Toni. Agora que sabemos de sua existência, podemos trabalhá-lo. Eu quero tentar uma experiência. Se funcionar, vai ser bom. Se não funcionar... - ele fez uma pausa e

acrescentou tranquilamente: - então eu acho que Ashley terá de ficar confinada a este hospital até o fim de sua vida.

- O que você pretende fazer?

- Acho que não é uma boa idéia o pai de Ashley tornar a vê-la, mas estou pensando em contratar um serviço de pesquisas em jornais para que eles me mandem recortes de todos os artigos que saírem sobre o Dr. Paterson.

Otto Lewison pestanejou.

- Qual é o propósito?

- Vou mostrá-los todos a Toni. Sua raiva há-de acabar se consumindo toda. Assim, poderei monitorá-la e tentar controlá-la.

- Isso pode levar muito tempo, Gilbert.

- Pelo menos um ano, talvez mais. Mas é a única chance que Ashley tem.

Cinco dias depois, Ashley voltou ao comando.

Quando o Dr. Keller entrou na cela acolchoada, ela falou:

- Bom dia, Gilbert! Sinto muito que isso tudo tenha acontecido...

- Eu estou feliz que tenha acontecido, Ashley. Vamos colocar todos os nossos sentimentos a descoberto. - Ele fez um gesto com a cabeça para que o guarda retirasse as algemas das mãos e dos pés dela.

Ashley se levantou e esfregou os pulsos.

- Isso não foi nada confortável - disse ela. Os dois tomaram o corredor. - Toni está furiosa.

- Está, mas vai superar. O meu plano é o seguinte...

Todos os meses saíam sempre três ou quatro artigos sobre o Dr. Steven Paterson. um deles dizia: "O Dr. Steven Paterson vai se casar com Victoria Aniston numa sofisticada cerimónia em Long Island nesta Sexta-feira. A celebração contará com a presença de colegas do médico..."

Toni ficou histérica quando o Dr. Keller mostrou-lhe o artigo.

- Esse casamento não vai durar muito.

- Por que está dizendo isso, Toni?

- Porque ele vai ser morto!

"Steven Paterson deixa a equipe do St. John's Hospital e a chefia do centro de tratamento cardíaco do Manhattan Hospital..."

- Para poder estuprar todas as menininhas de lá - gritou Toni.

"Steven Paterson recebeu o prêmio Lasker pelo seu trabalho na medicina e está sendo homenageado na Casa Branca..."

- Eles deveriam enforcar esse calhorda! - berrou Toni.

Keller cuidou para que Toni recebesse todos os artigos sobre o pai. E à medida que o tempo passava, a cada artigo que chegava, a raiva de Toni parecia diminuir. Foi como se as suas emoções estivessem se desgastando. Ela passou do ódio à raiva e, finalmente, a uma aceitação resignada.

Houve uma referência na seção de imóveis. O Dr. Steven Paterson e sua noiva se mudaram para uma casa em Manhattan, mas estão planejando comprar uma segunda propriedade na área de Hamptons para passar as férias de verão com a filha, Katrina."

- Como ele foi capaz de fazer uma coisa dessas conosco?

- Você acha que aquela menininha está tomando o seu lugar, Toni?

- Eu não sei. Eu... eu estou confusa.

Mais um ano se passou. Ashley tinha sessões de terapia três vezes por semana. Alette pintava quase todos os dias, mas Toni se recusava a cantar ou tocar piano.

No Natal, o Dr. Keller mostrou a Toni mais um artigo recortado dos jornais. Havia uma fotografia de seu pai com Victoria e Katrina. A legenda dizia: OS PATERSON COMEMORAM O NATAL EM HAMPTONS.

- Nós passávamos o Natal juntos - falou Toni, chorosa. - Ele sempre me dava presentes maravilhosos. - Olhou para o dr. Keller - Ele não era de todo mau. Afora o... você sabe, era um bom pai. Acho que ele me amava de verdade.

Foi o primeiro sinal de um novo avanço.

Um dia, quando passou pela sala de recreação, o Dr. Keller ouviu Toni cantando e tocando piano. Surpreso, entrou na sala e parou, para

observá-la. Ela estava totalmente absorta na música.

No dia seguinte, ele teve uma sessão com Toni.

- Seu pai está envelhecendo, Toni. Como você acha que vai se sentir quando ele morrer?

- Eu... não quero que ele morra. Eu sei que falei um monte de besteiras, mas disse aquilo tudo porque estava com raiva dele.

- Você não está mais com raiva?

Ela pensou um instante.

- Não estou com raiva, estou magoada. Acho que você tinha razão. Senti que a menininha estava tomando o meu lugar.

Ela olhou para o Dr. Keller e falou:

- Eu estava confusa. Mas meu pai tem o direito de continuar com a vida dele, e Ashley. - Toni começou a chorar, - o direito de continuar com a dela.

O Dr. Keller sorriu. Retomamos o curso.

As três conversavam entre si com toda a liberdade agora.

- Ashley, você precisava de Toni e Alette porque não conseguia aguentar a dor. O que sente com relação ao seu pai agora? - perguntou o Dr. Keller

Houve um breve silêncio.

- Nunca vou me esquecer do que ele fez comigo, mas sou capaz de perdô-lo. Quero deixar o passado para trás e começar o futuro - disse ela, lentamente.

- Para fazer isso, é preciso torná-la uma só outra vez. O que acha disso, Alette?

- Se eu for Ashley, poderei continuar pintando? - perguntou.

-Claro que poderá.

-Ora, então, tudo bem.

-Toni?

-Vou poder continuar cantando e tocando piano?

-Vai, sim - disse ele.

- Então, por que não? Estou pronta para que nós três nos tornemos uma só. Eu... gostaria de agradecer a elas a ajuda que me prestaram quando eu precisei.

- Foi um prazer, doçura.

- Minièra anche - disse Alette.

Era hora do passo final: integração.

- Tudo bem. Eu vou hipnotizá-la agora, Ashley. Quero que você se despeça de Toni e Alette.

Ashley respirou fundo.

- Adeus, Toni! Adeus, Alette!

- Adeus, Ashley!

- Cuide-se direitinho, Ashley

Dez minutos depois, Ashley estava sob hipnose profunda.

- Ashley, não há mais o que temer. Todos os seus problemas ficaram para trás. Você não precisa de mais ninguém para protegê-la. É capaz de tomar as rédeas da sua própria vida sem ajuda, sem bloquear as experiências ruins. É capaz de enfrentar o que vier pela sua frente. Você concorda comigo?

- Concordo, sim. Estou pronta para enfrentar o futuro.

- Que bom! Toni?

Não houve resposta.

- Toni?

Não houve resposta.

- Alette?

Silêncio.

- Alette?

Silêncio.

- Elas se foram, Ashley. Você está inteira novamente e está curada.

Ele esperou até que o rosto de Ashley se iluminasse.

- Você vai acordar quando eu contar até três, um ... dois... três...

Ashley abriu os olhos, e um sorriso beatífico iluminou o rosto.

- Aconteceu... não aconteceu?

Ele assentiu.

- Aconteceu, sim.

Ela ficou em êxtase.

- Estou livre. Oh, obrigada, Gilbert! Estou... sentindo... como se uma horrível cortina escura tivesse sido tirada de cima de mim.

O Dr. Keller pegou-lhe na mão.

- Eu não tenho palavras para lhe contar a satisfação que estou sentindo. Vamos fazer mais alguns testes durante estes próximos meses, mas se os resultados forem o que estou esperando, nós a estaremos mandando para casa. Vou tomar as providências para que você receba um tratamento ambulatorial onde quer que esteja.

Ashley assentiu, sobrepujada pelas emoções, sem conseguir dizer nada.

Capítulo Vinte e Oito

Durante os poucos meses que se seguiram, Otto Lewison pediu que três psiquiatras diferentes examinassem Ashley. Eles usaram a hipnose e o sódio amial.

- Alô, Ashley. Eu sou o Dr. Montfort e preciso lhe fazer algumas perguntas. Como você está se sentindo consigo mesma?

- Maravilhosa, doutor. É como se eu tivesse acabado de me recuperar de uma longa doença.

- Você se acha uma pessoa ruim?

- Não. Eu sei que aconteceram algumas coisas terríveis, mas não me acho responsável por elas.

- Você sente ódio de alguém?

- Não.

- E o seu pai? Sente ódio dele?

- Senti. não sinto mais. Acho que ele não teve como evitar o que fez. Só espero que esteja bem agora!

- Você gostaria de tornar a vê-lo?

- Acho que seria melhor se eu não o visse. Ele tem a vida dele. E eu quero começar uma vida nova, só minha.

- Ashley?

- Pois Não?

- Sou o Dr. Vaughn. Gostaria de ter uma breve conversa com você.

- Tudo bem.

- Você se lembra de Toni e Alette?

- Claro. Mas elas não existem mais.

- O que sente com relação a elas?

- No início, fiquei assustadíssima, mas agora sei que precisei delas. E tenho um sentimento de gratidão por elas.

- Você costuma dormir bem à noite?

- Agora, sim.
- Conte-me seus sonhos.
- Eu tinha sonhos horríveis, algo me perseguindo. Eu achava que seria assassinada.
- Você ainda tem esses sonhos?
- Não. Meus sonhos são tranquilos. Vejo cores vivas, gente sorrindo. Ontem à noite, sonhei que estava numa estação de esqui, voando pelas encostas abaixo. Foi maravilhoso! O frio não me incomoda mais.
- O que sente com relação ao seu pai?
- Quero que ele seja feliz, e eu quero ser feliz.

- Ashley?
 - Pois Não?
 - Eu sou o Dr. Hoelterhoff.
 - Muito prazer, doutor?
 - Ninguém me disse que você era tão bonita assim. Você se acha bonita?
 - Acho que sou atraente...
 - Eu soube que você tem uma voz linda. Concorde?
 - Não é uma voz treinada, mas, concordo. - Ela riu. - Pelo menos, consigo cantar com voz afinada.
 - E me disseram também que você pinta. É boa nisso também?
 - Para uma amadora, acho que sou bastante boa.
- Ele a estudava, atenciosamente.
- Você tem algum problema que gostaria de discutir comigo?

- Não consigo pensar em nada. Recebo um ótimo tratamento aqui.
 - O que você acha de sair daqui e ganhar o mundo?
 - Já pensei muito nisso. Dá medo, mas ao mesmo tempo é estimulante.
 - Acha que poderia sentir medo lá fora?
 - Não. Quero construir uma nova vida. Minha área é a informática. Não dá para voltar para a empresa onde eu trabalhava, mas decerto vou conseguir emprego em outra firma qualquer.
- O Dr. Hoelterhoff assentiu.
- Obrigado, Ashley! Foi um prazer conversar com você.

O Dr. Montfort, o Dr. Vaughn, o Dr. Hoelterhoff e o Dr. Keller se reuniram na sala de Otto Lewison. Ele estava estudando os relatórios de todos. Ao terminar, olhou para o Dr. Keller e sorriu.

- Parabéns - disse ele. - Estes laudos são todos positivos. Fez um trabalho excelente.

- Ela é uma mulher maravilhosa. Muito especial, Otto. Estou satisfeito de ver que ela vai poder seguir com a própria vida novamente.

- Ela concordou com um tratamento ambulatorial depois que sair daqui?

- Concordou.

Otto Lewison assentiu.

- Muito bem. Vou mandar preparar a papelada para ela receber alta. - Ele se dirigiu aos outros médicos. - Obrigado, senhores! Fico-lhes grato pela ajuda.

Capítulo Vinte e Nove

Dois dias depois, Ashley foi chamada à sala do Dr. Lewison. O Dr. Keller estava presente. Ela receberia alta e poderia voltar para sua casa em Cupertino, onde sessões de terapia regular e de avaliação haviam sido providenciadas junto a um psiquiatra aprovado pelo tribunal.

- Ora, hoje é o dia! Está feliz? - perguntou o Dr. Lewison.

- Feliz, assustada, eu... eu nem sei - disse Ashley - Estou me sentindo como um passarinho que acaba de ser libertado da gaiola. Como se eu pudesse voar! - seu rosto estava resplandecente.

- Estou feliz de vê-la ir embora, mas eu... vou sentir sua falta. - disse o Dr. Keller.

Ashley pegou a mão dele e falou carinhosamente:

- Eu também vou sentir sua falta. Eu não sei como... Não sei como vou poder lhe agradecer - Seus olhos encheram-se de lágrimas. - Você me devolveu a minha vida.

Sorriu ao Dr. Lewison.

- Quando eu estiver na Califórnia, vou conseguir um emprego numa daquelas firmas de informática de lá. Vou mandar notícias sobre o andamento de tudo, inclusive da terapia ambulatorial. Quero me assegurar de que o que me aconteceu jamais volte a acontecer.

- Acho que você não tem com que se preocupar - assegurou-lhe o Dr. Lewison. Quando ela se foi, ele se dirigiu a Gilbert Keller.

- Este caso é uma compensação pelos diversos outros pacientes que não conseguiram, não é mesmo, Gilbert?

Era um dia ensolarado de junho, e à medida que ela caminhava pela Madison Avenue, de Nova York, seu sorriso radiante fazia as pessoas se voltarem para olhá-la. Ela nunca tinha se sentido tão feliz. Pensou na vida maravilhosa que tinha pela frente e em tudo que ia fazer. Poderia ter sido um final terrível para ela, pensou, mas este era o final feliz pelo qual tanto tinha pedido.

Ela entrou na estação da Pensilvania. Era a estação ferroviária mais movimentada dos Estados Unidos, um labirinto apático de saguões e corredores sem cor. A estação estava abarrotada de gente. E cada uma dessas pessoas tem uma história interessante para contar, pensou ela. Estão todas indo para lugares diferentes, vivendo suas próprias vidas, e agora, eu vou viver a minha própria vida.

Ela comprou uma passagem num dos guinches automáticos. Seu comboio estava entrando na plataforma. Acaso fortuito, pensou. Ela entrou no comboio e sentou-se. Reluzia de excitação por conta do que estava prestes a acontecer. O comboio deu um leve solavanco e começou a ganhar velocidade. Estou no meu próprio caminho, afinal. E enquanto o comboio seguia em direção a Hamptons, ela cantava baixinho.

*"O macaco perseguiu a lontra
Em volta do pé de amora.
O macaco achou divertido.
Mas a lontra - pluft! - foi embora. "*

Fim